DESAFIANDO O RIO-MAR

Descendo o Branco I

HIRAM REIS E SILVA

É-me lisonjeiro anunciar-vos, que a questão de limites, que se havia suscitado, da Guiana Inglesa com o Império, tomou ultimamente um andamento regular. O destacamento de Forças Britânicas, que havia ocupado o terreno contestado, no lugar denominado Pirara, aquém da Serra Pacaraima, foi mandado retirar, concordando os dois Governos em que o mesmo terreno seja considerado neutro, até que depois das necessárias explorações, e exames, se ajuste definitivamente, pelas vias diplomáticas, o verdadeiro limite; e os marcos levantados, sem audiência do Governo Imperial, pelo Comissário explorador Britânico Mr. Schomburgk, foram mandados arrancar pelo Governo de S. M. a Rainha, segundo informou há pouco o Ministro do Brasil em Londres. O Governo Imperial expediu as necessárias ordens ao Presidente da Província do Pará, para que faça observar religiosamente o acordo referido, mandando somente prosseguir nos trabalhos de exploração, e exame do terreno, pela Comissão de Engenheiros, que para isso havia o Governo nomeado.
(Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho – AGL, 1843)

Apresentação

No final da década de sessenta, o então aluno Reis, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), perambulava pelos sebos de Porto Alegre à procura de sua literatura teosófica preferida: – Helena Petrovna Blavatsky, Éliphas Lévi, Papus (Gérard Anaclet Vincent Encausse); de romances iniciáticos: Edward Bulwer-Lytton, Jorge Enrique Adoum e obras literárias: Herman Karl Hesse, Lobsang Rampa (Cyril Hoskins), Gibran Khalil Gibran, dentre outros. Nessas leituras um tema, em especial, despertou a atenção daquele jovem inquisitivo – o Registro Akáshico, a Memória Ancestral da Humanidade. Foi então que tomei conhecimento, também, da teoria de Carl Gustav Jung denominada "*Inconsciente Coletivo*" – um reservatório de imagens latentes, primordiais, ou melhor, arquétipos, que cada ser humano herda de seus antepassados. Entusiasmado com Jung e reconhecendo na sua teoria, apartada apenas de uma sutil semântica, os mesmos fundamentos do Registro Akáshico tibetano continuei pesquisando até chegar à teoria da "*Sincronicidade*". Na "*Sincronicidade*" de Jung o significado dos eventos deve ser profundo, não apenas meras coincidências, algo que amplie nossa consciência mostrando-nos um novo caminho a ser percorrido, um novo objetivo a ser alcançado. Descrevamos a "*Sincronicidade*". Fui iniciado Aprendiz maçom, na loja Caridade Rosariense (GORGS), em 1976, e elevado ao Grau de Companheiro em 1977, permanecendo "*adormecido*" por 41 anos. Incitado pelos caríssimos Irmãos Mário Scherer e Orci Paulino Bretanha Teixeira a voltar à Ordem fui convidado pelo amigo e Irmão Carlos Athanasio a fazer parte de sua loja, a Venerável Mestre Marcelo Moreira Tostes (GORGS).

Presenteei alguns Irmãos, mais antigos da Loja com meu livro "*Descendo o Negro*" e, um deles, o Poeta e Ir∴ Thales Bastos Chaves, ao ler o título da obra começou a declamar a poesia "*Encontro das águas*" de Quintino Cunha, seu conterrâneo, de Itapajé (Ceará), que reproduzo na página 191 do mesmo livro. Como se não bastasse a feliz coincidência o Poeta contou um dos famosos "*causos*" de Quintino, intitulado "*A Paciência do Juiz*", que igualmente reproduzo na página 194 do mesmo livro. Embalado pela simpatia do querido Irmão Thales e estimulado pela sua paixão por minhas amazônicas jornadas narrei minha rotina matinal:

> Acordo cedo e fico aguardando a penumbra lentamente se dissipar, partindo bem antes de o Sol nascer. Gosto de navegar solitariamente usufruindo das belezas naturais que me cercam e enfrentar todo tipo de obstáculos acompanhado de longe pelo Grande Arquiteto. Saindo antes do amanhecer tenho a rara oportunidade de me entranhar nos sutis meandros aquáticos, de imergir literalmente no momento mágico que é o despertar de um novo dia. A uniformidade da flora vai ganhando novos contrastes, novas cores, novas luzes, numa invulgar explosão que apresenta progressivamente a pujança extrema da biodiversidade tropical. A fauna preguiçosa acorda e entoa uma ode maravilhosa sob a batuta do Astro Rei – tons diversificados, emitidos pelas mais diversas gargantas, irmanadas numa sinfonia única acompanhada de longe pelo som melancólico dos bugios. Meu coração e minha mente seguem a par e passo as estrofes da "*Litania das Horas Mortas*" de Antonio Francisco da Costa e Silva, o Príncipe dos Poetas Piauienses e autor da letra do Hino do Piauí.

Ato contínuo o Poeta declama a poesia "*Litania das Horas Mortas*" de "*Da Costa e Silva*", que ele homenageia no seu belo livro "*Noturno*" – coincidências?

Prefiro crer na teoria de Jung.

Nos meus livros, como adoro poesia, reproduzo várias delas em cada livro de autores os mais variados, mas neste que reportará minha próxima descida pelos Rios Tacutu, Branco e Negro, desde a cidade de Bonfim (Roraima), na fronteira com a República Cooperativa da Guiana, até Manaus (Amazonas) vou repercutir, também, as poesias de meu jovem amigo de quem faço uma breve apresentação, prólogo de seu livro *Noturno*:

Thales Bastos Chaves

O poeta nasceu em Itapajé, Ceará, filho de Augusto de Araújo Chaves e Judith Bastos de Araújo Chaves [ambos falecidos]. Ocupava, então, Augusto o cargo de Tabelião. Teve Itapajé, na figura dele um dos homens mais raros.

Para evidenciar melhor, tivemos a oportunidade de ler, há poucos meses, num jornal de Fortaleza, uma reportagem completa sobre Itapajé, a qual referindo-se ao pai do poeta, frisava bem: "*Itapajé se lembrará, sempre, deste filho ilustre*".

Passou o poeta sua Infância, ali. Cidade curiosa, como se sabe, principalmente por isto é uma ilha, com a diferença de que, em lugar de água por todos os lados, a gente vê somente montanhas.

É lá que existem, entre outros caprichos da natureza, uma pedra enorme, na forma exata de um Monge; outra que recebeu o nome de "*Caveira de Adão e Eva*", e a famosa "*Noiva de Pedra*". Em virtude dessas esculturas singulares foi que mudaram o nome da cidade de São Francisco de Uruburetama para Itapajé.

O poeta, com a perda dos "*velhos*", ficou nos "*cueiros*", Encontrou, no entanto, no desvelo de

Raimundo Avelino Freitas [falecido no ano passado] e Florência Bastos Freitas, que o criaram como a um verdadeiro filho, o carinho que não teve de seus pais, tão cedo arrebatados pela morte. O poeta tem-lhes por isso, verdadeira loucura.

Fez o primário no Grupo Escolar São Francisco de Uruburetama – hoje Grupo Escolar Itapajé. Depois seguiu para Fortaleza, Capital do Estado, onde ingressou no Colégio Cearense, dos Irmãos Maristas. Ali fez até o quarto ginasial, não o terminando, porém.

Em outubro de 1948, volve à terra natal, onde passou umas férias muito prolongadas, escravo dócil das musas locais: o céu de turquesa imaculado, os horizontes longínquos, a destilar-lhe n'alma uma suave melancolia; as silhuetas das montanhas; a cidadezinha, enfim, e nela, muitos pássaros e borboletas, borboletas humanas, também, leves, graciosas, mas tiranas que sempre fascinaram o jovem bardo, tendo sobre o seu coração um irresistível domínio.

Em 1951, o poeta chega ao Rio de Janeiro, ingressando no conhecido e conceituado estabelecimento de ensino do Largo de São Francisco – Instituto Santa Rosa. Aí reiniciou seus estudos. Atualmente faz O terceiro ano científico. Pretende estudar Direito.

Foi sócio e colaborador, por longo tempo, da revista RONDA, propriedade e direção do inteligente moço cearense Francisco de Magalhães Portela. Em RONDA, entre outras publicações, tivemos "*A Casa Abandonada*" – poema de profundo realismo e notável beleza.

Colaborou, também na Gazeta de Notícias, fundada por Ferreira de Araújo, contemporâneo e amigo particular de Rui Barbosa.

Lá gozou da estima do ilustre Professor Astério de Campos, outro da velha guarda, também amigo e colega de Rui quando este colaborava na Gazeta.

Hoje trabalha na "*Cruzeiro do Sul*" – Companhia de aviação comercial, na parte de aerofoto, ocupando o cargo de fotogrametrista Estão admirados? Pois não é para menos. Talvez o poeta acabe como o Van Jafa: burilando poemas sobre aviação, meteoros, o Diabo! Aliás, o poeta, já gosta muito das coisas do céu: veja-se:

Há penumbra no céu. E a treva embaça
Dos astros nus as pulverizações.

....

E assim me vou, fugindo aos próprios rastros,
Rondando solitário à luz dos astros,
Embuçado no pranto das estrelas.

....

A noite é turva. A Lua já não nasce...
As estrelas não brilham, se apagaram...

Há tanta ânsia de amplidão, de movimento livre, de voos infinitos, neste seu primeiro livro; há, nele, tantos rasgos felizes de inspiração, tantas imagens fascinantes, que temos de proclamar Thales Chaves um ardoroso apaixonado da liberdade e um poeta de real mérito. (CHAVES)

O escritor, jornalista, doutor em Direito e diretor da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) Paulo Magalhães escreveu na sua coluna "*Bate Papo*", do Correio da Manhã:

DIRETOR M. PAULO FILHO
Avenida Gomes Freire, 471
REDATOR-CHEFE ANTONIO CALLADO

Correio da Manhã

Fundador — EDMUNDO BITTENCOURT

SUPERINTENDENTE JOSÉ V. PORTINHO
N. 19.640 — ANO LVI
GERENTE ALINIO DE SALLES

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 5 DE ABRIL DE 1957

BATE-PAPO

Paulo de Magalhães

Eu tenho sincera ternura pelos «novos».
A vida tem sido boa comigo e eu estou envelhecendo alegre e feliz porque vivo entre os moços, rejuvenescendo, todo dia, pela simples ação de presença de cada um dêles...

Correio da Manhã, n° 19.640
Rio de Janeiro, RJ – Sexta-feira, 05.04.1957

Bate Papo
Paulo Magalhães

Eu tenho sincera ternura pelos "*novos*".

A vida tem sido boa comigo e eu estou envelhecendo alegre e feliz porque vivo entre os moços rejuvenescendo, todo dia, pela simples ação de presença de cada um deles... Todos os dias, na "*Praça 11 da A.B.I.* ([1])" eles me procuram, vindos, alguns, dos Estados mais longínquos, trazendo-me seus livros de estreia, suas peças de teatro, seus projetos, suas esperanças...

---

[1] ABI: Associação Brasileira de Imprensa.

O arruído permanente em torno do meu nome, por esse Brasil em fora, dá-lhes a impressão, aumentada pela repercussão da distância, de que eu sou alguém muito importante...

Recebo-os com este meu “*jeitão*” cordial, de blusão e calças esportivas; abro-lhes os braços e o coração, apresento-os a todo o mundo, ambiento-os com simplicidade e eles sentem-se “*importantes*” também...

E comovo-me, sinceramente, quando eles me aparecem, anos depois do nosso primeiro encontro, dizendo que a minha palavra boa ajudou-os na sua carreira...

Thales Bastos Chaves – aspecto de colegial – apareceu na “*Praça 11 da A.B.I.*”, trazido pelo meu colega Maurício Dias da “*Tevê*”, com um livro de versos: “*Noturno*”.

Abri uma página, ao acaso, e senti logo o grande poeta que ele é. Disse-me que tem 23, apesar de aparentar 18, que é cearense e que “*precisava*” da minha palavra sobre o seu livro... Li outras páginas, em voz alta, para os colegas presentes e todos cercaram o poeta nortista com ar de compunção e de respeito.

Aquele rapazola tímido, através da espontaneidade do seu estro, da musicalidade do seu verso, da correnteza da sua inspiração, foi um impacto emocional para todos nós!

“*Noturno*”, de Thales Bastos Chaves, tem verdadeira poesia em cada página, essa poesia que é eterna porque é um relâmpago de beleza pura! (CORREIO DA MANHÃ, N° 19.640)

A Voz

(Thales Bastos Chaves)

"Voz de ferro! Desperta as almas grandes
Do Sul ao Norte... Do Oceano aos Andes"
(Castro Alves)

– Chamaram-me? Quem foi? Não viste porventura,
Sombra amiga, essa voz tão cheia de ternura,
Que comigo falou?
"E a estranha severa, altipotente ([2]) e pura, Misturada de amor, de tédio e de candura, Sibilante passou...

– Conhece-a, amigo – Não. Ouço-a falar, contudo,
Permaneço inativo, esquerdamente ([3]) mudo
Só falatório dela.
E em toda a parte onde eu procuro a calma,
Sinto-a viva e latente entranhada em minh'alma,
Extremamente bela.

E não sabes quem seja, não conheces ainda?!
Apenas pela voz tão penetrante e linda, Apenas pelo olhar,
Que eu nunca vi igual, tão puro e tão sensível,
Por quem meu coração sente um desejo incrível,
De sentir e de amar.

Dize-me sombra amiga, em que lugar do mundo
Pode existir tal voz de timbre tão profundo,
Com solfejos de amor;
Imperativa e bela, uníssona, fecunda,
Que nas ondas do som, todo o meu ser inunda
De mágico esplendor?!

Oh dize-me quem é?! Vamos! Fala! Responde!
Onde mora essa voz, onde essa voz se esconde
Esteja onde estiver... [...]

---

[2] Altipotente: muito poderosa.
[3] Esquerdamente: esquivamente.

Prefácio

Por Poeta Thales Bastos Chaves

Prezado Ir:. HIRAM

Por falta de conhecimento sobre coisas eletrônicas, e, especialmente, em razão de falta de operacionalidade do meu jurássico computador, parado, com defeito, durante muito tempo, chamei um amigo meu "*conselheiro*" para coisas eletrônicas, para fazê-lo funcionar novamente", faltando apenas os cartuchos necessários para impressão do texto. Explicada a demora de entrega de seu pedido, que muito me honra, mas, falar sobre um gênio", não é coisa que se faça "*num abrir e fechar de olhos*", correndo-se o risco de não retratar dignamente a quem verdadeiramente MERECE com todas as letras.

Não é fácil, mas, um pedido seu, é uma ordem!!! Desculpe qualquer falha ou esquecimento de alguma coisa. Mãos à obra!!!

Recebi uma das tarefas mais difíceis e, por verdade, mais gratificantes que já me chegaram às mãos, qual seja, a de falar sobre um MESTRE, dono e senhor de uma sólida sabedoria, o incomparável PROFESSOR de Escolas Militares, escritor de escol, um canoeiro, segundo ele próprio, em busca da sonhada "*TERCEIRA MARGEM*" que, a rigor só ele conhece, dizer em poucas palavras, o "*tamanho*" da importância de um dos mais célebres escritores do nosso tempo e, inegavelmente relevante, rumo ao futuro, para todas as gerações e que essa e as vindouras, possam usufruir dessa magistral sabedoria. Como diria Rousseau: "*sejamos bons primeiramente, e depois seremos felizes*", completa o filósofo. Quem o conhece, quem priva de sua amizade, sabe o quanto é nobre e generoso.

Estou me referindo ao nobre e talentoso Professor de Escolas Militares, em cujas aulas ou fora delas, ministra temas relevantes, de cunho social ou patriótico, educativos, como mestre que é, tanto no conceito civil, quanto no conceito militar. Tudo sempre, no caminho da retidão, dentro da mais criteriosa fraternidade, onde quer que esteja, sempre atento ao "*Justo e ao Perfeito*".

Jamais descurou de sua nobre missão [voluntária] e social junto ao povo indígena, filhos da amada terra BRASILEIRA e nunca deixou de prestar sua incondicional solidariedade, sua assistência, quando essas são ou fossem necessárias. Além disso, os caminhos que habitual e invariavelmente percorre, são os caminhos das águas, que tão bem conhece e por eles, move-se prioritariamente, sozinho por esse BRASIL, de SUL a NORTE, em seu insubstituível CAIAQUE a remo.

Diga-se, a bem da verdade, quanto mais se fala, se diga dele, mais muito mais tem-se a dizer. Na verdade, não há adjetivos adequados, justos, precisos capaz de nomeá-lo corretamente, como pessoa comum e muito menos descrever, com palavras justas, o fantástico trabalho que diuturnamente realiza, por sua própria conta, nas aldeias indígenas onde, por força da sua abnegação, constrói novos tempos junto a esses brasileirinhos que, aos poucos vão sendo inseridos, com dignidade, na PÁTRIA comum, isto é, passaram a EXISTIR na geografia humana do nosso BRASIL.

No seu diuturno trabalho, sendo uma ponte entre o ontem, o hoje e o amanhã, alongando essa ponte em várias direções, isto é, entre o presente, o passado e o futuro plantando as sementes do acolhimento, da paz, da saúde e fraternidade entre todas as etnias, incluídos aqui, o povo civilizado.

E ao longo desses caminhos pretensamente conhecidos ou sem atentarmos para a força da Natureza, mutante, sem percebermos, nos pregam alguns sustos, mesmo naqueles de comprovada experiência. Aqui passo a palavra ao Ir:. Athanasio, para uma narrativa, que felizmente e graças ao GADU, teve um desfecho feliz.

> Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. Pois nosso herói voltava de uma remada muito grande! Fora surpreendido pelo mau tempo na Laguna dos Patos, cansado, açoitado pelo vento e chuva e ainda faltavam muita distância e tempo para chegar na zona sul de Porto Alegre, local de sua partida. Alterando seu estado de consciência, visualizou a trajetória de chegada, a superação do tempo ruim e as ondas que assolavam a embarcação; foi, então, que começou a ver, no horizonte, a Terceira Margem! Nela havia um ponto negro que se deslocava em sua direção e, com o compasso das remadas, foi tomando forma, cor e significado. Era o efeito da Terceira Margem associado a Eclesiastes 4-9, em plena força e vigor para salvar o canoeiro. Cedo da manhã, cujo dia findava, o Irmão Hiram tinha combinado de fazer a navegada com o também Irmão Flávio André Teixeira, Coronel de Artilharia, o "*Teixeirão*". Como houve desencontro na saída, nosso expedicionário iniciou o trajeto sozinho; pois quando precisava de ajuda para chegada, no momento em que o "*tempo da laguna*" já tinha esgotado, outro herói aparece para salvar a navegada! Saíram os dois sãos e salvos do meio da laguna dos patos, com chuva e muito vento. Mais uma vez a lenda do companheiro estava confirmada. Crendo ter cumprido humilde e fraternalmente, a missão que me foi solicitada, receba meu fraterno e caloroso abraço.

Thales B. A. Chaves.

Imagem 01 – Quintino Cunha

Vazante
(Quintino Cunha)

O mês de julho mostra um tempo novo
Em tudo: à margem pousa alegre bando
De borboletas, cor de gema de ovo,
O declive das águas anunciando.

Da floresta central, de lá de ignotas
Matas, voltam, da imensa arribação,
Os maguaris, as garças e as gaivotas,
– A beleza das praias no verão!

E o uirapajé cantando, e a saracura
Cantando, em fim o plácido barulho
Das aves todas, dá-nos a envoltura
Dessas manhãs esplêndidas de julho.

A própria vida mais amor exalta,
Nesses dias magníficos, sem-par,
Quando mais se ouve o canto da pernalta,
No alegre anseio de nidificar.

Agradecimentos

Aos meus filhos queridos Vanessa, Danielle e João Paulo que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa inválida e consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram.

Ao General de Brigada Paulo Roberto Viana Rabelo, Comandante do 2° Grupamento de Engenharia, Manaus, AM, meu amigo de longa data e de outras eras, que coordenou o transporte do caiaque "*Argo I*" desde o 7° Batalhão de Engenharia de Construção (7° BEC – Rio Branco, AC) até o 6° Batalhão de Engenharia de Construção (6° BEC – Boa Vista, RR).

Ao TC Eng Vandir Pereira Soares Júnior, Comandante do 6° Batalhão de Engenharia de Construção (6° BEC - Boa Vista, RR) e ao seu SCmt Maj Eng Jefferson Fidélis Alves da Silva que além de nos alojar e apoiar em sua Organização Militar, designaram a Ten Pollyana Correa Arimateia Rosa, chefe da Seção de Comunicação Social e o STen Eng Dilson Martins de Sousa Soares, Adjunto do Comando do 6° BEC, como elementos de ligação com a comunidade civil e militar local e providenciaram ainda nosso transporte até Bonfim, RR, onde iniciamos a missão.

Ao Cel Inf Roberto Jullian da Silva Graça, Comandante do CFront/7° BIS, que permitiu nosso pernoite em Bonfim, RR, nas instalações do 1° Pelotão de Fronteira, comandado pelo 1° Ten Inf Caio Baksys Pinto, por ocasião descida de nossa descida desde Bonfim até Boa Vista, em 03.09.2018.

À Marinha do Brasil, em especial ao Cap Ten Jerry Kenned Sabino, comandante da Agência Fluvial de Caracaraí, RR, pelo apoio fluvial e pernoite nas instalações de sua Organização Militar.

À Força Aérea Brasileira, em especial ao Major Aviador Leno Frank Garcia, Chefe do Destacamento da COMARA em Manaus, por providenciar apoio de alimentação e pernoite na COMARA de Moura, AM.

Aos queridos amigos e Ir∴ Celso Demétrio Acosta, Gilvan Costa (Roraima em Foco) e Robério Bezerra de Araújo (TV Cultura) pelo apoio e divulgação de nosso projeto nestas plagas setentrionais.

Ao meu caro amigo, irmão e mestre Cristian Mairesse Cavalheiro meu primeiro e mais fiel colaborador que continua irrestritamente apoiando nossas jornadas.

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

A Pátria
(Rui Barbosa)

O sentimento que divide, inimiza, retalia, detrai, amaldiçoa, persegue, não será jamais o da Pátria. A Pátria é a família amplificada.

E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicai a célula, e tendes o organismo.

Multiplicai a família, e tereis a Pátria. Sempre o mesmo plasma, a mesma substância nervosa, a mesma circulação sanguínea. Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade, de que Cristo lhes dera a fórmula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros: "Diliges proximum turum sicut ipsum" ([4]).

Dilatai a fraternidade cristã, e chegareis das afeições individuais às solidariedades coletivas, da família à Nação, da Nação à humanidade. Objetar-me-eis com a guerra!

Eu vos respondo com o arbitramento. O porvir é assaz vasto para comportar esta grande esperança. Ainda entre as nações, independentes, soberanas, o dever dos deveres está em respeitar nas outras os direitos da massa.

---

[4] Ama o próximo como a ti mesmo.

Aplicai-o agora dentro das raias desta: é o mesmo resultado; benqueiramo-nos uns aos outros, como nos queremos a nós mesmos. Se o casal do nosso vizinho cresce, enrica e pompeia, não nos amofine a ventura, de que não compartimos. Bendigamos, antes, na rapidez de sua medrança, no lustre da sua opulência, o avulsar da riqueza nacional, que se não pode compor da miséria de todos.

Por mais que os sucessos nos elevem, nos comícios, no foro, no parlamento, na administração, aprendamos a considerar no poder um instrumento de defesa comum, a agradecer nas oposições as válvulas essenciais da segurança da segurança da ordem, a sentir no conflito dos antagonismos descobertos a melhor garantia da nossa moralidade. Não chamemos jamais de inimigos da Pátria aos nossos contendores. Não averbemos jamais de traidores à Pátria os nossos adversários mais irredutíveis. A Pátria não é ninguém: são todos; e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à ideia, à palavra, à associação.

A Pátria não é um sistema, nem é uma seita, nem um monopólio, nenhuma forma de governo: é o céu, o solo, o povo, tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. Os que a servem são os que não invejam, os que não inflamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo.

Porque todos os sentimentos grandes são benignos e residem originariamente no amor. No próprio patriotismo armado o mais difícil da vocação, e a sua dignidade não está no matar, mas morrer. A guerra, legitimamente, não pode ser o extermínio, nem a ambição: é, simplesmente, a defesa. Além desses limites, seria um flagelo bárbaro, que o patriotismo repudia…

Homenagem Especial

Manoel da G. Lobo de Almada (1787)

Nasceu, em 1745, na Quinta de Santo Antonio da Urmeira, entre Odivelas e Pontinha, na Grande Lisboa em Portugal. Foi batizado em 06.02.1745. Nunca foi, como afirmado por muitos, um Engenheiro Militar, embora tenha sido quem assinou os mapas de reconhecimentos por ele realizados. Na idade adulta tinha 1,73 m de altura, cabelos castanhos escuros e olhos azuis.

Jurou Bandeira em 14.02.1764, com 19 anos, no 1° Regimento da Armada, Unidade que fornecia militares de Infantaria para os navios da Marinha. Com formação Marinheira foi destinado à Companhia de granadeiros, que era a tropa naval de elite, com o título nobiliárquico de Cadete. Passou a navegar em missões de Guarda – Costeira, tendo sido elogiado por seu comandante pelo interesse e conhecimentos que revelava nas lições de pilotagem, mesmo não sendo esse o seu direcionamento, pois era da infantaria naval.

Preso por conflito com civis, foi destinado a servir em Mazagão, no Marrocos, onde fora por comutação de pena emanada de ordem real. Nomeado Ajudante das Suas Ordens pelo Capitão-General e Governador do Mazagão, Dinis Gregório de Melo e Castro Mendonça, sobrinho dos irmãos Sebastião José de Carvalho e Melo [Conde de Oeiras, depois Marquês de Pombal], Francisco Xavier de Mendonça Furtado [Secretário da Marinha e Domínios Ultramarinos] e Paulo de Carvalho e Mendonça [Comissário da Bula da Cruzada].

Ganhara, também, o respeito e a veneração dos experimentados guerreiros da guarnição e seus familiares com os quais partiu para Lisboa em 11.03.1769, data do abandono da Praça. Nessa capital, em 01.04.1769, recolheu-se à sua Companhia no 1° Regimento da Armada.

Em 5 de setembro desse ano foi promovido a Sargento-Mor [hoje posto de Major] de Infantaria de Marinha e nomeado Governador da Praça de São José de Macapá. Ainda nesse ano, em 15 de setembro, partiu para Belém, comandando o mais rápido dos 10 navios [e não 3 como se tem escrito], que de forma forçada transportaram os manzaganistas para aquela cidade, a fim de fundarem uma Vila na margem Norte do Amazonas.

Em Macapá teve grave e melindrosa desavença resultante de problemas de jurisdição com o Sargento-mor engenheiro Gronfeld que dirigia as obras da Fortaleza. Apesar da rixa com o alemão e ainda devido a seu heroísmo em Mazagão, foi promovido a Tenente-Coronel da Infantaria Naval.

Em virtude de problemas previstos por Mendonça Furtado em Vila Nova Mazagão entre os deslocados do Marrocos e o comandante militar, Capitão-General e Governador do Pará, Fernando da Costa de Ataíde Queive, lembrando-se da sugestão do tio, enviou Lobo de Almada a pacificá-los e apoiá-los na instalação e início das atividades agrícolas, o que fez com grande êxito e satisfação geral.

A partir daí, sob as ordens do novo Capitão-General e Governador do Pará, João Pereira Caldas, antigo ajudante de ordens do Almirante Mendonça Furtado ex-governador do Piauí por 10 anos, que posse em final de 1772, iniciou uma fabulosa carreira amazônica, podendo ser levantados seguintes tópicos:

- Governador da Praça de Macapá por 11 anos;
- *Desenvolveu a criação de gado e a produção do* arroz, do anil, e do algodão nas Vilas de Macapá, Vistosa e Nova Mazagão que passaram por grande surto de progresso sob sua administração;
- Disciplinou e instruiu a tropa de linha para evitar os ataques dos franceses;
- Em março de 1780, assume o novo Governador do Pará, o Capitão-General José de Nápoles Telo de Meneses que propôs a promoção a Coronel de Lobo de Almada;
- Como as demarcações de limites não iam bem, o Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, Martinho de Melo e Castro, decide lançar mão de Lobo de Almada, em termos que eram uma crítica, a Pereira Caldas e seus técnicos:
- Foi-lhe atribuído o Comandamento do Alto Rio Negro onde se situavam os Fortes de São José das Marabitanas e São Gabriel da Cachoeira com a missão de reconhecer as 5 ou mais ligações que se dizia existir entre os Rios Negro e Japurá.

Em 25.08.1786, foi nomeado Governador da Capitânia de São José do rio Negro. Antes que chegassem os documentos para a tomada de posse, foi cumprir a missão de reconhecer o Rio Branco, pois, segundo o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro:

> *ninguém poderá desempenhar melhor uma comissão de tanta importância.*

Nesse trabalho foi vítima de um naufrágio que o lançou contra as pedras de uma cachoeira. Só foi salvo pela intervenção de 2 soldados, ficando com o corpo todo ferido de escoriações e contusões. Pereira Caldas temendo continuasse a exploração sem ter sarado as feridas e convalescido, permitiu-lhe e aconselhou-o a regressar a Barcelos, sendo a diligência concluída pelos engenheiros que o acompanhavam.

E como o Coronel tivesse optado por continuar, ainda lhe escreveu:

> *Uma vez que V.S.ª, com a sua costumada honra e constância, se dispunha de prosseguir pessoalmente nas diligências que lhe são confiadas, só me resta o desejo de que, por ir pouco convalescido dos passados trabalhos, lhe não sobrevenha algum maior e mais funesto incômodo. [...]*

Em 25.11.1788, foi nomeado para substituir João Pereira Caldas como Encarregado da Demarcação das Fronteiras. Nessa situação decidiu dar fim aos abusos do Comissário Espanhol Francisco Requena que há anos residia na Vila nomeada de Tefé pela Partida [Representação] castelhana e da Ega pela Partida portuguesa. Sabia que expulsá-lo significaria reação de Requena ao regressar ao território espanhol.

Para impedir essa retaliação Lobo de Almada determinou aos Representantes Portugueses que mudassem a sede de seus trabalhos para Tabatinga e impedissem o regresso dos vizinhos a Ega [Tefé]. Com essa decisão de alto risco, da sua exclusiva iniciativa deu ao Brasil a imensa faixa territorial que vai da hoje cidade de Tefé até a cidade de Tabatinga.

Com sua habitual persistência e espírito progressista operou grande desenvolvimento na Capitania de São José do Rio Negro, obtendo resultados verdadeiramente milagrosos. Para isso, face à distância de Belém e de Lisboa, foi obrigado a deixar de cumprir normas administrativas de que são exemplos a constituição de dívidas para pagar artigos indispensáveis, tais como:

- Empréstimos para os soldados com soldos atrasados há anos;

– Fornecer aos militares sob a sua ordem, tecidos de algodão produzidos nos teares que implantara, em substituição às fardas que não chegavam nunca. Padecia ao ver que Belém sofria de idêntica situação mas nada fazia;
– Desenvolveu a agricultura, introduziu o arado, criou várias indústrias e iniciou a criação de gado nos férteis campos do Rio Branco;
– Aldeou índios, mostrando-se muito orgulhoso de, ter seduzido e pacificado os Mundurucus, que lançavam o pânico sobre os navios que singravam grandes extensões do Amazonas.

Em 1790 assumiu o Governo da Província do Grão-Pará, o Capitão General D. Francisco de Souza Moutinho. Com esse novo Governador rapidamente as relações com Lobo de Almada se deterioraram.

O Coronel respondia com altivez e frontalidade aos reparos que lhe eram feitos e aos quais não estava habituado. Achando-se despojado de fé e crédito assim se queixou ao Secretário de Estado da Marinha:

> *"Eu não peço à Sua Alteza acrescentamento, nem tamanho soldo como tenho, bastando que me dê muito menos aonde eu o sirva mais".*

Elaborou e jurou uma relação de seus parcos bens e, desgostoso, viu agravarem-se as sequelas do paludismo, adoecendo gravemente.

Foi promovido a Brigadeiro da Infantaria de Marinha, mas não era isso que nessa altura mais ambicionava.

Junto a um dos seus requerimentos está um lembrete que diz:

> *"Para se guardar e para se lhe deferir logo que este Governador se ache restabelecido."*

Não chegou a acontecer...

Poucos meses antes de falecer Lobo de Almada voltou a residir em Barcelos, cumprindo ordem transmitida pelo Governador do Pará que a propusera a Lisboa.

Depois de sua morte em Barcelos, em 27.10.1799, cumpriu-se a sua vontade e, em 1804, voltou a capital para o Lugar da Barra, atestando a justeza da escolha de Almada.

Lobo de Almada recusou-se alimentar-se, tomar remédios e até receber o apoio espiritual do Vigário de Barcelos. (1ª Bda Inf Sl)

MORREU DE PAIXÃO POR SUA MISSÃO!!!

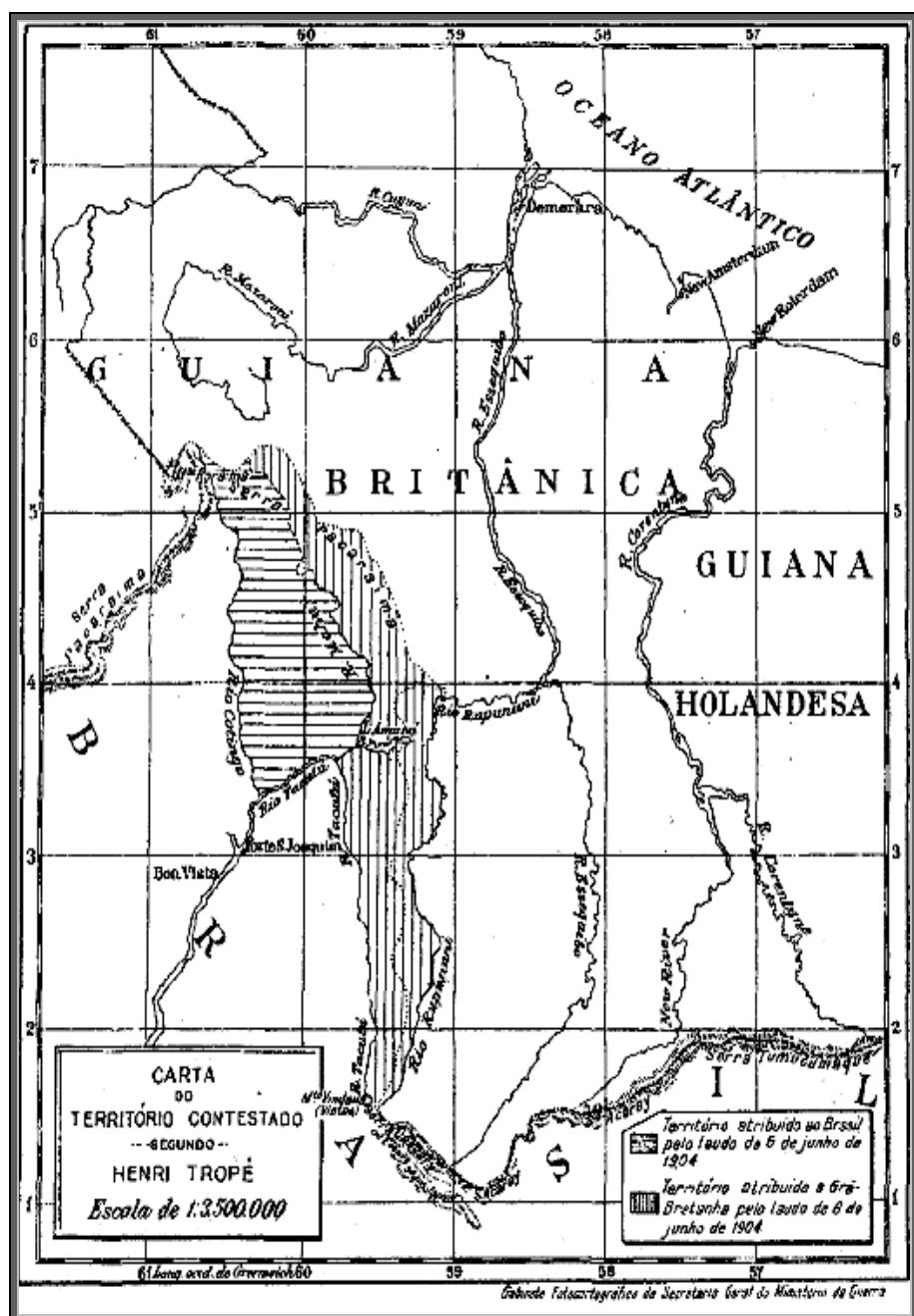



Imagem 02 – Carta do Território Contestado

Canção da Engenharia
(General de Divisão Aurélio de Lyra Tavares)

Quer na paz, quer na guerra, a Engenharia
Fulgura, sobranceira, em nossa história.
Arma sempre presente, apoia e guia
As outras Armas todas à vitória.

Nobre e indômita, heroica e secular
Audaz, na guerra, ao enfrentar a morte.
Na paz, luta e trabalha, sem cessar,
Pioneira brava de um Brasil mais forte.

O castelo lendário, da Arma azul-turquesa
Que a tropa ostenta, a desfilar, com galhardia
É um escudo de luta, é o brasão da grandeza
E da glória sem fim, com que forja a defesa
E é esteio, do Brasil, a Engenharia.

Face aos rios ou minas, que o inimigo
Mantém, sob seu fogo, abre o engenheiro
A frente para o ataque e, ante o perigo,
Muitas vezes, dos bravos é o primeiro.

Lança pontes e estradas, nunca falha,
E em lutas as suas glórias ressuscita,
Honrando, em todo o campo de batalha,
As tradições de Villagran Cabrita.

O castelo lendário, da Arma azul-turquesa
Que a tropa ostenta, a desfilar, com galhardia
É um escudo de luta, é o brasão da grandeza
E da glória sem fim, com que forja a defesa
E é esteio, do Brasil, a Engenharia.

Francisco X. R. de Sampaio (1774/5)

DIARIO

DA

VIAGEM

QUE EM VISITA, E CORREIÇÃO DAS POVOAÇÕES DA CAPITANIA DE S. JOZE DO RIO NEGRO FEZ O OUVIDOR, E INTENDENTE GERAL DA MESMA

FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO.

NO ANNO DE 1774 e 1775;

Exornado com algumas noticias geograficas, e hydrograficas da dita capitania, com outras concernentes á historia civil, politica, e natural della, aos uzos, e costumes, e diversidade de nações de indios seus habitadores, e á sua população, agricultura, e commercio.

Vindica-se occasionalmente o direito dos seus verdadeiros limites pela parte do Perú, nova Granada, e Guyana. E trata-se a questão da existencia das Amazonas Americanas, e do famoso lago dourado

Nullaque non ætas voluit conferre futuris
Notitiam; sed vincit adhuc natura latendi.
Lucan. Pharsal. l. X. v. 270.

LISBOA:

NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA.

1825.

Com licença de S. MAGESTADE.

Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, natural da Vila de Mirandella, Comarca de Moncorvo, filho do Capitão de ordenança Luiz Ribeiro de Sampaio e de D. Leonor da Costa, nasceu, a 13.08.1741, naquela Vila. Seguiu os estudos na universidade de Coimbra desde o ano de 1757 até 1762, em que se formou na Faculdade de Leis.

Leu no desembargo do paço, em 23.08.1764, explicando a doutrina da legislação por "*Constitutum 22 D. de Hitit. Jestam*", presidindo o desembargador Manoel Gomes de Carvalho, e argumentando-lhe o desembargador José Ricardo Pereira de Castro. Foi despachado para Juiz de Fora e Provedor da Fazenda Real da Capitania do Pará por decreto de 08.03.1767, de que tomou posse a 11.05.1767; lugar que serviu até 21.11.1772.

Depois passou a Ouvidor e Provedor da Fazenda Real, e Intendente da Agricultura da Capitania do Rio Negro, em setembro do ano de 1772; de que tomou posse em 27.10.1773; lugar que serviu até outubro de 1779, e voltando para o reino chegou a ele em 23.01.1780.

Foi depois despachado para provedor da Comarca de Miranda do Douro, de que tomou posse em 07.03.1782, com o predicamento de primeiro banco.

Foi reconduzido no mesmo lugar, fazendo-o da relação do Porto por Decreto do 26.02.1789 e sendo relevado do dito lugar de Provedor, veio a ter exercido efetivo na Relação, que principiou em 10.06.1794. Por Decreto de 07.01.1800 foi despachado para desembargador da Casa da Suplicação. Sendo Ouvidor do Rio Negro, S. M. lhe fez mercê do hábito da Ordem de N.S.J.C. Criou, sendo Provedor de Miranda, a conservatória da fábrica de seda de Bragança, à qual deu o primeiro regulamento. (RIHG, 1845)

Diário da Viagem da Capitania do Rio Negro (1774/1775)

I. Agosto 3 ([5]). No ano passado, de 1773, nos fins de outubro entrei a servir este lugar, e além das recomendações, que trazia do Ilustríssimo, e Excelentíssimo General do Estado João Pereira Caldas, para visitar; assim me persuadiam as urgentes razões da minha obrigação. Em 1768, tinha sido a última correição ([6]), que se havia feito, e instava a necessidade das povoações, que novamente se visitassem. Deixei passar as cheias dos Rios para sair no princípio da vazante, de sorte que a demora nas povoações do Rio Negro me fizesse alcançar a vazante inteira no Rio Solimões, e entrando por ele nos princípios de outubro, saí por esta causa neste dia. Uma segura, e decente canoa de 8 remeiros por bordo ([7]), foi preparada para o meu transporte, e mais uma pequena para o serviço da viagem, caça e pesca. Dois soldados, o escrivão, o piloto, a minha família, sendo por tudo vinte e seis pessoas, era o que compunha a equipagem. Às 07h30 embarquei, honrando-me nesta ocasião com a sua assistência o Ilustríssimo Governador desta Capitania, o Reverendo Doutor Vigário Geral, os oficiais militares da guarnição, e todas as mais pessoas qualificadas da capital, acompanhando-me um grande número delas em diversas embarcações duas léguas de viagem. [...]

CCCXXVI. Passamos defronte da principal Barra do Rio Queceuéne, chamado vulgarmente Branco por causa de cor das suas águas, e em contraposição do Negro, no qual deságua por quatro Bocas. Também se dá a este Rio o nome de Paraviana tirado da Nação dominante nele.

---

[5] Agosto 3: 03 de agosto de 1774.
[6] Correição (Divisão judicial): sob a alçada de um ou mais juízes.
[7] Bordo: Bombordo e Boreste.

CCCXXVII. Arroja o Rio Branco bastante cabedal de águas, que lhe comunicam muitos Rios, e Lagos de grande extensão, que nele deságuam, e sendo os principais pela parte do Nascente o Macoaré, os Lagos Uadúau, e Curiúcu, Uarícurí, e o Rio Uanaúau, seguindo-se o maior deles, que é o Tacutu, que dirige as suas correntes do nascente, e no qual desemboca o Mau, e neste o Pirara, por onde passado meio dia de viagem por terra se entra no Rupumoni.

Paralelo ao mesmo Tacutu corre o Rio Rupumoni, que desaguando no Essequibo dá comunicação às Colônias de Guiana holandesa, mediando também unicamente meio dia de viagem por terra do Tacutu ao dito Rupununi, o que deu motivo a comunicação antiga dos índios do Rio Negro com as mesmas Colônias. Pelo Ocidente deságuam no Rio Branco os Rios Coratirímaní. O Braço do Ocidente, que se une ao Tacutu tem o nome de Urariquera, o qual é que se julga o Rio Branco continuado, e nele deságua pelo Norte o Parimá, famoso pelo nome, mas não pela grandeza; pois é de pequena consideração.

CCCXXVIII. O Urariquera é caudaloso, ele banha as mais belas campanhas, que se podem imaginar. Este Rio sempre foi navegado pelos portugueses, que em diversas expedições entraram nele. No ano de 1740, governando este estado João de Abreu Castello Branco entrou nele por Cabo Francisco Xavier de Andrade, na qual ocasião subiram as Bandeiras, que ele mandou, quase dois meses de viagem.

CCCXXIX. Em todos estes Rios habitam muitas Nações de índios, sendo as principais Paraviána, vulgarmente chamada Paravilhana, Macuxí, Uapixána, Sapará, Paxiána, Uayuru, Tapicarí, Xaperu, Cariponá, esta belicosíssima Nação conhecida com o nome de Caribes na história da América. Os que vivem no Rio Branco usam de armas de fogo, que lhes vendem os

holandeses, sendo entre eles de maior estimação o uso dos bacamartes.

CCCXXX. Os portugueses tem navegado o Rio Branco, e todos os seus Rios colaterais, descobrindo, e ocupando as terras, que os mesmos banham, que são extensíssimos campos com pastos tão próprios para a criação do gado vacum, que podem contribuir para os mais bem fundados estabelecimentos, e avultados interesses, como ainda se espera da merecida atenção, que este objeto alcançará dos nossos superiores.

CCCXXXI. É o Rio Branco fecundíssimo em todo o gênero de peixe, suas margens férteis para toda a qualidade de plantação, e o cacau lhe é naturalíssimo. A sua abundância conduz infinitamente para a subsistência das povoações do Rio Negro, principalmente da capital, porque anualmente se vão a ele fazer pescarias de peixe, e tartarugas, que abundam, e suprem as faltas.

Enfim se as largas campinas do Rio Branco fossem povoadas de gado, e no mesmo Rio se estabelecessem algumas povoações, objetos ambos, que não são de insuperável dificuldade, estou certo, que esta Capitania chegaria a um incrível aumento na população, e não sendo menos essencial a fortificação daquele Rio, como o mostra a vizinhança do mesmo, de que já falamos.

Breve Notícia do Lago Parimá, ou Dourado

CCCXXXII. Na divisão, que temos feito do Rio Branco, incluímos o pequeno Rio Parimá, que depois da descoberta da América tem dado corpo a decantada fábula do Lago Dourado, que tanto tem inflamado as imaginações espanholas.

Fingiu-se que um grande Lago está situado no interior de Guiana, e que nas suas margens está edificada a soberba, e rica cidade chamada – Manóa del Dorado –, e que aqui é tão vulgar o ouro, que tudo é ouro. Que esta cidade foi edificada pelos peruanos, que para ali se refugiaram para se livrarem da dominação espanhola.

Os escritores castelhanos dão esta história por tão certa, que tem gasto imenso cabedal em empresas, e viagens para descobrir este famoso Lago, sem que até gora pudesse algum dos seus descobridores alcançar o prêmio de tão feliz descoberta. As viagens de Pizarro, Orellana, Ursúa, Quesada, Utre, Berrie, e outras muitas, que contam até o número de sessenta, dirigidas todas a este fim se inutilizaram.

Pode na verdade chamar-se a esta teimosa diligência dos espanhóis a pedra filosofal das descobertas.

CCCXXXIII. Os espanhóis vivem tão persuadidos da existência daquele riquíssimo Lago, e cidade, que até chegaram a dar o título de Governador do mesmo Lago ao de Guiana, como consta dos despachos, que se acharam em uma presa, que fez o cavaleiro Walter Raleigh, quando procurava fazer uma descida na Guiana. O sobrescrito destes despachos o refiro pela sua curiosidade. Diz assim: "*A Diego de Palameca, Governador y Capitan General de Guyana, del Dorado, y de la Trinidad*".

CCCXXXIV. O mais é, que até os ingleses se persuadiram daquela mesma existência; porque se acreditarmos alguns autores, as viagens de Raleigh se não dirigiram a outro fim, tão inutilizadas que na Expedição perdeu a seu filho, e serviu a mesma de pretexto ao Rei Jacob I para mandar degolar ao infeliz Raleigh, como sugestor de empresas frívolas, e quiméricas.

CCCXXXV. Os geógrafos na fantástica arrumação dos seus mapas descrevem este Lago nas fontes do nosso Rio Branco, como se pode ver no Atlas, que se imprimiu para acompanhar a geografia de Mr. François, aonde se acha o Mapa da América Meridional feito por Mr. Brion ([8]) com a descrição do nosso Lago.

O mesmo se observa no Mapa de Gomilla, e outros. Mas não só espanhóis, e ingleses entraram no projeto de descobrir o Lago Dourado, porque também os holandeses, como imaginários vizinhos do mesmo, entraram nessa diligência.

CCCXXXVI. Pelo Rio Essequibo subiu das Colônias da Guiana Holandesa, no ano de 1741, Nicoláo Horstman a procurar o mesmo Lago, e depois de muitos trabalhos, entrou felizmente o nosso Rio Branco, e entregando-se a sua correnteza, veio sair ao Negro, donde passou para a Vila de Cametá, aonde ainda existia no ano, de 1773, em que eu fui em diligência à mesma Vila, lamentando a inutilidade da sua empresa.

CCCXXXVII. No dia 16.03.1775, em que estou escrevendo este diário, chegou a esta Vila de Barcelos, capital desta Capitania, Gervazio le Clere, natural do bispado de Liege, que servia à república de Holanda na mencionada Guiana, estando de guarnição no Forte de Essequibo, e de guarda em um posto do Rio do mesmo nome, do qual desertou [se bem que disse ele não a procurar o Lago Dourado] e entrando no nosso Rio Branco conduzido pelos índios Paraiuánas, veio dar a uma feitoria nossa de pescaria, portado para esta Vila donde foi transportado para esta Vila.

---

[8] Mapa da América Meridional feito por Mr. Brion: Imagem 03.

CCCXXXVIII. Enfim o Lago Dourado, se existe me persuado, que é somente nas imaginações dos espanhóis, que tenho notícia certa ainda atualmente fazem diligência pelo achar, mas na verdade esta matéria só deve ser tratada pelo modo alegórico, e irônico, com que dela escreveu um autor famoso ([9]).

CCCXXXIX. Vamos continuando a nossa viagem, a qual fizemos seguindo a mesma margem Setentrional, e indo passando as Bocas superiores do mesmo Rio Branco. Às seis horas chegamos ao lugar de Carvoeiro, tendo atravessado o Rio Negro para a margem Meridional, em que ele está situado, ocupando uma língua de terra, quase rodeada de água. [...] (SAMPAIO)

[9] Voltaire (François-Marie Arouet)

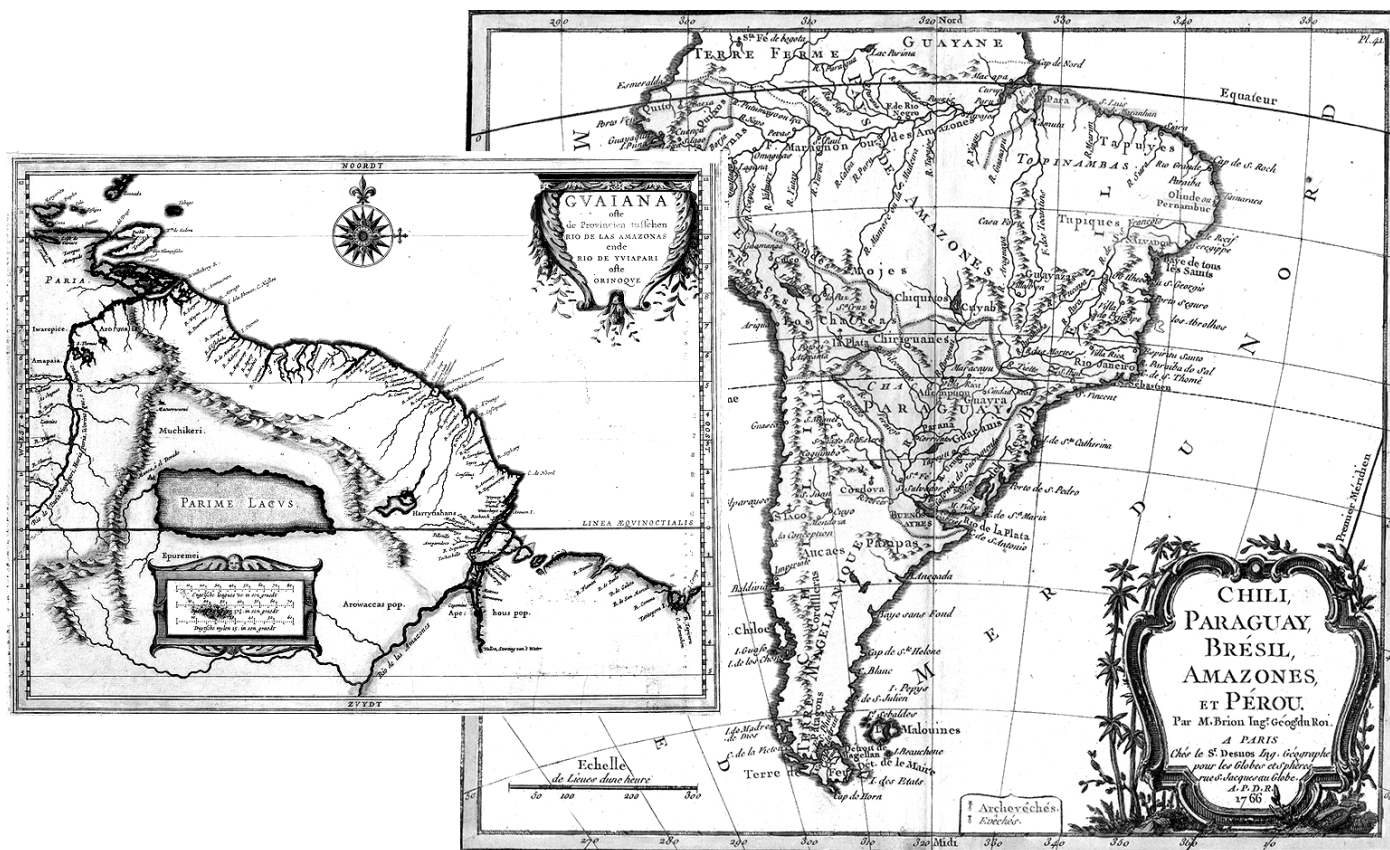



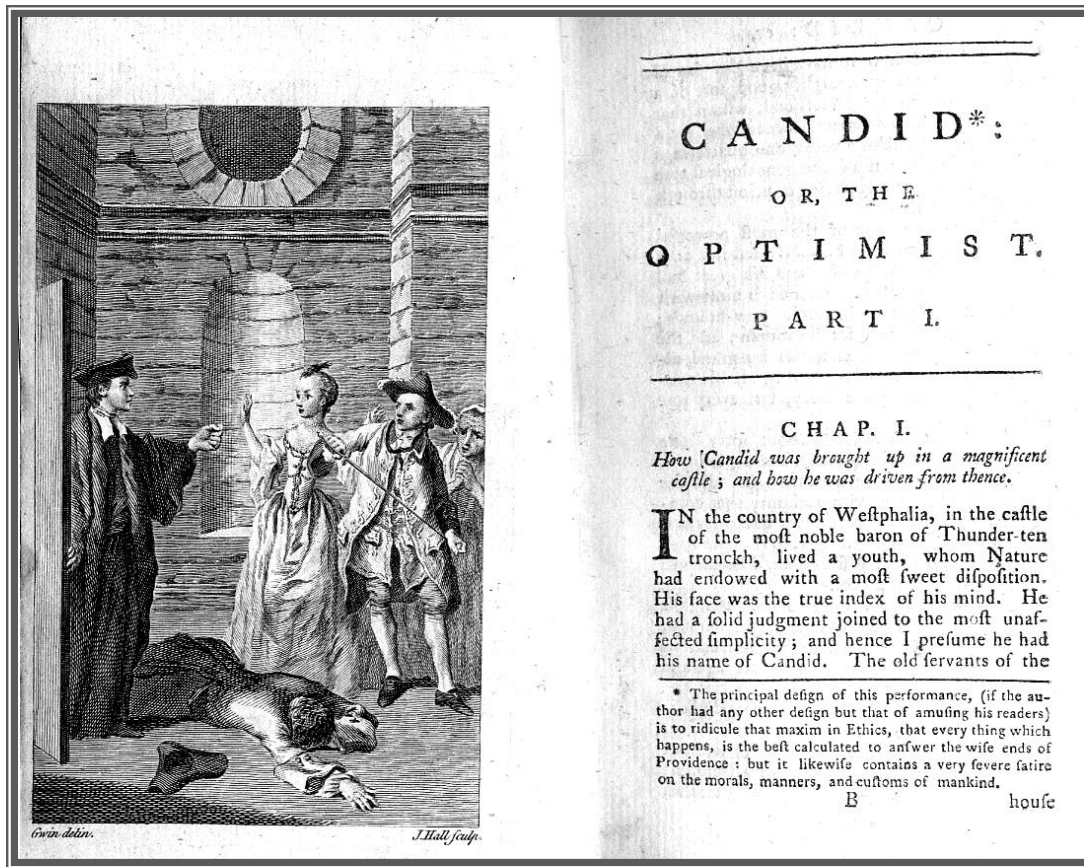
Imagem 03 – América (L. B. de la Tour) e Parime (H. Gerritsz)

Candide, ou l'Optimisme

Como relata anteriormente Francisco X. R. de Sampaio, nem mesmo Voltaire conseguiu ficar alheio à controversa questão. Na sua obra "*Candide, ou l'Optimisme*" escreveu algumas páginas sobre um "*país dourado*":

Após fugirem dos jesuítas, Cândido e seu parceiro Cacambo decidem, depois de muito andar sem rumo, se apossar de uma canoa abandonada na beira do rio. Depois de navegarem alguns quilômetros por margens ora verdejantes ora áridas, algumas vezes planas, outras muito íngremes. O rio, finalmente, se estende sob uma abóbada de rochedos ameaçadores que se elevam até o céu. Os viajantes ousaram entregar sua nau ao sabor da torrente sob aquela imensa cúpula que os arrastou com uma velocidade e um ruído apavorantes.

Só voltaram a ver a luz do dia vinte e quatro horas depois, quando sua canoa se despedaçou contra os rochedos e foram obrigados a se arrastar pelos penedos por quilômetros até que descortinaram um horizonte imenso, rodeado por montanhas intransponíveis. Era uma região pródiga em culturas, onde o útil unia-se ao agradável.

Nos caminhos cruzavam belos e brilhantes veículos, conduzindo homens e mulheres de uma beleza singular, tracionados por grandes carneiros vermelhos que ultrapassavam em velocidade os mais belos cavalos de Andaluzia, de Tetuán e de Mequínez. (VOLTAIRE)

CANDID*:

OR, THE

OPTIMIST.

PART I.

CHAP. I.

How Candid was brought up in a magnificent castle; and how he was driven from thence.

IN the country of Weſtphalia, in the caſtle of the moſt noble baron of Thunder-ten tronckh, lived a youth, whom Nature had endowed with a moſt ſweet diſpoſition. His face was the true index of his mind. He had a ſolid judgment joined to the moſt unaffected ſimplicity; and hence I preſume he had his name of Candid. The old ſervants of the

* The principal deſign of this performance, (if the author had any other deſign but that of amuſing his readers) is to ridicule that maxim in Ethics, that every thing which happens, is the beſt calculated to anſwer the wiſe ends of Providence: but it likewiſe contains a very ſevere ſatire on the morals, manners, and cuſtoms of mankind.

B houſe

Imagem 04 – Candide, ou l'Optimisme (VOLTAIRE)

Cemitério I
(Thales Bastos Chaves)

"O que perturba e intimida
O meu espírito forte
Não é a certeza da morte
Mas a incerteza da vida."
(Da Costa e Silva)

Terra sem Sol, da noite eterna... Terra
Onde repousa o corpo decomposto;
Úmida terra que deforma o rosto,
Urna da paz e símbolo da guerra.

Terra das almas que velando a morte,
Hão de deitar-se sobre o ventre teu;
Terra que a vida – miserável sorte,
Chora um amigo que se foi, morreu...

Terra das lousas, das imagens frias,
Dos sepulcros antigos, do passado;
Terra que encobre as fúteis fantasias,
Lugar que ocupa o nobre, o desgraçado.

Terra das sombras, que o cipreste abriga,
E o mocho embala com seu triste canto;
Lá nasce e fica uma saudade antiga,
Lacrimejada de funéreo pranto.

Terra das catacumbas branquejadas,
Das casas pequeninas, da saudade,
Das orações de amor inconsoladas,
Agasalho final da humanidade. [...]

Ricardo Franco de A. Serra (1780/1)

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO,

SOB OS AUSPICIOS DA

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL,

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

TOMO SEXTO

Segunda Edição·

Hoc facit ut longus durent bene gesta per annos.
Et possint serâ posteritate frui.

— 84 —

DOCUMENTO OFFICIAL.

Offerecido ao Instituto pelo seu socio effectivo o Sr. desembargador Rodrigo de Sousa da Silva Pontes.)

O Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, nascido na cidade do Porto – Portugal em 03.08.1748, formou-se em Engenharia e Infantaria e em 1780, ainda como Capitão foi indicado por D. Maria I, Rainha de Portugal, para viajar ao Brasil e chefiar a Terceira Partida de Demarcação de Limites, em cumprimento às determinações do Tratado de Santo Ildefonso, para resolver as disputas territoriais resultantes da expansão das fronteiras do Brasil, nos tempos da União das Coroas Portuguesa e Espanhola [1580-1640], integrando o Real Corpo de Engenheiros Português.

Na Colônia, que ainda se encontrava em formação, suas contribuições foram incontáveis nos campos da construção de Fortes e de levantamentos topográficos, cumprindo a Missão de desbravar e proporcionar melhores condições de defesa das fronteiras Norte e Centro-oeste.

Ricardo Franco desempenhou papel decisivo na consolidação do espaço territorial brasileiro. Tornou-se responsável pelo levantamento de extensas regiões fronteiriças explorando mais de 50 Rios das Bacias do Amazonas, do Prata e mapeando as Capitanias do Grão-Pará, de São José do Rio Negro [atual Amazonas] e de Mato Grosso.Construiu obras estrategicamente situadas como o Forte Príncipe da Beira, o Quartel dos Dragões, em Vila Bela, e o Forte de Coimbra.

Durante 9 dias, de 16-24 de setembro de 1801, sob a proteção do incompleto Forte, Ricardo Franco, liderando 49 soldados e 60 civis apoiados em 110 fuzis e 6 canhões, conseguiu repelir violento e potente ataque da Flotilha de D. Lázaro de Ribera, Governador de Assunção, composta de 4 galeotas armadas com 12 canhões e guarnecidas por cerca de 900 homens.

Após prolongado reconhecimento da posição, D. Lázaro de Ribera, ex-governador da Província de Moxos [atual Bolívia], onde atuara contra o Forte Príncipe da Beira, convicto de sua superioridade numérica, cerca de 8x1, enviou um "*Ultimatum*" a Ricardo Franco dando-lhe uma hora para render-se e entregar Coimbra. Essa inferioridade numérica foi um estímulo que sempre animou os luso-brasileiros a não abandonarem seus postos e a defendê-los até ás últimas consequências:

> Ou repelir o inimigo ou sepultarem-se debaixo das ruínas dos fortes cuja defesa lhes confiaram.

A uma intimação do Comandante espanhol para depor suas armas, Ricardo Franco respondeu negativamente, com altivez, mantendo-se firme na defesa do aquartelamento. Sua atitude corajosa inspirou os subordinados a combaterem com inquestionável coragem. Ao final de uma sangrenta batalha, os soldados luso-brasileiros frustraram a ação inimiga, preservando o domínio sobre a fortificação.

O sul mato-grossense, conservado livre, seria mais tarde incorporado ao Brasil independente.

Em 1802, a Coroa Portuguesa, reconhecida, promoveu Ricardo Franco ao posto de Coronel e o agraciou com o hábito de São Francisco de Assis, mantendo-o no Comando do Forte de Coimbra e da Fronteira Sul. Preocupado com a defesa dos limites com os espanhóis, implantou destacamentos, reconstruiu fortes e executou outras obras militares e civis.

Combalido por doenças tropicais, faleceu em 21 de janeiro de 1809, aos 61 anos. Português de nascimento conheceu o Brasil como poucos e aprendeu a amá-lo e a defendê-lo. (*www.dec.eb.mil.br*)

Documento Oficial (1781)

Ilmº e Exmº Sr. – Pela muito respeitável ordem de V. Exª datada em 26.12.1780, V. Exª nos ordenara que subíssemos o Rio Branco, ou Parimé, e dele fossemos sucessivamente entrando nos Rios Mau, Tacutu e Pirara, e nas suas cabeceiras respectivas, e que examinássemos as comunicações, que por aquela parte poderíamos ter com a Colônia holandesa de Suriname, como também que serras poderiam haver, ou outras marcas naturais, que pudessem para sempre servir de raia entre os domínios portugueses e os da sobredita Colônia, assim como também pela parte de Leste do dito Rio Branco, nos ordenou V. Exª que buscássemos as fontes dos Rio das Trombetas, e do Rio Urubu, que deságuam sobre o Amazonas, para, pelo alto das suas vertentes, se conhecer a linha divisória, que a natureza do País por ali oferece.

Acrescentando V. Exª que as mesmas ordens, com as mesmas circunstâncias deviam dirigir as nossas diligências sobre outras fontes do Rio Branco, da parte do Poente e do Norte, em que procurássemos do mesmo modo as serras ou cordilheira que pudesse por ali determinar os limites da Colônia portuguesa e espanhola, alcançando o conhecimento da Latitude e Longitude, a que demoram as serras, que fazem para o Norte as vertentes do Orenoco, e para o Sul as do Rio Negro.

Tendo concluído com o cumprimento de grande parte destes artigos do plano, que nos dirigia, e a que obedecemos, vamos expor na presença do V. Exª, na mesma ordem com que os fomos praticando, os exames determinados.

Tendo nós partido desta capital de Barcelos no primeiro de janeiro ([10]), chegamos à Fortaleza de S. Joaquim do Rio Branco em trinta e um do mesmo, tendo-nos demorado na Cachoeira Grande deste Rio seis dias, esperando canoas menores em que nos devíamos transportar, sendo já dali para cima difícil a navegação para barco maior de cinco remos por banda por espraiar muito o Rio.

Nele, pelas derrotas que sem interrupção fomos fazendo, e observações astronômicas, achamos bastante que emendar no mapa do Estado, observando muito mais para o Norte, e para o Poente os lugares notáveis, como bem se vê da presente carta, que oferecemos com esta participação.

No dia 06.02.1781, nos pusemos em viagem pelos Rios Tacutu e Mau acima, que por serem menos caudais de águas estes Rios da parte de Leste, era necessário começarmos por eles antes que a maior seca nos impossibilitasse a navegação.

Com três dias desta chegamos à Foz do Rio Tacutu onde ele da parte de nascente entra no Rio Mau, a quem dá o seu nome dali para baixo até a Fortaleza, não obstante ser ele braço do Mau, o qual vai continuando o mesmo rumo em que navegamos dia e meio até chegar à Boca do Rio Pirara, dentro do qual pouco mais de légua aportamos, e nos pusemos em marcha de terra para irmos reconhecer para a parte do Nascente aquele terreno.

Achamos doze léguas em linha reta à direita da Boca do Pirara à margem do Rio Rupununi, que deságua para o Oceano sobre a costa de Suriname, e depois que recebe em si o Rio Cipó ou Cibu, toma o nome de Essequibo.

---

[10] Primeiro de janeiro: 01.01.1781.

Este intervalo do Pirara ao Rupununi é de campinas alagadas, que em tempo das cheias formam um Lago contínuo, que por meio de três pequenos varadouros fazem a comunicação por águas entre o Rio Branco e o dito Essequibo, ou Rupununi, e quase no meio das ditas campinas está o ponto mais elevado delas, junto do Lago Amacu, que vai notado com asterisco de carmim na mesma carta que oferecermos, e do qual principiam as vertentes daqueles pequenos declives para a parte do nascente a cair sobre o Rupununi, e para poente formam a fonte do Rio Pirara, que deságua como temos dito para o Mau por ele para o Rio Branco.

Estão estas campinas como fechadas pela parte do Sul com uma alta cordilheira, que se estende Leste-Oeste coisa de dez léguas, e vai terminar pela ponta do Poente sobre o Rio Tacutu, e pela região do Norte se veem cinco cadeias de montes elevados, que vão correndo em grandíssima extensão; e pela parte do Nascente, ficam também as ditas campinas valadas pelas águas do Rupununi; o que oferece um sítio, que achamos muito notável para nele segundo nos adverte o mesmo plano, e ordens de V. Exª se deve estabelecer uma atalaia, que naquela fronteira vigie sobre as inovações ou pretensões que houverem da parte dos colonos de Suriname, a qual, com não menor comodidade, se poderá situar sobre a margem do Rupununi na vizinhança do Igarapé, ou pequeno Rio Tauarixuru.

Se acaso isto não for contra as pretensões dos ditos holandeses havendo de atender-se às vertentes, e não à margem Ocidental do Rio Rupununi para os limites; e no caso de se ali não fazer estabelecimento da mesma Fortaleza de S. Joaquim se poderão lançar patrulhas sobre as mencionadas campinas de inverno por águas, e de verão por terra, as quais com grande utilidade do real serviço e segurança perpétua da-

quele posto se fariam, introduzindo-se cavalgaduras para o uso da tropa, vistas as férteis pastagens que oferecem todos os adjacentes do Rio Branco para a criação e sustento destes amimais, e de todas as espécies de gado que em poucos anos servirão de grandes recursos para a capital do Pará, e de total fundo de subsistência para esta do Rio Negro, onde é tão notória a falta de carnes.

Concluído este reconhecimento da comunicação do Rio Branco com o do Rupununi, voltamos a embarcar-nos nas canoas; e continuamos pelo Rio Mau acima até mais de 4° de Latitude Boreal, por meio de serras desde a Latitude de 3°50', em que as cinco cadeias de montes que víamos uns por detrás de outros, olhando dos campos do Pirara para o N, aqui nos demoravam para o S; e depois de termos vencido algumas cachoeiras, chegamos a uma muita extensa, à que o gentio chama Urue-Buru, na nossa língua – Cachoeira do Papagaio, donde fomos obrigados a voltar, podendo contudo, asseverar que, ainda que aquele Rio não acabe por entre a mesma serra, como nos disse o gentio prático, mas venha por aquela parte a comunicar-se com alguns dos Rios, que descem para o Oceano por domínios estranhos, tão difícil para nós a descida por meio das cachoeiras e tão fácil de se vedar qualquer introdução que por ali se queira fazer, que absolutamente não há mister mais visto do que o sítio a que chegamos para se dar por inútil qualquer comunicação, que por ele se descubra.

Aqui nos falta dizer que todas estas extensas serras são povoadas do gentio Macuxí que é o mais numeroso do Rio Branco, e menos guerreiro talvez.

Da Cachoeira voltamos à Foz do Tacutu, onde logo nos foi preciso deixar a canoa em que vínhamos, que demandava dois palmos o meio de fundo para

navegar, e nos metemos em umas pequenas, nas quais mesmo fomos com grande dificuldade, por estar o Rio em poços, e a comunicação de uns a outros destes estar quase seca; e tendo ido até à ponta da serra, que dos campos do Pirara dissemos avistar para o Sul, não sendo possível navegar-se mais, assentamos em fazer a diligência da averiguação das serras e fontes do Rio Trombetas, o Urubu, de que V. Exª nos havia também encarregado, com marchas por terra desde a Fortaleza em caminho para nascente; o que deixamos reservado para ultimar as nossas diligências, sendo-nos de maior importância "*ex vi*" ([11]) das mesmas referidas ordens o reconhecimento das outras fontes do Rio Branco, por onde tinham clandestinamente descido para estes domínios os espanhóis da Caribana, e se iam estabelecendo pelas fontes do Rio Branco, desde o ano de 1770, até o de 1775, em por ordem de V. Exª foram represados.

No dia 10 do março nos pusemos em viagem pelo Rio Branco acima, a que os índios vizinhos chamam Urariquera, levando sempre em vista a intenção das ordens de buscar pela parte do Norte os limites naturais que hajam de servir de inalterável demarcação, e tendo deixado a Boca do pequeno Rio Parimé em 3°30′ de Latitude Boreal ([12]), e depois a do Majori, que também vem da parte do Norte, fomos subindo até o intruso estabelecimento que foi dos espanhóis de Caia-Caia o qual se acha quase neste mesmo Paralelo, e ainda sobre as campinas, que ficam fechadas da cordilheira, que por altura de 4° do Norte tínhamos observado.

E continuando águas acima, vencidas as cachoeiras repetidas do Urariquera, encontramos a Foz do Rio

[11] Ex vi: por efeito, por força.
[12] Boreal: Norte, Setentrional.

Uraricapará em 3°24’ de Latitude Boreal: por este Rio, a que os espanhóis davam o nome de Parimá, corremos 20 léguas em rumos do Poente, e depois de Norte, e nos achamos no outro estabelecimento, que eles também fundaram com o nome de Santa Rosa, que era a sua escala para a intrusão nas vertentes do Rio Branco, sendo a Latitude deste lugar de 3°43’12” estando ainda afastado o centro das serras, que desde o Mau vem correndo Leste-Oeste pela referida Latitude de 4° de Norte, não obstante que ela aqui remeta alguma coisa a Sul, e esta mesma serra é a que os ditos espanhóis atravessaram em um dia, quando do povo de S. Vicente descia para estas vertentes, e ao extremo dela em dois dias vinham a este lugar de Santa Rosa, ou varadouro de Adanca, como do mapa melhor se vê.

Deste sítio continuávamos ainda a viagem águas acima, na intenção de irmos reconhecer a quebra da serra, que, como dissemos, servia de porta a estes vizinhos; mas a cheia era de tal qualidade que nos impossibilitou dar mais um passo, pelas cachoeiras, que tínhamos de vencer, e assentamos fazer pelos matos a diligência que pudéssemos, para o dito conhecimento, sem embargo de nos ter ficado muito doente na Fortaleza um preto espanhol, que nos devia servir de prático, por ter vivido muitos vezes no dito sítio de Santa Rosa, e ter vindo com os espanhóis por S. Vicente, o outro embaraço foi o de ser necessário regular o mantimento para a volta, porque o bote de cinco remos, em que tínhamos mantimento para mês e meio, não se pôde varar na quinta cachoeira, a que chamam do Aningal, e nas pequenas canoas, em que continuamos todo o resto da viagem, não coube mais mantimento que para doze dias, dos quais oito eram passados, e assim tendo reconhecido este sítio, em que as serras que dele se avistam, ainda mostram a mesma direção de nascente a Poente, daqui assentamos serem as mesmas

que desde o Mau vem correndo por mais de cinquenta léguas, e que, contendo desde o Pirara por sessenta léguas de extensão, fazem por si mesmas uma notável divisória, tal como se deseja na presente ocasião.

Voltando Rio abaixo a favor da enchente, em dia e meio chegamos à Foz deste Rio, entramos pelo Urariquera acima, que corre entre o Sul e Poente, e andando dois terços de légua chegamos a uma grande cachoeira de salto, e por uma alta eminência da parte do Poente subimos pelo trilho das canoas de cortiça, que por ali arrasta o gentio Perocoto, que em grande número frequenta estes Rios, mas que para nós era impraticável, ainda que pudéssemos demorar-nos, servindo-nos este pequeno desvio para descobrir estes novos embaraços da navegação naquele dito Rio Urariquera, donde continuando em descer às cachoeiras e toda a extensão do Rio, que vai até o mencionado sítio de S. João Baptista de Caya-Caya.

Incorporados já com o nosso bote maior, entramos no Rio Maracá, o qual também seguia os rumos entre Sul e o Poente, e, não obstante ser caudal de águas, vão estas tão derramadas por pedras, e cachoeiras, que de seis léguas para cima não pudemos vencer, sendo notável nele o ser ainda bordado de férteis campinas pela parte do Nascente.

Assim viemos retrocedendo até encontrar a Boca do Rio Amajarí, que do Norte desce ao Rio Branco, e cuja indagação se nos mostrou interessante, tanto por ver se descobríamos alguns pontos intermédios da cordilheira, que tínhamos visto nos extremos de Santa Rosa, e do Pirara, e Mau, como pela notícia que alcançamos de haverem os índios Erimissanos degolado sobre aquele Rio uns missionários espanhóis, que pelos sinais que eles dão, são os barbadinhos da ordem franciscana da Província de Catalunha, que se acham paroquiando no Alto Orenoco; e

correndo com efeito o Rio, e passando além do sítio da matança dos Padres, em que mandamos arvorar uma cruz de pau, subimos até a altura de 3°54', tendo andado o Rio entre o Poente e Norte, havendo nós passado 19 cachoeiras, sendo a 20ª a que achamos na mencionada altura, muito perto da cordilheira, e aliás serras que víamos à Norte, mas já desde os campos da 1ª Cachoeira Grande, que fica em Latitude 3°44' que vem a ser a mesma altura de S. Rosa, se descobrem as serras, que vêm desde o Mau.

Deste mesmo lugar da cachoeira, em que observamos o eclipse do Sol de 23 de abril, atravessamos com caminho de Poente a nascente para a cabeceira do Parimé, que fica menos de três léguas, donde muito melhor, e sem dúvida se descobre a cadeia ou muralha de serra, que vem desde o Mau, como temos dito e se estende além de S. Rosa, muito mais para o Poente pela Latitude de 4° de Norte.

Ali soubemos que os missionários barbadinhos tinham descido pela mesma quebrada das serras, por onde vieram depois os espanhóis com mão armada, sendo impraticável a descida pelas outras partes da serra pela altura e escarpado dela, nesta jornada andamos com um velho de Nação Erimissana, por nome Apaicá, cuja habitação está quase sobre o Parimé, que tinha ajudado aquele assassinato, a que deu causa a imprudência dos tais missionários, que vieram meter-se para dentro destes domínios tão notáveis pelas vertentes dos Rios, e pelas altas serras que as separam.

O Rio Parimé não corria na sua fonte, coisa sensível, mas estava toda em poços a água, e se deve considerar aquele pequeno Rio, como um esgoto das campinas adjacentes sem que tenha nenhum Lago de verão, e muito menos cercado de altas serras por toda a circunferência, como fabulizaram tantas cartas impressas em Europa.

Depois de obtermos estas claras ideias do que nos foi ordenado, nos recolhemos para a Fortaleza de S. Joaquim para dali irmos outra vez tentar a diligência de averiguar as fontes do Rio Trombetas e Urubu, a qual só por marchas de campo se pode fazer, mas o inverno nos vinha como seguindo desde o Poente, de onde trazíamos a nossa derrota, e começaram logo tão grandes chuvas, que as campinas alagadas não permitiam as marchas de pé, para que ultimamente V.Exª nos havia prevenido com as barracas de campanha, e oleados para cobrir as caixas dos instrumentos astronômicos.

Será, contudo, muito útil praticar-se esta averiguação a todo o tempo que se puder fazer, para se reconhecer a extrema que devemos ter com os holandeses, e mesmo com os franceses de Caiena, quando se houver de tratar algum ajuste de limites com estas colônias confinantes, como também da mesma forma, e para o mesmo fim se deverão examinar as cabeceiras dos Rios Rupununi, e Anáoau, que se diz formam as vertentes entre os sobreditos portugueses e holandeses domínios, como somente pelas notícias adquiridas se figura, ou demonstra no pequeno mapa adjunto ao total referido nesta' participação.

É o que podemos informar a V. Exª, que Deus guarde por muitos anos. Barcelos, 19 de julho de 1781. – Ricardo Franco de Almeida Serra, Capitão Engenheiro. – Dr. Antonio Pires da Silva Pontes. (SERRA)

Manoel da Gama Lobo de Almada (1787)

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

TOMO XXIV.

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1861

DESCRIÇÃO

RELATIVA AO RIO BRANCO

E SEU TERRITÓRIO,

POR

Manoel da Gama Lobo de Almada

ANO DE 1787

A seguinte descrição, que faço depois das pessoais explorações ([13]), que de ordem de Sua Majestade acabo de executar pelo Rio Branco, e seus confluentes, contém:

1° uma relação do Rio Branco; de onde, e quais são as principais vertentes ou cabeceiras dele, e todas as suas fontes;

2° a grande, e unida cordilheira de montes, que borda o alto desta fronteira;

3° quais são as nações estrangeiras confinantes; e como elas se podem comunicar para estes domínios portugueses. Demonstrando-se por uma coleção de documentos, que se acham autenticados nos seus competentes arquivos, as injustas pretensões dos espanhóis ao Rio Branco, e o direito que Portugal tem a este Rio, e seus confluentes: acrescentados os ditos documentos, das notas, que me pareceram convenientes para melhor inteligência;

4° alguns dos produtos naturais desta região: a propriedade da sua agricultura e do seu comércio.

5° o atual estado da população em geral: e de cada uma das povoações em particular;

6° as nações de gentilidade que habitam os matos, e montanhas do País, os meios de descer esta gente, e colonizar com ela o Rio;

7° finalmente, a fortificação que existe, as suas vantagens, e defeitos. Com um mapa da guarnição militar.

As duas estampas, que ajunto ao fim, contém: a I. uma carta geográfica do Rio Branco, e seus confluentes e a II. a sua fortificação.

---

[13] 1787.

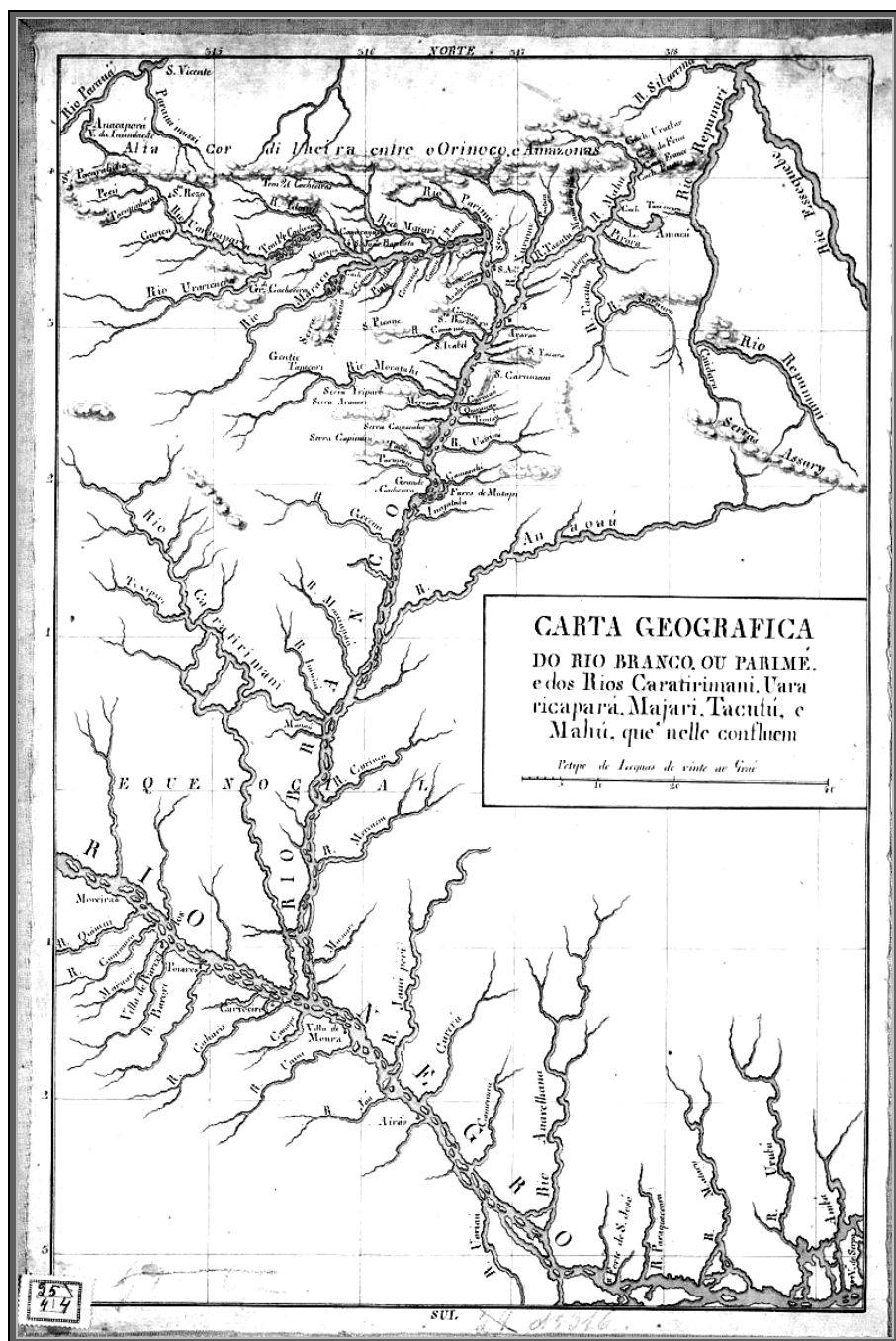



Imagem 05 – Estampa I – Carta Geográfica do Rio Branco

ARTIGO I

Rio Branco, e suas Fontes

O Rio Branco, que deságua por três bocas na margem Setentrional do Rio Negro, tem a sua verdadeira Foz, ou principal Boca em 1°28’ de Latitude Meridional, na Longitude de 315°40’ ao Oriente da ilha do Ferro.

Esta Boca que é a mais Oriental, dista da segunda, duas milhas; e da terceira três léguas: a terceira Boca se denomina Furo de Amayau. [Veja-se a carta geográfica].

O Rio Branco tem a sua origem, ou as suas cabeceiras e principais vertentes em uma cordilheira de altas serras; cuja cordilheira descrevo, particular e separadamente no Artigo II.

As copiosas, e continuadas chuvas, que ali se ajuntam, se desatam das montanhas pela costa austral em torrentes de águas, que unidas umas às outras, se vão engrossando mais e mais, até que formalizam os Rios Urariquera, Uraricapará, Idumé, Amajarí, Parime, Surumu, e Mau, que são as principais fontes do Rio Branco, porque por estes Rios deságua a maior quantidade das águas vertentes dele. [Veja-se a dita carta]

A direção geral a que sobe o Rio Branco, é no rumo do Norte. A sua continuação, com o nome de Urariquera, na direção de Oeste.

Urariquera

O Rio Urariquera [assim chamado ao Rio Branco até à sua confluência com o Rio Tacutu] além de trabalhosas e arriscadas cachoeiras, que de Caiacaia para cima tem ele da sua confluência com o Rio Uraricapará para riba, é muito difícil de navegar; porque encontrando logo as serras por onde recebe águas, vai subindo por cachoeiras sobre cachoeiras, que dificultam totalmente o passo.

Em vista destes embaraços, e persistindo eu constantemente em buscar subir a altura que me pudesse determinar a Latitude das cabeceiras ou vertentes do Rio Branco; naveguei pelo Rio Uraricapará águas acima até onde ele me deu passo, sempre por entre serras, e por cima delas, montando continuadas cachoeiras, até que desembarcando do Igarapé Araicuque, que deságua no Uraricapará pela margem Ocidental, segui daí em diante por terra; e fazendo caminho pelas serranias da cordilheira, na direção do quarto quadrante puxando para Oeste, cheguei às águas vertentes do Rio Uraricapará; e ainda avancei, passando à costa Boreal da cordilheira; aonde as águas já deságuam para o Orenoco; como explico melhor no Artigo II em que descrevo a cordilheira.

Uraricapará

O Uraricapará é o Rio mais Ocidental, que da cordilheira corre para o Rio Branco, ou Urariquera; no qual deságua pela margem Setentrional em 3°23’ Boreais, na Longitude de 315°24”.

As suas águas vertentes ou cabeceiras [às quais cheguei como deixo dito] estão por 4°03′ de Latitude Setentrional, e na Longitude de 314°21′.

Idumé, Amajarí, Parime

Os Rios Idumé, Amajarí, e Parime deságuam também no Urariquera pela margem Setentrional. O Idumé ao Oriente do Uraricapará cinco léguas. O Amajarí mais abaixo vinte e uma. E o Parime nove léguas.

Surumu

O Rio Surumu deságua no Rio Tacutu pela margem Setentrional, dez léguas acima da Fortaleza de S. Joaquim. Este Rio, estreito, e sumamente embaraçado, é navegável poucos dias, e só em canoas pequenas e ligeiras.

Por este Rio acima montei vinte e uma cachoeiras, e cheguei até à cachoeira do Cunauaru, assim chamada por ser produzida da serra Cunauaru, que lhe está contígua. Esta serra é uma das da cordilheira.

Daí para cima é o Rio fechado de pedrarias, produzidas das serranias da mesma cordilheira, pelas quais vem despenhadas as águas, que tem a sua origem na continuação, e espessura da dita cordilheira.

O Rio Surumu, como digo, tem a sua origem, não no Lago Aparim [como parece que se entendia]. Mas sim nesta cordilheira de serras, as quais do mesmo modo dão as vertentes dos mais Rios, que são fontes principais do Rio Branco, e como as suas principais vertentes.

O modo porque o Rio Surumu se vai arrumando, internando-se pelas serranias da cordilheira, persuade a verdade de ser na dita cordilheira a sua origem; mas além disso, assim me foi afirmado por uma partida que deitei por terra com guias bem práticos, às cabeceiras do Rio, enquanto eu pela sua Foz o fui subindo

E assim o afirmam também constantemente os tapuias gentios nacionais, e habitantes da mesma cordilheira, com os quais falei nas suas malocas sobre as mesmas serras a que subi: e eles asseguram e repetem unanimemente que em todo o Rio Surumu não há Lago algum; que as serranias da cordilheira é que dão as vertentes deste Rio.

Mau

O Rio Mau tem a sua Foz na margem Setentrional do Tacutu, doze léguas acima da do Surumu. O Mau é o Rio mais Oriental que da cordilheira recebe águas para o Rio Branco.

Tacutu

O Rio Tacutu deságua no Rio Branco pela margem Oriental dele, na Latitude Setentrional de 3°01’. Longitude 316°56’. Da sua confluência com o Rio Urariquera, até a Foz do Rio Surumu sobe ao Norte.

Da Foz do Surumu até à do Mau continua ao Nordeste: e daí por diante até as suas cabeceiras por 2°30’ Boreais, vai ao sul. Este Rio tem as suas principais vertentes nos campos do Rio Branco; em

cujos campos cortados de pântanos, e serranias, tem também a sua origem o Rio Rupununi ([14]). Do Tacutu para o Rupununi se pode comunicar por breves trajetos de terra, principalmente por meio do Igarapé Sarauru, que deságua no Tacutu pela margem Oriental.

Maracá

O Maracá é um pequeno Rio que tem a sua embocadura na margem austral do Rio Urariquera, acima da Foz desde vinte e sete léguas.

Igarapés de Pouco Curso, que Deságuam no Rio Urariquera

No Rio Urariquera desembocam mais, os Igarapés seguintes: pela parte do Norte, o Cauarapuru, Camaraioá, Caiacaia ([15]), Sereré.

E da parte do Sul; Maripamarí, Camu, Perre, Truaré; todos de pouco curso, além de alguns outros, ainda mais insignificantes. E eis aqui todas as fontes, que até à Fortaleza de S. Joaquim deságuam na parte superior do Rio Branco.

Agora direi os mais Rios que desembocam nele depois da confluência do Rio Tacutu com o Rio Urariquera; daí para baixo, denominado Rio Branco.

---

[14] Rio Rupununi: deságua no Rio Essequibo, e este no mar do Norte. No Essequibo tem estabelecimentos os holandeses.

[15] Caiacaia ou Cada Cada: Igarapé junto do qual estiveram intrusamente situados os espanhóis, em um lugar elevado, aonde ainda se vê as paredes arruinadas de uma casa.

Anauau

Da parte Oriental deságua o Rio Anauau em 56’ Boreais. Este Rio na maior enchente [que é quando eu o naveguei] tem pouco mais de 12 braças na sua maior largura. De 5 dias da sua navegação para cima, é todo uma calçada de pedrarias, que formalizam quantidade de cachoeiras, e imensos secos.

De 13 dias para riba estreita o Rio tanto mais, que continua em seis para 8 braças de largo. As canoas daí em diante são levadas à vara, porque o álveo do Rio, que em muitas partes já não contém de fundo mais de 5 palmos de águas, não permite remar-se por meio de tantos secos.

Finalmente o Rio Anauau é só navegável dois ou três meses, que durará a sua maior enchente. Até ao termo onde subi, montei cinquenta cachoeiras, que são outros tantos passos de dificuldade, daí em diante já se não pode navegar sem muito embaraço, é preciso atravessar por terra para se chegar às suas cabeceiras, que são junto da serra do Açarí, segundo dizem os tapuias práticos nacionais do mesmo Rio. Esta travessia de terra para as ditas cabeceiras, dizem os mesmos práticos ser de dez dias, e por matos ora alagados, ora montuosos. Esta a narração do Rio Anauau, pela qual me parece se pode formar toda a ideia dele.

Curiucu e Meneuiní

Na mesma margem Oriental, deságuam mais dois pequenos Rios, que acabam logo. O mais alto chamado Curiucu tem a sua Foz vinte e 2 léguas ao Sul da do Anauau.

O segundo chamado Meneuiní, 4 léguas mais abaixo. Os Rios que deságuam na parte Ocidental do Rio Branco são, Mucajaí, Caratirimani, e Sereviní.

Mucajaí

O Mucajaí, tem as suas cabeceiras perto das dos Rios Maracá, e Caratirimani, e a sua Foz quatorze léguas abaixo da Fortaleza de S. Joaquim.

O Caratirimani, e o Serevini, estes dois Rios sendo encarregado o exame deles a dois oficiais da minha Expedição o Sargento-mor engenheiro, e o Doutor matemático também engenheiro, contém o resultado dos seus exames, em substância.

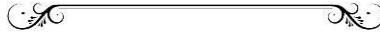
Caratirimani

Enquanto ao Caratirimani: que ele tem a sua foz em 26° ao Norte. Que de quinze dias de navegação para cima, o Rio estreita, e os embaraços de cachoeiras se multiplicam tanto mais, que foram precisados a seguir em canoinhas nimiamente ([16]) pequenas; e que nessas mesmas subiram sete dias mais, e assentaram que dali podiam fazer todo o juízo preciso daquele Rio, que já não poderia ir muito longe.

Que até a esse termo a que subiram, montaram quarenta cachoeiras tendo chegado a perto de 2° de Latitude Boreal.

Que o Rio se representa não vir imediatamente da grande cordilheira; mas sim de outros terrenos mais apartados dela.

---

[16] Nimiamente: muito.

Sereviní

No que pertence ao Rio Sereviní concluem, que não é, apropriadamente falar, mais do que um Lago, que acaba logo; que é de água preta; e que deságua no Amaiau, Boca mais Ocidental do Rio Branco. A foz do Sereviní, dista da do Caratirimani trinta léguas.

Igarapés que Deságuam na Margem Ocidental do Rio Branco

Na mesma margem Ocidental, deságuam mais seis Igarapés denominados, principiando pelo mais alto, Tacune, Cahumé, Mariuanin, Iarani, Eneuini, e Tarimauana. Tenho referido todas as fontes do Rio Branco; deixando só de fazer menção de alguns pequenos Lagos, e de alguns Igarapés de mui pouco curso.

ARTIGO II

Pelo alto da fronteira do Rio Branco, corre uma grande, e unida cordilheira de montes ou serranias em 4° de Latitude Setentrional, na direção de Leste Oeste. [Estampa 1ª] A porção desta cordilheira ou cadeia de serras, que compreende o espaço da fronteira e parte superior do Rio Branco, está entre as Longitudes de 314° e 318° Orientais à ilha do Ferro; isto é, entre as cabeceiras dos Rios Urariquera e Uraricapari; e a margem de Oeste do Rio Rupununi. Sobre a sua continuação: pela parte do Oriente, acompanha desde as cabeceiras do Rio Mahu, a margem Ocidental do Rio Rupununi para a parte do Norte.

E para o Ocidente, ela continua a ver-se sem ser interrompida, conservando a mesma corda de serranias contíguas, e numerosas. Segundo M. d'Anville, a ponta mais Ocidental desta cordilheira, vai terminar-se abraçada pelo seio que faz o Rio Orenoco na sua cabeceira; como se pode ver da sua carta da América Meridional.

Para se lhe terminar com precisão a espessura, seriam necessárias as Latitudes da costa Boreal, tomadas pelos Rios acima que da dita cordilheira deságuam para o Orenoco, tendo-se [como já temos] semelhantemente as da costa Meridional em toda a extensão da fronteira do Rio Branco. Duas linhas, uma traçada pelos pontos das Latitudes da costa Boreal, e outra pelos pontos da costa Meridional, o espaço entre estas duas linhas, nos daria a espessura da cordilheira. De outra sorte a sua espessura é interminável, porque formalizando-se a três e três serras, a quatro, até cinco, e mais, além de inumeráveis montes maiores e menores, que intermedeiam, e unem as altas serranias que a formalizam, vai decorrendo à maneira de um Rio, que descrevendo imensas curvaturas, se representa ora mais largo, ora mais estreito.

Desta cordilheira aquela porção que compreende esta fronteira, pode considerar-se como uma barreira entre a região do Orenoco, e a do Rio Branco, porque ela existe [nesta parte] entre estes dois grandes Rios; dando vertentes para ambos eles. Para a parte do Norte, correm as águas vertentes de Rios que são fontes do Orenoco, como o Parauá, Parauá-muxí, Caroni, Anucaprá, e outros, que para se examinarem seria preciso entrar pela região do Orenoco, domínios de Espanha: contudo, no Rio ou igarapé Anucaprá estive eu, onde tapuias habitantes dele, desertados de povoações espanholas, me informaram de como os ditos Rios desaguavam no Orenoco: estes tapuias

conservavam alguns termos do idioma espanhol, e também isso me persuadiu da verossimilhança das notícias que eles me davam do Orenoco.

Eu pensava internar-me por todos estes Rios fontes do Orenoco, e verificar por mim mesmo estas notícias que se me davam, mas não tendo eu nem a menor insinuação para me adiantar a tanto, receei envolver a Corte em alguma responsabilidade política, se eu me adiantasse sem ordem a entrar mais pelos domínios de Espanha.

Ora assim como as águas vertentes que a cordilheira lança pela encosta Setentrional deságuam para o Orenoco assim esta mesma cordilheira arroja pela encosta austral as águas vertentes do Rio Branco, pelos Rios Urariquera, Uraricapará, Idumé, Amajarí, Parime, Surumu, e Mahu, que são as principais fontes do Rio Branco, como deixo dito no Artigo I. As serras Ocidentais são cobertas de matos frondosos, e de grossas árvores, que indicam bem a fertilidade do terreno; com quantidade de frutos silvestres mui saborosos, e caça bastante.

As chuvas foram copiosas, e continuadas enquanto por lá andei; e me informaram os tapuias nacionais, que as águas são ali frequentes. As serras Orientais ao contrário, são escalvadas ([17]), faltas de mato, com grandíssimos penedos, e pedrarias inumeráveis. Se elas contém, como se diz, algum mineral rico, eu não o afirmo mas o que sei é, que elas tem uma espécie de cristais ([18]), que se lhe acham superficialmente logo que se lhe cava a primeira crosta de terra: o caráter constante destes cristais, é serem da figura de um prisma hexagonal acabando todos piramidalmente.

---

[17] Escalvadas: destituídas de vegetação.
[18] Cristais: quartzo.

Eu estive em uma destas serras no lugar em que os holandeses cavaram, e tiraram dos tais cristais; mas nem se sabe que achassem coisa de valor, nem que eles repetissem o exame.

Eu que também fiz escavar, em diferentes lugares destas serras, mesmo na minha presença, não encontrei coisa de maior estimação; contudo para se fazer um juízo decisivo neste particular seria preciso empregar na direção, e exame da escavadura, homem prático, e esta averiguação não é de dias, há de levar mais tempo.

ARTIGO III

Nações Confinantes

As nações estrangeiras confinantes e fronteiras do Rio Branco, são os espanhóis da região do Orenoco, e os holandeses da de Suriname. Descreverei como estas nações se podem comunicar para o Rio Branco.

Espanhóis

Os espanhóis podem descer por qualquer dos Rios que da cordilheira deságuam para o Rio Branco: mas como quer que seja, para se passar do Orenoco imediatamente para o Rio Branco, precisamente se há de atravessar a sobredita cordilheira de montanhas; e já se vê que os caminhos de comunicação do Orenoco para o Rio Branco, podem ser tantos, quantos são os pontos da cordilheira em toda a extensão desta fronteira.

As tentativas dos espanhóis sobre o Rio Branco, se viram já reduzidas a prática. A ambição de estender domínios por possessões alheias, os conduziu do Rio Orenoco ao Rio Parauá, e deste ao Parauá-muxi, e Igarapé Anucaprá, e atravessando pela cordilheira a grande serra Pacaraima, virem situar-se na margem Oriental do Rio Uraricapará, cujo lugar denominaram Santa Rosa, e daqui descendo para outro lugar, a que deram o nome de S. João Batista, junto do Igarapé Caiacaia, ou Cada Cada, na margem Setentrional do Rio Urariquera; Rio Branco até vinte e cinco para trinta léguas abaixo da Foz dos Rios Mau, e Parime; que vinha a ser ainda muito por baixo da situação em que temos a nossa Fortaleza.

Os perigos em que se viram nas trabalhosas passagens de tão incomodas e perigosas cachoeiras, os escabrosíssimos passos da montanha, não lhe serviram de obstáculo para deixarem de efetuar os sobreditos intrusos estabelecimentos no Rio Branco, onde foram aprisionados no ano de 1775.

Holandeses

Os holandeses do Suriname não tem passo tão dificultoso, pois subindo o Essequibo, Rio em que eles já tem estabelecimentos, vem ao Rio Rupununi, de que conhecem a navegação, e do Rupununi com facilidade pisam as campinas do Rio Branco, situadas entre o mesmo Rupununi, e o Rio Tacutu, continuação mais Oriental do Rio Branco; em cuja porção de campos alagados e pantanosos, cortados de serranias, tem as suas vertentes os Rios Rupununi, e Tacutu. Este espaço pois, limitado ao Norte pela cordilheira, ao nascente pelo Rupununi, e ao poente pelos Rios Mau e Tacutu, é um espaço de terreno todo de comunicação dos domínios holandeses para o Rio Branco.

Sabe-se que pelo Rio Mau subindo-se ao Igarapé ou Rio Pirara se desembarca, e com o trajeto de doze léguas de terras, se saí no Rupununi. Comunicação esta, que foi achada e reconhecida pela Expedição do ano de 1781, a que foram o Dr. matemático Antonio Pires, e o Capitão engenheiro Ricardo Franco, quando naquele tempo, pelos seus exames pessoais, com imenso trabalho e aplicação formaram outro mapa do Rio Branco e seus confluentes.

Mas a comunicação mais fácil, parece ser a que encontrei e reconheci na altura das cabeceiras do Rupununi pela Latitude de 2°53′ Boreais, Longitude 318°06′ pois que dali com um trajeto de terra de duas horas vem dar-se ao Igarapé Sarauru, que deságua no Tacutu, e este no Rio Branco; não sendo esta comunicação, da margem do Rupununi, à nossa Fortaleza, de mais tempo do que de cinco dias. [Estampa I – Letra B]

Digo parecer esta comunicação por mais breve, a mais fácil dos domínios holandeses para o Rio Branco; por ser neste ponto o em que mais se ajunta o Rupununi com o Tacutu, pelo Igarapé Sarauru; pois dali em diante, bem se percebe mesmo da configuração do terreno, e da posição dos montes e serranias, que no Tacutu não haverá outro ponto de maior aproximação com o Rupununi.

De tudo isto se deduz, que assim como a cordilheira, que corre pelo alto desta fronteira, é uma baliza natural que dividindo as vertentes do Orenoco, das águas vertentes do Rio Branco, há de precisamente ser atravessada, para por esta parte, haver comunicação dos domínios de Espanha para os de Portugal, assim também todo o terreno que decorre entre os Rios Mau, Tacutu e Rupununi, é um espaço que naturalmente baliza por ali a comunicação dos domínios holandeses, e portugueses.

Franceses

Sobre o ter lembrado se os franceses de Caiena poderiam comunicar-se para o Rio Branco, alcanço dos exames pessoais em que me tenho empregado, que este Rio, e todas as suas fontes ficam muitas léguas ao Oeste de Caiena, e do Cabo do Norte; além disto, não encontrando eu por parte alguma do Rio Branco, notícia do nome francês, mais me persuado da dificuldade da sua comunicação e assento que sem uma convenção dos holandeses de Suriname com os franceses, não poderão estes passar ao Rio Branco; tendo necessariamente para isso de atravessar pelos domínios holandeses.

Direi alguma coisa mais, para me fazer entender.

Do Rio Maruní, que divide os franceses dos holandeses na Guiana, não se pode facilitar comunicação para o Rio Branco, visto que o Maruní fica a Leste do Rio Suriname, do qual só atravessando-se o interior do País, se pode passar ao Essequibo, e deste ao Rupununi, para vir aos campos do Rio Branco. Ora Caiena está a Leste do Maruní, portanto, a dificuldade aumenta.

Para se dizer que eles poderiam subir por algum dos Rios que tem na Costa da Guiana, suponhamos pelo Rio Oiapoque, que do Cabo Orange atravessa e entra mais pela Guiana, que subindo este Rio, passassem das suas cabeceiras para as do Rio Anauarapucu ([19]) que se diz serem contíguas; e pela parte superior do Rio Anauarapucu descerem e atravessarem para Oeste dele a buscarem os campos do Rio Branco.

---

[19] Rio Anauarapucu: tem a sua Foz ao Sul de Macapá, pouco acima do Rio Matapi. No Matapi são as mais das roças dos lavradores de Macapá.

Esta passagem, que tem por medida muitas léguas quadradas, compreendendo terrenos já alagados, já montuosos, já matos serrados, sem Rios seguidos que possam utilizar-se, me faz entender que é muito dificultoso procurarem por ali os franceses o Rio Branco, entretanto que o interesse de tamanho trabalho não se representar capaz de o pagar.

O que me parece mais, atendendo ao estado presente das cousas é que os franceses não intentam nem terão preensões a este território, ainda que será talvez pela falta de facilidade, como nós também experimentamos, para nos internarmos pelo apreciável Rio Amazonas, e seus grandes, e numerosos braços que os holandeses só querem, das serras que existem entre este Rio e o Orenoco, índios escravos, para fazerem os trabalhos das suas Colônias na costa da Guiana e que os espanhóis não perderam qualquer ocasião, que a oportunidade, ou o nosso descuido lhe facilite de renovarem as suas pretensões ao Rio Branco; como se vê da seguinte coleção. (ALMADA)

Francisco J. R. Barata (1798/9)

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

1° TRIMESTRE DE 1846.

DIARIO

DA VIAGEM QUE FEZ A' COLONIA HOLLANDEZA DE SURINAM O PORTA BANDEIRA DA SETIMA COMPANHIA DO REGIMENTO DA CIDADE DO PARA', PELOS SERTÕES E RIOS D'ESTE ESTADO, EM DILIGENCIA DO REAL SERVIÇO.

OFFERECIDO

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Francisco de Sousa Coutinho, cavalleiro professo da Sagrada Religião de Malta, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, chefe d'Esquadra da Sua Real Armada, e governador e capitão general das capitanias do Pará e Rio Negro, etc., etc., etc.

(Manuscripto offertado ao Instituto pelo socio effectivo o Exm. Sr. desembargador Rodrigo de Sousa da Silva Pontes.)

Illm. e Exm. Sr.— A distincta honra de ser nomeado por V. Ex. para ir a Surinam, em diligencia do real serviço, é mais um motivo que me obriga, além de outros muitos, a offerecer ou apresentar a V. Ex., como parte da mesma diligencia, o breve e succinto *Diario*, que fiz d'esta viagem, ainda que trabalhosa, felizmente concluida debaixo das acertadas ordens, instrucções e auspicios de V. Ex., e a

TOMO VIII 1

Francisco José Rodrigues Barata

Consta-me que nasceu na Província, hoje Estado do Pará, depois do meado do século XVIII. Foi militar e faleceu no posto de Sargento-mor. Sendo Alferes Porta-bandeira da Sétima Companhia do Regimento de cavalaria da cidade de Belém e nomeado pelo Governador e Capitão-general D. Francisco de Souza Coutinho para ir à Colônia Holandesa de Suriname a fim de entregar uma Carta do Real Ministério ao Dr. David Nassi, residente nessa Colônia, escreveu:

- Diário da viagem que fez à Colônia Holandesa do Suriname o Alferes Porta-bandeira, etc. – Foi enviado ao governo em data de 29.04.1799 e saiu na RIHGB, Tomo 8°. A Biblioteca Nacional possui o original de 75 folhas assinado pelo autor.

Depois, já Sargento-mor, escreveu:

- Memória em que se mostram algumas providências tendentes ao melhoramento da agricultura e comércio da Capitania de Goiás escrita e dedicada ao Conde de Linhares – É datada de 1804 e saiu na mesma Revista, Tomo 11°. Acompanha este escrito um grande mapa dos rendimentos da Real Fazenda da Capitania de Goiás e sua despesa, calculada desde 1762 até 1802, pelo qual se mostra a sobra que houve nos rendimentos dos primeiros anos, e depois o excesso da despesa.
- Memória sobre a Província de Goiás, seu descobrimento e população. Lisboa, 1806 – Esta, assim como a memória anterior, existia, em 1848, no Arquivo Militar. (BLAKE)

Da Viagem que fez à Colônia Holandesa de Suriname o Porta Bandeira da Sétima Companhia do Regimento da Cidade do Pará, pelos Sertões e Rios Deste Estado, em Diligência do Real Serviço [1798]

OFERECIDO

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Francisco de Sousa Coutinho, cavaleiro professo da Sagrada Religião de Malta, do conselho de Sua Majestade Fidelíssima, chefe d'Esquadra da Sua Real Armada, Governador e Capitão General das Capitanias do Pará e Rio Negro, etc, etc, etc.

Ilm° e Exm° Sr. – A distinta honra de ser nomeado por V. Exª para ir ao Suriname, em diligência do Real Serviço, é mais um motivo que me obriga, além de outros muitos, a oferecer ou apresentar a V. Exª, como parte da mesma diligência, o breve e sucinto Diário, que fiz desta viagem, ainda que trabalhosa, felizmente concluída debaixo das acertadas ordens, instruções e auspícios de V. Exª, e a primeira que daqui se empreendeu e executou por este caminho, ou navegação. No decurso do mesmo Diário, e com mais extensão no fim dele, achará também V. Exª os motivos, em que me fundo, para esperar desculpa aos seus defeitos, especialmente pela moléstia que tenho padecido, e pela brevidade com que me foi necessário escreve-lo, para obedecer em tudo e prontamente às respeitáveis ordens de V. Exª. Sobretudo porém a benignidade de V. Exª é o maior fundamento das minhas esperanças, não só para as ditas faltas, mas para todas as mais, em que possa ter caído contra as minhas intenções, bem patentes a V. Exª, cuja grandeza também é só quem pode melhorar, e dar algum valor à minha apoucada fortuna, e ao meu demérito.

Com esta consideração, e com o respeito, e todas as mais ideias, que dela nascem, eu invoco, e inteiramente me entrego à poderosa proteção de V. Exª, cuja preclaríssima pessoa e preciosa vida dilate Deus muitos anos para bem dos seus súditos.

Pará, 29 de abril de 1799. De V. Exª reverente súdito, e o menor criado

– Francisco José Rodrigues Barata –

DIÁRIO DA VIAGEM FEITA À COLÔNIA HOLANDESA DE SURINAME

Encarregando-me o Ilm° e Exm° Sr. D. Francisco de Sousa Coutinho, Governador, e Capitão-General do Estado do Pará e Rio Negro, a entrega de uma carta dirigida pelo Real Ministério ao Doutor David Nassí, residente na Colônia Holandesa do Suriname, e recebendo do dito Sr. as ordens, instruções e passaportes necessários, dei princípio a esta diligência, da qual seguindo a ordem dos dias farei uma breve e tosca, porém exata narração, tocando de passagem as coisas mais notáveis que encontrei na minha viagem, e nos Rios, lugares, Vilas e cidades por onde transitei, assim dos domínios portugueses, como da Guiana.

Ano de 1798

Março 30

Parti da cidade do Pará, capital do Estado do mesmo nome, no dia 30.03.1798, às 09h00, e seguindo viagem com a enchente fui entrar no Rio Moju, e esperar maré no engenho de Jequeriassu, pertencente a José Ferreira. [...]

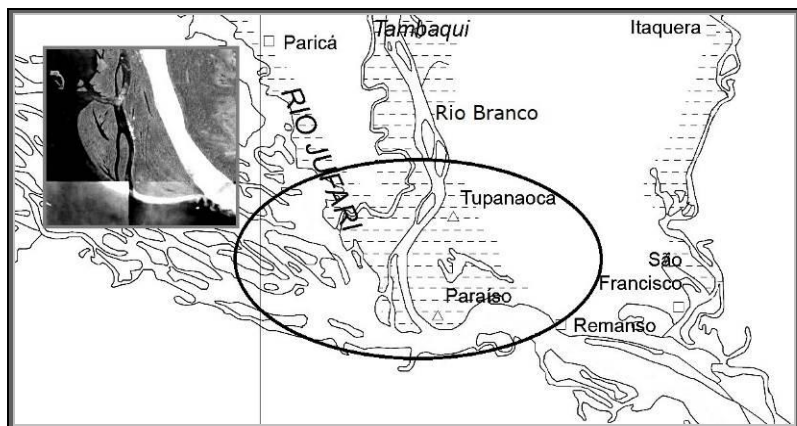



Imagem 06 – Boca do Rio Branco (DNIT)

Julho 21

De madrugada atravessamos o dito Rio para a parte de Norte, e entramos pela Boca superior do Rio Branco [digo Boca superior, porque lança as suas águas no Negro por mais Bocas ou canais, que se formam por diferences e dilatadíssimas ilhas], e cheguei, pelas 20h00, à Boca superior do canal chamado Majau.

22

De manhã entrei no Rio Branco, isto é aonde ele traz todas as suas águas, de que é riquíssimo, porque outros muitos, e assim mesmo alguns Lagos deságuam nele. É abundante de peixe e de tartarugas, de que fazem os seus habitantes o seu ordinário sustento, e dos seus ovos fabricam manteiga. Algumas das terras que ele banha com as suas águas são férteis e próprias para a cultura do cacau e café. Tem vastas campinas, que dizem ser próprias para gado vacum e cavalar, pela propriedade e bondade dos seus pastos, e com efeito já nelas tem três pequenas fazendas, das quais uma pertence a Sua Majestade, e todas juntas poderão ter novecentas a mil cabeças de gado.

Pelas 10h00, chegamos ao Pesqueiro, que fica próximo ao lugar de Santa Maria, e no restante do dia mandei os índios buscar cipó para fazer as competentes cordas para passar as cachoeiras. Chama-se a esse lugar Pesqueiro porque em outro tempo estava nele a Feitoria de peixe e tartarugas para os empregados nas reais demarcações.

Hoje porém existe nele um soldado com alguns índios e índias, que cultivam mandioca para farinhas, com as quais são municiadas as Praças militares destacadas na Fortaleza de São Joaquim, e algumas outras que por ali passam, bem como eu fui.

O dito lugar de Santa Maria se acha situado na margem direita do dito Rio, e a sua população é muito pequena, pois não excederá a trinta pessoas, e não tem comércio ou agricultura de qualidade alguma.

23

Antes de romper o dia partimos do dito Pesqueiro, e juntamente o Reverendo Padre João Duarte, vigário das freguesias deste Rio, e Capelão da Fortaleza dele, e seguindo pela mesma margem chegamos ao anoitecer a uma praia onde não consta que pessoa alguma chegasse em um dia, vindo do dito lugar, o que nós fizemos, porque as equipagens das canoas remaram à porfia de qual iria adiante, conservando-se desta sorte por todo o dia com admiração nossa.

24

Partimos de madrugada, e costeando pela margem esquerda fomos chegar, pelas 09h00, ao lugar do Carmo, o qual se acha em terreno alto e agradável.

A sua população é pouco numerosa. Não tem comércio nem agricultura. Aqui ficamos o resto deste dia,

não só para se aprontarem alguns índios, que me deviam acompanhar, mas também para se fazerem as cordas do cipó que havia trazido do Pesqueiro; o que tudo ficou concluído pelas 19h00.

25

Depois de ouvirmos missa partimos [deixando o Padre com sentimento nosso], e continuando pela mesma margem fomos pernoitar no Surumu, às 20h00.

26

Seguimos viagem, e pernoitamos no lugar onde em outro tempo esteve uma Feitoria de peixe.

27

De madrugada continuamos pela mesma Costa, e, às 19h00, chegamos a Caranapatuba, onde ficamos.

28

Antes de romper o dia largamos do dito lugar, e pernoitamos no sítio chamado Maguari.

29

De manhã continuamos a nossa viagem pela margem direita, e anoiteceu-nos pouco acima do lugar onde em outro tempo esteve a Povoação de Santa Maria Velha, a qual hoje não tem ninguém.

30

Partimos de madrugada, e chegamos ao Rabo da Cachoeira, às 07h00 [chamam Rabo da Cachoeira onde acabam e principiam as grandes correntezas], e, às 08h00, chegamos à pancada da mesma.

Descarregamos os mantimentos e o mais em terra, e depois tratou-se de passar as canoas, para o que mandei atravessar a nado parte dos índios para uma pequena ilha, e a outra parte ficou em terra, e fazendo passar por meio de uma linha de pescar uma das cordas de cipó para a dita, e a outra para a terra, me meti à cachoeira, que assim se chamam aqui vulgarmente as catadupas, que se encontram na maior parte dos grandes Rios deste continente, bem como em alguns da África, da Ásia, e também da Europa, posto que muito menores.

Foi então a primeira vez que vi estas espantosas serras aquáticas cujo horroroso estrondo, medonha vista e iminentes perigos com que ameaçam, não deixam nas primeiras impressões de fazer acudir o sangue, ainda aos corações mais resolutos.

Entrei, pois, pelo pequeno Canal, que fica entre a dita ilha e a terra, e puxando-se por uma e outra parte pelas cordas, fomos com muito trabalho subindo: e assim que a canoa chegou a ficar elevada quase perpendicularmente sobre uma das pedras que formam a pancada ou salto, é que eu vi as cordas estiradas, e os índios assaz repelidos pela grande correnteza que pouca força lhe deixava para poderem puxar e suster a canoa, então julguei que esta se perdia, e os que estávamos dentro pereceríamos; porém o índio piloto era bom; pois que animando aos mais índios, e prometendo-lhes que eu, logo que concluíssem e pusessem fora da cachoeira a canoa, lhes daria aguardente, eles se esforçaram de tal modo que em menos de um quarto de hora nos puseram fora de todo o perigo.

Mandei logo dar-lhes a aguardente prometida, e tratamos de passar a outra canoa, o que se conseguiu em menos tempo, o que feito tornamos a embarcar os mantimentos e o mais.

Como porém depois deste trabalho era já mais de meio-dia, aqui se jantou e descansou, e pelas 14h00 continuamos a nossa viagem assaz trabalhosa neste dia por causa das grandes correntezas, das quais algumas não puderam os índios vencer a remos, sendo portanto preciso saltar em terra e puxar à corda.

As 20h00 pernoitamos encostados a uma grande pedra, que se acha no meio do Rio pouco abaixo do sítio chamado Matapi.

31

Continuamos por entre algumas ilhas, e às 16h00 fomos passar por defronte do lugar onde esteve a povoação denominada Conceição, onde hoje não habita pessoa alguma, e às 21h00 chegamos ao lugar de S. Filipe, que está em terra alta na margem esquerda do Rio. A sua população será de dez até quinze pessoas, e portanto não tem Diretor, nem comércio, ou agricultura.

Agosto 1°

Antes de amanhecer fomos continuando pela mesma margem, e às 07h00 chegamos defronte da serra Carumá, onde ficamos. Esta serra é muito alta, e se acha da parte direita do Rio, por onde à larga distância continua, seguindo depois a sua direção para o interior da terra, e parte do nascente.

2

Viajamos sem novidade até às 15h00, a cujo tempo passamos pelo lugar onde existiu a Povoação de Camame, na qual hoje não há sinais dela, e só apenas se divisam algumas árvores de frutas.

Continuamos, e, às 22h00, da noite fomos chegar à fazenda de gado vacum, pertencente a Sua Majestade, da administração da qual se acha encarregado um anspeçada ([20]), tendo por camarada a um soldado, ambos compreendidos no destacamento da Fortaleza. A fazenda tem pouco mais de trezentas cabeças, mas o seu gado é bem semelhante no tamanho ao da Europa, e mesmo na qualidade da carne, que é excelente; o que procede dos bons e salitrados pastos que ali tem.

Dizem que as campinas são vastíssimas e capazes de se estabelecerem nelas grandes fazendas; porém eu o duvido, porque elas não têm lugares sombrios onde possam descansar os gados, e alguns que têm são nas faldas das serras, que ficam a grande distância dos Rios, sendo-lhe portanto no verão muito dificultosa a água, a qual não tem no interior das campinas, e portanto lhe é preciso virem algumas léguas de distância, e beberem nos Rios.

Não nego contudo que se lhes possa introduzir muito mais gado do que tem, mas não concedo que se exagerem tanto estas campinas, quanto o pretendem fazer algumas pessoas.

3

Partimos desta fazenda de manhã, e chegamos à Fortaleza de S. Joaquim pelas 09h00. Aqui ficamos o resto deste dia, para se me aprontarem os índios que me deviam acompanhar, e juntamente para se fazerem alguns pregos que eram precisos, o que tudo se aprontou.

---

[20] Anspeçada: patente militar da cavalaria e infantaria superior ao soldado e inferior a cabo-de-esquadra. O termo deriva do italiano "*lancia spezzata*" significa – lança quebrada, em referência ao cavalariano que, perdendo a montaria, quebrava sua longa lança e passava a combater como infante.

Esta Fortaleza é pequena, mas regular, e se acha situada na Boca do Rio Tacutu, que ali deságua no Rio Branco, defendendo portanto a descida de qualquer inimigo, tanto por aquele, como por este Rio.

Tem a competente Guarnição Militar, que se compõe de um Comandante, que é o Alferes do regimento da cidade, Nicoláo de Sá Sarmento, um Sargento, um Cabo, e vinte e tantos Soldados dos regimentos de Macapá e cidade; tem também de guarnição alguns índios, que são mudados todos os meses, e pertencem às povoações do Rio Negro.

Além destes tem alguns mais, e índias que habitam no mesmo lugar, os quais para aqui passaram das extintas povoações deste Rio, quando os habitantes destas foram mudados para diferentes Vilas e Lugares do Amazonas e Rio Negro, cuja mudança ocasionou a fuga de uns outra vez para os matos, a morte de outros, e finalmente a perda daquelas e destas povoações, nas quais ficaram muito poucos.

4

De manhã cedo partimos da Fortaleza, levando em minha companhia três soldados dela para voltarem com os índios, que iam para ajudarem a varar as canoas por terra, e deixando o Rio Branco entramos pelo Tacutu, e fomos pernoitar na Boca do Rio Surumu.

É o dito Tacutu um dos maiores tributários que tem o Branco, pois que enriquecido ele das águas que lhe dão o Surumu, o Mau, o Sarauru [?] e outros, finalmente de todas lhe faz entrega junto à dita Fortaleza. É agradável não só pelas praias que tem, mas pelas campinas que de uma e outra parte oferecem vastíssima vista até elevadas e altas serras.

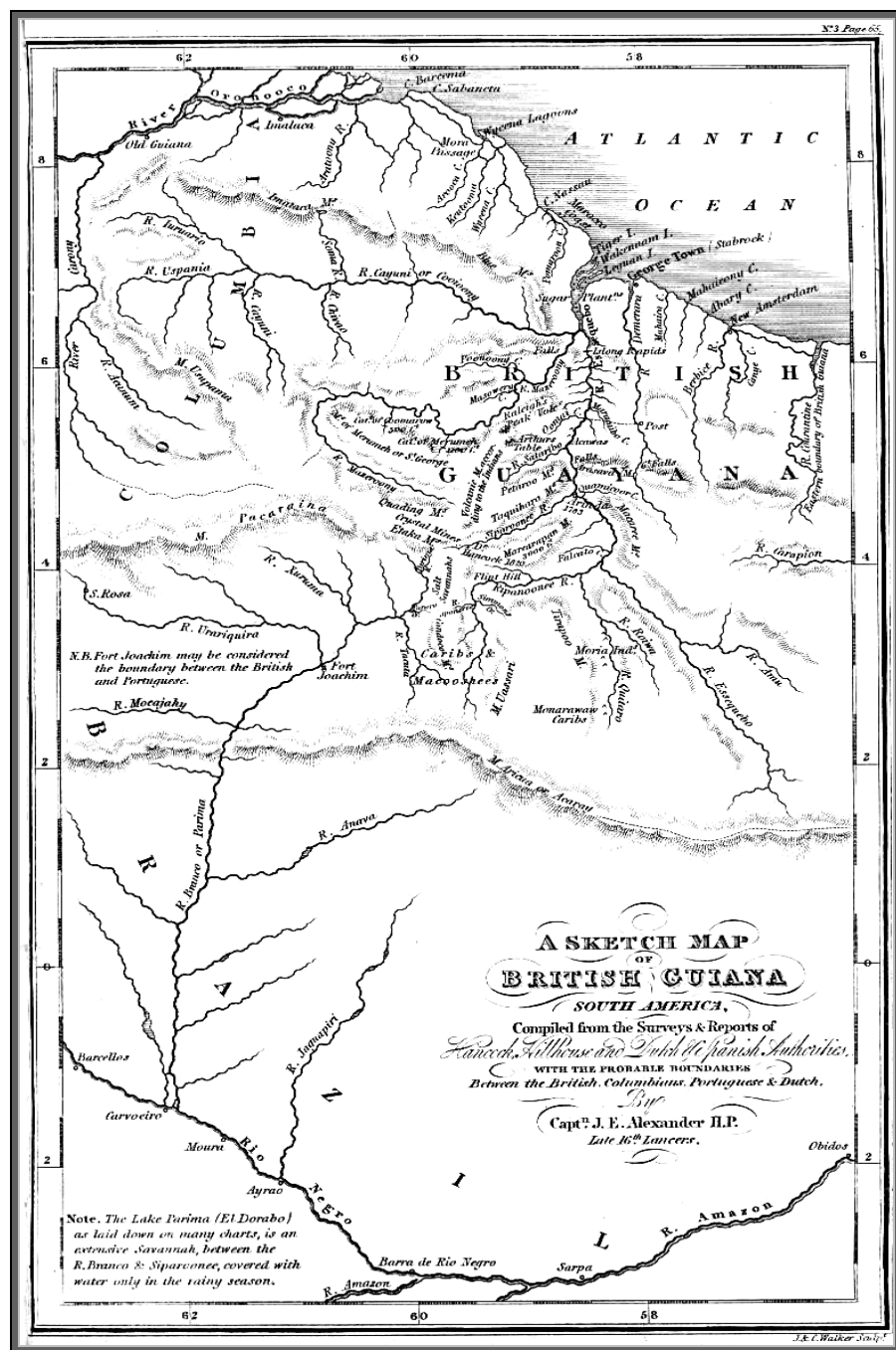



Imagem 07 – A Sketch Map of Britsh Guiana

5

Seguimos pelo mesmo Rio, fomos descansar na Boca do Rio Mau, do qual trataremos em outro lugar.

6

De madrugada largamos deste, e assim que viramos a primeira ponta avistamos na margem direita do Rio grandes labaredas de fogo; dirigimo-nos para esta parte e mandando remar surdamente e com todo o silêncio, chegamos perto e ouvimos falar; mandei escorvar as armas, e disse a um principal prático, que me acompanhava, e que era ciente da linguagem de diversas nações indianas, observasse qual seria a que ali estava, e ele assim o fez, e reconhecendo serem índios gentios da Nação Uapixana, ordenei ao principal lhes falasse, o que fez na mesma linguagem, a cujas falas eles corresponderam, o que vendo saltei em terra, e fui ver a sua habitação e trato, acompanhando-me os soldados e o dito principal.

Eles não tinham por casa mais do que algumas palhas encostadas nos troncos de frondosas árvores, debaixo de cujas árvores e palhas guardavam por motivo das chuvas o seu pobre trem, que apenas consistia em algum peixe moqueado ou assado a fogo lento, em alguns beijus [chama-se beiju a um pão chato fabricado da massa de mandioca], e alguns cabaços ([21]) de sal: aqui mesmo guardam as suas redes de dormir ou maqueiras quando chove; porque no mais tempo eles se achan quase sempre deitados nelas sem abrigo algum.

Tinham seus arcos e flechas, e algumas espingardas holandesas, mas nenhuma pólvora, e por isso me pediram lhes desse alguma, porém eu me desculpei

[21] Cabaços (cabaça): fruto da cabaceira, de casca dura, usado como recipiente ou no fabrico de diferentes objetos.

dizendo-lhes que ela estava em parte da qual a não podia tirar no escuro da noite, mas ficaram satisfeitos com uma pequena porção de sal que lhes dei, pois o que eles tinham nos cabaços era fabricado naquelas campinas.

As mulheres logo que nos ouviram falar fugiram para a campina, ficando apenas a mulher do principal e duas velhas, as quais estavam muito pintadas de urucu, e ornadas de algumas miçangas pelo pescoço, braços e pernas. Eles se informaram do motivo da nossa ida, e para onde era, e juntamente nos disseram que eles ali estavam havia alguns dias a espera de uma Expedição que haviam feito para as serras contra a Nação Macuxí.

Enfim, eu me despedi deles, e continuamos a nossa derrota até as 19h00, em que chegamos a uma pequena ilha, onde dormimos.

7

De madrugada seguimos pelo mesmo Rio, e, às 10h30, chegamos à Boca do Sarauru, pelo qual entramos, deixando o Tacutu, que ali traz a sua corrente da parte do sul.

O Sarauru é caudaloso no inverno pelas muitas águas que lhe dão as vastas campinas que tem pelas suas margens, e as extensas e elevadas serras de onde traz a sua origem, e esta estação é a mais própria para a sua navegação.

No tempo porém em que por ele entrei já estava muito vazio, e com as pedras de que se acha formado o seu fundo tão descobertas, que em umas partes foi preciso aliviar as canoas, e em outras descarregálas inteiramente, para assim poderem passar as cachoeiras que tem.

8

E com este assíduo trabalho, continuando pelo mesmo Rio e com as mesmas dificuldades. Encontramos, pelas 16h00, uma alta e dilatada cachoeira, na qual nos demoramos o resto do dia a descarregar, e passar os mantimentos por terra para o fim da mesma, onde se tornaram a carregar.

9

Tratamos de passar as canoas; porém uma delas a deixamos neste lugar por não nos ser possível vencer por água a sua passagem, e por terra era assaz dificultosa, por causa das pedras que tinham ambas as margens.

Mas enfim conseguimos passar duas pequenas, nas quais se embarcaram os ditos mantimentos, concluindo esta diligência pelas 16h00.

Mandei por terra os índios que não foi possível embarcar, deixei dois na dita canoa para sua guarda, e continuamos pelo mesmo Rio até às 18h30, a cujo tempo chegamos a outra cachoeira, na qual pernoitamos, havendo-se reunido os índios despedidos por terra.

10

De manhã passamos a dita cachoeira, e logo às 08h00 encontramos outra, na qual aliviamos as canoas, que passamos a canal e à sirga ([22]), e fui continuando a encontrar muitas dificuldades; pois que em partes não só tinha o Rio pouca água, mas também muitas árvores caídas, cujos troncos foi preciso cortar para poder passar; mas tudo se venceu com o trabalho, do qual descansamos com o favor da noite.

---

[22] Sirga: ou espia – rebocar o barco com cordas pela água.

11

Continuamos de manhã com os mesmos obstáculos e, pelas 14h00, avistaram os práticos o lugar por onde haviam de passar as canoas por terra, o qual parecia estar muito perto; e querendo eu já ir examiná-lo, mandei seguir as canoas, e parti por terra com dois índios práticos, e os mais que acima disse marchavam por terra.

Pouco depois das 16h00, cheguei ao cume de uma pequena serra, pelas faldas da qual supus que era o dito trajeto, porém, ou eu, ou os ditos práticos se enganaram, pois que dali me mostraram em maior distância o pretendido lugar, ao qual cheguei depois do Sol posto. Como porém eu ia descalço por motivo de alguns pantanais, que há no caminho, cheguei bastantemente fatigado, e por isso me resolvi a ficar aqui até o outro dia.

Não havia transportado mais que a espingarda, e portanto os índios que me acompanharam ajuntaram lenha e fizeram uma grande fogueira, a qual nos pudesse com o seu calor moderar o frio, que ali tínhamos de sofrer.

Já eu estava deitado sobre uma laje, tendo em torno de mim os índios que me acompanharam, quando, pelas 20h00, ouvimos ao longo umas confusas vozes, que bradavam. Algum receio tivemos de que fosse gentio; porém os brados se vieram aproximando, e se seguiam a eles alguns tiros.

Assim que os ouvimos nos persuadimos de que era a nossa gente, e portanto lhe correspondemos com outros; chegaram finalmente ao lugar onde estávamos, quase às 22h00, e indagando deles a que vinham, me responderam que em busca de mim, e que as canoas estavam longe, porque quase ao anoitecer haviam encontrado uma grande cachoeira,

a qual não tinham tempo para passar de dia. Em consequência disto regressei com eles para as canoas, onde cheguei quase à meia noite.

12

Chegado que foi o crepúsculo da manhã tratamos de descarregar as canoas, e passar os mantimentos para cima da dita cachoeira, e depois se vararam as ditas canoas com muita dificuldade e trabalho. Às 08h00 encontramos outra, porém menor, e pouco acima outra mais da mesma natureza.

Finalmente chegamos ao lugar do trajeto, quase às 15h00, e dali desembarcamos, o que feito mandei cortar paus para estivar o caminho por onde haviam de passar as canoas por terra até as margens do Rio Rupununi, e neste trabalho estivemos até quase às 19h00.

Como pois os índios me não acompanhavam com gosto, pelo receio que tinham das doenças, que eles por informações sabiam haver na Colônia para onde íamos, tratei às 20h00 de lhes passar revista, e então achei falta de dez, porém por causa das sombras da noite não pude saber para que parte haviam seguido.

13

De manhã observamos que eles atravessaram para margem oposta do Rio, e seguiram por terra para o Rio Branco. Então me desenganei de que para a conservação desta qualidade de gente não há um método certo; pois só existem quando e por que tempo querem, apesar do bom tratamento que se lhes dá, pois até da continuação deste se aborrecem, nem tão pouco acham dificuldade em fugir nas partes mais remotas, onde parece que os obstáculos os impediriam.

Posta a estiva se principiou com a varação ([23]) das canoas, à qual assisti até quase as 09h00; e encarregando da sua continuação ao soldado que me devia acompanhar, parti eu a ir examinar a Longitude que havia até o Rupununi, ao qual cheguei depois do meio-dia. Regressei então para onde estavam as canoas bastantemente fatigado, não tanto pela distância, como por causa dos ardentes raios do Sol, que reverberavam naquelas áridas e vastíssimas campinas, onde se não acha uma só árvore, à sombra da qual se possa descansar.

Este caminho é o melhor que há pela sua proximidade ao Rupununi; porém deve-se viajar enquanto o Sarauru está cheio; porque então não só é menor o trajeto, por se poder navegar pelas campinas inundadas, mas também porque as canoas passam então melhor pelas cachoeiras, porque todas se acham no fundo d'água, à exceção daquela onde deixei uma canoa, como acima disse. E para se acharem estas comodidades deve ser intentada a sua navegação desde os fins de fevereiro até os fins de abril, e ainda em maio, tempo em que estão os Rios daqueles sertões em maior enchente. No verão é inavegável tanto pelo Sarauru como pelo Rupununi.

14 e 15

Continuou-se na varação das canoas, e se concluiu na tarde deste último dia.

16 e 17

Nos dois seguintes se calafetaram as canoas, e se lhes taparam alguns rombos que na varação tiveram, e na tarde do último se botaram ao Rio, e se carregaram.

---

[23] Varação: ou portagem - transporte da embarcação por terra.

18

Depois de haver despedido os índios que me acompanharam com os Soldados para a Fortaleza do Rio Branco, e que deviam regressar por terra até a cachoeira onde ficou a outra canoa que acima disse, me embarquei na canoa em que vim, e o Soldado na outra, e partimos pelo Rio Rupununi abaixo.

Este Rio, que ali traz a sua corrente da parte do Sul e se dirige para Norte, é caudaloso no inverno; porém no verão fica apenas navegável por pequenas ubás do gentio que tem suas habitações nas margens do mesmo.

Encontramos algumas cachoeiras e bancos de pedras, que suposto não eram perigosos, contudo nos serviam de grande atraso; porquanto era preciso que os índios andassem, ora por água, ora pelas margens segurando as canoas com cordas, a fim de que estas pudessem ir descendo suavemente, para se não despenharem sobre as grandes pedrarias com a força da correnteza. E assim continuamos neste dia, até às 16h00, em cujo tempo principiamos a achar melhor navegação, por já não termos os referidos obstáculos, e deste modo continuamos até depois do Sol posto.

19

De manhã seguimos sem novidade, até às 09h00, tempo em que chegamos a um tijupar ([24]) onde havia estado gentio na enchente do Rio; e porque aqui havia muita pindoba ([25]), e as canoas necessitavam de toldas, lhas mandei fazer, ficando tudo concluído à noite.

[24] Tijupar: palhoça.
[25] Pindoba: palmeira.

20

Partimos do dito lugar, e, às 09h00, chegamos à Boca de um pequeno Ribeiro ou Igarapé, pelo qual no Rio cheio se vai para o trajeto do Pirarara, e se vem sair no Mau. Pelas 16h00, passamos pela Boca de outro pequeno Igarapé, chamado Macará, pelo qual se faz também trajeto para o dito Mau, do qual em seu lugar falaremos.

Serve para marca do lugar deste o estar ele em um lugar, em que o Rio corre diretamente quase na distância de ¾ de hora de viagem, e avistarem-se dali Rio abaixo as serras chamadas Murá. Como os práticos disseram que em pouca distância se achava o gentio Macuxí, situado nas margens do Lago Apequeme, navegamos para irmos pernoitar na Boca dele até quase às 21h00, tempo em que chegamos à Boca do outro, que eles disseram ser o mesmo, e aqui ficamos.

21

Amanheceu o dia, circulamos o pequeno Lago, e porque não achamos o lugar onde pudesse habitar o dito gentio, nos vimos obrigados a seguir viagem. Seria pouco mais de 07h00 quando por casualidade vimos que na nossa retaguarda vinha uma ubá de gentio. Mandei encostar as canoas à terra para os esperar; porém eles encostaram também em grande distância, e portanto regressei a procurá-los o que vendo eles, vieram também encontrar-me.

Mandei-os cumprimentar da minha parte pelo intérprete, e saber onde residiam, e onde estava o seu Principal; ao que eles responderam prontamente, certificando que eles já sabiam que nós havíamos passado, porquanto estando eles no porto onde principia o caminho para sua morada, ouviram o estrépi-

to dos remos das nossas canoas, e igualmente as cantilenas dos remeiros, e logo viram que não eram ubás dos gentios, nem de pessoas que por ali costumassem navegar.

Enfim eu lhes fiz declarar o desejo que tinha de falar ao seu Principal, e que por isso quisera que eles me servissem de guias, ao que um deles [e era irmão do mesmo Principal] respondeu, que não podiam voltar, porquanto iam buscar suas mulheres, as quais se achavam em uma roça que tinham nas faldas de um monte, e em grande distância, mas deu um guia que nos pudesse conduzir.

Partimos uns e outros, e às 10h30 fomos chegar ao referido porto, que se acha dentro do Lago Apequeme. Saltei em terra, e com o intérprete e alguns mais da equipagem fomos seguindo pelo caminho que o guia nos ensinava. Porém em menos de meio caminho o guia correu adiante de nós, e o não tornamos a ver, mas, enfim seguimos pelo mesmo lugar ora subindo e descendo outeiros pedregosos, ora passando nas suas faldas medonhos alagadiços e pantanais, quase às 14h00, fomos chegar a um profundo Lago.

Aqui fiquei persuadido de que não era este o caminho, porém os índios me advertiram de que era, porquanto o mesmo Lago tanto pela parte inferior, como pela superior, estava coberto de carananzais, e que só ali estava limpo, sinal de que era continuação do caminho. Quadrou-me este raciocínio, e com efeito passamos a nado para a outra banda, e ali vimos realizada a verdade do referido.

Subimos pela montanha acima, e chegando ao seu cume avistamos pequenas casas de palha, e nos dirigimos a elas, e eis que não vimos pessoa alguma, e só indícios de que ali haviam morado.

Novas desconfianças se me ofereceram, mandei subir acima das ditas casas um índio para descobrir o campo, e ele me declarou que mais adiante estavam outras três casas ou palhoças. Seguimos em sua demanda, e com efeito esta era a residência do dito gentio, e já lá estava deitado em uma pequena e pobre maca o índio nosso guia, o qual assim que nos viu deu suas risadas, como quem se gloriava de nos ter enganado.

Mandei cumprimentar ao Principal e as mais pessoas que ali se achavam de um e outro sexo, ao que corresponderam com mostras de alegria. Fiz-lhe saber que eu queria que me desse um dos seus vassalos para servir de prático nas cachoeiras do Rio Essequibo; mas quando eles ouviram a minha pretensão, se tornaram tristes, e o Principal, depois de haver falado com a sua gente, respondeu que não podia ser, porquanto tinha poucos vassalos, e estes não podia mandar, por lhe serem precisos, não só para sua defesa, mas também para fazerem os seus roçados para as suas plantações, pois era tempo próprio.

Fiquei desgostoso, porém instei com agrados e promessas; comi com eles algumas frutas de mamão que me ofereceram, enfim consegui ceder ele às minhas rogativas, o que lhe agradeci muito. Depois das três horas regressei para as canoas, e todos me acompanharam até o porto, onde já se achavam os que acima disse haviam ido buscar as mulheres, que todos seriam perto de cinquenta almas de diferentes sexos e idades. Passei a brindá-los com aguardente de que gostavam muito, e com sal de que dei ao Principal uma grande cuia, e igualmente duas cuias pintadas.

Todos os outros queriam a mesma oferta; mas como o negócio só dependia do Principal, dei a este mais

um frasco de aguardente e uma pequena porção de pólvora, e tratei de me despedir. A este tempo se me ofereceu mais um prático, que eu boamente ([26]) aceitei, e larguei do porto. Eram a este tempo já quase 20h00, e navegando até depois das 21h00, fui pernoitar no lugar onde de manhã havíamos encontrado a ubá, cuja pequena viagem fiz para me livrar dos peditórios ([27]) que me faziam, porque de tudo que viam se agradavam.

Estes índios selvagens são de estatura ordinária, bem nutridos e com boas feições; porém como se tingem por todo o corpo com urucu, se fazem por tanto artificiosamente horrendos. As mulheres praticam o mesmo, usando de muita miçanga nas pernas, braços e a tiracolo. As casas de sua habitação eram de palha, e não se lhes divisava nelas outras coisas mais do que os seus arcos e flechas, e a pobreza, no meio da qual vivem com muita satisfação e alegria.

22

De manhã partimos do dito lugar, e com feliz viagem chegamos, pelas 17h00, à Foz do Rupununi, que tributa aqui as suas águas ao Essequibo, o qual traz ali a sua direção da parte do Sueste. Continuamos por este Rio, e fomos pernoitar junto a uma ilha, que é a primeira que se encontra indo do Rupununi.

23

Seguimos pelo mesmo Rio, e logo, às 07h00, passamos à canal a primeira cachoeira dele, e assim fomos continuando por outras muitas já maiores e já menores, das quais umas passamos a canal, e outras à sirga até a noite.

---

[26] Boamente: de bom modo.
[27] Peditórios: pedidos importunos e insistentes.

24

Partimos e navegamos com as mesmas dificuldades até às 17h00, a cujo tempo chegamos ao princípio de uma dilatada cachoeira, a qual não se podia passar no restante do dia, não só pela sua extensão, como por ser preciso examinar primeiro por onde era navegável, pois que as grandes pedrarias que tinha ofereciam grandes dificuldades.

25

Depois de examinadas as partes por onde devíamos passar, principiamos com esta diligência descendo as canoas à sirga, no que nos demoramos até depois das 08h00; mas logo se nos seguiram outras, que fomos passando até que as sombras da noite nos obrigaram a descansar.

26

Neste dia prosseguimos a nossa viagem, e, às 08h00, chegamos ao princípio de uma medonha cachoeira, a qual mandei examinar pelos práticos, que voltaram anunciando que não achavam lugar por onde passássemos sem uma grande dificuldade e risco de vida, e que apenas havia um pequeno canal por entre duas ilhas; porém que seria preciso limpá-lo de muitos ramos de árvores, que embaraçavam a sua passagem.

Entramos enfim por este canal, que com efeito era como eles diziam, acontecendo-me nele o fato seguinte, pelo qual fiquei desenganado de que os índios são insensíveis. Estava eu em pé na boca da tolda da canoa ao tempo em que esta passava de popa, como em semelhantes lugares se costuma, por baixo de uma árvore, cujos ramos foi preciso suspender, o que fez um índio que estava em cima da dita tolda. Ao tempo em que este índio largou o

ramo me advertiu para que o segurasse, o que fiz, mas com tal rapidez passou a canoa, que ela fugiu debaixo dos meus pés e eu fiquei suspenso e pendente do ramo, e caí finalmente no Rio.

Era violenta a correnteza, e portanto eu não podia vencê-la, pelo que segurando sempre no dito ramo diligenciei chegar à terra; porém era isto mui dificultoso, porque o ramo estava perpendicular no meio do Rio, então chamei a um índio da canoa para que me desse uma corda, o que fez, e no entanto todos os mais se puseram a rir, sem que algum me quisesse ou viesse socorrer. Tal é a triste situação de quem anda em companhia de semelhantes indivíduos faltos de toda a humanidade. Saímos enfim do canal, quase às 15h00, e continuamos a nossa marcha no restante do dia sem novidade.

27

Neste dia viajamos encontrando apenas algumas pedras que formavam grandes correntezas, porém sem perigo, havendo a cautela que tínhamos.

28

Partimos logo que amanheceu, e navegamos, até às 14h00, sem obstáculo algum, mas a este tempo principiou a nossa navegação a ser trabalhosa por motivo das muitas pedras e correntezas, que principiaram a anunciar as grandes cachoeiras que tínhamos ainda de passar.

Os índios práticos Macuxís não tinham todo o conhecimento preciso para nos guiarem, e às canoas pelos canais das ditas cachoeiras, pelo que me disseram que pouco abaixo estava habituado o gentio Caripúna, e que seria bom fosse ali buscar prático, porquanto eles continuamente cursavam este Rio.

Aproveitei-me desta advertência, e mandei seguir para o lugar onde estava o gentio, que era em um Braço do Rio na margem esquerda, onde cheguei pelas 16h00. Depois de haver mandado cumprimentar ao Principal, lhe pedi o prático, que ele logo me concedeu dando-me um para ir na minha canoa, e dois que mandou em uma ubá, para irem adiante indicando o canal.

Advertiu-me o mesmo Principal que não tivesse receio algum de passar as cachoeiras, porque ainda que eram horríveis e medonhas, à vista, contudo tinham bons canais, por não haver nelas pedras.

Agradeci tudo ao Principal com as possíveis mostras de agrado, e dando-lhe um frasco de manteiga de tartaruga, que ele sumamente estimou, porquanto lhes serve para se untarem e pintarem os corpos com urucu, não menos estimou duas cuias pintadas, e uma pequena porção de sal, que também lhes dei.

Este gentio é o mais respeitado entre as outras nações que habitam naquelas vastas campinas e elevadas serras. Ele tem estatura mais que ordinária, é assaz robusto, e não menos o parecem as mulheres. Pelo que pertence porém aos seus trajes, usos e costumes, não têm diferença dos mais.

Partimos do dito lugar, e chegamos, pelas 16h30, às mencionadas cachoeiras; e precedendo a ubá dos guias, entramos nos seus canais. Com efeito, se as outras muitas que havíamos passado eram medonhas, estas excediam, tanto que os mesmos índios, já acostumados a semelhantes passagens, se assustaram, e eu não menos, principalmente quando repetidos cachões d'água me entravam na canoa, de que nos salvou a rapidez da mesma correnteza, que foi a causa de não nos alagarmos, porquanto em breve tempo nos lançava em remansos, onde esgotávamos

a canoa da água introduzida; e assim fomos continuando até depois do Sol posto, a cujas horas chegamos às primeiras plantações [a que nós chamamos vulgarmente roça], pertencentes a umas mulatas holandesas, que tem fábrica de madeiras, em que ocupam grande número de pessoas livres e escravos próprios, tanto índios como negros.

Receberam-nos com muito agrado e hospitalidade, oferecendo-nos a casa, e de comer com todo o asseio e profusão, e nós aceitamos com igual vontade; porque o costume daquele País faz passar por incivis ([28]) aos que rejeitam semelhantes ofertas.

Eram quase 22h00, quando nos persuadiram ao repouso por julgarem que dele precisávamos, muito na inteligência dos incômodos, porque de necessidade havíamos de ter passado em tão prolongada viagem, e por tão inóspitos caminhos, o que na verdade assim era.

29

De manhã cedo trataram de nos dar café, depois do qual passei a mandar concertar a canoa em que vinha, cujo casco estava quase podre, e portanto aqui ficamos neste dia.

Às 09h00, nos chamaram para almoçar, às 15h00, para jantar, às 16h30, para o chá, e às 21h00, para a ceia; e em todas estas ocasiões se nos oferecia e apresentava tudo com tanta abundância e delicadeza, que nos causava admiração, tanto pela excelência das iguarias, como pela delicadeza do serviço, e dos aparelhos da mesa, para a qual as ditas mulatas sempre vinham com a sua parentela, e todos muito bem ataviados ([29]).

---

[28] Incivis: descorteses.
[29] Ataviados: Paramentados, vestidos.

30

Logo que amanheceu tratamos da continuação da nossa viagem, e eu então ofereci uma rede ou maca em que eu dormia, e de que pela primeira vez me havia servido, à mais velha das ditas mulatas, por quem tinha sido gabado o seu feitio. Ela repugnou em aceitar na inteligência de que eu não tinha outra, porém com a certeza de que me ficavam mais algumas, a aceitou, e juntamente seis cuias.

À irmã ofereci outras 6 cuias, sendo uma cheia de anil, e outra de puxurí ([30]), e igualmente um pequenino pacará ([31]), o que tudo agradeceram, porque julgavam que entre nós tinham estas coisas tanta estimação, quanto elas lhes davam.

Despedimo-nos enfim com a vazante, encontrando ainda algumas pedras, porém sem aquele grande perigo porque antecedentemente tínhamos passado. Pelas margens do Rio se achavam algumas outras plantações, nas quais desconhecendo-se as nossas canoas, não sem pequena admiração, nos miravam até nos perderem de vista.

E deste modo nos parecia tão suave o trabalho passado, que se ainda fosse preciso sofrer e passar por outros maiores, nós com gosto nos sacrificaríamos a eles, para ganharmos a contemplação dos nossos admiradores.

Chegamos pois perto da cidade de Essequibo, onde ficamos, não porque não tivéssemos ainda maré para chegar ao seu porto, mas porque como já era de noite, e eu não sabia os usos do País, reservei a minha chegada para a manhã seguinte.

---

[30] Puxurí: Nectandra pichurim.

[31] Pacará: cesta redonda feita com palha de palmeira.

31

Chegada esta, às 07h00, ou pouco mais, entramos na dita cidade de Essequibo, a qual está situada na margem direita do Rio, em terra pouco alta. Nada vi nela digno de maior atenção, porque tem poucos edifícios, suposto que alguns suntuosos e fabricados de madeira; mas tem muitas plantações em o seu Distrito, onde reside a maior parte dos habitantes.

Não demonstra grande comércio; mas sim muita agricultura, cujos produtos umas vezes vêm ali receber os navios, outras os fazem transportar a Demerara, cidade de que logo falarei. Tem uma Fortaleza na entrada da cidade, de que é Comandante um Capitão holandês [o qual está a soldo da Inglaterra], tendo de guarnição algumas cinquenta praças; porém todas debaixo das ordens do Tenente-Coronel Comandante inglês, residente na dita cidade de Demerara.

A dita Fortaleza, suposto é regular, contudo não tem artilharia, porque esta foi transportada para a mencionada cidade capital.

Logo que me desembarquei, procurei apresentar-me ao Comendador ou Governador subalterno, porém, como estava fora da cidade, me conduziram à presença do secretário, ao qual apresentei os passaportes de que ia munido. Ele me recebeu com muita cortesia, porém disse-me ser preciso participar ao Governador a minha chegada, para este resolver, e que, portanto, me havia de demorar três dias, ao que eu me sujeitei.

Mandou-me para uma casa que supus ser estalagem, a cujo dono mandou não sei que ordem, porque logo que entrei me apareceu um homem, que em língua francesa me rogou o acompanhasse à sua casa, o que assim fiz.

Porém ainda bem não tínhamos entrado, quando vi encaminhar-se a nós um oficial militar com um semblante verdadeiramente marcial. Perguntei quem ele era, e o dono da casa me respondeu ser o Comandante da Fortaleza, que havia chegado da outra margem do Rio, onde morava.

Este respeitável oficial depois de haver falado e cortejado ao dono da casa em holandês, me perguntou na língua latina quem era, de que Nação, e para onde ia, ao que respondi na mesma linguagem, que era português, Porta-bandeira, e que no serviço de minha Augusta Soberana pretendia seguir viagem para Suriname, como constava dos meus passaportes, que estavam em poder do secretário do Governo, e esta resposta lhe dei com um semblante tal como o de que ele se revestiu para me perguntar. Disse-me então que o acompanhasse à casa do dito Secretário, para onde nos dirigimos; logo que ali chegamos, com ar altivo perguntou ao dito quem lhe dera autoridade para exigir de mim os meus passaportes, vendo que eu era militar, e que a ele pertencia o exame dos mesmos, pelo que sem perda de tempo lhes apresentasse; o que executou o Secretário dando-lhe ao mesmo tempo algumas desculpas do seu procedimento.

Examinados os passaportes, nos ofereceu o Secretário de almoçar, e no entanto me entraram a perguntar em que País habitava, por onde tinha vindo, e que tempo havia gasto na viagem, ao que satisfiz, ficando eles admirados da minha longa derrota; mas eu lhes moderei a sua admiração, dizendo que os portugueses estavam acostumados a empreender coisas mais árduas no serviço de seus amáveis e benéficos soberanos, porque estes eram gratos aos seus vassalos remunerando-os com grandes mercês, e tratando-os como a filhos, e não como a escravos.

Daqui tiraram eles por conclusão de que eu seria feliz, e bem recompensado desta diligência; o que eu confirmei porque se praticaria comigo o mesmo que com os outros.

Acabado o almoço, o Comandante me conduziu para um barco, dizendo-me que ordenasse à minha gente nos seguisse, o que fiz. Atravessamos o Rio, e fomos desembarcar da outra banda, onde estava o Quartel da tropa. O Comandante me conduziu para o seu, que era no sobrado do mesmo, casa sumamente asseada, onde se achava também sua mulher, a qual é católica romana, e logo me veio cumprimentar.

Este oficial me entreteve, já me relatando algumas coisas desta Colônia, já querendo exigir de mim notícias do nosso território, ao que satisfiz quanto meu dever e as circunstâncias o permitiam, fazendo-lhe ao mesmo tempo do País algumas pinturas, que lhe causaram grande assombro. Ele tinha alguma instrução; porém da história do nosso Brasil nada sabia, porque de tudo o que eu lhe relatei ficou persuadido. Muitas diligências fez para me persuadir que tinha grandes forças militares debaixo de suas ordens; porém eu me não capacitei ([32]), por que havia visto na cidade poucos soldados e pouca gente, e menos artilharia nas canhoneiras da Fortaleza, cuja guarnição diária era de seis soldados e um cabo, segundo ele mesmo disse.

Às 15h00, fomos para a mesa, a qual foi servida com asseio e abastança, eu notei que nos talheres e mais aparelhos se achavam as armas reais da Inglaterra, e perguntando que motivo havia para isso, me respondeu que tudo pertencia ao Rei, o qual tudo lhes dava, assim pelo que pertencia aos mantimentos, como à copa, e até esquisitas bebidas.

---

[32] Capacitei: convenci.

Não deixei de me admirar disto, porém não o dei a conhecer. Perguntou-me ele se isso mesmo se praticava entre nós e eu lhe respondi que não, porém, que segundo o meu parecer tínhamos nesta parte melhor ordem, porquanto se dava a cada oficial certa porção de dinheiro para o dito fim, de cujo dinheiro fazia o uso que bem lhe parecia.

Acabado o jantar, veio o chá, e nos aparelhos divisei as mesmas armas, não perguntei coisa alguma, porém fiquei persuadido de que eles eram assistidos não só com o necessário e útil, mas até com o agradável, e ainda com o supérfluo para manter a um militar alegre e robusto, como é justo que seja.

Depois do chá intentei ir à cidade, porém ele me dissuadiu com o aparente pretexto de que o não privasse e à sua senhora do gosto que tinham de saber algumas coisas do meu País, e especialmente do uso, costumes e trajes das senhoras portuguesas americanas, ao que eu me vi precisado a satisfazer, não com miudeza, mas em suma, certificando-lhes que nelas havia o recato honesto, pelo qual sempre foi respeitada a Nação; que eram aptas para o conhecimento das artes e ciências, nas quais muitas se tinham distinguido, e que, quanto aos seus trajes, eles tinham mais de ricos que de esquisitos, o que era próprio de um País aonde o ouro, a prata, e as pedras preciosas tinham o seu natural berço.

Aproximando-se a noite e a maré vazante, me disse ele que queria que eu lhe entregasse os meus passaportes e cartas que levava, para remetê-las ao Tenente-Coronel Comandante em Demerara, ao que lhe respondi, que a prática entre os portugueses era não largarem de si os documentos e ordens que haviam recebido de seus superiores, e principalmente quando tendiam a legalizar a sua pessoa com os ditos passaportes, ele instou, e eu produzi

novas razões para o não dever fazer, dizendo-lhe enfim que se tinha de mim desconfiança me mandasse preso, ou com a segurança que lhe parecesse, à vista do que me respondeu, que não desconfiava, e só queria cumprir com os seus deveres, mas por último cedeu, e tomou o expediente de me mandar somente com guarda militar em barco do serviço do destacamento, metendo igualmente a meu bordo um soldado, pedindo-me que o desculpasse deste procedimento, pois era conforme as ordens que tinha.

Eu lhe agradeci quanto foi possível os seus obséquios, e ofereci algumas cuias à sua mulher, uma pequena porção de puxurí, e a ele um pouco de tabaco fabricado em Silves, o que tudo estimaram muito.

Eram quase oito horas quando a maré principiou a vazar, e eu devia partir, porém eles o não consentiram, sem que primeiro ceasse; o que feito me despedi, e eles me vieram acompanhar até o Porto, dando-me as maiores provas de gratidão, a que eu correspondi.

Partimos finalmente, e, às 10h30, saímos do dito Rio, e principiamos a fazer a nossa navegação pelo Oceano sempre costeando a terra da parte do Sul, onde apareciam muitas plantações; e assim fomos continuando até que a enchente nos impediu e obrigou ao descanso.

Setembro 1°

Com a vazante da manhã partimos do dito lugar, e fomos chegar, quase pelas 14h00, ao Porto da Fortaleza da cidade de Demerara. Causou não pequena admiração a nossa chegada, principalmente quando nos viram ir atravessando o Rio, e flutuando as nossas canoas sobre as suas impetuosas ondas.

Logo que desembarquei fui recebido no Porto pelo Capitão de granadeiros, que servia de Comandante, e pela maior parte da oficialidade da guarnição, que concorreram movidos da novidade que lhes ocasionava o para eles estranho modo de navegar, e bem assim o meu fardamento.

Fui imediatamente conduzido ao Quartel do dito Comandante, a quem apresentei os meus passaportes, recebendo ele ao mesmo tempo a participação do Comandante de Essequibo, de que logo deu também parte, e da minha chegada ao Sargento-maior, que estava fora da cidade.

Ofereceu-me logo o dito Capitão Comandante o seu Quartel, e juntamente tudo quanto me fosse preciso, e que lhes quisesse fazer a mercê de jantar com eles naquele dia, e todos os mais que ali me demorasse, o que com efeito aceitei neste dia, agradecendo-lhe desde logo tudo, e pedindo-lhe me desculpasse de lhe não aceitar o Quartel.

Porquanto este devia ser na minha canoa, a fim de conter em sossego a minha equipagem, por este ser uso da minha Nação.

No restante da tarde se divulgou por toda cidade a minha chegada, e muitas pessoas concorreram à Fortaleza movidas pela curiosidade de me verem, e as canoas em que eu havia ido.

Os oficiais, e com especialidade o dito Capitão de granadeiros, não eram menos curiosos que o Comandante de Essequibo; pois que logo me rogaram lhes quisesse comunicar os trabalhos de minha viagem, e os lugares e Rios por onde transitei, como também em que parte havia dado princípio à minha navegação, ao que eu respondi, escutando-me eles atentos, e com muita admiração.

Entretanto fomos para a mesa, a qual foi servida com muita abundância de delicadas iguarias, e com todo o asseio e ordem dispostas, e nos seus aparelhos se achavam também as armas de Inglaterra, do que coligi ([33]) que com esta oficialidade se praticava o mesmo, que me disse o Comandante de Essequibo.

Presidia na mesa o Capitão Comandante, o qual suscitou a continuação dos sucessos da minha viagem, ficando eles persuadidos de que tais empresas eram só as que testemunhavam bem aos soberanos a resignada obediência dos vassalos.

Eu então lhes disse, que eles ignoravam que os portugueses em todos os tempos foram prontos em sacrificar a vida pelos seus amáveis soberanos, cujas bandeiras arvoravam em todas as partes do mundo; que obedeciam e respeitavam a aqueles, mais como filhos que como vassalos, com fidelidade e amor tão puro, que por eles se exporiam a tudo, esquecendo-se de quanto lhes poderia servir de escusa, e mostrando-se antes ofendidos, quando se lhes contemplam os seus interesses pessoais, para deixarem de os empregar no serviço do soberano e da Pátria.

Que à Nação portuguesa bem se podia aplicar o pensamento do famoso e antigo poeta ([34])

> Per damna, per caedes, ab ipso ducit opes, animumque ferro.

E como os seus feitos eram públicos, isto me desculpava e livrava da nota de suspeito.

---

[33] Coligi: deduzi.
[34] Dante Alighieri – A Divina Comédia: "*Por combate, por morte, clama o aço forte*".

Quanto ao vasto território do Brasil, disse-lhes que era abundante de todos os produtos mais preciosos da natureza, e que a agricultura e o comércio ofereciam nele muitas vantagens, as quais obrigavam aos nacionais europeus a deixar a mãe pátria, e a virem a este novo mundo estabelecer-se, entranhando-se nas partes mais remotas, mas que nem por isso ficavam privados de gozarem, como todos os outros vassalos, das sábias providências, das honrosas mercês, e finalmente de todas as graças, que do trono continuamente dimanam ([35]) a favor de seus serviços, e da felicidade pública e particular; e que os militares recebiam honra e gosto quando eram enviados a dificultosas diligências, que portanto não entendessem que eu tinha feito um grande serviço, pois que maiores os estavam continuamente fazendo outros no Brasil.

Isto os surpreendeu de tal sorte, que me persuadi que eles ainda não sabiam verdadeiramente que coisa era servir, o que me não admirou muito, porque sendo os militares que se achavam à dita mesa 22, apenas haveria entre eles 4 ou 5, cujo caráter inculcasse respeito e probidade, e todos os mais não excediam a idade de 20 a 22 anos, sendo já alguns destes Capitães.

A primeira saúde ([36]) que se fez foi ao Rei de Inglaterra, e logo depois à nossa augusta soberana, o que agradeci quanto me foi possível, demonstrando-lhes o prazer que nisto me davam. Já eram mais de cinco horas quando nos levantamos da mesa, e então me recolhi para as canoas, as quais ainda estavam servindo de objeto de admiração a uma imensidade do povo.

---

[35] Dimanam: emanam, provêm.
[36] Saúde: saudação.

Isto, confesso que me causou algum pejo, por ver que as ditas canoas, que não tinham aparato algum, nada ofereciam de notável senão a sua forma para eles nova, e apenas provavam a obediência e o ânimo dos portugueses, como eu lhes havia ponderado.

2

Quase às 08h00, fui procurar o referido Capitão de granadeiros no seu Quartel, e ele me conduziu ao Sargento-maior, que já a este tempo havia chegado de fora. Chamava-se este oficial George Wilson, sujeito que desde o instante em que o vi me cativou com as suas atenções, afabilidade, e outras excelentes qualidades. Já lhe haviam sido apresentados os meus passaportes pelo Capitão de granadeiros, os quais tornou a ver perante mim.

Quando parti do Pará, logo me lembrei de que eu tinha de apresentar os ditos passaportes aos magistrados e Comandantes militares das nações estrangeiras, a que me dirigia, e persuadido de que eles se admirariam do grande número das Vilas e Lugares do meu trânsito, e que portanto respeitariam mais o nosso território, pedi aos Comandantes e diretores das nossas povoações que anotassem, no reverso dos mesmos passaportes, o dia, mês e ano, em que eu por ali passei, e que ficaram registrados nos livros competentes, o que todos fizeram.

Reparou pois o dito Major nestas anotações, e me perguntou o que indicavam, eu então lhe disse que todos os viajantes eram obrigados a apresentarse aos Comandantes militares e Diretores das Vilas e lugares por onde passavam, para estes examinarem os seus passaportes, e para constar que tinham cumprido com este dever se faziam aquelas declarações.

Não deixou ele de se admirar de tão grande número de povoações; porém eu lhe acrescentei que não eram só estas, pois que haviam muitas nos diferentes Rios que desaguavam no grande Amazonas, por onde eu não tinha passado. Depois disto passou a exigir de mim a mesma narração, que eu tinha feito aos oficiais, a qual ele ouviu com menos surpresa de que aqueles, ou porque também teria passado por outros alguns incômodos, ou por ter mais lição dos sucessos portugueses, pois que afinal me respondeu que uma das maiores vantagens, que considerava aos nossos soberanos, era terem intrépidos vassalos.

Logo depois me perguntou quando pretendia eu seguir a minha viagem? Ao que respondi, que logo que me fosse concedida a licença para isso. Sem perda de tempo expediu a competente participação ao Tenente-Coronel Comandante Geral, que estava em uma plantação chamada Decurabana, e então me disse que não sabia se o dito Comandante me concederia licença, porquanto suposto eles não estavam em viva ação contra a Colônia de Suriname, contudo eram inimigos, e que talvez por isso me não permitisse a licença.

A esta reflexão disse eu que a minha Nação estava em paz e boa harmonia tanto com a holandesa, como com a inglesa, e que portanto esperava da retidão e generosidade desta me não opusesse dúvida alguma.

Pedi ao dito me quisesse dizer se acaso havia ali algum magistrado civil, a quem me devesse apresentar, ao que me respondeu que havia o Governador Civil, mas que não tinha obrigação de lá ir, porquanto a sua jurisdição não compreendia em coisa alguma aos militares, mas certificando-o de que, apesar de estar dispensado desta obrigação,

contudo sempre o queria cumprimentar por civilidade, para o que me quisesse mandar ensinar a casa onde ele residia, então este atenciosíssimo oficial mandou logo aprontar 2 cavalos, nos quais montamos e fomos para a cidade, e me conduziu à casa e à presença do Governador, chamado Antonio Beajom, holandês de Nação, e de idade de quarenta anos pouco mais ou menos.

Logo que o cumprimentei, lhe fiz saber que eu era português, e como passava por aquela cidade em caminho para Suriname, a devida atenção me obrigava [ainda que as leis do País me dispensassem] a rogar a S. Exª me quisesse dar ocasiões, em que eu lhe pudesse mostrar o prazer que tinha em conhecer de perto a uma pessoa, e a um Governador, que já amava pelas notícias que tinha da paz e sossego em que conservava os povos confiados a seu governo.

Ele agradeceu ao meu cortejo com mostras de muita benignidade, oferecendo-me para tudo quanto dele precisasse. Não se esqueceu de me perguntar pela saúde da nossa Augusta Soberana, e de seu augusto filho o Príncipe Regente, ao que eu satisfiz certificando-o de que, segundo as últimas notícias que no Grão Pará havíamos recebido, se achava a Rainha ainda doente, e o Príncipe de saúde, e que eu lhe agradecia muito este cuidado.

Informado pois pelo Major da minha derrota ([37]), me perguntou quando pretendia eu partir; e respondendo-lhe que logo que tivesse licença, ele então me quis persuadir que devia descansar por mais alguns dias da fadiga que tinha tido, mas eu lhe disse que só teria descanso quando desse conta da minha comissão.

---

[37] Da minha derrota: do meu roteiro, da minha rota.

Eram mais de duas horas da tarde quando nos despedimos e recolhemos para a Fortaleza, e, às 15h00, fomos para a mesa, na qual se praticou o mesmo que no antecedente dia, e depois fomos para o Quartel do dito Major, aonde nos entretivemos com algumas notícias relativas ao interior da sua Colônia.

Então me disse que a Nação inglesa se achava de posse desta cidade, e das de Essequibo e Berbiche, por onde eu ainda havia de passar, porém que o governo civil era em tudo holandês, e que as leis desta Nação em nada se tinham alterado, à exceção de se tirar aos governadores holandeses o governo das armas, porque está cometido tão somente ao Tenente-Coronel Comandante inglês, chefe de toda a tropa das ditas três cidades, e que tudo isto se havia assim praticado em favor do Príncipe de Orange, cuja bandeira se içava nas fortalezas nos dias em que em outro tempo se costumava, arvorando-se porém ao mesmo tempo na parte superior à da Nação inglesa.

Às 18h00, fui para a minha canoa, onde não achei novidade alguma mais do que dizer-me o Soldado, que me acompanhava, ter continuado a concorrer muita gente ao porto para verem as ditas canoas.

3

De manhã fui cumprimentar ao Major, o qual me recebeu com a mesma afabilidade, e me participou ter já chegado a resolução do Comandante Geral, o que nos obrigava a ir segunda vez à casa do Governador, para onde nos dirigimos a cavalo.

Chegados que fomos, e feitos os devidos cumprimentos tratou-se da minha licença apresentando-lhe o Major os meus passaportes, que ele viu, e eu não entendi as razões que entre um e outro se passaram, porque falavam holandês.

Por fim me declarou o Major que eu tinha licença para continuar minha diligência, e que se precisava de alguma coisa, a fim de logo me ser aprontada. Representei-lhe a precisão de um prático para prosseguir pela costa, a qual ignorava a minha equipagem, ao que eles logo me deferiram, expedindo as necessárias ordens para se me dar. Perguntaram-me se não tinha precisão de mantimentos ou de bebidas, assim para mim, como para a minha gente, ao que respondi que ainda tinha quanto bastava para chegar a Suriname, se a viagem não fosse muito dilatada.

Despedimo-nos do Governador, dando-lhe eu as possíveis mostras de gratidão e reconhecimento. O Major me pediu que o acompanhasse à casa do almoxarife e pagador da tropa, era este um inglês de idade de 40 anos, porém tão agradável e prazenteiro ([38]), que parecia querer entrar no coração de todos. O meu amável Major o informou de quem eu era, para onde ia, e igualmente da minha viagem, o que ele ouviu com atenção, e não menos assombro. Convidou-nos para que naquele dia lhe déssemos o gosto de jantar com ele, o que a rogos do mesmo Major aceitei.

Era a este tempo quase meio-dia, e por isso nos retiramos à Fortaleza, a fim de que eu pudesse dispor a minha viagem, a qual determinei para a maré da noite, como mais favorável para a navegação que tinha de fazer. Pelas 14h00, me foi apresentado, por ordem do Governador, o pedido prático, o qual era um negro de Berbiche, a quem disse que ao tempo da dita maré se devia achar pronto a meu bordo ([39]), para cujo fim sendo-lhe preciso, ou gente, ou dinheiro, tudo lhe seria pronto.

---

[38] Prazenteiro: amável.
[39] A meu bordo: embarcado.

Procurei outra vez ao Major, o qual deu-me logo o passaporte para Berbiche, e ordem para ali se me assistir com tudo quanto eu precisasse ou requeresse, sem dúvida alguma, cuja ordem era dirigida ao Major Belli, Comandante do dito posto. Depois tornamos para a casa do almoxarife, o qual tinha também convidado alguns negociantes ricos, e oficiais militares, que vieram concorrendo.

Às 15h00, fomos para a mesa, que foi servida com toda a magnificência, tanto no esquisito e delicado das comidas, como no asseio e riqueza do serviço e aparelhos. Dezessete pessoas estavam à mesa, e entre elas um inglês, mestre e dono de uma pequena embarcação, que havia chegado no dia antecedente de Barbados, o qual me certificou que uma fragata e algumas pequenas embarcações de guerra portuguesas haviam ali arribado, tendo saído do Grão-Pará no Brasil, e que determinavam seguir viagem para Lisboa. Perguntei-lhe se sabia como se chamava o Comandante da Fragata; ao que ele respondeu que, segundo ouvira dizer, era um fulano Castro, pelo que inferi logo ser o chefe de divisão Bernardino José de Castro, Comandante da Fragata Vênus.

Era já quase noite quando se acabou esta agradável sociedade, e portanto nos despedimos, e retiramos para a Fortaleza, recolhendo-se o Major ao seu Quartel, e eu à minha canoa a examinar se tudo estava pronto, como eu havia determinado, o que assim achei. Voltei a despedir-me do Major e da oficialidade, a quem tantos obséquios devia, agradecendo-lhes quanto pude, e certificando-os de que em qualquer parte em que me achasse seria sempre seu servidor, e um perpétuo panegirista ([40]) da sua hospitalidade e mais virtudes.

---

[40] Panegirista: enaltecedor.

Querendo eles enfim dar-me a última prova delas, insistiram e foram acompanhar-me até o Porto, apesar das vivas e repetidas instâncias que lhes fiz para que não tivessem este incômodo, e me não acabassem de confundir com este novo lance de polidíssima urbanidade.

Quase 22h00 seriam quando a maré principiou a vazar, e nós aproveitamo-nos do seu favor partindo da dita cidade. Esta tem o seu assento na margem esquerda do Rio Demerara, de quem tomou o nome, em terreno baixo, porém sumamente plano, e muito agradável pela dilatada vista do Oceano, que aqui recebe as águas do dito Rio, aliás caudaloso, e que terá neste lugar quase uma légua de largura.É regular na disposição e ordem de suas ruas, em que tem muitos e belos edifícios. Tem muito comércio, o qual vem ali fazer todas as nações aliadas e amigas deste e do outro continente, pelo que o seu Porto se acha sempre com grande número de embarcações, que diariamente estão entrando e saindo.

A agricultura mereceu ali sempre particular atenção, e no tempo presente promete ainda maior progresso, porque o Major Wilson me certificou que a Nação inglesa tinha já introduzido na dita Colônia mais de 25 mil escravos, do que me persuado, porque nessas mesmas poucas horas, que lá me demorei, entraram cinco grandes navios vindos a costa da África com escravatura. Depois que os ditos ingleses tomaram posse desta parte de Guiana, se têm vindo nela estabelecer outros muitos e ricos europeus seus nocionais, assim no comércio como na agricultura.

A Fortaleza tem dentro o Quartel da tropa inglesa, cujo edifício é asseado, magnífico e bem regulado, tendo as competentes repartições para os Oficiais, Oficiais inferiores e Soldados, e bem assim o Quartel dos Oficiais do regimento de negros.

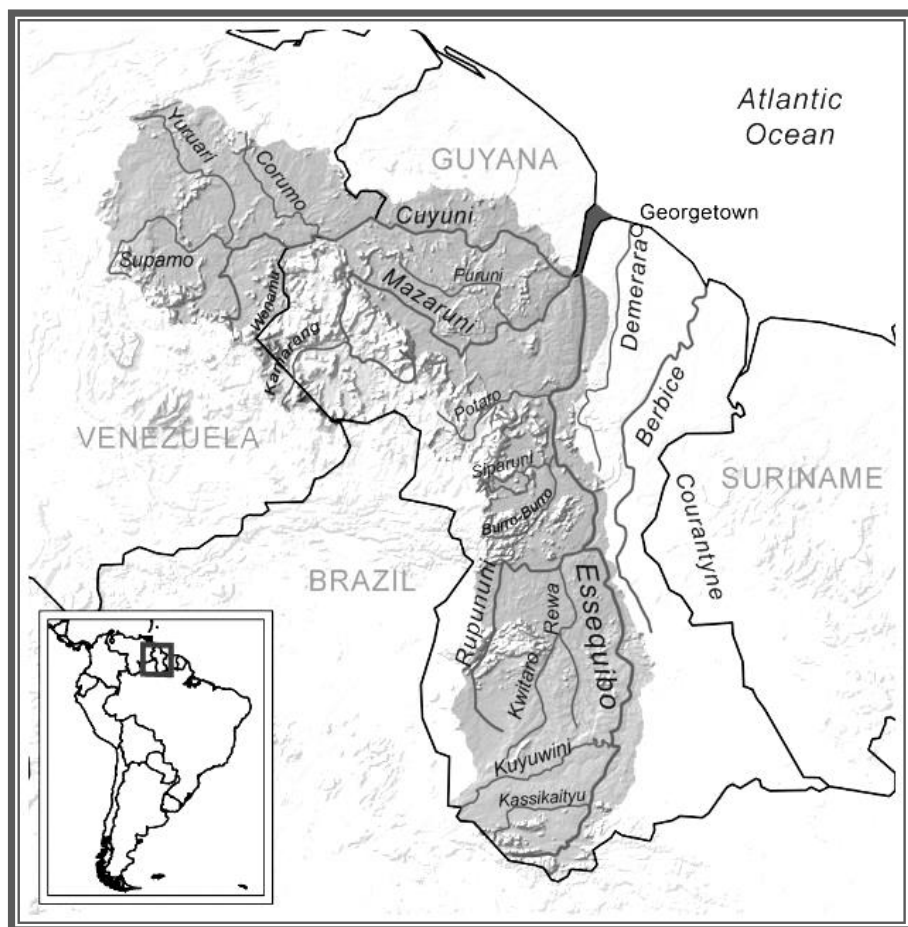



Imagem 08 – República Cooperativa da Guiana

Esta Fortaleza é regular, e guarnecida com 39 peças de artilharia de vários calibres, e nela entram de guarda diariamente um Oficial com 20 soldados, e os competentes Oficiais inferiores.

Junto à Fortaleza, em uma grande Praça, se acha o parque das munições de guerra, bem fornecido, e se lhe segue o Quartel do dito regimento de negros, onde tem outra igual guarda, como a mencionada, e defronte está o Quartel do Comandante Geral, para onde esta última guarda dá duas sentinelas, que estão postadas no pórtico em duas guaritas.

Na cidade, que fica em distância de meio quarto de légua pouco mais ou menos, mas com muitas casas de permeio, se acha o Quartel da tropa holandesa subordinada ao dito Comandante inglês, cuja tropa entra de guarda no seu mesmo Quartel, e dá duas sentinelas para o Governador Civil, e um oficial inferior para as suas ordens.

Toda a tropa referida se comporá de duas mil praças pouco mais ou menos, compreendido o regimento de negros, que os ingleses criaram, e que conservam bem disciplinado, cujo corpo não deixa de ser sumamente útil pelos muitos serviços a que se aplicam, porque eles não só são exercitados no manejo das armas, mas também no da marinha, e nos trabalhos das fortificações. Estes negros foram mandados vir da costa da África, e comprados à custa da Fazenda Real, de quem se pode dizer que são escravos na qualidade de soldados. Os seus oficiais são brancos até cabos de esquadra exclusive.

As forças marítimas consistem em algumas lanchas artilheiras, que continuamente andam cruzando ou rondando os mares e costas vizinhas, recolhendo-se umas de oito em oito dias, e saindo outras. Quando se quer expedir algum comboio, vem buscá-lo embarcações de guerra de Barbados, onde suponho que tem a Nação inglesa maiores forças navais.

A população desta Colônia, não entrando Essequibo e Berbiche, se calcula hoje em 60 a 70 mil almas, a saber: 8 a 10 mil de brancos e livres, e 50 a 52 mil escravos, levando em conta a tropa paga e a de milícias. Este foi o conhecimento que pude adquirir no pouco espaço que me demorei nesta cidade, a qual em breves anos, será uma das melhores da América se os ingleses a conservarem, como é de supor, apesar de que os holandeses, nela existentes, não vivem satisfeitos e contentes.

Eu, suposto que navegava de noite, contudo sempre divisava em terra, em pequenas distâncias, muitas plantações seguidas umas às outras, pelo que inferi que o terreno que vi era todo cultivado [...] Descansamos logo que a maré nos impediu ir avante.

4

Logo que a maré da manhã nos foi favorável, continuamos sem novidade até às 15h00, tempo em que chegamos ao sítio chamado Maiacá, junto ao qual está um grande baixio, que se estende muito ao mar. Fizemos diligência para passá-lo, porém não o conseguimos, porque refrescando o vento, se empolaram de tal sorte as ondas, que estivemos a ponto de ir a pique; e assim nos vimos obrigados a ir encostar à terra à espera de melhor tempo, que neste dia não tivemos.

5

No dia seguinte tentamos a mesma diligência, porém debalde ([41]).

6

Havendo porém no outro dia acalmado alguma coisa o vento, instamos, e chegando a navegar mais de uma légua ao mar para sairmos de cima do baixio, não nos foi possível consegui-lo, porque as canoas não eram suficientes para esta navegação, principalmente não tendo velas, com que pudéssemos marear ([42]); e portanto tornamos para o lugar donde tínhamos saído.

---

[41] Debalde: em vão.
[42] Marear: orientar as velas de acordo com a direção do vento.

7

Pela manhã, vendo que não podíamos prosseguir na nossa viagem, tomei o expediente de partir por terra para Berbiche, para cujo fim quis alugar um cavalo, que gratuitamente me foi emprestado pelo administrador de uma plantação, cujo proprietário está na Inglaterra.

Seguido pois de dois índios e do dito negro prático, tomei o caminho ou estrada que vai para a dita cidade, e cheguei já de noite à margem do pequeno Rio chamado Maiconi, onde tem um pequeno destacamento de 12 soldados e um Oficial, em cujo Quartel dormimos por mercê, porém sem aquele agasalho e bom tratamento que nos outros havíamos experimentado, porque o Comandante estava em uma plantação vizinha, e apenas se achavam ali os soldados e dois oficiais inferiores, que pareciam insensíveis.

8

Passamos em uma barca o Rio, e continuando o nosso caminho, chegamos à margem do Rio de Berbiche, onde pernoitamos em uma estalagem que ali há, e que muito estimei achar, porque logo tratamos de nos refazer da fadiga e da fome que neste dia padecemos.

Todo o caminho por onde viemos era uma excelente e larga estiada com frondosas árvores pelos lados, dispostas em ordem, a qual estrada, tendo o seu princípio em Demerara, vem continuando ora pela frente, ora pelos lados, ora pelo meio das plantações, até ao dito lugar. Nela encontrei muita gente a pé ou a cavalo, e em carrinhos, umas vezes homens com senhoras, outras aqueles ou estas sós nos ditos carrinhos [...] passando de umas plantações a outras.

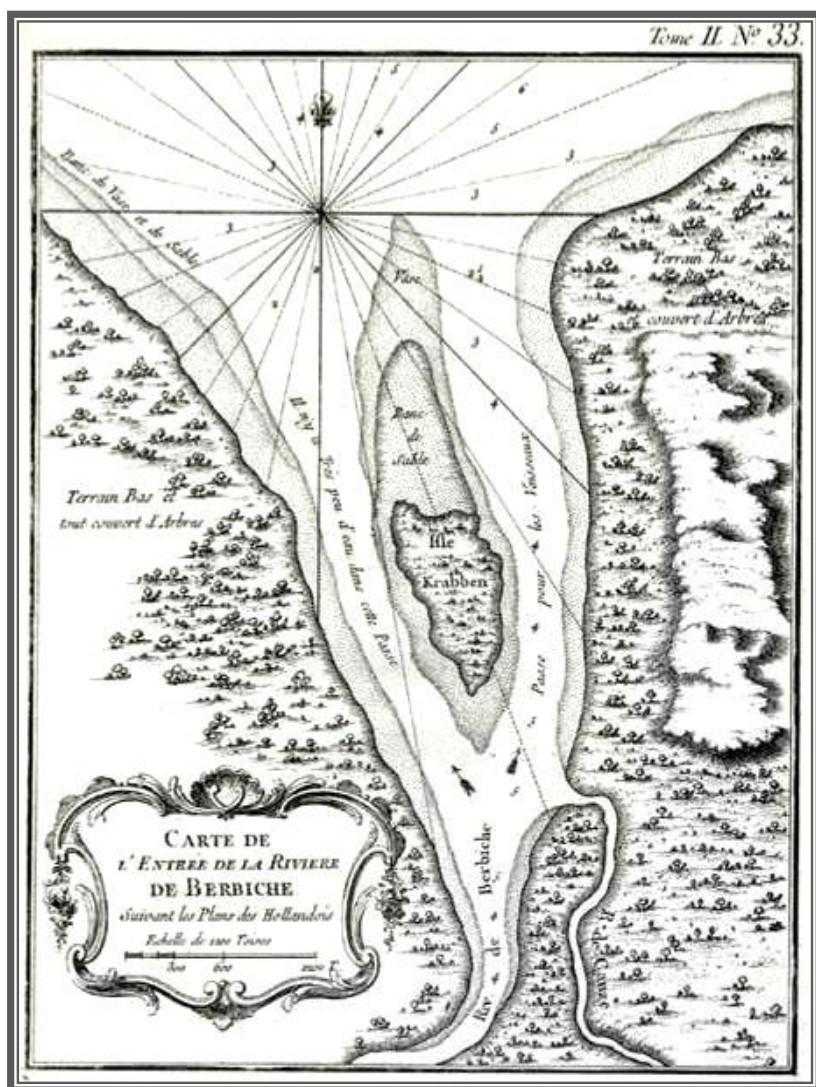



Imagem 09 – Carte de l'Entrée de la Riviere de Berbiche

Os edifícios ou casas destas plantações não têm inveja aos da cidade, cada uma parecendo uma grande povoação. Nas dilatadas campinas ou terras baixas, por onde passei nestes 2 dias, não encontrei outra cultura senão a de algodão, cujas plantas todas dispostas em boa ordem até agradam à vista e em tanta extensão quanto a minha podia alcançar.

9

Pela manhã atravessei em um escaler o Rio de Berbiche, e fui portar na Fortaleza, onde reside o Major Belli, Comandante da tropa, para quem era a ordem que levava do Major Wilson, a qual lhe apresentei, e a vista dela ficou ciente de quem eu era, e para onde ia. Eu lhe relatei o que me havia sucedido para não poder chegar ali nas minhas canoas, e que portanto quisesse ele mandar-me aprontar um barco, em que eu pudesse voltar a buscar a minha gente, e o mais que trazia, ao lugar em que a tinha deixado, e ele me respondeu que fosse eu a cidade falar ao Governador Civil, em companhia de um Oficial, que ele a este fim expedia, e que pelo mesmo Governador me seria tudo aprontado.

A cidade se acha em distância de quase meia légua da Fortaleza, e por isso fomos em um escaler do serviço do destacamento. Desembarcamos no porto ao pé da casa do Governador, para onde nos encaminhamos, e fomos por ele recebidos com muita cortesia. O oficial que me acompanhava lhe fez saber a minha pretensão, e depois de ter com ele larga conferência em língua holandesa, me disse que não havia barco, pois o Governador não podia obrigar aos donos de alguns, que ali se achavam, a darem-nos para semelhante fim.

Ao que eu respondi que tanta dificuldade oferecia S. Exª nisto, quanta facilidade havia eu achado em Demerara, para onde sem perda de tempo regressava, na certeza de que ali tudo me seria pronto, mas que ficasse S. Exª na inteligência de que isto não aconteceria com estrangeiro algum que chegasse a qualquer parte de Portugal e seus domínios, porque logo seria provido de tudo, e que além disto eu estava pronto a pagar o aluguel competente.

Vendo o Governador e Oficial esta minha resolução, continuaram a sua conferência em holandês, e por fim me disse o Governador, que ele faria aprestar um seu próprio barco, e que dele seria prático o mesmo negro que me acompanhava, e que ele conhecia, e que para a marcação do pano iriam dois negros seus, e na maré da noite poderia partir, e que não queria disto aluguel algum. Agradecendo eu este, ainda que involuntário obséquio, nos despedimos e recolhemos à Fortaleza, onde jantei com os oficiais, que eram servidos do mesmo modo que os outros de que já falei.

Acabado o jantar, me convidou um oficial, que comigo havia estado em Demerara no primeiro dia da minha chegada, para que com ele fossemos entreter o resto da tarde em ver a Fortaleza e o hospital, ao que assenti com gosto. É a Fortaleza fabricada de terra, porém regular, e com 26 peças de artilharia de vários calibres, tendo de sobressalente doze em seu parque, onde igualmente vi grande quantidade de petrechos de guerra. O hospital não é grande, porém muito asseado, e bem servido, segundo mostrava na regularidade com que tudo estava disposto. A Guarnição Militar desta Fortaleza e cidade se comporá pouco mais ou menos de 200 homens, com 7 oficiais.

Pelo que pertence ao comércio e agricultura ela é mais opulenta que Essequibo, mais muito menos que Demerara. No seu porto não podem entrar grandes embarcações, porque a sua Barra não tem fundo suficiente, e quando sucede vir a ele alguma de maior lotação, fica foram distância quase de duas léguas, que tanto dista a cidade da Barra. Assim que a maré principiou a vazar, veio do porto da cidade para o da Fortaleza o barco, no qual me embarquei depois de despedido, e depois de agradecer ao Comandante e aos oficiais os seus bons ofícios. Fizemo-nos à vela, e navegamos toda a noite.

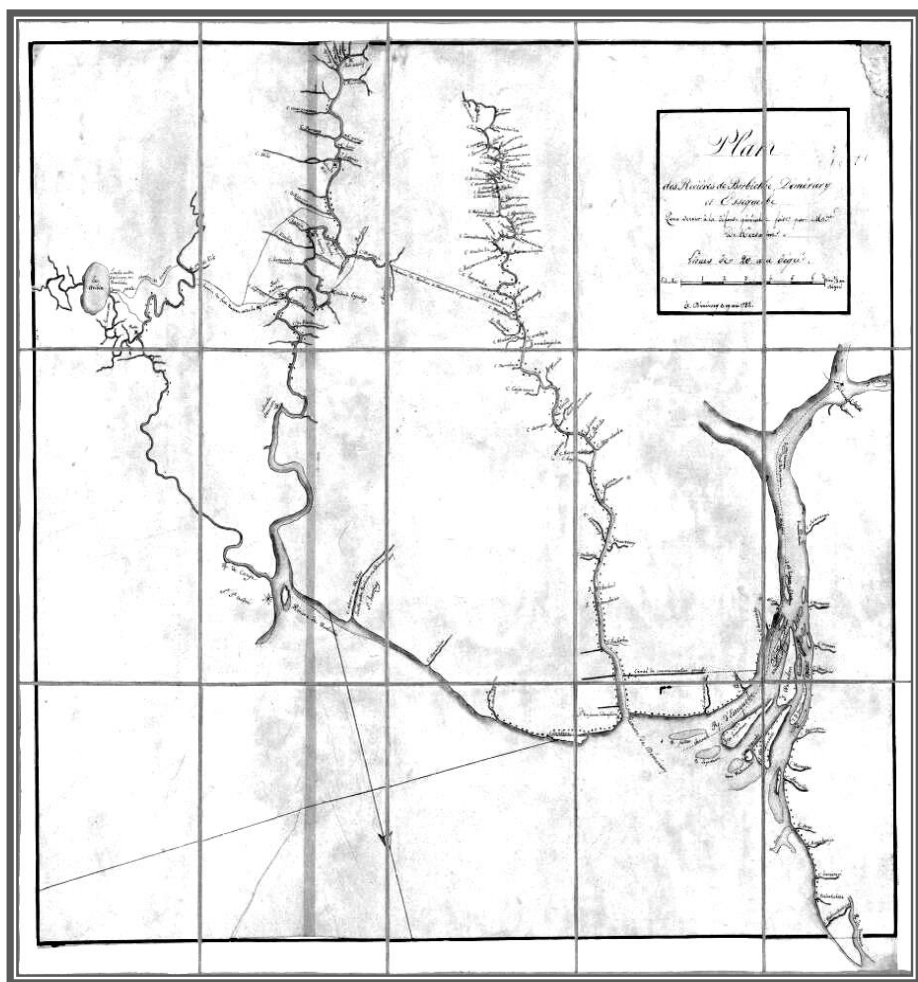



Imagem 10 – Berbiche, Demerary, Essequebe (De Kersains)

10

Pelas 11h00, chegamos a Maiacá, onde estavam as canoas. De tarde passou-se para o barco tudo o que havia nelas, e esperamos a maré. De noite porém houve vento tão contrário e tão forte, acompanhado de chuva, que tudo se molhou, porque o dito barco não tinha coberta, nem coisa com que se pudesse proteger da chuva.

11

Logo que amanheceu tornei a descarregar, e fiz por tudo ao Sol para se enxugar, o que consegui até às 14h00. Tornou-se a carregar, e sendo o vento favorável partimos, então observei que não tinha sido só a água da chuva a que havia molhado a nossa carga, mas também a que o barco recebia por todas as suas costuras, que era em muita abundância.

Seriam 17h30, quando o vento refrescou de tal sorte que, não podendo o barco, abriu mais as ditas costuras, de maneira que quatro índios não podiam dar vazão à água, que cada vez crescia mais. Consultei o prático sobre isto, parecendo-me melhor tornar para Demerara, que não só nos ficava mais perto, mas tínhamos o vento a nosso favor, e que concertando ali o barco, partiríamos então para Berbiche. O prático aprovou o meu parecer; e assim demandamos ao dito Porto, passando toda a noite a velar por causa do grande perigo de vida a que íamos expostos.

12

Pelas 08h00, chegamos a Demerara. Desembarquei, e logo procurei ao Major, a quem comuniquei os sucessos da minha viagem, desde que daquela cidade havia partido.

Então me participou ele que depois de minha partida tinha chegado de Suriname uma embarcação denominada "*Flag of Truce*", a qual por ordem do Governador daquela cidade viera a esta a certas dependências, e que estava já despachada para partir na noite deste dia, e que se eu quisesse ir nela, falar-se-ia ao seu Capitão, e se participaria isto ao Comandante Geral, a ver se ele assim o permitia.

Falamos pois ao dito Capitão, o qual conveio não só no meu transporte, mas também em esperar a licença do Comandante Geral. A embarcação referida pertencia ao governo de Suriname, e lhe chamam "*Flag of Truce*" ([43]) porque não pode trazer armas ofensivas ou defensivas de qualidade alguma, nem petrechos alguns de guerra, ou coisa que para ela possa servir, e nem ainda maior quantidade de cabos do que os precisos para o seu serviço, e excedendo esta ordem, pode ser apreendida e reputada inimiga. A todas as nações oferece bandeira branca no topo do mastro, e na popa a da sua Nação, e deve seguir a sua escala de tal modo que tem obrigação de entrar em todos os Portos, por onde passar, fundeando debaixo de artilharia de alguma Fortaleza, de onde não pôde prosseguir sem licença. O Major despediu a necessária participação ao Tenente-Coronel Comandante Geral, cuja decisão esperamos.

13

De manhã tratei de providenciar o conserto do barco, e de dispor o preciso para ele regressar a Berbiche; mas como para este fim era necessário demorar-se, e eu não podia, encarreguei ao soldado esta diligência, e pedi ao Major que a tomasse debaixo de sua proteção, o que ele com gosto prometeu, e se encarregou de o despedir logo que estivesse pronto, fazendo disto mesmo aviso ao Governador de Berbiche. Já havia chegado a licença do Comandante, e a maré principiava a vazar, quando eu me embarquei na dita embarcação, só com dois índios da minha equipagem, deixando todos os mais entregues ao soldado meu camarada, e aquartelados em uma casa, que me fez aprontar o dito Major. Fizemo-nos à vela, e com vento fresco navegamos todo este dia e toda a noite.

---

[43] Flag of Truce: Bandeira de Trégua.

14

Continuamos, e fomos chegar à Foz do Rio de Berbiche pouco depois do meio-dia; e porque a maré ainda não tinha crescido suficientemente para podermos entrar na Barra, demos fundo ([44]). Às 14h00, suspendeu-se o ferro, e entramos. Em distância quase de uma légua pela Barra dentro, da parte esquerda, se acha um Destacamento com algumas peças de artilharia de calibre muito pequeno, o que inferi, porquanto passamos nós pela sua frente, e perguntando eles que embarcação era aquela, ao que o Capitão respondeu como devia, os do destacamento lhe ordenaram que desse fundo, ao que não querendo obedecer, e seguindo avante, nos atiraram cinco tiros, nenhum dos quais deu na embarcação, porque de uns não chegavam a ela as balas, e outras passavam pela proa e pela popa.

Continuou o Capitão a dizer-lhes que aprendessem a reconhecer bandeiras e embarcações, e fomos dar fundo junto a Fortaleza. Aqui desembarcamos, e fomos nos apresentar ao Comandante, a quem causou novidade o meu retorno, e depois fomos à cidade falar com o Procurador do Governador, que a este tempo estava fora, e lhe participei a minha viagem, o estado do barco, e as disposições que tinha feito para o seu concerto e regresso, tudo o que certificou o Capitão, segundo a ordem que recebera do Major Wilson; e isto feito nos recolhemos a bordo.

15 e 16

Nestes dois dias aqui nos demoramos, porque foi preciso mandar participar ao Governador a nossa chegada, afim de que ele mandasse as respostas de algumas cartas que o de Suriname lhe havia dirigido.

---

[44] Demos fundo: Lançamos âncora.

17

Com a vazante da manhã largamos do dito Porto, e nos fizemos na volta do mar, onde, pelas 08h30, avistamos uma pequena embarcação, que em pouco mais de um quarto de hora nos veio reconhecer, e se retirou sem que nos desse a conhecer quem era, nem a sua Nação. Pouco depois das 09h00, tornamos a avistar outra, que também se encaminhou para nós, e logo que chegou a tiro de peça, içou e firmou a sua bandeira, e falou com o Capitão da nossa embarcação, que já também tinha arvorado as suas. Reconhecemos então ser um bergantim de guerra americano-inglês, que andava cruzando naqueles mares caçando franceses de Caiena. Informado do que eu pretendia, se retirou continuando a seguir rumo que trazia, e em breve tempo se nos perdeu de vista, pois era tão veloz que não parecia andar, mas sim voar pelas águas ou pelos ares, ao mesmo tempo que a nossa embarcação também era mui ligeira, mas não tanto.

18, 19, 20 e 21

Nestes dias navegamos com vento ora favorável, ora contrário, bordejando a uma e outra parte, e algumas vezes estivemos em calmaria, mas sem novidade.

22

Seguimos da mesma sorte até a uma hora da tarde, em que avistamos a terra de Suriname, para a qual íamo-nos aproximando. Entramos na sua Barra, pelas 14h30, e com o resto da enchente fomos até o Forte de Amesterdão, de onde partimos quando a maré tornou a encher, e demos fundo no porto da cidade de Paramaribo, capital desta Colônia, pelas 16h30.

23

Pelas 07h00, fui com o Capitão da embarcação apresentar-me ao Governador-General, levando-lhe os meus passaportes, e sendo por ele muito bem recebido, me mandou logo ensinar o caminho da casa do Doutor David Nassi, alvo e objeto das minhas diligências, e desta longa e penosa viagem, já aqui bem compensada com o gosto de o ter achado, e mais ainda com a honra de ter assim satisfeito a parte principal da minha comissão, entregando ao dito Nassi as respeitáveis cartas de que era portador.

Ele as recebeu com grande prazer e maior respeito, e à proporção que as ia lendo, se lhe descobria no gesto e nas palavras a suma impressão e alvoroço que lhe causava esta honra, que ele reputava mui superior aos motivos que a ocasionavam.

Não podendo já conter em si a sua alegria, chama a Sara sua filha, e a todos os parentes que ali estavam, e a quem deu logo parte de tão inesperada e feliz novidade, para que a tivessem também no seu contentamento.

A este tempo mandou o Governador, o qual se chama Julião Francisco Frederico, pedir ao dito Nassi que quisesse ir à sua casa, levando-me consigo, ao que ele obedeceu logo, e eu juntamente por seu convite.

Durante o caminho foi-me ele relatando algumas coisas que o Governador em outro tempo havia feito, e que sem dúvida nos mandava chamar com o desígnio de saber de mim o resultado delas; mas como eu ignorava inteiramente, desde logo o dispus para concorrer comigo a persuadi-lo de tudo o que deveria dizer-lhe em tais circunstâncias.

Chegando à sua presença, ele nos recebeu com muita afabilidade. Logo depois me perguntou pela nossa augusta Soberana e pelo Príncipe, ao que respondi como devia. E antes que me falasse nos objetos que me havia apontado Nassi, eu preveni tocando-lhe nos mesmos de tal modo que ele facilmente se persuadiu, ficando com isto muito satisfeito.

Não deixei de lhe ponderar os motivos porque as coisas foram assim dispostas, ao que ele assentiu, como me persuado que será constante. Nassi da sua parte me ajudou muito, e com razões tão justas e próprias, que não merecem menos reconhecimento. Não me é lícito dizer mais e especificar aqui o que se passou na dita conferência, de que já dei exata conta a quem somente a devia dar de toda a minha diligência.

Então S. Exª nos fez a honra de convidar para jantarmos com ele naquele dia, para ele de tanto gosto, como se expressava; e logo me ofereceu casas para residir, e tudo o mais que precisasse todo o tempo da minha demora nesta Colônia, pois não queria [dizia ele] que eu despendesse nada do meu na sua cidade.

Instou tanto neste oferecimento quanto eu em agradecer-lhe, mas Nassi lhe suplicou que permitisse que ele me alojasse em sua casa pelos motivos que expôs a S. Exª, e por outros que deixava à sua contemplação, no que ele conveio, e nos despedimos, e então me rogou que à hora do jantar lhe referisse miudamente toda a minha viagem e os sucessos dela, e eu prometi obedecer-lhe.

Foi tal o alvoroço que causou a minha chegada a todos os indivíduos da Nação judaica portuguesa, habitante em Suriname, que quando voltamos para a casa de Nassi já aí se achavam à espera de nós mais

de quarenta dos principais dentre eles para me felicitarem, e darem a boa vinda, que estimaram muito, não só pela honra e glória que dela ou das cartas resultava a todos, mas também por ir, e ser eu natural do País dos seus antepassados, que ainda consideravam como Pátria, cuja linguagem ainda era a de que usavam, e de que se lembravam sempre com saudade e com ternura.

O dito Nassi lhes participou então miudamente o conteúdo das mesmas cartas, acompanhando com reflexões muito próprias para aumentar e justificar o prazer, que alguns testemunhavam com lágrimas; o que me tocou sumamente, como um espetáculo sublime do amor patriótico, lembrando-me muito nesta ocasião daqueles versos de Ovídio:

> *Nescio qua natale solum dulcedine cunctos*
> *Trahit, et immemores non sinit esse sui.* ([45])

Este dia era domingo, e sendo como tal rigorosamente proibido ali para todo e qualquer trabalho, portanto não me foi permitido desembarcar nele coisa alguma para a terra senão a minha rede ou maca.

Chegada a hora do jantar, que seria quase às 15h00, tornamos para o palácio do Governador, que nos recebeu com a mesma benignidade, e igualmente sua excelentíssima esposa, a quem tive a honra de cumprimentar.

Esta senhora é de mediana formosura, mas de muito espírito, ornado de bastantes conhecimentos, com muita gravidade e afabilidade ao mesmo tempo.

---

[45] "*Desconheço quem unicamente por vocação, com prazer, ampara a todos, sem se lembrar de si próprio*" – Públio Ovídio Naso: Cartas Pônticas (ou Cartas do Mar Negro – Ponto Euxino), I.III. 35-36.

A mesa foi servida com a maior magnificência, unindo-se nela a riqueza ao bom gosto: e aí se achavam além do Governador, e da sua esposa e um filho, que é Cadete, mais dois Capitães, um ajudante, o Dr. Nassi e eu, podendo ela satisfazer bem a vontade até 40 ou 50 pessoas.

Fez-se a primeira saúde à Rainha Fidelíssima e ao Príncipe do Brasil, a que todos corresponderam, especialmente Nassi e eu com as demonstrações do profundo respeito que devíamos.

Aqui satisfiz aos desejos do Governador, e relatei a minha viagem, que todos ouviram atentos, e disseram no fim dela, para me lisonjear, que eles se dariam por felizes se tivessem feito um semelhante serviço.

Então o Governador voltando-se para o Cadete seu filho, lhe disse que aprendesse com este exemplo a sofrer incômodos e trabalhos para obedecer aos superiores e servir a Pátria.

E que ele mesmo estimaria mais ter feito esta diligência, do que ser Governador em Suriname, o que me surpreendeu bastante, e cheio de confusão e de reconhecimento lhe agradeci como pude.

Acabado o jantar, passamos para outra sala, ainda mais suntuosa, para onde fez vir o Atlas, pedindo-me que lhe mostrasse a minha derrota sobre a carta respectiva.

Assim o fiz, e dizendo-lhe que faltava nele o Rio Rupununi logo o anotou em papel separado; mas eu usando da possível reserva em tais circunstâncias, não apontei, e passei em silêncio, de modo que não perceberam o pequeno Rio Sarauru por ser já do nosso território, e outros pertencentes ao mesmo.

A vista desta derrota, e dos seus longos e trabalhosos rodeios, novamente entraram a exaltar a agilidade e a sofredora e animosa constância dos portugueses: ao que respondi, que não era isto de admirar em homens como eu, destinados pela Providência desde o berço a padecer necessidades, e já habituados a elas, principalmente servindo debaixo das ordens de um General, qual era o meu, que nos servia de exemplo e de estímulo, e que sendo das principais famílias e primeira nobreza do Portugal, criado com o mimo e delicadeza que lhe era própria, assim mesmo se não poupava a trabalho algum, ativo e infatigável no serviço da Nação e da soberana, de quem tinha obtido toda a confiança e distintas mercês, como penhores de outras ainda maiores, que merecia por muitos títulos, e mormente pelo seu Governo feliz e laboriosíssimo no vasto Estado do Pará e Rio Negro pelo espaço de oito anos, e nesta época a mais crítica de uma guerra universal.

Entrava já a noite quando pedimos licença a Suas Excelências para nos retirarmos, agradecendo-lhes com as expressões do maior respeito todas as honras que me tinham feito, e que eles protestavam querer continuar com muito gosto.

Em casa achamos um novo concurso de gente, que nos esperava atraídos pelo mesmo motivo e novidade, e depois de os satisfazer pelo modo possível, me recolhi logo a descansar das fadigas daquele dia e dos outros antecedentes, e dar graças a Deus Nosso Senhor por me ter conduzido incólume até aqui.

24

Já Nassi, como secretário da regência da Nação judaica portuguesa em Suriname, tinha feito aviso da minha chegada, e do seu fim, aos regentes da

mesma Nação, os quais logo na manhã imediata se congregaram, e lidas as cartas que levei, determinaram fazer na sua sinagoga uma função solene na mesma tarde deste dia, para o que se expediram as necessárias ordens, e se deram logo todas as providências.

Eu fui oficialmente convidado pelo corpo da regência para assistir a ela, fazendo-me a distinta honra de dar assento na parte superior da sua mesma bancada, onde estive durante todo aquele ato, que foi celebrado ao seu modo, mas com muito acatamento e religiosa pompa, ainda que para mim inteiramente nova, pela diferença que tem do nosso culto.

Foi o fim desta função dar solenes graças ao Altíssimo, e dirigir-lhe preces, que foram todas entoadas na língua hebraica, da qual usam em todas as suas funções religiosas, pela vida e saúde da Rainha Fidelíssima Nossa Senhora, do Príncipe seu augusto filho, e de toda a real família, como também pelo aumento ou conservação do amor e fidelidade da Nação portuguesa para com eles, e finalmente pelo seu iluminado ministro o Ilm° e Exm° D. Rodrigo de Sousa Coutinho, a fim de que Deus lhe assistisse sempre com o espírito de sabedoria em seus conselhos para felicitar os povos e perpetuar a glória desta monarquia.

Acabado o dito ato, agradeci, como devia, todos estes obséquios por mim e por toda a Nação, assim pela razão primeira de português e de vassalo, como pelos motivos pessoais, protestando-lhes que os faria públicos em toda a parte para honra sua e nossa. Então me convidaram algumas pessoas para que lhes desse o prazer de ir jantar à sua casa, e de os frequentar enquanto ali estivesse, o que prometi para os dias seguintes.

25

Mas logo no outro amanheci doente; e declarando-se a minha moléstia ser uma sinocha ou febre podre ([46]), reduziu-me esta à última extremidade, de que escapei pela misericórdia divina, mediante os socorros que me deparou no honrado e generoso Nassi, em quem não só tive médico o mais hábil e efetivo, pois que ele o é de profissão, mas também enfermeiro caritativo e vigilante, pois que em sua mesma casa assistia, onde me não faltou nada do que poderia desejar na de meus próprios pais, empregando-se todo ele, sua filha e toda a sua família, em procurar-me alívio, que enfim comecei a experimentar depois da ótima aplicação dos cáusticos, mas ainda hoje me não posso lembrar sem aflição das que então passei, dos horrores da morte, que tantas vezes me cercaram o leito, das lúgubres noites que tive, e das que dei involuntariamente à triste e desvelada família de Nassi, a qual se pode propor a todo o mundo como um perfeito modelo da mais sincera e oficiosa caridade.

Queira o Ser Supremo, que é só quem pode remunerar dignamente aos meus benfeitores, prosperar e dilatar a sua vida em benefício da humanidade, para continuarem a edificá-la e socorre-la com estes atos virtuosos, pelos quais se tem feito já há muito tempo conhecidos e recomendáveis a todos, e queira enfim mostrar-lhe a verdadeira luz, que só pode encaminhar os mortais até aos pés do seu trono, dar ás nossas obras um valor o mais precioso a seus olhos, e fazermos participantes de uma recompensa celestial e eterna!

---

[46] Febre Pútrida ou Podre: com este nome designam os autores antigos a mesma moléstia que hoje se descreve, e que é conhecida debaixo do nome de tifo. Davam este nome em razão do cheiro pútrido das fezes evacuadas, e da pronta putrefação dos cadáveres. (LANGGAARD)

Aqui exige a gratidão e a verdade que lhes tribute ao menos este fraco testemunho, demorando-me um pouco mais no que diz respeito à pessoa de Nassi. Natural de Suriname, porém português na origem, no nome e nos sentimentos, e de uma das principais famílias que em tempos anteriores se foram estabelecer na dita Colônia. Na Filadélfia, capital dos EUA ([47]), tomou o grau de Doutor em medicina, na qual se acreditou tanto, assim pela sua teoria, como pela prática, que mereceu justamente um lugar distinto entre os melhores médicos de uma e outra cidade, posto que ao presente não exercia já lucrativa e ordinariamente a dita profissão senão por amizade ou humanidade nos casos mais árduos, em que é consultado e buscado o seu auxilio. A sua principal ocupação atualmente é o estudo, que forma as suas delícias na seleta e copiosa livraria de mais de dois mil volumes, com o socorro dos quais, e de várias línguas, que perfeitamente fala e escreve, conseguiu, sem embargo de nunca ter ido à Europa, muitos e profundos conhecimentos em diversos ramos de literatura ou ciências, cujo fruto se vê em algumas das suas produções que tem dado à luz por via do prelo. Ele me fez mimo de alguns exemplares de duas; uma escrita em francês e em dois volumes, intitulada "*Essai historique sur la Colonie de Surinam*", e outra composta por ele em língua portuguesa, e por ele mesma vertida na holandesa e na francesa, sobre o plano de educação para formar um novo seminário, que se pretendia ali estabelecer, e o seu zelo promovia ardentemente a benefício dos meninos judeus e cristãos de qualquer comunhão que fossem.

---

[47] Em julho de 1778, o Congresso retornou à Filadélfia e, em 1781, a constituinte elaborou a Constituição que foi assinada no Independence Hall, em setembro de 1787. O Congresso Continental foi transferido para Nova Iorque em 1785, mas Thomas Jefferson trouxe-o novamente para Filadélfia em 1790, onde permaneceu durante dez anos como capital provisória dos EUA, enquanto Washington D.C. era projetada. Filadélfia perdeu seu status de capital da Nação em 1799.

Tendo até aqui falado dos seus talentos, ou das qualidades do seu espírito, ainda não disse tudo, porquanto as do seu coração, a sua exata probidade, candura, muita humanidade, suma modéstia, e outras virtudes morais e civis, é que verdadeiramente o caracterizam.

Exemplar e religiosíssimo observador da sua lei e do culto que professa com o maior respeito e fidelidade, ele não censura, nem se embaraça, nem se mete a falar nas dos outros, estimando a virtude em qualquer homem, e louvando com preferência a aqueles que são mais fiéis à sua religião, ainda que diferente da que ele por educação ou infelicidade segue, como eu mesmo presenciei.

Por estes e outros motivos, merecendo todo o amor e contemplação, não só dos indivíduos da Nação judaica portuguesa, de cuja regência é membro, como já disse; mas também de todas as classes de habitantes daquela Colônia, onde é ouvido e consultado como oráculo, e respeitado dos estrangeiros que ali vão.

O seu nome chegou já com louvor à mesma Europa, principalmente a Portugal e à Holanda, e aos seus respectivos governos, do que vi provas e monumentos. A sua idade presentemente mostra ser de cinquenta anos pouco mais ou menos.

É viúvo, e ficando-lhe uma única filha, por nome Sara, em quem já acima falei, se esmerou tanto na educação desta, que além de lhe formar o coração com o amor da virtude e dos seus deveres, de que tem feito hábito, e além dos conhecimentos econômicos que constituem uma boa mãe de família, cujas funções exercita ela em sua casa, ornou também o seu espírito com outros pouco ordinários nas pessoas daquele sexo, principalmente na América, como o

estudo de várias línguas, que com perícia maneja, a aritmética, a perfeição da escrita, a música, a geografia, a história e outras prendas.

Eu a vi discorrer com tanto acerto e discrição sobre os interesses e movimentos atuais das nações, como faria o político mais versado nisto. Quanto à fortuna ou estabelecimento de Nassi, ele consiste principalmente, e no presente tempo em uma fábrica de madeiras, onde tem a sua escravatura, e com o produto da qual se mantém não na opulência, mas na abundância, na independência, e no decoro com que se trata a si e à sua família, aplicando ainda o remanescente ao socorro dos necessitados e dos infelizes; com o que termino o seu breve retrato.

No decurso da minha moléstia, que durou trinta e quatro dias, tive a honra de ser visitado por todas as pessoas principais da Nação judaica portuguesa, e ainda por outras, o por muitas das outras nações ou religiões que ali existem, e todos me animavam, indicando e oferecendo-me ao mesmo tempo os socorros que lhes lembravam, e que julgavam próprios para o meu alívio.

Ainda que nada me faltasse na casa do meu benfeitor senão aqueles com que a nossa religião assiste aos seus filhos em tais apertos, por não haver então na terra sacerdote católico, o que desejei suprir pelo modo possível com os atos e protestos da minha boa vontade, e entregando-me com ela à infinita misericórdia de um Deus, que tudo pode, e quer todo o bem.

Entre os que mais me obsequiaram neste tempo, como, pede o meu dever e a razão que faça particular menção do benigníssimo Governador, o qual se dignava de mandar saber de mim todos os dias, e se precisava ou queria dele alguma coisa.

Outubro 29

Assim passei até 29 de Outubro, em que pela primeira vez me levantei da cama, e comecei a exercitar em casa os meus fracos passos.

31

Na manhã de 31 fiz todo o esforço para sair fora, e como pude me encaminhei logo a beijar a mão a S. Exª por tantas honras e mercês que me havia feito, e dizendo-lhe depois disso que intentava regressar com brevidade se S. Exª não determinasse o contrário, ele me respondeu que a embarcação em que eu tinha vindo estava às minhas ordens; mas que não era justo partir sem estar mais bem restabelecido, e sem ao menos ver a cidade e as coisas mais notáveis dela, o que eu muito desejava, se bem que a minha debilidade e extenuação me não permitiam, como era patente.

Então por um lance de benignidade, superior à minha expectação, ele me ofereceu uma das suas carruagens para os meus passeios, e apesar das honestas e respeitosas escusas, com que lho agradeci muito, tive enfim, obrigado por ele, de aceitar esta honra.

Às 16h00, apareceu à porta de Nassi um carrinho magnífico de quatro rodas com dois soberbos cavalos e três criados, homens brancos, com as mais ricas librés ([48]): e dizendo-me um deles que vinham à minha ordem, conforme a que receberam do Sr. Governador, seu amo, me meti no dito carrinho, acompanhado de Isaac de Lapara, judeu português, que então estava comigo, e se me ofereceu para me servir de guia, e mostrar a cidade e alguns dos melhores jardins dos seus subúrbios.

[48] Librés: uniforme que usam os criados de casas nobres.

Causou geral admiração, a todos, este extraordinário obséquio, que a ninguém tinha ainda feito o Governador, e nem mesmo ao de Caiena quando ali estivera, e se demorara com sua mulher de passagem para a Europa, e deu isto ocasião murmurarem contra ele alguns franceses, que então se achavam em Paramaribo, com ameaças de que se haviam acusar as repúblicas francesa e batava ([49]), afirmando que tantas distinções, que me fazia, denotavam que o fim da minha ida ali era bem diferente do que se dizia, e que tinha mistério. O que chegando à notícia do dito Governador, longe de fazer caso de semelhantes acusações, por isso mesmo determinou continuar-me esses obséquios e outros, como fez nos dias seguintes, e à hora costumada me mandava sempre o carrinho, em que continuei a ver o que havia mais notável na cidade e seu contorno, do que darei adiante uma breve relação, e o resto do tempo ocupava em fazer e pagar visitas daquelas pessoas que devia. Em um destes dias me convidaram para assistir às núpcias de dois noivos da Nação judaica, que gostei sumamente pela novidade e aparato das cerimônias, as quais terminaram em um esplêndido banquete, em que estariam duzentas pessoas de ambos os sexos, ocupando duas salas que se comunicavam por uma grande e majestosa porta.

Novembro 4

No dia 4 de Novembro recebi uma carta escrita em francês do Governador holandês de Berbiche, com data de 18 de setembro, em que me participava a perda do seu barco, isto é, do que ele me havia emprestado, e eu deixei em Demerara para se consertar, e lhe ser restituído, visto não me servir para a viagem, como acima relatei.

---

[49] Batava: Batávia, região dos países baixos, o mesmo que holandesa.

Participou-me que naufragara no seu regresso do Demerara para Berbiche, salvando-se a gente, e que eu o devia indenizar da perda do dito. Como eu em outro tempo me tinha aplicado a alguns estudos, e por curiosidade adquiri também algumas noções, ainda que vagas, da jurisprudência, com estes subsídios e a boa razão lhe respondi que ele não tinha direito nem justiça alguma para exigir de mim semelhante indenização; porque eu não concorri de modo algum para a perda do barco, nem houve em mim dolo, malícia ou falta, e nem ainda leve ou indireta, para este acontecimento; mas antes fiz todas as diligências que eram possíveis, e usei de todas as cautelas para o evitar, assim pelo concerto que se lhe fez, como pelas mais providências dadas em Demerara para a sua segurança e real entrega, como certificara o Major Wilson, o lhe era bem constante.

Que o barco se perdera no seu regresso, sem que nele fosse coisa alguma que me pertencesse; e que só iam nele e o perderam aqueles mesmos escravos do Sr. Governador, e o prático por ele escolhido para a sua direção e mareação, que ele lhes confiou e encarregou, os quais tendo partido de Demerara depois de providos de tudo, concertado e aparelhado o barco de quanto eles mesmos julgaram preciso, era de presumir que este se perdeu por falta ou culpa daqueles.

Que ninguém era obrigado a pagar casos fortuitos quando não concorria para eles, e como este, que jamais se me poderia imputar, e menos provar.

E que tudo isto era conforme não só às leis da minha Pátria, as quais contudo lhe não citava por me achar em País e território alheio; mas também conforme ao direito comum adotado por todas as nações civilizadas da Europa, e aos princípios invariáveis da

lei natural ou da reta razão, em que todas as positivas se deviam fundar.

Mas que finalmente, e sem embargo disto, como eu estava próximo a partir, quando passasse por Berbiche trataria pessoalmente esta matéria com o Sr. Governador, e então assentaríamos no que fosse mais justo, sendo todo o meu desejo obsequiá-lo sempre e dar-lhe gosto.

Esta resposta agradou muito a Nassi, em cujo parecer não me quis deliberar, e também a José de Castilho, outro judeu português, e dos mais opulentos que ali há, o qual sem embargo de aprovar me disse que se eu todavia quisesse pagar o barco, ele passaria letras para Berbiche, afim de se me dar ali todo o dinheiro que me fosse preciso; o que eu lhe agradeci muito, certificando-o com sinceridade de que ainda me restava algum do que eu trouxera, e julgava ser suficiente para esta e mais algumas despesas.

5

Na manhã do dia seguinte me mandou convidar o Governador para que fosse com ele a um seu engenho de açúcar, e a uma plantação de café, que não era sua, mas estava a seu cargo, e o proprietário em Holanda, porque isto é lá permitido, e se não opõe ao seu regimento e aos costumes do País. Gostei de ver a regularidade, asseio e grandeza de uma e outra, assim na disposição do terreno, como em todos os seus edifícios, fábricas e trabalhos ativos e bem ordenados. Fomos em um escaler belíssimo, e depois de jantar voltamos para a cidade com a maré da noite, e como, entre alguns objetos sobre que se tratou durante a viagem, tive ocasião de novamente lhe falar na do meu regresso, que jamais me saía da lembrança.

Expus eu ao Governador o grande desejo que tinha, não de deixar aquela cidade, pois que nela, e sobretudo na benignidade de S. Exª, tinha achado mais favores do que merecia, e o melhor acolhimento que podia imaginar em todo o mundo, mas somente de voltar para minha Praça, e de obedecer ao meu General, o qual me havia ordenado que o fizesse com a maior brevidade possível.

E como sabia que a "*Flag of Bruce*" estava prestes havia muitos dias para seguir viagem para Demerara, e que só esperava por mim, segundo as ordens e o que S. Exª me havia dito, resultando-lhe desta demora algum dano ou incômodo, ao mesmo tempo que eu me achava já muito melhor de saúde, ainda que não estivesse de todo restabelecido, portanto lhe suplicava houvesse de consentir na minha partida, o que eu receberia dele como uma nova graça.

E quando quereis vós partir? me disse ele. Amanhã, se é possível, e se é do agrado de V. Exª, lhe respondi eu. Pois que tanto o desejais, tornou ele, será no dia seguinte por condescender convosco, se bem que receio ainda muito pela vossa fraca saúde.

Eu lhe agradeci isto muito, e continuando ele a honrar-me com as suas expressões chegamos à cidade, onde o acompanhei até a sua residência, e depois dos devidos cortejos, me retirei à minha.

6, 7, 8 e 9

Nos dias seguintes tratei de me dispor para a viagem, e de me despedir de todas aquelas pessoas a quem não podia faltar, obrigando-me elas novamente com os sentimentos que mostraram, assim pelo meu retiro, como pelo cuidado que lhes devia a minha saúde, que tanto temiam perigasse.

Às 16h00, do último dia acima referido me quis dar o Governador a última prova da sua rara generosidade, tão voluntária nele, como para mim inopinada, enviando-me a atestação cujo teor transcrevo em testemunho de gratidão, e como um monumento ([50]) do muito que lhe devo, e das virtudes que o caracterizam, bastando para seu elogio a suma hospitalidade que comigo praticou.

Este homem é naturalmente amável, polido e magnífico, e querendo meter a todos no coração, parece que aspira e deseja também com louvável ambição que todos o tenham no seu, e ser amado de todos. Nasceu no estabelecimento holandês do Cabo da Boa Esperança, de onde passou à Europa, e depois a Paramaribo, onde assentando Praça de Cadete, serviu de tal maneira que pelo seu merecimento foi gradualmente subindo a todos os postos até o de Governador-General, em que presentemente se acha; além disso é muito rico assim pelo avultado soldo que vence anualmente, como pela agricultura ou rendimento das suas fazendas. Terá agora pouco mais de quarenta anos de idade, e do que tenho simplesmente referido dele, se pode formar um justo conceito de suas luzes, e humanidade e beneficência.

> Nous Juriaan François Friderici, Gouverneur général de la province de Surinam et dépendances, général major d’infanterie au service de la République Batave, etc, etc, Certifions, pour servir où besoin sera, que le seigneur Francisco José Rodrigues Barata, porte-signataire au service de Sa Majesté três Fidèle, s’est comporté pendant son sejour dans ce gouvernementen homme d’honneur, et que nous avons toutes raisons de nous louer de sa conduite. – Donné à Paramaribó, notre residence ordinaire, sous notre signature, et le contreseing de notre secrétaire, ce 8 de novembre 1798. Friderici.

[50] Monumento: símbolo.

Par ordre du gouverneur général. – Firmado com o nome do secretário. – Com as armas do Governador. ([51])

Fui logo dar-lhe os devidos agradecimentos, e depois de uma curta demora, me retirei, e fui continuando, no resto da tarde, algumas despedidas que ainda me faltavam, e me recolhi para a casa já de noite. Grande parte desta me empreguei e entretive com o meu benfeitor, o honrado Nassi e sua família, de quem tinha recebido tanto bem, e mesmo a vida, se pode assim dizer. Protestei-lhe o meu eterno reconhecimento, e de parte a parte a amizade, a lembrança e o sentimento de que provavelmente nos não avistaríamos mais, o que alguns desta sensível família me certificaram com as suas lágrimas, a que as minhas corresponderam naturalmente.

Era tal a amizade e ternura, com que esta boa gente me tratava, que parecíamos parentes ou conhecidos já de muito mais tempo, e não satisfeitos ainda com as muitas provas que me tinham dado, me brindaram nesta ocasião por despedida com alguns mimos indicativos da sua sinceridade para comigo, o que gratifiquei pelo modo possível com outros que levei, e de que me tinha prevenido para esta viagem, por julgar que nela, como sucede sempre a todos os que as fazem, e por terras estrangeiras, teria ocasiões e lances em que me fossem precisos, e para este fim havia comprado algumas coisas, galanterias,

---

[51] Nós Juriaan François Friderici, Governador Geral da Província e Dependências do Suriname, Major General de Infantaria a serviço da República Batava, etc., etc., Certificamos, para servir onde for necessário, que o Senhor Francisco José Rodrigues Barata, portador signatário a serviço de Sua Majestade mais leal, comportou-se durante sua estada neste governo, um homem de honra, e a quem temos todos os motivos para elogiar sua conduta. – Dado em Paramaribo, nossa residência ordinária, sob nossa assinatura, e a contra-assinatura de nossa secretária, em 8 de novembro de 1798. Friderici. Por ordem do Governador Geral.

e produtos próprios do nosso País, e dos lugares do sertão por onde passei, as quais se reputando entre nós por bagatelas, são lá estimadas como preciosas raridades.

Algumas pessoas mais me obsequiaram com seus presentes de regalo para a viagem, ou de prevenção, suposto o estado ainda melindroso da minha saúde, sem se excluir disto o Governador.

Pedia a civilidade e o reconhecimento que os aceitasse e os gratificasse pelo modo possível, assim o fiz à proporção do que podia, e das pessoas, e sem falar nas outras, por evitar prolixidade, ofereci a Nassi uma rede excelente, e boa porção de tabaco do melhor fabricado na nossa Vila de Silves ou Saracá, à filha um pacará ([52]) lindíssimo de Santarém, algumas dúzias de cuias pintadas em Monte Alegre, e certa quantidade de anil do nosso Rio Negro. Ao Governador dirigi por via de Nassi outra rede ou tapoirana, tecida onde elas melhor se fazem, muito boa e de maior preço, ainda mesmo nas nossas terras, e juntamente uma porção de puxirí ([53]), a que chamam lá noz moscada do Brasil, o muito estimam, como tudo o mais que lhes ofertei.

10

No dia seguinte, destinado para a minha partida, depois de dizer o último adeus à família de Nassi, fui com este às 09h00 despedir-me do Governador, de S. Exmª esposa e filho, aos quais fiz os devidos protestos do meu respeito e eterna lembrança e reconhecimento, por se terem portado comigo até o fim do mesmo modo que principiaram, e recebendo

---

[52] Pacará: nome de cesta usada no Amazonas, de forma arredondada, feita com folhas de palmeira e tingidas de várias cores.

[53] Puxirí: Licaria puchury major.

as cartas que devia trazer, por último obséquio me acompanharam quase todos os judeus portugueses até ao cais, onde agradecido a todos me embarquei em um formoso escaler que ali me tinham apronta-do, e me conduziu para bordo da embarcação ou "*Flag of Bruce*", que na tarde antecedente largara do porto da cidade, e foi dar fundo na Barra à espera de mim, que finalmente cheguei a ela pelas duas horas depois de meio-dia. [...]

Guarnição Militar e Defesa da Colônia

A guarnição militar de toda a Colônia se compõe de três Batalhões de Infantaria, de uma companhia de duzentos negros libertos, de um corpo de caçadores, e de alguns engenheiros. Cada batalhão tem seu Coronel, Tenente-Coronel, Major, com a competente, oficialidade. A dita companhia de negros é conside-rada como a mais útil à Colônia, não só porque ela serve como tropa ligeira, mas também pelos contí-nuos ataques que tem, em diferentes lugares da mesma Colônia, contra os negros fugidos, que de tempos em tempos atacam as diversas plantações.

Todos estes corpos não contam hoje mais do que mil a mil e duzentos homens, porquanto desde o princí-pio da guerra da França com a Holanda não tiveram mais algum socorro de tropa, e nesta Colônia não se assenta Praça aos seus habitantes. Estes, porém, sendo livres são alistados em tropas de milícias, das quais tem onze companhias, em cujo número entra a da Nação judaica portuguesa. Cada uma destas companhias tem seus respectivos Capitães, Tenentes e Alferes, e delas existem quatro na cidade, e as outras divididas pela Colônia. As que estão na cidade entram por escala de guarda todos os dias de tarde junto à igreja dos reformados, e de manhã se retiram, e dão também oficiais inferiores e soldados para patrulhas rondantes de noite.

O número porém de praças de que se compõem as ditas companhias, e que existem na cidade capazes de pegar em armas, é de trezentos a trezentos e cinquenta. Elas não têm fardamentos, nem ordem nos seus armamentos, e menos disciplina.

Tem na entrada da cidade, o Forte de Zelândia, dentro do qual está o Quartel da tropa, os armazéns dos víveres e munições de boca e de guerra, das quais tem muito poucas pela mesma razão que já expressei a respeito da tropa. Este Forte tem dezoito peças de artilharia de dezoito até trinta e seis; porém elas não podem embaraçar o desembarque, porque pouco abaixo da cidade se pôde este fazer sem receio do dito Forte, que apenas pôde ofender e defender os navios ancorados no porto.

A 2 léguas abaixo da cidade o Forte de Amesterdão, o qual está situado em uma ponta ou espécie de istmo que ali forma o ajuntamento do Rio Comovine, que aqui deságua no Suriname, e defende, portanto, a entrada daquele Rio, e a continuação por este. Tem 96 peças de artilharia até 48 mm desde 12 mm.

O Comandante é um engenheiro com patente de Tenente-Coronel. A guarnição é de infantaria e artilharia, mas insuficiente para uma tal Fortaleza, pois apenas se compõe de 50 ou 60 praças. Pouco abaixo desta Fortaleza tem em cada uma das margens do Rio uma pequena bateria de 4 peças com 8 praças de guarnição, e abaixo destas tem em um sítio, a que eles chamam Mot Creeq, uma espécie de reduto, que serve apenas para dar aviso de qualquer embarcação que se dirige para a Barra. Na Foz do Rio tem uma bateria na margem esquerda em uma ponta, a qual mandou ali fazer o atual Governador, pelo que lhe chamam bateria de Fiderico, é defendida por 12 peças de artilharia, e guarnecida por 30 praças de infantaria e artilharia.

No canal que fica próximo à dita bateria, e por onde entram os navios, estão fundeadas duas fragatas, dois brigues e duas escunas, servindo as fragatas para defender a entrada da Barra, e os brigues e escunas para rondarem alternativamente a costa. À distância de uma légua do Rio acima se acha surta ([54]) outra fragata no mesmo canal; e junto ao Forte de Amesterdão se acham outras, das quais uma é a que foi charrua ([55]) portuguesa denominada "*Princesa Real*", apreendida pelos franceses de Caiena, e vendida ao Governador do Suriname. Pouco acima destas está outra no canal, e junto ao Forte de Zelândia a fragata Capitania.

Todas estas embarcações estão armadas e com a competente guarnição, e a seu bordo se acham alguns marinheiros portugueses dos que tem sido apreendidos e transportados ali pelos ditos caienenses, cujos infelizes não cessam de suspirar pelas suas Pátrias, porém debalde, porque só uma força superior poderá conseguir o livrá-los de tão pesado jugo, qual eles me representaram.

Da dita fragata Capitania se expedem as precisas ordens às outras embarcações, as quais todas lhe são sujeitas, e a ela dão parte de tudo. O Governador-General não tem nelas jurisdição alguma presentemente, e só lhe é concedida em ocasião ou ação de defesa. [...]

11

Pelas 16h00, do outro dia entramos na de Berbiche, e passando pela frente do pequeno Destacamento de que já fiz menção, nos tornou a acontecer o mesmo que na ida, porém com o mesmo sucesso, e fomos dar fundo junto à Fortaleza já quase às 18h00.

---

[54] Surta: fundeada.
[55] Charrua: navio para transporte de tropas.

12

No seguinte fui cumprimentar aos oficiais, e querendo fazer o mesmo ao Governador, me disseram se achava então fora da cidade, pelo que me dirigi com o Capitão da embarcação à casa do Procurador do dito, para com ele tratar sobre o negócio do barco, mas como este me disse que nenhuma ordem tinha do Governador sobre esta matéria, voltei para bordo.

13

E na manhã do outro dia, levantando ferro fomos demandar o Porto de Demerara.

14

Neste demos fundo, às 08h00, do dia seguinte, e desembarcando, nos dirigimos ao Quartel do Tenente-Coronel Comandante Geral da tropa inglesa, Thomaz Hislop, por quem fui recebido com a costumada urbanidade.

Depois de uma pequena conversação, lhe pedi licença para ir ver a minha gente que ali havia deixado, e dispor a minha, viagem, a qual pretendia continuar no dia seguinte, ao que ele logo me respondeu, que visse se para ela precisava alguma coisa, afim de que sem demora me fosse pronto tudo, o que lhe agradeci.

Depois de visitar o Major Wilson, fui ver a minha gente, isto é o soldado e os índios, e a todos achei doentes, uns ainda com sezões, e outros mal convalescidos, à exceção do índio Manoel do Nascimento, que falecera, mas neste mesmo estado, por não perder tempo, entrei a mandar concertar as canoas, e prontificar-se de tudo para seguir viagem.

15

O que feito, me fui despedir do Comandante Geral, pedindo-lhe o competente passaporte para Essequibo, o qual me passou logo, ordenando que não só se não me embaraçasse a viagem, mas se me desse quanto eu requeresse para ela. Isto lhe agradeci muito, e igualmente o convite que me fez para nesse dia jantar com ele, o que não aceitei por querer aproveitar a maré, e atravessar o Rio antes que o vento da tarde me impedisse, e com isto me escusei, e despedi.

Pelas 14h00, despedindo-me também do Major Wilson, do Governador Civil e do almoxarife, aos quais todos estavam tão obrigados. O primeiro fez por último o novo obséquio de acompanhar-me até ao Porto, onde me embarquei, e atravessando o Rio, aproveitei a maré, até que a vazante me impediu.

16

Pelas onze horas deste dia cheguei a Essequibo, entreguei ao Comandante o passaporte, e me demorei no seu Quartel até a maré da noite, em que parti. Pelas 17h00, chegamos à plantação das mulatas em quem já falei, na ida, e que agora nos receberam com o mesmo agasalho.

E como se nos tinha acabado a farinha, aqui mandei fabricar certa massa da raiz da mandioca, chamada tepurati, da qual se forma um pão ou beiju, e por isso nos demoramos até o dia seguinte.

22

Pela manhã partimos, e seguimos viagem neste e nos dias seguintes com sumo trabalho por se achar o Rio muito vazio, e a equipagem quase toda doente,

em razão de que os mesmos convalescentes tornaram a recair.

Dezembro 7

Pelas 17h00, chegamos ao lugar do trajeto, por onde havíamos de passar por terra para o nosso Rio Mau. Aqui nos demoramos este e o outro dia para dar descanso à equipagem, que tanto dele precisava.

9

Desembarcamos o nosso trem, e o passamos para a campina, deixando ali as canoas por não ser possível transportá-las por terra. Este trajeto é de dois dias de caminho, indo sem carga, mas como era preciso levar o dito trem, e os índios estavam doentes, caminhamos muito devagar.

11

Pelas 16h00, vimos que pelas faldas de uma serra se dirigiam a nós alguns índios, os quais chegando perto, reconhecemos serem do gentio Macuxí, e vinham visitar a uns parentes seus da mesma Nação. Estes nos contaram que um Principal chamado Aicá havia passado dois dias antes pelas serras em viagem para Essequibo, por mandado do Governador da Capitania de Rio Negro, a saber notícias de mim.

12

Como eu tinha mandado levar os práticos, que me acompanharam ao lugar da sua habitação em uma ubá, e vim seguindo viagem, aconteceu que os índios que foram na dita, quando regressaram, encontraram com o dito Principal, o qual voltou com eles, e chegaram aonde eu estava pelas 18h00; confirmando-me isto no que me haviam contado os referidos Macuxís, que nessa mesma tarde se retiraram.

13

Despedi o dito Aicá pela manhã com aviso do Comandante do Rio Branco, para que me mandasse canoas em que eu pudesse descer, enquanto nós continuávamos por terra o nosso trabalhoso trajeto.

14

Aqui deram novamente as sezões no soldado que me acompanhava, não me restando então pessoa alguma com saúde, pois eu também vinha atacado das mesmas, e isto sobre os estragos da grande e antiga moléstia de Suriname, cujos efeitos padecia ainda. Isto nos reduziu a todos à maior aflição, vendo-nos obrigados a carregar uns aos outros alternativamente para podermos prosseguir.

15

Pelas 17h00, deste dia voltou o Principal sobredito em companhia de dois soldados, que encontrou no Rio Mau, e que também vinham ver se havia notícias minhas. Como eu pois me achava com toda a gente doente, me resolvi a partir para a Fortaleza do Rio Branco, afim de poder aí providenciar melhor a vinda das precisas canoas.

16

Depois de dispor o que se devia fazer em minha ausência, parti para as margens do Rio Mau, mas em caminho me apertaram as sezões, de modo que me prostraram inteiramente, e sabe Deus o que me custou a seguir adiante.

17 e 18

Pela manhã nos embarcamos na pequena canoa em que vieram os soldados, e partimos; e no dia

seguinte, pelas 18h00, chegamos à Fortaleza, havendo navegado toda a noite antecedente.

19

Logo de manhã se despediram duas canoas em busca da nossa gente ao Rio Mau, ficando eu entretanto a padecer as minhas sezões diárias, socorrido apenas com alguns remédios que a triste situação oferecia, e a caritativa, mas simples experiência, aplicava até o dia seguinte.

27

Neste dia chegaram as canoas, participando-me os soldados haver falecido o índio Joaquim, do lugar de Carvoeiro.

28

De manhã parti da Fortaleza, na qual deixei o Soldado Duarte José Miguens que me havia acompanhado nesta viagem, por motivo das mesmas sezões, afim de se poder curar, como ele requereu, entre a sua família ali residente. Fiz a minha viagem pelos lugares e Vilas que me ficavam em caminho, indicados já no decurso da minha subida, deixando nas suas povoações os índios que trazia como esqueletos da morte, e tomando nas mesmas outros em seu lugar.

1799

Janeiro 5

Cheguei à Fortaleza da Barra do Rio Negro, onde por motivo da minha moléstia me demorei alguns dias, para se me aplicarem os competentes remédios. Mas como destes mui pouco fruto tirei durante a demora, resolvi-me com o beneplácito do Governador a partir dali, o que fiz na mesma noite deste dia, descendo pelo Rio Negro e Amazonas abaixo.

E como “*Deus dá sempre o frio conforme a roupa*”, sucedeu que dando-me as sezões no porto do lugar de Vila Nova da Rainha, lembrou-me mandar amornar uma pouca água, e bebendo dela uma porção considerável, isto me serviu de emético ([56]), tão oportunamente aplicado, que obrigando-me a lançar quantidade imensa de cólera, suspenderam-se-me as sezões, e assim mais aliviado continuei a minha viagem pelas águas do dito Amazonas, mas sempre com ventos tão contrários, que só de noite podia avançar alguma coisa.

E como, à exceção do que tenho referido, nada mais encontrei que notável fosse em todo o meu regresso, por isso, e pelo estado e pressa com que vinha, e porque já na ida fiz menção das principais Vilas e lugares por onde transitei, julgo supérfluo repeti-lo agora, sendo aqueles os mesmos e a mesma escala. (BARATA)

[56] Emético: vomitório.

Cemitério II
(Thales Bastos Chaves)

"O que perturba e intimida
O meu espírito forte
Não é a certeza da morte
Mas a incerteza da vida."
(Da Costa e Silva)

[...] Terra da paz, das lâmpadas dolentes,
Dos fogos-fátuos, das visões serenas,
Terra onde moram lúgubres ausentes,
Responsáveis fiéis por nossas penas.

Terra isolada, terra do abandono,
Último leito desta humana gente,
Onde se dorme o derradeiro sono,
Onde a carne desfaz-se e não se sente.

Terra das flores, das fatais lembranças,
Onde não flora o riso de venturas;
Solo que abriga as mortas esperanças,
No silêncio espectral das sepulturas.

Terra que adoro, porque sei que um dia,
Hei de volver-lhe ao seio – última cela,
Pródiga terra que me nutre e cria,
É parte minha e eu sou parte dela.

Vendaval
(Thales Bastos Chaves)

Lá se vai sem destino a floresta agitando,
Encurvando o caniço tão débil, minguado,
Bate ao cedro gigante este vento malvado,
Abalando-lhe o tronco e seus galhos curvando.

Sopra as folhas do chão, sopra as aves em bando,
O ingazeiro sacode e dos ramos, coitado!
Leva tudo que encontra o infeliz, desgraçado,
As florzinhas – vilão – leva-as rindo, cantando.

Desumano, traidor, por que foges a rir?!
Se eu pegar-te pudesse, amassar, comburir (57),
Eu tentava, eu faria, por várias razões,
Pois me fazes lembrar uma triste verdade:
Tu virás desfolhar minha sã mocidade,
Arrancando sem dó minhas sãs ilusões.

---

[57] Comburir: queimar.

Robert H. Schomburgk (1835/6)

THE JOURNAL

OF THE

ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY

OF

LONDON.

VOLUME THE SIXTH.

1836

LONDON:
JOHN MURRAY, ALBEMARLE-STREET.

MDCCCXXXVI.

"Tradução Livre de Hiram Reis e Silva"

Robert Hermann Schomburgk - o Homem

Nasceu, em Freyburg, às margens do Rio Unstrut, na Turíngia, mais tarde Província Prussiana da Saxônia em 05.06.1804. Seu pai foi Johann Friedrich Ludwig Schomburgk, ministro luterano em Freyburg, nos idos de 1801 e 1820, e depois em Voigstedt até 1847, onde veio a falecer um ano depois de cólera. Sua mãe foi Christine Julian que morreu em 1827. Ele era o mais velho de seus cinco filhos: Linna Theresia que nasceu em 1806, Alfred Otto em 1809, Moritz Richard em 1811 e Ludwig Julius em 1819.

Sua educação fundamental foi proporcionada basicamente pelo pai, quem, segundo ele, despertou-lhe, desde cedo, um grande amor pela botânica.

Saiu de casa, aos 14 anos, para labutar como aprendiz de um comerciante, em Naumberg, chamado Krieger e, em 1823, foi trabalhar com seu tio, Henry Schomburgk, que tinha um comércio em Leipzig.

Nesta cidade teve maiores oportunidades de estudar botânica e, além de assistir a palestras na Universidade local, teve aulas particulares. Ele fez, também, várias excursões botânicas na região do Reno, Hartz e Turíngia.

Schomburgk tinha o desejo, desde cedo, de viajar para fora da Europa, mas se absteve de fazê-lo cumprindo uma promessa feita à mãe. Mais tarde ele diria a George Bentham que ele havia deixado a Alemanha *"em decorrência de causas políticas"*. [...] Desde a sua primeira Expedição, sofreu de problemas de saúde recorrentes. Além da malária e da febre amarela, ele sofria de grave problemas reumáticos e mais tarde veio a ter problemas de visão.

Há também fortes evidências de que sofria de epilepsia. O jovem artista Edward Goodall, que o acompanhou na segunda e terceira Comissões de Limites, registrou em seu diário no dia 01.10.1841:

> Chegando em casa, fui dormir, mas logo fui despertado pelo Sr. Schomburgk que estava tendo um dos mais terríveis acessos epilépticos que já tinha presenciado.

No mesmo ano, Schomburgk mencionou em carta a Jardine que ele sofrera dois ataques de "*debilidade nervosa*" que podem se referir à mesma enfermidade. No entanto, com exceção de uma referência a um outro "*ataque nervoso*", em 1855, não há nenhuma outra menção a eventos semelhantes.

Parece que ele tentava evitar que suas condições físicas se tornassem públicas e viessem impedir que conseguisse alcançar a tão almejada nacionalidade britânica, que, para seu desespero, jamais foi concretizada.

Ele chegou a escrever para o secretário da Sociedade Geográfica Real, em 1835, pouco antes de partir das Ilhas Virgens para a Guiana Inglesa:

> O desprezo que me dispensaram os Ministros em Berlim e a maneira com que as autoridades trataram do caso de meu irmão mais novo, associado à uma antiga Sociedade política da Prússia, que só encontra similar nos Anais da Inquisição Espanhola romperam, em definitivo, os últimos laços que me prendiam a essa Nação, que invadiu e ocupou a minha terra natal, a Turíngia. Não me considere falacioso quando digo com orgulho que nada pode ser igualado à Inglaterra que é, agora, o meu país por adoção!

Schomburgk, quando estava em Santo Domingo, fez diversas tentativas de naturalização, através de uma série de cartas.

Numa delas, ao Lorde Palmerston, em 1850, ele afirmou que, até então, como seu pai ainda estava vivo e outros membros de sua família moravam na Prússia, ele não solicitara a cidadania britânica.

Agora, porém, que seu pai falecera, dois de seus irmãos estavam morando na Austrália e seus irmãos e irmãs remanescentes estavam prestes a se mudar para lá, tornando-se todos súditos de "*um soberano a quem eu servi desde que subiu ao trono*", ele também desejava obter cidadania britânica.

Ele observou que a falta de tal cidadania não o impedira de se tornar cavaleiro e cônsul britânico. O problema intransponível era o de poder residir em solo britânico e Schomburgk nunca conseguiu o seu intento. [...]

Schomburgk certamente possuía muitas qualidades sem as quais ele não teria conseguido liderar Expedições que cobriam milhares de quilômetros no interior da Guiana com grande sucesso.

Ele se preocupava, por demais, com o bem-estar de todos os membros de suas expedições, nativos ou não, e se orgulhava do fato de que, com a exceção de um funesto acidente em Berbice, suas viagens tinham sido extraordinariamente livres de calamidades. (RIVIÈRE)

Relatório de uma Expedição ao interior da Guiana Britânica, em 1835/6. Por Robert Hermann Schomburgk.

Será sempre lembrado pelos membros da Sociedade Geográfica, que uma Expedição para explorar o interior da Guiana Britânica foi decidida pelo Conselho da Sociedade no final do ano de 1834; e que, ao ser comunicado ao Governo, encontrou a mais completa aprovação e patrocínio dos Ministros de Sua Majestade. As instruções do Conselho da Sociedade, que serão encontradas em detalhes no Relatório anual para 1836, anexado a este volume, foram, consequentemente, transmitidas ao Sr. Schomburgk, selecionado para comandar o grupo explorador, em Georgetown, Demerara.

As páginas seguintes contêm um resumo do primeiro, segundo e terceiro relatórios da primeira Expedição ao interior, com uma análise das Observações Astronômicas e Meteorológicas, que foram recebidas até esta data; que poderão ser acessados pelos interessados; como também o mapa original, de 205 cm – a um grau de Latitude; uma cópia do qual, em escala reduzida, acompanha este Relatório.

Seguindo suas instruções, o Sr. Schomburgk deixou Georgetown em 21.09.1835, rumo ao Essequibo, que deságua no Atlântico por uma Foz de 22,5 km de largura de costa à costa, separadas por quatro canais e três ilhas baixas, a maior dos quais – Wakenaam, tem 11,2 km de comprimento.

21 de setembro de 1835 – Prosseguindo nosso curso [diz o Sr. Schomburgk] por este nobre Rio, que, a partir de sua Foz no Mar, percorre uma direção Norte-Sul por cerca de 56 km e largura média de 13 km, passamos sucessivamente por Hog e Fort Islands; outrora, o último o centro de todo o comércio da colônia ocupada pelos holandeses – agora sem vida e deserto, exceto por alguns negros que construíram suas casas de barro junto às ruínas da antiga capital da Guiana. [...]

01 de outubro de 1835 – No dia 1° de outubro, tendo ultimado todos os preparativos, deixamos o posto no Cuyuny e começamos a subir o Rio Essequibo. O grupo consistia de três europeus, um oficial militar, um residente de Demerara e eu, quatro negros, e as tripulações das três korijaals ([58]). Cinco negros, cinco Caribes, três Macoosie e dois índios Accaway, no total vinte e duas pessoas. [...] Navegando Essequibo acima em direção à sua nascente, o Rio segue rumo Sudeste por 11 km, até Point Saccaro, onde volta-se para o Sul por 96 km e recebe como afluente, o Massaroony, a uns 19 km a Oeste, e o Rio Demerara, 24 km a Leste, que mantêm um curso paralelo durante toda essa distância. [...]

22 de outubro de 1835 – 19 km a Sudeste chegamos às corredeiras de Rapoo assim chamadas pelo nome indígena de bambu [Naslus latifolia], que aqui abundam. Rochas e rebordos de gnaisse, mas sem o revestimento vitrificado, formam um dique sobre o qual a corrente corre turbulenta.

---

[58] Corial: Tronco vaciado (canoa), Kuriyara. Esta palabra es igualmente común en la mayoría de los dialectos Caribes y ha sido adoptada por el Español de Sur América "*curiara*". Há pasado al Inglés como "*corial*", palabra que nada tiene que ver con "*coracle*" – barquilla de cuero. En Caribe […], significa […] un tronco o madero vaciado y con extremos puntiagudos. (REVISTA DE FOMENTO, n° 21 a 25)

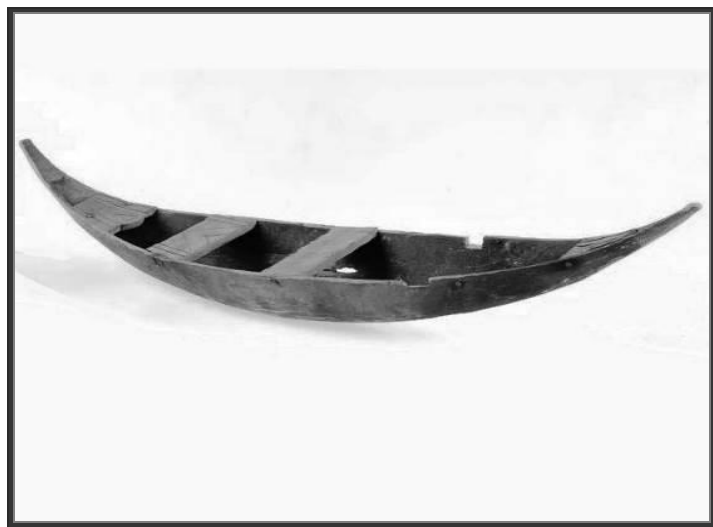



Imagem 11 – Uma típica Korijaal da Guiana

22 de outubro de 1835 – 19 km a Sudeste chegamos às corredeiras de Rapoo assim chamadas pelo nome indígena de bambu [Naslus latifolia], que aqui abundam. Rochas e rebordos de gnaisse, mas sem o revestimento vitrificado, formam um dique sobre o qual a corrente corre turbulenta.

O Rio forma um cotovelo; fluindo do Sul lentamente por 21 km, as colinas Orientais fazem com que ele se dobre de repente para Noroeste, até a confluência do Rio Potaro, a uma distância de 145 km. Acredita-se que o Rio Demerara mantenha um curso paralelo durante toda essa distância, separado apenas por 32 km para Leste; e nesse intervalo estão numerosas trilhas, muito usadas pelos índios.

Uma longa ilha aqui divide o Rio em dois canais; o Oriental, chamado Yukoopato; no Ocidental é a Barra do Arouan. Acima das corredeiras, avistamos, ao longe, duas corials – uma rara visão, que só ocorreu duas vezes desde que saímos do posto; e treze dias se passaram desde que avistamos um ser humano, exceto os de nossa própria equipe.

Imagem 12 – Caribes – Vila Annay (Charles Bentley)

Os índios eram Macoosies do Rupununi, em uma viajem ao Rio Demerara, seu barco estava cheio de redes, grandes bolas de algodão, arcos de madeira, tabaco em folhas, papagaios, araras, etc. O chefe, como galardão, usava uma coroa de penas de arara; e como eles haviam aportado em uma ilhota rochosa do Rio, para lá rumamos com o objetivo de contatá-lo.

Avistando-nos, ele retornou ao seu barco, e tomando assento em um dos bancos, nos aguardou solenemente. Barganhamos seus produtos por facas e tesouras; e, depois de oferecer alguns mimos à ele e à sua esposa, ele prometeu levar nossas cartas para a colônia. O curso do Rio agora está livre de ilhas e mantém uma largura de 460 m por alguns quilômetros; suas margens são de 3,6 a 4,6 m altura, de barro branco claro, debruadas por árvores majestosas – a corrente é insignificante. [...]

25 a 28 de outubro de 1835 – [...] Alguns quilômetros mais adiante, empurramos uma das pequenas corials pelo córrego Curassawaak para o Sul, em busca de uma Aldeia de índios e comida.

Encontramos uma grande plantação de mandiocas, cabanas bem construídas, belas panelas de barro, bolas de algodão, uma rede semiacabada – tudo denunciando uma ocupação recente; mas nenhuma criatura viva foi avistada; tudo deserto. Levantamos várias hipóteses relativas ao destino dos nativos – fogo, ataque de uma horda inimiga – tudo em vão. Fomos obrigados a voltar de mãos vazias até nossa tripulação esfomeada, que ficou muito decepcionada. Finalmente, apareceu um solitário Macoosie, que morava num casebre às margens do Rupununi, para esclarecer a questão. Uma das esposas do chefe morrera; e, em consequência, embora a Aldeia fosse nova, a lavoura ainda por colher, abandonaram-na e deixaram esse pobre índio para cuidar das plantações. Mas ele residir naquela Aldeia infeliz! Não, não tinha nenhuma intenção! O cacique Jacobus tinha se retirado para as colinas no Norte, e para lá seguimos. [...]

Schomburgk passou todo o mês de novembro em Annay – recuperando a saúde de sua equipe, que muito sofreu, para obter informações dos nativos, colecionar e preservar espécimes, reproduzir o itinerário em um mapa e fazendo observações meteorológicas, astronômicas e trigonométricas para georeferenciar – os Rios, a posição e a altitude das montanhas e determinar a temperatura do ar. [...]

O chefe Jacobus [Yhrayee] me acompanhou com 14 índios, alguns Caribes e outros Macoosies. Todos os arranjos foram concluídos, e eu e meu companheiro saímos da Aldeia, em Annay, com a última corial para a margem do Rio.

Que visão em nossa chegada lá! Índios, homens, mulheres e crianças – cestas com provisões, nossos baús e caixas – estavam misturados na maior confusão. As redes vermelhas penduradas de árvore em árvore, as fogueiras com panelas, tudo lembrava um acampamento cigano. O índio não gosta de deixar a esposa e os filhos em casa quando empreende uma viagem de várias semanas, um pouco por ciúmes, mas, na verdade, por preguiça, já que todos os seus desejos são atendidos pela esposa. Embora Jacobus tivesse me assegurado que não haveria mais do que três mulheres e seu filho, descobrimos, para nosso grande espanto, que o número total era de trinta e três pessoas.

01 de dezembro de 1835 – Iniciamos a jornada com três corials. O Rio serpenteia ao longo de um curso a Sudeste das Montanhas Parime. Suas margens são de um barro amarelado claro misturado com areia; árvores de tamanho moderado o ornam, e logo atrás delas se estendem as savanas até o sopé das montanhas.

O Rio era tão raso que os índios foram obrigados a impulsionar as corials com longas varas ([59]), e só raramente eram capazes de usar seus remos. Os bancos de areia eram frequentes; devemos lembrar que estávamos no auge da estação seca. Observamos rochas porosas negras nas margens ou incrustadas no barro, alguns bancos de cascalho, consistindo principalmente de pequenos fragmentos irregulares de quartzo e granito. [...]

À nossa chegada à enseada Wy-y-poocari, fomos informados de que o Comandante do Forte português ([60]) São Joaquim, a quem eu havia escrito anteriormente, estava na Aldeia de Pirarara.

---

[59] Varejar.
[60] Brasileiro.

Enviamos um mensageiro para lá e o Capitão Cordeiro veio no dia seguinte trazendo cavalos. Cavalgamos com ele até o Pirarara, um belo vilarejo de catorze casas e de oitenta a cem habitantes, notável por estar à beira do outrora famoso Lago Amucu. Depois de um dia de descanso, o senhor Cordeiro e um dos meus companheiros seguiram para Forte São Joaquim enquanto eu voltava para a enseada. [...]

Aproximamo-nos da cadeia de montanhas conhecida pelo nome de Serra Conocon, que se estende por 48 km na direção N.E. e S.W., através da qual o Rio Rupununi é espremido numa garganta de uns 119 m. Em muitos casos, as montanhas sobem abruptamente à uma altura de 609 a 762 m. Elas são de granito, bem revestidas de vegetação e habitados por uma numerosa tribo de índios chamada Warpeshanas ou Mapeshanas. Os brasileiros chamam essa região de Conocon, que significa "*arborizada*", em oposição a Pacaraime, que significa "*descalvada*" ([61]); enquanto os nativos chamam parte dela de Mapure, Touroo e Mapiree.

Observamos nas margens do Rio duas espécies de palmeiras que não havíamos visto até então: a primeira, pequena e graciosa, cresce em grupos e se chama Marauiara; a outra, delgada, geralmente com 15 m de altura, tem apenas algumas folhas de cor azul clara. Elas não tinham nem flores nem frutas. [...]

No dia seguinte, de manhã cedo, depois de deixarmos para trás as montanhas, percorremos as savanas, e nos aproximamos da margem Oriental do Rio e chegamos a uma pequena Aldeia de Warpeshanas, onde tínhamos a intenção de conseguir provisões.

---

[61] Descalvada: nua.

A distância não era grande e ao nos aproximarmos do local, observamos que consistia de uma cabana côncava e outras duas de menor tamanho. Diversos Warpeshanas tinham vindo das vizinhanças para participar de um banquete de Piwarrie ([62]), eles eram pessoas bem formadas e mais altas do que qualquer índio que eu já tivesse visto antes. Embora não se possamos distingui-los, de outras tribos, pela sua indumentária, sua linguagem é tão diferente do Caribee e Macoosie, que eles não conseguem entender-se.

Muitas tribos falam a dialeto Macoosie, por meio do qual eles são capazes de conversar uns com os outros. Os homens se adiantaram e vieram cumprimentar-nos de uma maneira semelhante aos Macoosies – isto é, acenando com a mão diante do nosso rosto; depois eles se afastaram, e deram início a uma conversa animada, entremeada de gargalhadas altas – duvido que o assunto tenha sido outro que não fosse à nosso respeito, nossas roupas, etc.

Olhei, por um instante, para uma das casas abertas, onde mulheres e crianças estavam ocupadas em assar beiju para a festa. Que alvoroço quando fiz a minha aparição! As crianças fugiram gritando, galinhas cacarejando, papagaios chalreiando e os cães latindo embora sem intenção de me atacar, mas permaneciam a uma certa distância, apenas o que estava mais próximo, latia mais alto, aproximando-se.

Embora nossa tripulação indígena fosse tão estranha para os cães e papagaios quanto nós, estes não se alarmaram com a aproximação deles; mas assim que nos acercamos, o barulho dos pássaros e dos animais tornou-se insuportável.

---

[62] Piwarrie ou caxiri: bebida alcoólica extraída de mandioca fermentada. O teor alcoólico é diretamente proporcional ao tempo de fermentação.

A oca circular era construída de maneira diferente das dos Macoosies: as paredes não eram de barro, apenas a entrada, e o restante era de folhas de palmeira. O interior era formado por uma cúpula sustentada por três vigas e vários pilares inclinados. Ao redor, as redes eram penduradas, e os diferentes implementos da cozinha e de caça fixados nas paredes. No centro havia um cocho de madeira, esculpida e pintada à moda indígena, onde nessa ocasião, se encontrava uma vasilha de barro de uns sessenta litros de Piwarrie.

Os convidados, reunidos para a festa, tinham pendurado suas redes na grande oca e nas pequenas cabanas abertas, enquanto outros, do lado de fora, eram assistidos pelos hospitaleiros anfitriões, muito pintados e ornamentados para a solene ocasião, encarregados de trazer-lhes toda bebida alcoólica que desejassem.

A febre obrigou-me a permanecer na minha rede, onde tive a oportunidade de assistir ao ritual. A um sinal dado pelo anfitrião, ou por um dos convidados, uma cabaça com a bebida era entregue à pessoa que a solicitara, que, depois de sorver fartos goles, passava-a ao seu vizinho, e assim continuavam até completar a ronda, mas nenhum descanso era concedido à cabaça, e, após algumas horas, a grande calha tinha sido esvaziada e novamente preenchida com outros imensos vasos de barro que tinham sido mantidos em reserva.

A conversa foi se tornando cada vez mais violenta – antigas proezas de bravura, encontros com onças, etc., eram os temas; mas antes mesmo que os vasos de barro da vala fossem esvaziados, a algaravia estancou, e um grande mal-estar tomou conta de quase todos os participantes. A consequência da beberagem, impura desde sua manufatura, ingerida em excesso, provoca a degradação do ser humano.

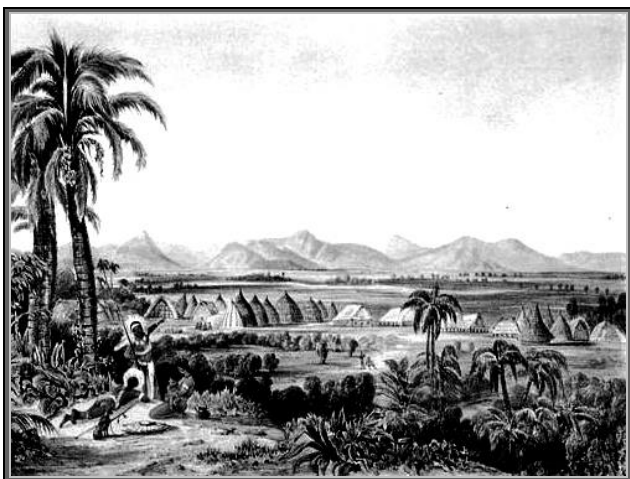



Imagem 13 – Pirara e Lago Amucu (Charles Bentley)

Os índios foram sempre acusados de não serem carinhosos para com seus filhos. Tenho visto casos frequentes que mostram justamente o contrário. Grande injustiça tem sido feita a eles nesse sentido. Um Warpeshana retornou depois de alguns dias de viagem, e foi com grande prazer que vi seus filhos reunirem-se em torno dele, pendurarem-se no seu pescoço e fazerem-lhe mil perguntas; muito provavelmente sobre sua viajem, o que ele trouxe, etc. Ele distribuiu algumas castanhas de caju, que retirou do cesto, o que muito lhes agradou, embora essas pudessem ser encontradas nas proximidades.

Sua esposa trouxe-lhe o filho caçula, um bebê; que ele acariciava com o mesmo carinho que um ser civilizado faria. Eles demonstram mais atenção para com suas esposas do que eu esperava, do que eu havia lido. Refiro-me aos Caribes, onde as mulheres são consideradas mais como companheiras do que escravas. Elas certamente trabalham duro; os homens limpam o terreno e elas têm de cultivá-lo e trazer os frutos da colheita; mas não são consideradas como escravas e burros de carga como nos tentam impingir.

Há, porém, um grande absurdo que, infelizmente, prevalece em todas as tribos – o desdém para com as pessoas idosas e/ou doentes. Elas são abandonadas em um pequeno canto da casas e deixadas por sua conta; refém de suas redes, muitas vezes sem acesso às necessidades básicas para sobreviver.

19 de dezembro de 1835 – Nossa jornada para o Sul através das savanas, na margem Leste do Rio, deveria começar na manhã seguinte [19 de dezembro]: roupas de baixo e todas as outras coisas que pudéssemos dispensar ficariam para trás. Todas as nossas necessidades se resumiam, portanto, a uma segunda muda de roupas, redes, cronômetro, sextante, giroscópio, bússola etc.

Todos foram carregados em cestas; nossa provisão foi calculada para dez dias. Tivemos de fazer um desvio para colher algumas bananas em um lugar que tínhamos visitamos no dia anterior. Entre outras curiosidades indígenas, observei as mandíbulas inferiores do macaco uivante ([63]), carregadas como um troféu pelo nosso anfitrião caçador.

A primeira jornada foi de curta duração; a febre intermitente me atacou, novamente, e fomos obrigados a parar cedo em uma Aldeia. A cadeia de montanhas fica perto da casa. Um dos meninos indígenas me trouxe um lindo pedaço de quartzo cristalizado, com lâminas de mica. [...]

20 de dezembro de 1835 – Continuamos nossa jornada, acompanhados por muitos Warpeshanas, que tornaram a viajem mais prazerosa; três deles tinham sido contratados como carregadores e guias. [...]

---

[63] Bugio ou Guariba.

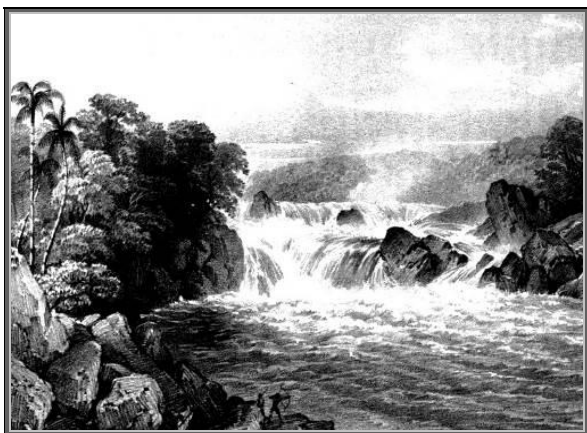



Imagem 14 – Cascata Willian IV, Rio Essequibo

01 de janeiro de 1836 – Aportamos, na noite de 01.01.1836, novamente, na enseada Wey-a-poucari e seguimos, na manhã seguinte, para Pirarara. A entrada Wey-a-poucari, em Latitude 3°38'N., é o refúgio da "*Imperial Cidade Dourada de Manoa*"; um caminho vai daqui até a Aldeia Macoosie Pirarara, às margens do Amucu, o grande Lago com margens auríferas.

A distância é de cerca de 18 km, inicialmente através de um solo sinuoso, pouco arborizado e coberto com grama baixa, depois, atravessa vários pântanos e uma pequena elevação, aos pés da qual corre o Rio Pirarara, que precisamos atravessar para chegar à Aldeia de mesmo nome.

O Riacho, antes de se misturar com as águas do Lago Amucu, tem pouco mais de um 2,7 m de largura, aquele famoso Lago, o centro da Parima, ou Mar Branco, se estende para o Leste e Oeste, e na época em que o visitamos, em dezembro e janeiro, com uns 4,8 km de comprimento, quase todo coberto de juncos e algumas raras vitórias-régias ([64]). [...]

[64] Vitórias-amazônicas.

De acordo com as informações que coletei, o último Rio tem suas nascentes no lado Norte das Montanhas Pacaraima, sobre uma mesa, e forma uma fina catarata, chamada Corona. Nós estávamos a caminho de visitá-lo, quando meu companheiro de viagem retornou, no terceiro dia de sua jornada, tão doente, que fomos obrigados a renunciar ao nosso propósito e retornar à Aldeia. [...]

Nosso retorno ao Rupununi Inferior, e entrada Currassawaak, merece celebração. Uma festa de Piwarrie foi, portanto, planejada, mas a Aldeia não possuía uma grande vala. Os homens foram então para o bosque próximo, e começaram a selecionar uma árvore para cortá-la e escavá-la usando machado e fogo. O dia da festa se aproximava, e o Piwarrie ainda não estava pronto; e como a bebida tinha de fermentar por quase dois dias antes de ser servida, lançaram mão de uma pequena corial para substituir o cocho [ou vala] e todo o povoado, homens, mulheres e crianças, se ocuparam de mastigar o pão de mandioca, e prepará-lo para usar.

Depois de ter assim assegurado sua fermentação na devida medida e forma, e o novo cocho ter sido completado na manhã da festa, a bebida favorita foi transferida da corial para ele. Já descrevi a intemperança da qual o índio é contumaz em suas bebedeiras; e as cenas que eu presenciava até o momento não eram nada diferentes daquelas dos Warpeshanas e Macoosies. [...]

04 a 05 de março de 1836 – Na noite de 4, acampamos a uma milha da grande catarata. Dabaero, o único nativo da região de Annay, que disse tê-la visitado em sua infância e a quem fizemos mil perguntas mostrou-se bastante confuso, e, mesmo agora, que era evidente que a grande queda estava bem próxima, ele ainda não tinha certeza se realmente era aquele o lugar que estávamos procurando.

Logo após montarmos nossas tendas, uma tempestade violenta começou e a chuva durou a noite inteira. O Rio contraiu-se consideravelmente: as colinas aproximavam-se de ambos os lados, e o desenho das margens opostas eram tão similares que o canal era uma verdadeira obra de arte.

O tempo, como para nos recompensar pelos sofrimentos que nos causara nos últimos dias, desanuviou-se; a névoa ainda pairava ao redor dos topos das colinas, e o Sol infiltrava-se por alguns raios errantes através das escuras nuvens, lançando uma luz variada sobre a paisagem, o que a tornava ainda mais pitoresca.

Na manhã do dia 5 de março, após quinze minutos de navegação a grande catarata do Essequibo estava diante de nós. Numerosas colinas de estrutura granítica, com cerca de 91 m de altura, cobertas de vegetação luxuriante, comprimem o Rio em 46 m, onde o caudal atira-se em um precipício de 12 m, lançando espumas sobre o leito rochoso e, novamente, se precipita três metros abaixo.

A vegetação luxuriante com toda a pujança de um clima tropical, as massas de granito projetando-se sobre o Rio e espremendo-o consideravelmente, as águas brancas e espumosas, combinaram-se para formar a mais bela e pitoresca cena que testemunháramos durante nossa Expedição.

Todos os índios da nossa equipe declararam que nenhum homem branco jamais chegara a esta Cascata e, como de todas as perguntas que fiz, não consegui obter nenhum nome nativo para ela, me considerei compelido a nomeá-la como Cascata do Rei William, em honra de sua Majestade, patrono da Royal Geographical Society; e, portanto, adotamos

todos os procedimentos regulamentares para nomeá-la, para surpresa e diversão dos nossos índios. [...]

28 de março de 1836 – Parti, no dia 28 de março, na minha corial, tripulada por doze dos melhores e mais capazes homens; a maioria deles estava pela primeira vez a caminho da cidade – eu estava, portanto, ansioso para ver que efeito o aspecto de nossos navios, nossos edifícios, etc, teria sobre eles.

O próprio Zeno não poderia ter mostrado mais desinteresse que esses selvagens. Um menino da tribo Atoria, que ia na proa, olhou, de relance, sobre tudo aquilo que era novidade para ele, e sem alterar o semblante, dirigiu, novamente, o olhar para a proa da corial, nada parecia ter-lhe despertado a atenção. Fiquei muito desapontado.

Na minha chegada a Georgetown, recebi as maiores demonstrações de alegria pelo meu retorno. Apressei-me a apresentar-me a Sir James Carmichael Smyth, o Governador, que me recebeu da maneira mais gentil, e tal cortesia me fez esquecer os sofrimentos dos seis meses anteriores. [...]

Pelos últimos relatos do Sr. Schomburgk, datado de Demerara, em 22.08.1836, ele estava no ponto de começar a explorar o Rio Courantine, o limite Leste da Guiana Britânica, com a intenção de atravessar suas nascentes até o Alto Essequibo, e assim continuando seu exame do interior, e do alcance chamado Serra Acaraí, a linha de separação, nesta parte da América do Sul, entre as Bacias do Essequibo e das Amazonas. (SCHOMBURGK, 1836)

Noturno
(Thales Bastos Chaves)

Ao grande mestre BILAC

A noite desce... vem surgindo escassa
A luz fulgente das constelações...
Há penumbra no céu. E a treva embaça
Dos astros nus, as pulverizações.

Uma nuvem se esconde e outra se esgarça,
Num desfile de amor e de orações;
Uma estrela se acende e brilha e passa,
No silêncio de dor dos corações.

Bebo na noite a solidão funérea,
Trapos que surgem da amplidão sidérea,
Lembranças que jamais tentei perdê-las.

E assim me vou fugindo aos próprios rastros,
Rondando solitário à luz dos astros,
Embuçado no pranto das estrelas.

Robert H. Schomburgk (1836/7)

THE JOURNAL

OF THE

ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY

OF

LONDON.

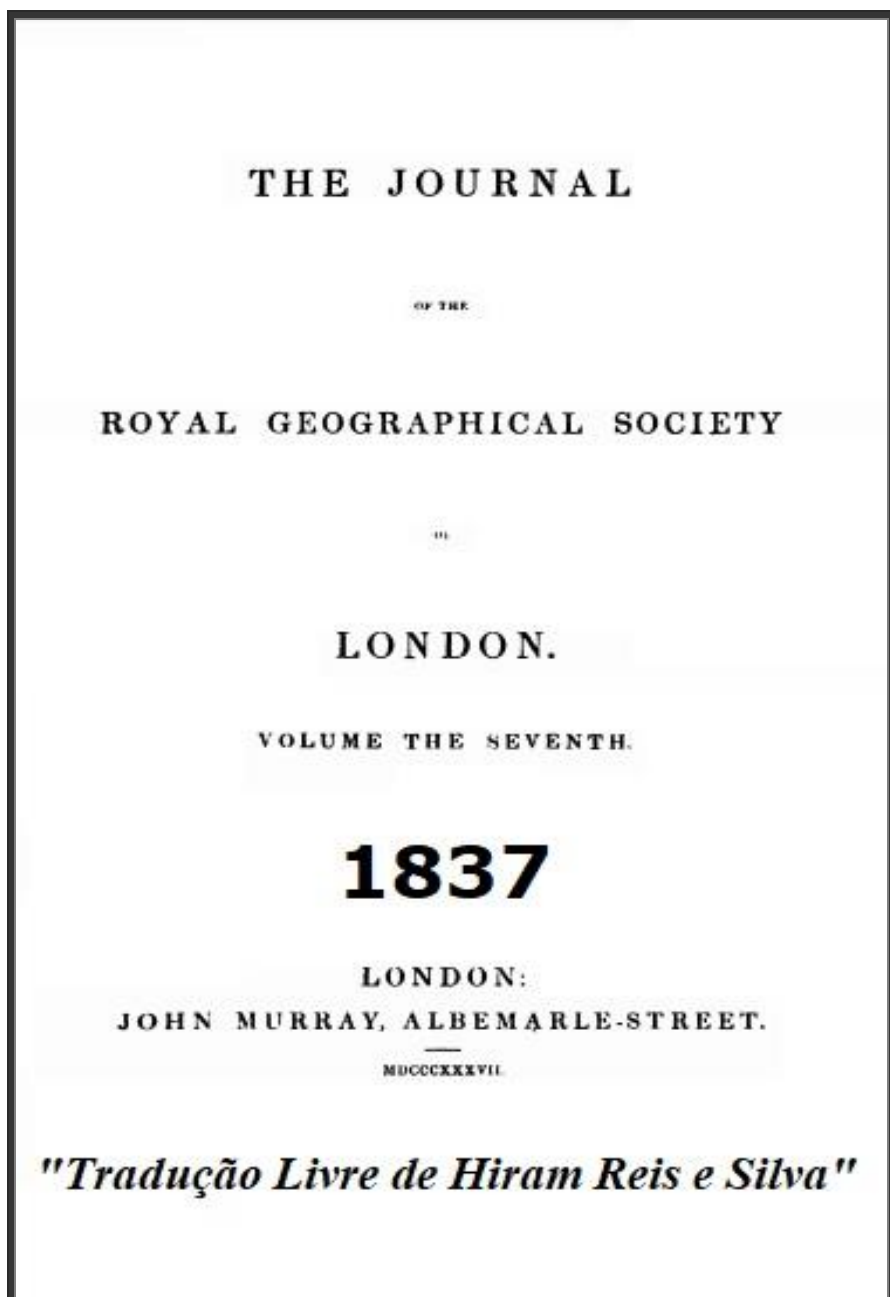
VOLUME THE SEVENTH.

1837

LONDON:

JOHN MURRAY, ALBEMARLE-STREET.

MDCCCXXXVII.

"Tradução Livre de Hiram Reis e Silva"

iário de uma subida pelo Rio Corentyne, na Guiana Britânica, em 1836.
Por Robert Hermann Schomburgk.

No período de 1835-1836, explorei o Rio Essequibo até 3°30'N, e o Rio Rupununi até 2°30'N, e me parecia importante escolher algum dos outros Rios da Guiana; com a esperança de que, seguindo a torrente em direção às suas nascentes, pudéssemos adentrar ao interior na direção da Serra Acaraí; e também poder, ao mesmo tempo, investigar as potencialidades do país vizinho de suprir as demandas de uma crescente Colônia. Portanto, de acordo com o plano apresentado à sua Excelência Sir James Carmichael Smyth, o Rio Corentyne foi escolhido para esse fim.

O escasso conhecimento que os colonos tinham desse Rio, e os relatos daqueles que ocasionalmente visitaram as suas regiões mais baixas descrevendo sua formidável vocação para a colonização, por isso mesmo, mereciam um exame mais acurado.

A fim de poder dedicar minha atenção ininterruptamente ao objetivo principal da Expedição, envolvi o Sr. Vieth como ornitólogo, o Sr. Heraut, que havia me acompanhado na Expedição anterior, como desenhista, o Tenente Losack, do 69° Regimento, e os senhores Cameron e Reiss, que se ofereceram para me acompanhar como voluntários.

02 a 18 de setembro de 1836 – Deixamos Demerara com destino ao Rio Berbice. Como o Rio Corentyne era pouco conhecido, eu sabia que era praticamente impossível conseguir um transporte direto até aquele Rio.

Em Berbice fui obrigado a fretar uma escuna para nos transportar para "*Plantation Skeldon*", margem Ocidental do estuário do Rio Corentyne, onde chegamos no dia 9 de setembro, e fomos recebidos com toda gentileza e hospitalidade pelo Sr. Ross.

De acordo com os arranjos que eu fizera com o proprietário, o Sr. Wolff, esperava encontrar um número suficiente de índios na Plantation Mary's-hope para incorporar à tripulação.

Mary's-hope está situada na Foz do Rio, e como eu estava ansioso para determinar sua posição geográfica, fui até lá na manhã seguinte e encontrei, para meu pesar, poucos índios, insuficientes para tripular as corials, o que atrasou minha viagem em alguns dias, durante os quais determinei posição em Latitude 6°02'15"N. e Longitude 57°01'47"W. [...]

21 a 24 de setembro de 1836 – Estávamos em pleno equinócio ([65]) de outono, fiz uma série de observações meteorológicas a cada hora por quarenta e oito horas.

O barômetro mostrava que estávamos a cerca de trinta metros acima do mar.

04 de outubro de 1836 – Partimos de manhã cedo rumo à cascata de Avanavero, objetivo de nossa atual expedição. A manhã estava nublada e a visibilidade reduzida a menos de vinte metros. O termômetro, às 06h00, marcava 25°C para a temperatura ambiente e 27,8°C para a temperatura da água.

[65] A palavra latina equinócio significa "*noites iguais*", ocasião em que o dia e a noite tem a mesma duração – 12 horas. Os equinócios ocorrem nos meses de março e setembro, indicando as mudanças de estação. No mês de março, o equinócio marca o início da primavera no Hemisfério Norte e do outono no Hemisfério Sul e no mês de setembro o equinócio marca o início do outono no Hemisfério Norte e da primavera no Hemisfério Sul.

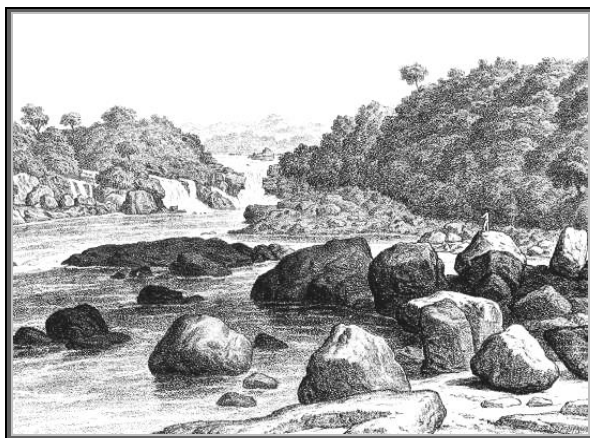



Imagem 15 – Rio Corentyne (Charles Barrington Brown)

Passamos por numerosas ilhotas rochosas estratificadas, as camadas inclinam-se 65° rumo Sul e, aparentemente, são de formação trapeana ([66]). Jamais tinha visto uma crosta tão negra de óxido de manganês em camadas tão grossas sobre as rochas como aqui. [...]

11 de outubro de 1836 – Fiquei bastante surpreso ao verificar que três corials tripuladas por Caribes, que não faziam parte da minha Expedição, nos seguissem à distância. No dia seguinte, não pude evitar que eles se juntassem a nós, e como eram mais numerosos adotei todas as precauções necessárias para evitar problemas. À noite nossas corials, por segurança, eram acorrentados e, durante o deslocamento a minha corial, tripulada por Warrows, ia sempre à retaguarda.

Nossa Expedição acrescida destes parceiros indesejados chegava a cinquenta e oito pessoas. Eles nos acompanharam, enquanto subíamos o Corentyne por uns 20 km.

---

[66] Rocha trapeana (traprock): qualquer uma das várias rochas magmaticas (rochas eruptivas) de grãos finos, densas e escuras; também chamada de "*armadilha*" (trapa).

Acima de Tomatai, o Rio está tomado por pedras; algumas colinas de cerca de 50 m de altura são avistadas na margem Norte. Considero que sejam um prolongamento das montanhas Twasinkie pelas quais passei, em 1835, no Rio Essequibo, praticamente no mesmo paralelo; e com caraterística geológica semelhante. [...]

14 de outubro de 1836 – Nosso progresso, no dia seguinte, na direção S.S.E., foi bastante lento. As rochas e ilhas eram tão numerosas que nossos guias tinham, de ir à frente diversas vezes, para reconhecer a melhor passagem antes que pudéssemos nos aventurar com nossas corials. Esses rochedos gigantescos são a marca registrada mais notável, do Essequibo, mas, no Corentyne são ainda mais numerosos e de iguais dimensões.

Raros tem o formato anguloso, a maioria deles é o-voide ou em forma de cúpula; todos são parcialmente revestidos com o brilho metálico do óxido de manganês. Encontramos vários blocos menores amontoados e o espaço entre eles preenchido com a mesma estranha e volumosa matéria que eu havia observado quando subi o Essequibo, e que estou muito inclinado a considerar como produto de uma fusão.

O cenário é muito interessante; a profusão anárquica das rochas, a torrente, as numerosas ilhas, cada uma com sua atração peculiar; mas, a característica mais marcante é certamente a floresta de lacis ([67]). As belas plantas aquáticas em plena floração; o escapo ([68]) acastanhado claro, as flores densas, nuas, e de cor lilás, contrastam com as estéreis rochas graníticas.

---

[67] Lacistemataceae: arbustos ou árvores, em geral pequenas. Família com dois gêneros, Lozania S. Mutis e Lacistema Sw., com cerca de 15 espécies encontradas nas regiões tropical e subtropical das Américas.

[68] Escapos: caules que sustentam as flores da coroa dos aguapés.

Muitas delas estavam florindo e sua beleza exuberante e saudável mostrava que elas estavam perfeitamente adaptadas à este ambiente tropical. [...]

15 a 16 de outubro de 1836 – Passamos, na manhã seguinte, por uma pedra formidável, chamada pelos Caribe de Timehri. Ela não chama a atenção pelas suas dimensões, mas pelo grande número de gigantescos petroglifos gravados nela, um dos quais mede mais de três metros. O Rio continua repleto de rochas e ilhas, serpeando no rumo S.E. por 16 km, quando se estreita e flui diretamente para o S. por quase 24 km.

17 de outubro de 1836 – Depois de passarmos por uma curva do Rio, observamos várias colinas em ambas as margens e, mais adiante, chegamos a uma grande Bacia, cercada por colinas de 18 a 30 m de altura. O Rio precipitava-se em inúmeras corredeiras, os flocos brancos de espuma desciam como que para nos felicitar, o ruído estrondoso das águas e a neblina que se formava sobre as colinas do Sul, abafavam nossas vozes – era um recado sutil de que aqui a natureza imperava. Precisávamos acampar, e dei as devidas ordens para montarem nossas tendas. Os Caribes me recomendaram voltar, e, informaram que embora existisse um caminho, ele só era transitável na estação chuvosa, quando o leito do Rio estava cheio e os obstáculos menores. Pareceu-me curioso ter ouvido somente agora a impraticabilidade de ultrapassar as quedas adiante de nós. Quando me neguei a seguir essas orientações, nos dois últimos dias, meus guias não haviam absolutamente mencionado quais eram esses obstáculos, e como eu havia sido, sistematicamente, alertado de maneira similar durante a minha Expedição anterior, e conseguira, com muita segurança e pertinácia, ultrapassar cada entrave apontado, eu nutria, agora, as mesmas esperanças.

18 de outubro de 1836 – De manhã nós reconhecemos o terreno, e, depois de puxarmos as corials por cima de um leito de pedras, cruzamos, obliquamente, um rápido, e logo em seguida estancamos diante de um monte de pedras, que, quando o Rio está cheio, é o berço de uma catarata, hoje apenas um pequeno filete d'água serpeava sobre a superfície irregular e enegrecida. Pareceu-me um bom local para montar acampamento considerando que este lugar permitiria que se realizasse o transporte das corials, mas minhas esperanças desmoronavam-se a cada passo sobre os enormes obstáculos de pilhas de pedras que tornavam nosso progresso mais difícil e moroso.

Às vezes, deparávamo-nos com perigosos despenhadeiros em que era preciso saltar para atravessá-los ou acompanhar o fluxo por caminhos sinuosos através de penedos, e que, num passe de mágica, sumia e apenas o ruído vindo dos subterrâneos nos denunciava que continuava rolando sob nossos pés, fazendo o seu reaparecimento logo adiante, onde menos se esperava.

Algumas rochas estão dispostas em prateleiras e exibem orifícios circulares parcialmente preenchidos por pedras de quartzo. Uma dessas maiores cavidades tinha 90 cm de profundidade e 25 cm de diâmetro. Muitas rochas estavam revestidas com diversas plantas; uma espécie de orquídea e agaves ([69]) eram as mais notáveis entre elas.

Os aglomerados de flores amarelas brilhantes ressaltavam a beleza da primeira, enquanto o longo e esguio escapo do agave, adornado com numerosas flores, ornavam extraordinariamente, a rocha estéril.

---

[69] Agave: gênero de suculentas da família Agavaceae, originárias do México, Estados Unidos, América Central e América do Sul.

À nossa direita ouvimos o ruído fragoroso de uma catarata, onde pairava uma densa névoa, um bando de andorinhas voava através desta nuvem, subindo e descendo como se encantadas estivessem com a magnífica umidade proveniente das minúsculas gotículas.

Visitamos a catarata, mais tarde, e sua magnificência superou tudo que eu tinha visto antes na Guiana. A velocidade com que a massa de água se precipita a 9 metros de altura, é que cria o spray responsável pela nuvem que havíamos observado antes. [...]

23 de outubro de 1836 – Esta manhã, nós, sem muito entusiasmo, iniciamos nossa descida. Chegando a Tomatai, a Aldeia Caribe, verificamos que a maioria dos Caribes estava ausente, tinham permanecido apenas alguns deles, chefiados pelo Cacique Smith, que nos acompanharam até o posto de Oreála.

Pouco depois de nossa chegada, uma grande corial [com cerca de 12 m de comprimento], com Caribes do Rio Wayombo, aportou e exibiu um salvo-conduto das autoridades em Nickierie, povoado holandês na Foz do Corentyne.

Ouvimos, com grande espanto, que eles iam subir o Rio, a fim de atravessar por terra até o Essequibo, e daí seguir para as terras Macúsie, com a intenção de trocar alguns produtos por escravos.

Eles, sem qualquer, pudor afirmavam que este era o seu objetivo, e nos mostraram armas e outros artigos de comércio para esse fim e, também, nos asseguraram que os Caribes do Corentyne deveriam acompanhá-los, e que o chefe, Smith, havia sido designado para esse propósito, há alguns meses, a fim de viabilizar Expedição.

Nossas suspeitas foram confirmadas, e o comportamento dos nossos Caribes finalmente explicado. Como estávamos indo na mesma direção, eles acharam que nossa presença interferiria na missão deles, e todos os ardis foram usados para impedir que ultrapassássemos as cataratas.

Descobrimos, também, mais tarde, que nos haviam sonegado a informação da existência de um caminho pelo qual, através de um riacho, poderíamos ter contornado as quedas e que até as grandes corails poderiam ter sido transportadas sem grandes dificuldades.

Depois de refletir se deveríamos retornar às cataratas e forçá-los a nos mostrar a passagem, achei que ficara evidente, agora, mais do que nunca, que eles usariam todos os recursos para impedir que levássemos adiante nosso intento, e estando tão perto da costa, voltei a meu antigo plano de subir o Berbice. Assim, outro Rio da Guiana Britânica seria explorado, e nosso objetivo final de adentrar até a Serra Acaraí poderia ser alcançado.

Embora a Expedição pelo Corentyne não tenha concluído sua Missão, o reconhecimento feito neste caudal proporcionou-nos coletar algumas informações de suma importância – verificamos que suas margens são adequadas à implantação de projetos colonização, permitiu que analisássemos sua peculiar formação mineralógica e a de seus arredores e, por fim, que se constatasse a possibilidade de a Guiana possuir reservas de carvão.

Aquele Rio, que era representado em todos os mapas anteriores como de pouca extensão, demostrei ser quase igual ao Essequibo, e o local onde antes assinalavam como sendo sua nascente encontrei um Rio de 823 m de largura.

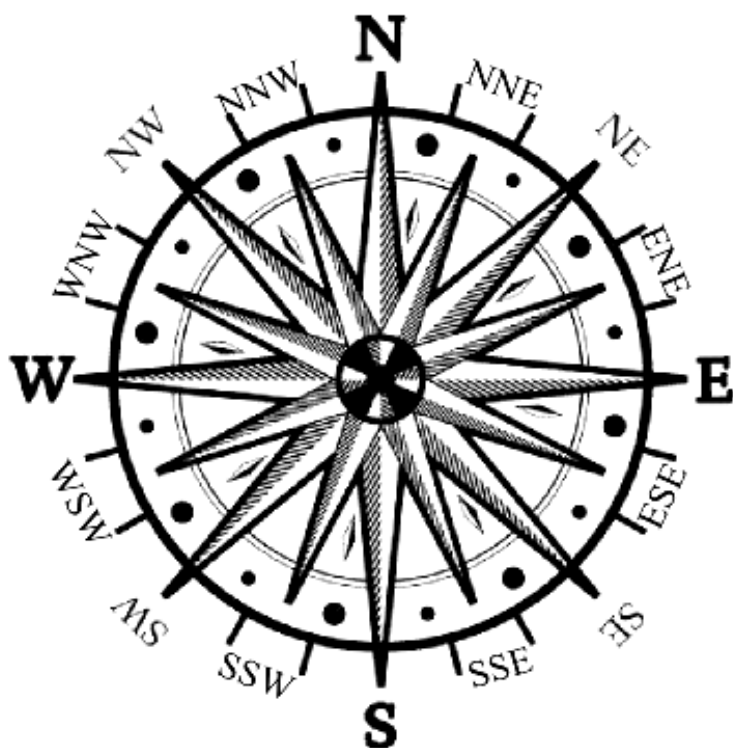



Imagem 16 – Rosa dos Ventos

De fato, considerando todas as circunstâncias, concluo que os três principais Rios da Guiana Britânica provavelmente têm suas fontes na mesma cadeia de montanhas, e possivelmente, fluem de um mesmo Lago, cuja existência me foi relatada pelos índios. Infelizmente a descrição deles foi muito vaga e contraditória para merecer crédito. (SCHOMBURGK, 1837)

Diário de uma subida pelo Rio Berbice, na Guiana Britânica, em 1836-7.
Por Robert Hermann Schomburgk.

Enganados pelos Caribes, sem provisões e frustrados em nossa tentativa de superar as cataratas, a Expedição que subiu o Rio. Corentyne foi obrigado a retornar a Berbice no começo de novembro. Na minha chegada a Nova Amsterdã, não perdi tempo para tomar as providências necessárias para subir o Rio Berbice, que é um pouco mais conhecido que o Corentyne, e esta foi a única alternativa que me restou nesse período já avançado da temporada. Tive o cuidado de providenciar um estoque duplo de provisões, já que a dificuldade de encontrar gêneros ao longo dos Rios é um dos principais obstáculos para se viajar na Guiana. Minha equipe, com exceção do Tenente Losack, foi a mesma; as tripulações dos barcos consistiam de Arawaaks, Warrows e três Caribes [...]

25 a 27 de novembro de 1836 – Parti de Nova Amsterdã com a maré alta, naveguei ao longo da costa e subi Rio Berbice, rumo Sul por cerca de 4,8 km, até o Rio voltar-se abruptamente em direção a W.S.W., sua largura média era de cerca de 800 m. Quando o Sol se levantou, na manhã seguinte, e dissipou o nevoeiro, as margens do Rio apresentavam uma linha contínua de lavouras; milhares de mockingbirds [Oriolus perisis] surgiram de uma grande e centenária árvore de enorme copa [Erythrina Spec.? [70]], onde tinham se empoleirado durante a noite e, agora, gradualmente se dispersavam em todas as direções.

[70] Erythrina: um gênero de árvores da família Fabaceae (Faboideae), conhecidas como eritrinas.

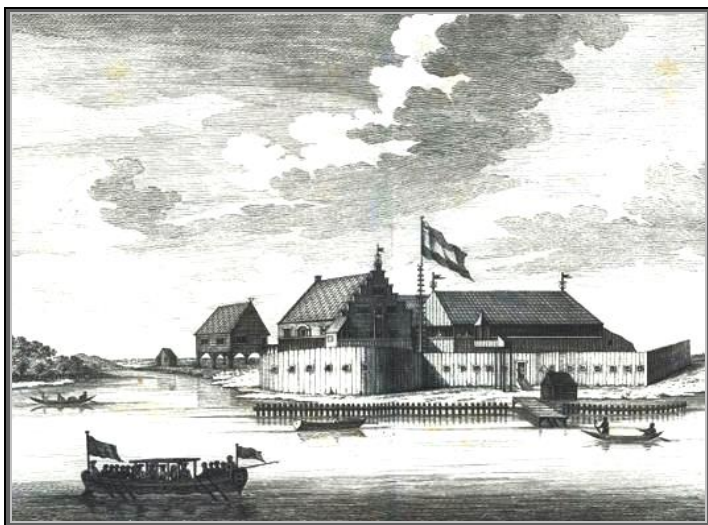



Imagem 17 – Forte Nassau, Berbice (1682)

Conforme prosseguíamos verificamos que as lavouras margeavam toda a costa Oriental, mas, do lado oposto, a vegetação nativa predominava. Que grande contraste essas praias agora apresentam, quando comparadas com o aspecto que tinham no final do século passado! Essas áreas cultivadas se estendiam até o Savonette ([71]), a última propriedade da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, a cerca de 96 km do mar. Muitos vestígios deste empreendimento ainda podem ser encontrados, mas, à força do trabalho livre, estão tentando restaurar o antigo esplendor sem a influência perniciosa e aviltante da escravidão humana.

28 de novembro de 1836 – Na Latitude 5°50′N. o Rio faz outra volta ao N.W. Ao Sul está o Forte Nassau e a antiga capital holandesa de Berbice, a uma distância de 72 km do mar, em virtude da sinuosidade do córrego. O ancoradouro aqui é bom com 11 m de profundidade, e espaçoso [...].

[71] Savonnette: antigamente era uma propriedade açucareira que ficava na margem Oeste do Rio Berbice, entre os riachos Kibilibiri e Tapoeri.

À medida que subimos, o Rio se estreita consideravelmente, mas mantém uma profundidade de 9 a 13 m. À Sudoeste, encontramos a primeira morraria a 48 km de distância da costa, formada por cômoros de areia que provavelmente eram a linha limítrofe do Mar em uma era anterior.

Eles têm cerca de 4,5 metros de altura e são chamados de Hitia pelos índios. [...]

Este local é a residência do Sr. McCullum, que tem um estabelecimento de corte de madeira muito grande. [...] Ao sair da floresta, três quilômetros a Oeste do povoado, uma grande savana ondulante parcialmente arborizada se apresentava diante de mim.

Ali encontrei uma Aldeia Arawaak de cinco ou seis cabanas, como os homens estavam todos ausentes e empenhados no corte de madeira, as mulheres se mostraram bastante assustadas com a minha presença.

Pedi um pouco de água, e a trouxeram, imediatamente, em uma cabaça. Depois de dar alguns presentes às aterrorizadas crianças, continuei minha caminhada pela savana até que estanquei diante do Riacho Etonie. Encontrei algumas plantas, na savana, muito interessantes, e retornei para a casa carregando-as.

Enquanto eu estava ausente, alguns dos índios haviam matado uma bush-master ([72]), a cobra mais perigosa que Guiana possui; o ofídio mediu pouco mais de um 1,80 m, e suas formidáveis presas tinham quase 1,3 cm de comprimento.

---

[72] Lachesis muta: conhecida como surucucu-pico-de-jaca e cobra-topete, é a maior serpente peçonhenta da América do Sul.

O Sr. McCullum contou-me que vários de seus homens tinham sido picados por elas e que o remédio adotado era a escarificação, para extrair as presas, que geralmente se soltam na picada, a aplicação de sangria por meio de um copo de vidro e um chumaço de algodão embebido em álcool para se obter o efeito da sucção no local da picada; além da administração de óleo e purgantes fortes.

O Sr. McCullum tem um grande estabelecimento de beneficiamento de madeira onde frequentemente 200 índios e mais de 50 negros são constantemente empregados por ele no corte e processamento da madeira, com exceção do tempo em que eles estão ausentes para trabalhar nos seus próprios campos.

Como chefe da empresa e morando aqui há muitos anos teve a oportunidade de comparar o desempenho laboral de índios e negros como trabalhadores.

Ele disse:

> Eu descobri que invariavelmente o índio trabalha sempre de boa vontade, e assim permanece até que sua tarefa esteja totalmente concluída, o que geralmente leva de 2 a 3 horas a menos do que levariam os negros para executar a mesma tarefa, e os índios continuam trabalhando até concluir sua carga horária.
>
> Conheço muitos deles que, além de seus salários regulares, ganham de dois a três dólares por semana. Eles também são, em minha opinião, mais honestos. Se o índio for bem tratado, ele se mostrará um valioso trabalhador.

Que o Sr. McCullum os trata bem é provado pelo grau de satisfação demonstrado pelos seus trabalhadores indígenas. Infelizmente não é o caso de todos que os empregam.

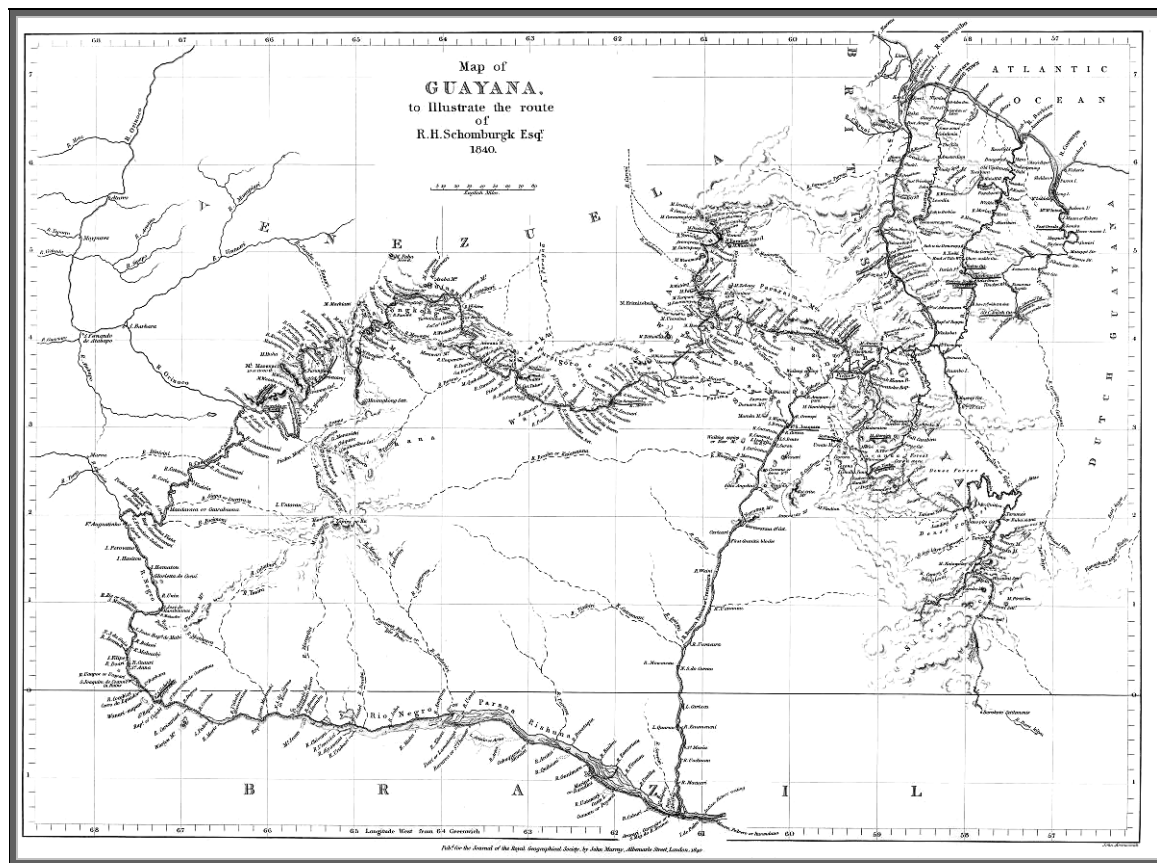



Imagem 18 – Rotas de Schomburgk (1840)

Para manter um índio no trabalho, recorrem, muitas vezes, a meios injustos, fornecendo a eles artigos e gêneros, em grande quantidade e desnecessários, mediante crédito, cientes de que o nativo será obrigado a continuar trabalhando até quitar totalmente a sua dívida. Muitos madeireiros usam todos os meios para evitar que ele consiga saldar sua dívida, fornecendo-lhe mais e mais mercadorias arruinando a vida dos pobres nativos mantendo-os praticamente em estado de escravidão. [...]

08 de dezembro de 1836 – Fizemos uma parada rápida, na manhã seguinte, em uma Aldeia Waccaway, com apenas uma família. Fiquei espantado ao reconhecer no líder da Aldeia um antigo conhecido meu, chamado Philander, que me acompanhara em minha Expedição pelo Essequibo. Eu o tinha deixado com os Macúsies em Waraputa e agora encontro-o às margens do Rio Berbice. Esta é mais uma prova dos hábitos nômades do índio e sua falta de apego às localidades. [...]

18 a 22 de dezembro de 1836 – De manhã cedo, começamos nossa jornada que foi, no entanto, de curta duração, pois, após uma súbita curva do Rio, se apresentaram uma série de formidáveis quedas d'água. Verifiquei que elas se estendiam na direção Leste por mais de 2,4 km, e que, além de cinco cataratas, deveríamos passar por várias corredeiras e para ultrapassá-las precisaríamos de uns 5 ou 6 dias transportando as corials e bagagem sobre as pedras.

Fiquei apreensivo com a possibilidade de nossas provisões serem insuficientes, e resolvi enviar uma corial de volta ao estabelecimento madeireiro do Sr. McCullum para conseguir mais provisões. O Sr. Reiss gentilmente se ofereceu para liderar essa equipe que partiu na manhã seguinte. Minha primeira intenção era abrir uma trilha margeando o Rio para transpor-

tar as cargas, mas verifiquei ser isso impraticável, o terreno era formado por numerosos pedregulhos amontoados uns sobre os outros que tornavam impossível a construção de uma estiva para o transporte das corials.

Preferi, portanto, transportar a carga pelas rochas e depois arrastar as corials à sirga. [...] O transporte sobre as rochas progrediu lentamente, tivemos que descarregar e recarregar as corials quatro vezes, e em consequência da pouca profundidade nas corredeiras, só podíamos carregar meia carga de cada vez, pode-se, então, ter uma ideia das dificuldades encontradas até conseguirmos, na noite do dia 21, colocar as três corials à frente da catarata. Na manhã seguinte, quando as rações estavam sendo distribuídas, fui informado de que os Macúsies e os Waccaways, chefiados por Andres, haviam fugido e não foram mais encontrados. Isso sempre acontecia quando a distância de sua Aldeia de origem aumentava. Como não havia vestígio de fogueiras, artigo indispensável para os índios, não resta dúvida de que eles tinham se evadido na noite anterior. [...]

27 de dezembro de 1836 – O Sr. Reiss não poderia esperar mais de três ou quatro dias e na manhã do dia 27 transportou a última corial, que havia sido mantida na catarata inferior, sobre as rochas. O Rio estava baixando e a diarreia e fortes resfriados se alastravam entre os índios. Decidi abandonar um dos corais, já que desde a deserção de seis dos Accaways eu não tinha índios suficientes para arrastar a corial, em terra, e dividimos sua carga entre as outras embarcações. Passamos a noite em claro, mal deitáramos em nossas redes quando descobrimos que nossas tendas tinham sido invadidas pelas saúvas-da-mata [Atta Cephalotes], que infligiam impiedosas mordidas.

Aqueles que tentaram sair de suas redes ficaram felizes em voltar novamente, nossos pobres cães foram os que mais sofreram, eles não conseguiam sair do alcance delas, e passaram a noite inteira correndo e uivando, em consequência das severas mordidas que recebiam. Uma das colunas das vorazes formigas subiu marchando para a copa de uma das árvore, gerando, como consequência, uma verdadeira chuva de folhas. [...]

1° de janeiro de 1837 – Fizemos um progresso lento, o Rio estreitou-se consideravelmente, e numerosas árvores que, haviam caído, por serem velhas ou sofrerem os efeitos da torrente, bloqueavam nossa progressão, e fomos obrigados a cortá-las para abrir passagem. Nove em cada dez árvores eram Moras ([73]), uma das madeiras mais duras da Guiana, e que, por permanecerem imersas na água, tinham sua dureza aumentada. Levamos de duas a três horas para cortar uma dessas árvores, e, às vezes, tínhamos de encarar três a quatro em sucessão. Foi um trabalho hercúleo, e ninguém, exceto as mulheres, foi dispensado de usar o machado.

Para tornar tudo mais difícil, muitos de nossos índios, em consequência da indisposição, causada pelas febres e problemas estomacais, eram incapazes de realizar qualquer atividade. A entrada do novo ano foi, portanto, bem calculada para aumentar-nos o sentimento de desânimo, pois, depois de tantos dias, ainda nos encontrávamos muito perto do litoral. Uma sucessão de circunstâncias adversas tinham ocorrido desde que empreendemos esta Expedição pelo Corentyne. [...]

02 a 03 de janeiro de 1837 – A indisposição da tripulação aumentara tanto que eu não mais dispu-

[73] Mora ou Paracuúba: gênero botânico pertencente à família Fabaceae.

nha de tripulantes suficientes para empunhar os remos e fui, portanto, obrigado a permanecer acampado até que a saúde da equipe melhorasse.

04 a 05 de janeiro de 1837 – Enquanto eu estava ausente, em uma excursão de caça, ouvimos dois estampidos de arma de fogo e uma hora depois o Sr. Reiss chegava ao nosso acampamento. O Sr. McCullum, de quem a Expedição recebeu tantas atenções e assistência, atendeu prontamente ao nosso pedido e cedeu-nos a quantidade desejada de arroz, peixe salgado, etc, e a corial conseguiu passar pela catarata sem acidentes.

À tarde, enquanto eu estava ocupado observando as mudanças do barômetro e termômetro, uma forte tempestade caiu sobre nós e, de repente, um raio atingiu uma árvore na margem oposta e o trovão seguiu-se instantaneamente ao relâmpago, e a reverberação foi tão severa que homens e animais se assustaram. [...]

06 de janeiro de 1837 – Passamos por rochas, da mesma natureza, e prosseguimos na direção da Catarata Natal. [...]

24 a 25 de janeiro de 1837 – Recebi, esta noite, uma notícia muito desagradável. Um índio Warrow, que era um dos meus favoritos, me informou que uma insurreição estava brotando no acampamento. Já há alguns dias eu desconfiava da conduta hostil e da desobediência às ordens dos nativos, mas isso nunca tinha sido demonstrado tão ostensivamente como nesses dois últimos dias. Eu estava ciente de que a maioria dos índios estava insatisfeita com o progresso da Expedição, e eu tinha provas de que os negros estavam igualmente contrariados. Todo o esforço para conseguirmos alguma caça ou peixe foi em vão, e a sombria perspectiva de que o tempo

chuvoso iria continuar levaram-me a reduzir nossa ração diária a pouco mais de 170 gramas de arroz para os homens e 140 gramas para as mulheres.

Fui informado de que os Caribes, chefiados por Acouritch haviam instigado os outros a levar as corials embora e nos abandonar à noite, e se resistíssemos deveriam nos deixar amarrados às árvores. Não sei até que ponto Acouritch poderia ter conseguido apoio dos Arawaaks, no entanto, estava ciente de que a tripulação do meu próprio barco, os Warrows, não permitiria que isso acontecesse, foi um jovem Warrow me repassou estas informações. O conhecimento dessa traição causou-me uma grande inquietação, não sabia até que ponto a insatisfação grassara, e sabia que não havia nenhum indivíduo no acampamento que não objetasse em prosseguir em frente.

Informei ao Sr. Reiss da situação, e decidimos permanecer vigilantes, e manter uma guarda rigorosa sobre as corials, armas e munições. Acouritch deve ter tido conhecimento que sua trama fora descoberta e montaram seu acampamento nesta noite não muito longe da minha tenda. Observei as fogueiras acesas durante toda a noite, mas não fiquei surpreso ao descobrir, na manhã seguinte, que haviam desertado por volta da meia-noite.

Nós tínhamos ouvido o latido de um dos nossos cães a alguma distância do acampamento. O Sr. Reiss foi verificar, mas, não vendo nada de incomum, voltou para a sua rede, e, enganado pelas fogueiras, supôs que os Caribes estavam em suas redes. Eles levaram consigo alguns dos nossos melhores facões, panelas de ferro, chaleiras de acampamento, etc. Não encontramos nenhum vestígio da direção que haviam tomado, mas concluí que eles devem ter tentado alcançar o Corentyne seguindo no rumo do Oriente.

[...] Nossa situação se tornava mais crítica a cada dia. Estávamos, agora, reduzidos a onze homens efetivos, que deveriam ser distribuídos entre as quatro corials. Eu ainda estava inclinado, no entanto, a avançar.

26 de janeiro de 1837 – No decorrer do dia, o Rio foi se alargando tomando a forma de um Lago, margeado por pequenos arbustos e parcialmente tomado pela bela vitória-régia ([74]), o orgulho de minhas descobertas botânicas, que crescia tão luxuriantemente que algumas delas mediam 2 metros de diâmetro.

Uma espécie de polygonum ([75]), e numerosas gramíneas de diferentes matizes, cobriam o Rio tão completamente, que apenas um pequeno espaço, onde a corrente era mais forte, tinha sido deixado livre. Infelizmente, nossa alegria não durou muito! Tivemos novamente de cortar palmas espinhosas e numerosas solanums ([76]) espinhentas que às vezes tínhamos que arrastar a corial à força sobre elas.

1° de fevereiro de 1837 – Deixamos o Essequibo bem cedo, e depois de uma caminhada de três horas e vinte minutos, chegamos ao nosso acampamento. Como sei, por experiência própria, que ando 4,8 km em uma hora, o caminho percorrido foi de 16 km. O resultado de minha travessia do Berbice para o Essequibo será de grande importância para a geografia, o curto espaço de tempo que é necessário para atravessar de um Rio para o outro situa, inegavelmente, o curso do Rio Berbice muito mais à Oeste do que é desenhado usualmente na nossa atual cartografia. [...]

---

[74] Vitória-amazônica.

[75] Gênero botânico da família polygonaceae.

[76] Solanum: gênero de plantas da família Solanaceae. O grupo inclui muitas espécies de plantas perenes arbustivas ou trepadeiras.

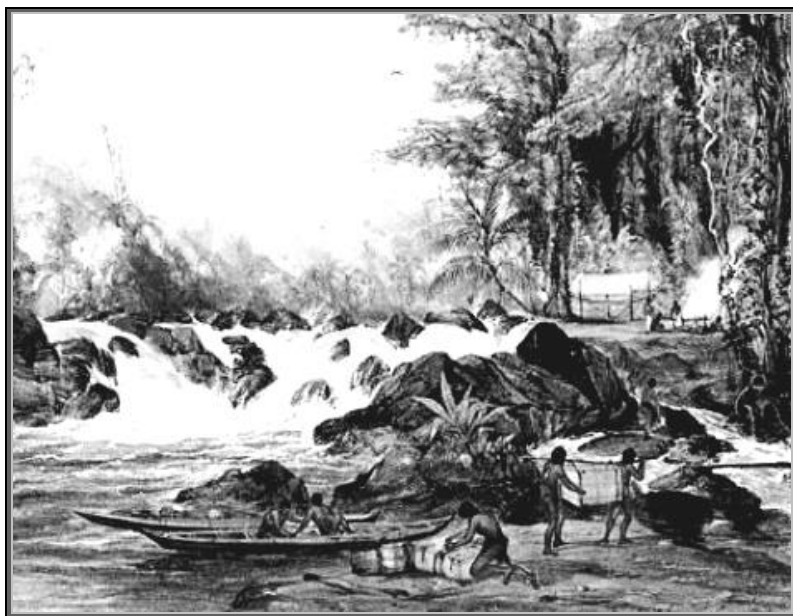



Imagem 19 – Catarata Natal, Rio Berbice (Charles Bentley)

02 de fevereiro de 1837 – Iniciamos nosso retorno. Como eu esperava, nos deparamos com dificuldades ainda maiores, a profundidade d'água tinha menos de 20 cm.

04 a 06 de fevereiro de 1837 – Começou a chover forte e, no dia 06, o Rio estava consideravelmente cheio e graças à isso progredimos rapidamente em nossa descida.

07 de fevereiro de 1837 – Passamos pelo Rio Blackwater, vindo de Oeste, apenas um mês depois de o termos visto pela primeira vez. [...]

09 de fevereiro de 1837 – Chegamos ao ponto mais alto da série de quedas, que, por falta de um nome indígena, a chamamos de Catarata Natal. Não encontramos mais a corial que havíamos deixado para traz e os maiores dentes das cabeças de jacarés, tinham sido arrancados. Os Caribes e quase todos os demais nativos, atribuem poderes mágicos

a esses dentes ([77]), não há dúvida, portanto, de que Acouritch e os Caribes roubaram a corial e os dentes de jacaré.

Como o Rio estava cheio, as rochas, que encontramos em nossa ascensão, estavam agora cobertas e mormente, as quedas mais poderosas. Cornelius achou, portanto, que poderia se aventurar a descê-las, e como eu sabia que ele tinha grande experiência nesses assuntos, eu não o contestei. Tomei, porém, a precaução de remover o cronômetro e todos os meus instrumentos, e ainda bem que o fiz, já que uma onda forte, na catarata, quase afundou a corial, e foi com muita dificuldade que conseguimos chegar até à próxima ilha.

As outras corials foram levadas por uma estrada mais trabalhosa, porém mais segura, até o pé da primeira queda. Para ultrapassar as outras quedas, ordenei que as corials fossem descarregadas e que a bagagem transportada por terra, enquanto ainda éramos obrigados a arriscar-nos em nossas corials.
É uma cena emocionante ver uma corial, na torrente, descendo com a rapidez do relâmpago e, ao chegar na borda da catarata, se equilibrar por um instante e, a seguir, mergulhar a proa, arrojando-se velozmente no canal ladeado de rochas, de repente sobe e é levada adiante.

---

[77] Se principiou a estimar como cousa preciosa o dente de jacaré, como excelente contraveneno; e cada vez se foi confirmando a sua virtude, por experimentada em muitos casos, dos quais foi muito notável o seguinte. Indo de jornada um Ministro português, lhe mordeu uma cobra surucucu o cavalo em um pé, que começou logo a sentir os efeitos do mortal veneno, lançando sangue por todas as vias, boca, olhos, e ouvidos, e já estirado agonizava com as ânsias da morte, e agoniado também o Ministro com a perda da cavalgadura, se lembrou do dente de jacaré, que o seu pajem levava consigo, e atando-lhe ao pescoço, pouco a pouco foi parando o sangue, e o animal restituído às suas forças brevemente pode continuar a jornada. (DANIEL)

A grande corial que carregava nossas provisões estava, prestes a descer, e eu e o Sr. Reiss fomos até o pé da catarata para observar a proeza. Como o Rio faz uma curva fechada e desce obliquamente, só conseguimos observar a corial quando ela já estava na corrente e voando em direção à queda, pilotada por um timoneiro e um remador de proa, aparentemente disparou em direção às rochas e, quando achávamos que ela seria despedaçada contra as pedras, ela foi, com destreza afastada dos penedos escapando ilesa. A descida da corial tornou-se o assunto de uma conversa prolongada entre o Sr. Reiss e eu, e expressei o desejo de que a minha corial, que era de longe a mais cara, não se arriscasse, se houvesse qualquer outra maneira de descê-la.

Estávamos agora a cinco dias de viagem do primeiro acampamento. Durante uma conversa informal, fiquei surpreso quando o Sr. Reiss me confessou melancolicamente que: "*sabia que iria morrer jovem*". Nós rimos de sua afirmativa. Como o céu estava mais favorável do que de costume, à noite saí, a fim de observar a altitude dos Meridianos de Canopus, assistido pelo Sr. Reiss.

12 de fevereiro de 1837 – Cornelius relatou esta manhã; que ele havia examinado a catarata e achava impossível baixar a corial por cordas, já que as rochas marginais não permitiam um apoio seguro para os índios. O Sr. Reiss, achou que eu estava muito apreensivo; e comentou que havia menos perigo para minha corial do que para aquela que havia descido na manhã anterior. Foi decidido, então, que a corial ia descer a catarata e foram feitos os arranjos necessários para a sua descida. Fiquei muito surpreso quando o Sr. Reiss expressou sua intenção de descer na corial, a fim de orientar melhor sua descida.

Eu protestei considerando que ele não era um bom nadador e que esta não era sua especialidade, pensei, na oportunidade, tratar-se de um mero capricho e que ele logo abandonaria essa ideia depois de refletir um pouco. Eu estava conversando com o Sr. Vieth, quando vieram me avisar que a corial ia a iniciar a descida. Fui diretamente para o pé da catarata, e ao avistar a corial, surpreendi-me e preocupei-me ao ver o senhor Reiss, embarcado de pé na corial, quando a prudência determinava que ele estivesse sentado. Daquele instante, para a catástrofe que se seguiu, não se passaram mais de dois segundos. Tentando evitar os perigos do dia de ontem, eles resolveram descer por um local diferente onde, porém, a queda era bem mais abrupta.

O choque, quando a proa atingiu a onda, fez com que Reiss perdesse o equilíbrio, e, ao desiquilibra-se, ele agarrou-se a um dos pilares de ferro do toldo. A corial virou e, no momento seguinte, seus tripulantes, em número treze, foram vistos lutando contra a corrente carregados rapidamente para a próxima catarata. Meus olhos estavam fixos no pobre Reiss, ele se manteve acima da água, mas em pouco tempo, afundou e reapareceu mais adiante, e, quando eu tinha esperanças de que ele conseguisse se agarrar a uma das rochas, a corrente do próximo rápido o pegou, e temo que ele tenha se chocado com alguma rocha submersa, pois seu corpo girou completamente e afundou no redemoinho ao pé do rápido. [...]

Imediatamente reuni alguns homens para conduzir uma corial e dar início a uma diligente busca, auxiliados por uma segunda corial. Nas duas horas seguintes, todos os nossos esforços foram infrutíferos, até que, por fim, encontramos seu corpo em um local menos provável para onde uma corrente submersa deve tê-lo arrastado.

Drowned,
12th Feb., 1837,
Charles F. Reiss,
Aged 22 years.

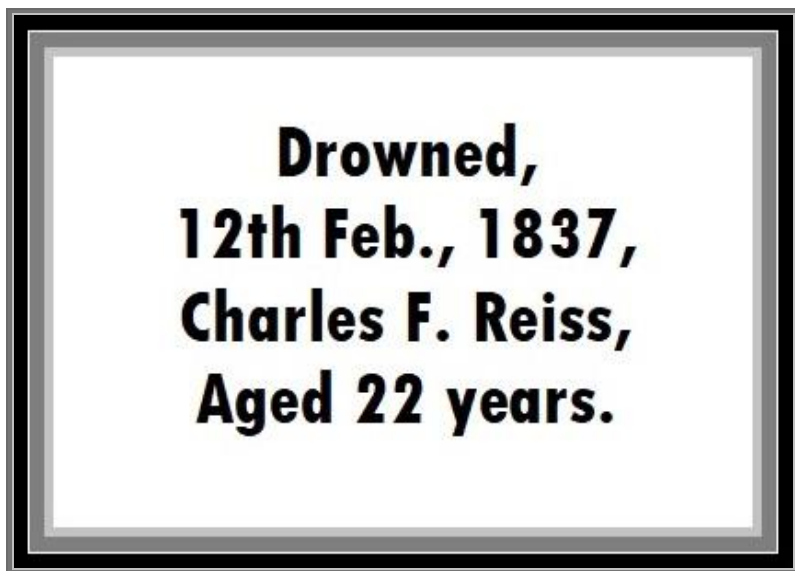



Imagem 20 – Inscrição no Túmulo de Reiss

Embora tenhamos recorrido a todos os meios conhecidos para recuperar pessoas afogadas não obtivemos sucesso, o Sr. Reiss se fora. Agora é meu doloroso dever tomar providências para depositar os restos mortais do nosso pobre companheiro em sua última morada. À noite, selecionei para esse propósito um local isolado, oposto ao local onde ele se afogou, em um terreno alto onde a água, mesmo durante a inundação, não chegará. [...]

13 a 14 de fevereiro de 1837 – Hoje de manhã levamos nosso pobre amigo ao túmulo. Na ausência de um caixão, nós o envolvemos em sua rede como uma mortalha e o colocamos na corial em que perdeu a vida. Nós o levamos para a margem oposta, e de lá ele foi carregado, pelos jovens que professavam o cristianismo, para alto do morro, seu lugar de descanso eterno, que havíamos preparado. Enquanto eu lia o belo e expressivo texto para o enterro dos mortos, não havia um olho seco por parte dos cristãos, e até os índios, decentemente vestidos,

estavam de olhos baixos em volta do túmulo [...] olhando fixamente para pequena placa que ele mesmo trouxera, para gravar seu nome, e deixá-lo como lembrança para o caso de alcançarmos as montanhas Acaraí.

15 de fevereiro de 1837 – Podem imaginar os sentimentos que nos acompanharam ao deixarmos nosso acampamento e continuarmos nossa jornada esta manhã. Foram muitas as cachoeiras e corredeiras que ultrapassamos, acho que quarenta e oito até as Cataratas de Natal, foi um processo doloroso para uma tripulação enfraquecida e abalada pelas recentes lembranças de nossos acidentes e perdas. [...]

16 de fevereiro de 1837 – Acompanhado por alguns índios saí cedo, esta manhã, para subir as colinas à Sudoeste. Caminhamos Berbice acima margeando-o, até ele fazer uma curva ao Norte. Nunca vi uma tão grande variedade de samambaias em uma área tão restrita como aqui encontrei, totalizando mais de quinze espécies, algumas delas por demais interessantes. Atravessamos repetidamente um riacho de montanha, que serpeava e subia gradualmente, formando diminutos vales. Depois de meia hora de caminhada, chegamos ao sopé da colina Oriental, que tem a forma de um cone.

20 de fevereiro de 1837 – Chegamos, esta manhã, à Aldeia Waccaway, a primeira morada humana que avistamos nos últimos 2 meses desde que daqui partimos, acompanhados pelo Chefe Andres e seus homens que nos abandonaram quando subíamos as Cataratas Natal. Como era de se esperar, nenhum dos que nos abandonaram foi encontrado na Aldeia. Há sempre índios estranhos por aqui, a vizinhança com a rota superior do Berbice ao Demerara a torna conveniente como local de descanso.

Continuamos nossa subida, marchando com muito esforço, para o cume, encontrando, ao longo do caminho, grandes fragmentos de rocha contendo pedaços de quartzo arredondado, até o pico que se eleva abruptamente. O céu estava nublado, e uma névoa espessa pairava sobre o vale arborizado, a vista era obstruída por árvores gigantescas, e embora eu tenha subido em uma das pedras, não consegui ter uma visão ampla. [...] Continuamos caminhando ao longo da crista por 2,4 km, até chegarmos ao ponto mais alto das montanhas. [...]

17 de fevereiro de 1837 – Chegamos, à tarde, na Catarata de Itabru.

19 de fevereiro de 1837 – Nosso aprestamento foi concluído até as doze horas de hoje, e deixamos a última catarata onde o risco podia ser deduzido em razão das grandes demonstrações de alegria dos nossos índios, que pareciam ter recebido força adicional em seus músculos para impulsionar as corais. Hoje, encontramos Waccaways e Macúsies, que vinham trabalhando há alguns meses para um dos lenhadores e como fruto de seu trabalho, cada um tinha uma arma e algumas peças de chita que eram exibidas ostensivamente.

Aparentemente eles não tinham a menor desconfiança de nós, pois saíam da cabana várias vezes sem esconder suas propriedades, embora toda a nossa equipe fosse estranha a eles. Ao contornar uma curva do Rio, na vizinhança de um terreno cultivado, observei alguns índios se aproximando, mas assim que eles avistaram minha corial, remaram com toda pressa para a praia, desembarcaram e fugiram, deixando para trás suas corials e seus pertences. Deduzi serem alguns dos Waccaways que nos tinham abandonado ([78]).

[78] 22 de dezembro de 1836.

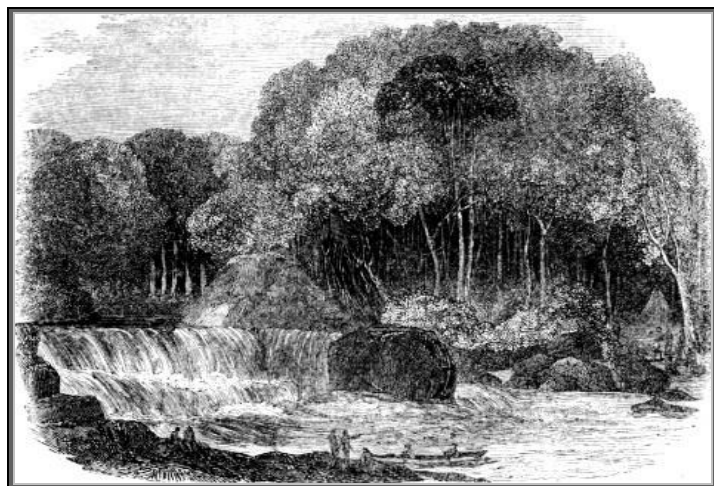



Imagem 21 – Catarata Itabru, Rio Berbice

Um deles acompanhado de duas mulheres, remou direto para o povoado, o outro, mais novo, desembarcou e correu como uma gazela em direção à mata. Nós reconhecemos a esposa de Andres. Ele próprio devia estar escondido no bosque, identificamos sua arma dele e cartucheira, mas como não consegui apreendê-lo, não senti nenhum desejo de caçar os outros nem de amedrontar suas mulheres, portanto, continuamos nossa jornada.

21 a 26 de fevereiro de 1837 – Ao meio-dia, chegamos a Moracco, onde fomos recebidos, pelo Sr. McCullum, com a mesma hospitalidade que experimentamos na nossa subida. Tudo o que era necessário foi providenciado, e meus pobres índios, depois de seis semanas de escassez e privação, foram mais uma vez autorizados a desfrutar do luxo de uma lauta refeição. Muitos deles apresentavam inchaços, enquanto outros, e nós entre eles, estávamos tão esquálidos que nossos conhecidos irromperam em um grito de surpresa, contudo, embora tivéssemos sofrido muito, quase tudo poderia ter sido esquecido se não tivéssemos que amargurar a morte prematura do Sr. Reiss.

Em nosso retorno a Wickie, descobri que o clima era mais favorável nas regiões costeiras do que no interior. Resolvi, portanto, fazer uma excursão ao Rio Demerara, em parte por meio do Wieronie, um afluente do Berbice, e em parte por terra pelas savanas.

27 de fevereiro de 1837 – Partimos de Wickie e descemos o Rio até Peereboom, a residência do Sr. Duggin, que nos dedicou toda a atenção e civilidade. Este cavalheiro tem um estabelecimento de corte de madeira na Wieronie, e como eu me propus subir o Rio o máximo que pudesse, para avaliar sua possibilidade de navegação por barcos de fundo chato, empurrado à vara, e outras embarcações fluviais.

Aceitei com muita gratidão a oferta do seu superintendente, de me disponibilizar Moses, um chefe Arawaak, como guia através das savanas e afirmou que devo me preparar para uma navegação muito complicada.

01 de março de 1837 – O cenário do Rio tornou-se muito interessante: expandiu-se algumas vezes como o Alto Berbice, mas seus alargamentos semelhantes a Lagos eram geralmente cercados por terras mais altas e repletas de pequenas ilhas, nas quais havia números da majestosa buriti [Mauritia flexuosa]. Sua altura elevada suporta numerosas folhas em forma de leque, e um gigantesco cacho de sementes quase redondas com cerca de 6,4 centímetros diâmetro, e marcadas como o cone de um pinheiro.

Uma trilha vai da enseada Catacabura, através das savanas, até o Rio Demerara, mas como eu não tinha guia, preferi seguir para Yucabura, 14,5 km mais ao Norte, a fim de obter o guia prometido.

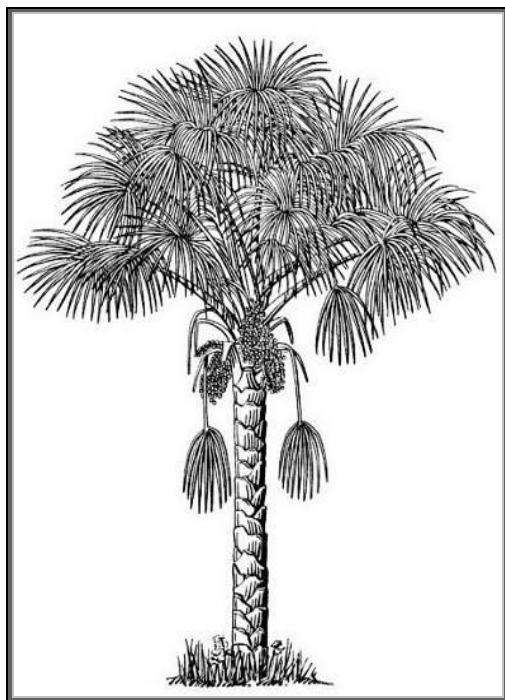



Imagem 22 – Buriti (Mauritia flexuosa)

O Rio torna-se mais raso onde se alarga e, embora tenha nesses lugares a profundidade de 1,2 a 1,5 metros, a quantidade de madeiras flutuantes dificulta muito a navegação. Descobri que seria aconselhável deixar a corial aqui e prosseguir a pé pelas savanas. [...]

22 de março de 1837 – Continuamos nossa rota. Uma hora de caminhada pela densa floresta, abundante em árvores de madeira nobre, nos levou à pequena Aldeia Arawaak, às margens do rio Canje. [...]

28 de março de 1837 – Demos adeus ao Sr. Duggin, e com um guia, súdito de Jandje, para me informar dos nomes dos Riachos em nossa descida do Berbice, de Wieronie até a costa, partimos, orientando nossa navegação de acordo com as marés.

Eu estava ansioso para obter informações tão precisas sobre o Rio Berbice, quanto as circunstâncias e o tempo me permitissem. Usei com grande sucesso o método de agrimensura medindo distâncias por som, que achei suficientemente preciso, e assim obtive uma série de dados que, comprovados por observações astronômicas, podem ser úteis para a construção de um mapa topográfico do Rio em grande escala. [...]

30 de março de 1837 – Na plantação de Mara, na margem direita do Rio, ou na margem Leste, medi uma linha de base para determinar a largura e encontrei 764 m de largura a cerca de 37 km do mar, sua profundidade média de 5,4 a 7,3 m e os atuais 7,4 km/h. [...]

31 de março de 1837 – Após uma ausência de quatro meses e vários dias, chegamos esta tarde em Nova Amsterdã. [...] Eu não podia deixar de sentir que estávamos retornando sem um de meus companheiros e, embora consciente de que em todas as ocasiões cumpri plenamente meu dever e me esforcei ao máximo, ainda assim a lembrança da perda de alguém que compartilhava de nossas vicissitudes ofuscava esta sensação de Missão cumprida que naturalmente sentíamos ao retornar das solidões da vida selvagem para a morada do homem civilizado. (SCHOMBURGK, 1837)

O Curso da Vida

(Thales Bastos Chaves)

Amanhecer da vida... Loira trança
Da aurora amiga imaculada e pura;
Recamos ([79]) de prazeres e ventura,
Do nosso meigo sonho de criança. [...]

---

[79] Recamos: fios de ouro ou prata em bordados em relevo.

Sol a pino depois... É a mocidade,
Aurifulgente ([80]), tépida, formosa,
Febre de uma ilusão vertiginosa,
Do passo errante da segunda idade.

Tudo é canto. Ilusões loiras, vadias,
Forfóreas vibrações da nossa mente;
Reclina o Sol no mudo olhar das gentes
Mostrando à luz as nossas mãos vazias.

Aproximar da tarde... Inquietação...
E ao ver fugindo as ilusões amadas,
Descompassadamente o coração
Bate no peito tristes badaladas.

Penumbra. Entardecer. Sombras. Sol posto
Voz do tédio e da mágoa e do tormento,
Brancos fios de dor, de sofrimento.
Fundas fendas do ocaso em nosso rosto.

É noite já... A névoa da chegada,
Envolve o corpo trêmulo, vencido;
E o nosso olhar, de lágrimas ungido.
Vislumbra o curso da penosa estrada.

E é isto, então, a vida que sentimos,
Cheia de enganos, de ilusões formada:
Nascer, crescer, viver, sofrer, mais nada.
Volver-se ao nada de onde nós partimos.

---

[80] Aurifulgente: que reluz como ouro.

The expeditions of Robert and Richard Schomburgk 1841–1844.

- Expedition on the Barima and Cuyuni Rivers.
- Expedition to the source of the Takutu River.
- Expedition to the Roraima Territory.
- Expedition to the Upper Courantyne River.
- Excursions to the Rivers Pomeroon, Moruca, and Demerara.

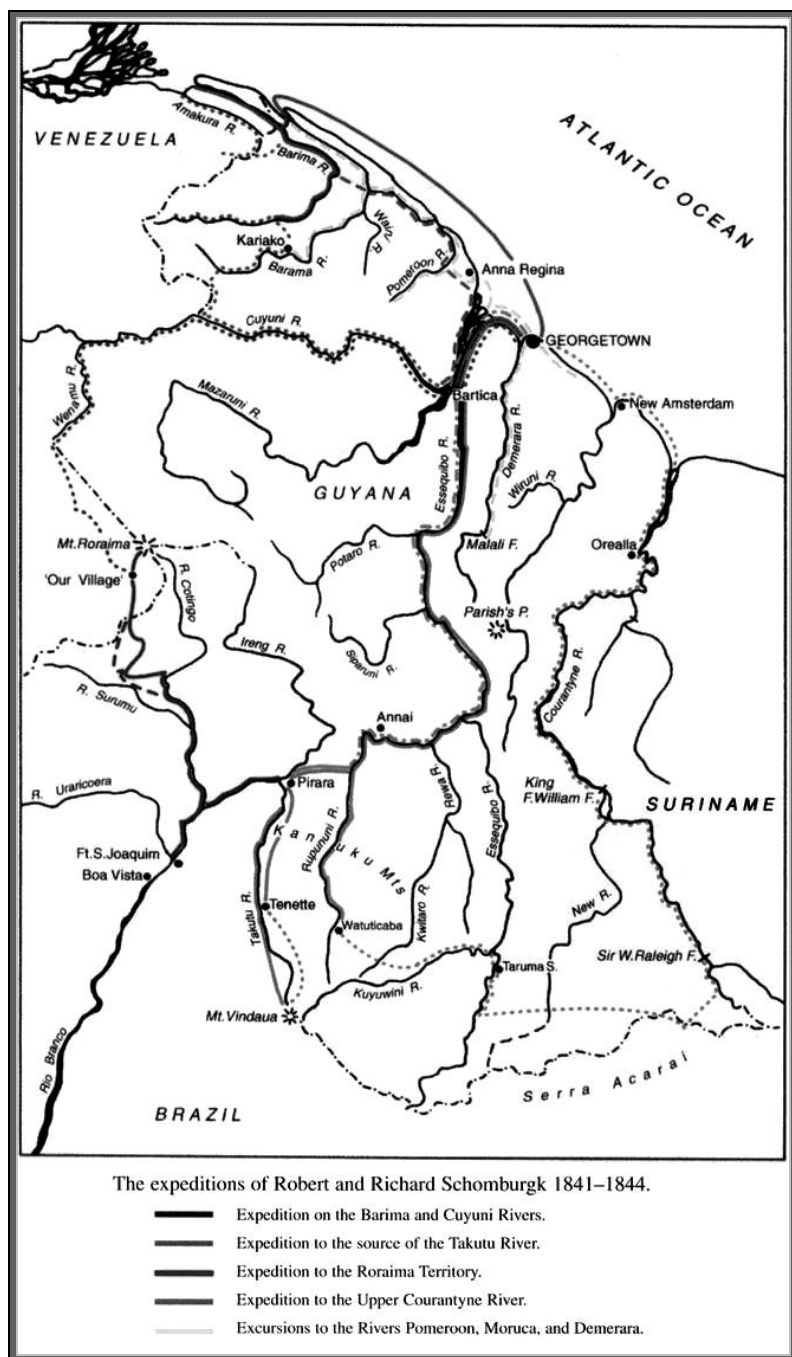



Imagem 23 – Expedição de Robert H. Schomburk (1841-1845)

Robert H. Schomburgk (1837-9)

THE JOURNAL

OF THE

ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY

OF

LONDON.

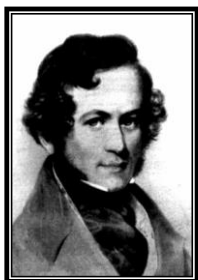
VOLUME THE TENTH.

1841

LONDON:
JOHN MURRAY, ALBEMARLE STREET.

"Tradução Livre de Hiram Reis e Silva"

Relato da Terceira Expedição ao interior da Guiana: Compreendendo a viagem às fontes do Essequibo, às Montanhas Carumá e ao Forte São Joaquim, no Rio Branco, em 1837-1838.

Por Robert Hermann Schomburgk.

Àqueles que se interessam pela geografia da Guiana Britânica vale lembrar que em duas ocasiões anteriores subi ao Essequibo até a catarata de William IV, e explorei os Rios Berbice e Corentyne, cujos relatos detalhados podem ser encontrados nos volumes 6 e 7 do "*London Geographical Journal*".

O objetivo da presente Expedição é examinar o Essequibo até suas fontes, e para conectar minhas viagens do Leste com aquelas do Barão Humboldt em Esmeralda, no Alto Orenoco, que no ano de 1800 chegou a esse ponto vindo do Oeste.

Imediatamente depois de me recuperar de um ataque de febre amarela, tomei todas as providências para deixar a Colônia; recontratando os valiosos serviços do Sr. Vieth, como assistente naturalista, Sr. Morrison como desenhista, o Sr. Le Breton, encarregado da comissão, e vários dos fieis índios Warrau como parte da tripulação do meu barco.

Nós chegamos a Georgetown, no dia 12.09.1837, na escuna do Sr. Arrindell, meu parceiro de navegação até a ampla extensão do Essequibo e aportamos no Posto de Ampa, cerca de 30 km do litoral, onde em um alguns dias, graças aos esforços do Sr. Crichton, o encarregado do Posto, conseguimos completar nossas tripulações; e tive a sorte de recrutar meu velho companheiro Peterson como timoneiro.

21 de setembro de 1837 – Esta manhã estávamos bem adiantados. Nossa equipe consistia de quatro europeus em três korijaals ([81]). É necessário aqui reportar o cenário. É preciso, porém, que não se permaneça no velho chavão da rica e luxuriante vegetação tropical; em meio a qual a majestosa Mora ([82]), o imponente Sawari, e o Cecropia ([83]), ou árvore-trompete, são notáveis.

1° de outubro de 1837 – pousamos no Cumuti, ou rochas Taquiara, que subi naquelas enormes massas de granito que mediam uns 49 m de altura, confirmando assim a minha estimativa quando realizei minha primeira subida pelo Essequibo.

Quando subimos em uma das rochas, um Caribe apontou alguns "*petróglifos*" indígenas, que eram mais regulares do que o normal, e eram muito semelhantes às gravações encontradas no Leste de Ekaterinburg, na Sibéria, perto das nascentes do Rios Irbit e Pishma, afluentes do Rio Túra; e em Dighton, perto das margens do Rio Taunton, 58 km ao Sul de Boston, nos Estados Unidos da América; e para as quais alguns pesquisadores e naturalistas atribuíram uma origem fenícia.

Qualquer que seja a sua origem real, o assunto é de grande interesse, e merece um estudo mais apurado nesta erma região da América do Sul. Eu mesmo investiguei estas inscrições através de 1.130 km de Longitude e 805 km de Latitude, ou espalhados aqui e ali por uma extensão de 563.270 km^2.

---

[81] Corial: Tronco vaciado (canoa), Kuriyara. Esta palabra es igualmente común en la mayoría de los dialectos Caribes y ha sido adoptada por el Español de Sur América "*curiara*". Há pasado al Inglés como "*corial*", palabra que nada tiene que ver con "*coracle*" – barquilla de cuero. (REVISTA DE FOMENTO, n° 21 a 25)

[82] Mora ou Paracuúba: gênero botânico pertencente à família Fabaceae.

[83] Cecropia: embaúba.

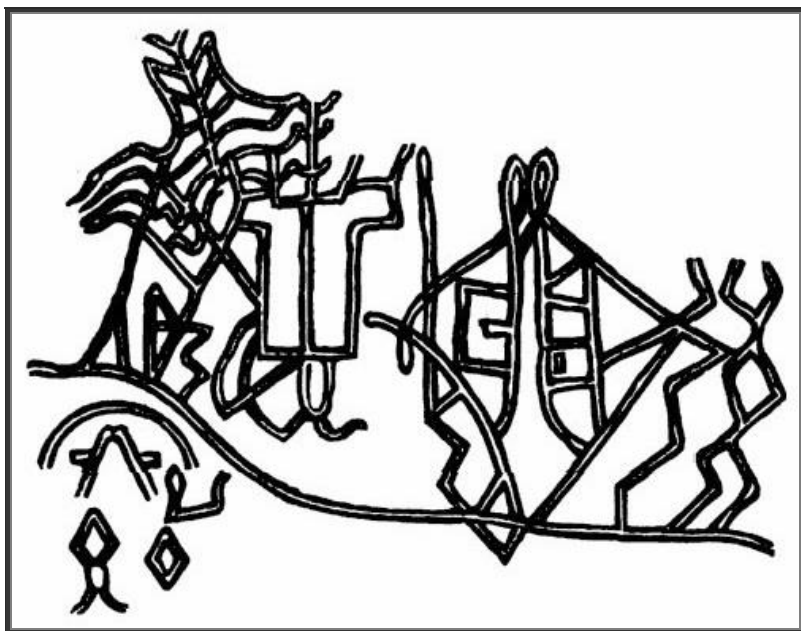



Imagem 24 – Cumuti – Rio Essequibo (Schomburk)

Muitos deles eu copiei, e é desejável que alguma luz seja lançada sobre o assunto, antes que minhas cópias sejam extraviadas.

16 de outubro de 1837 – chegamos à junção do Rupumuni, há uns 320 km do litoral. Meu barômetro media 98 m acima do nível do mar. A origem da corrente aponta para uma direção Oeste por uns 48 km. Enquanto montávamos acampamento na sua costa Sul, Foz do Roiwa, fui até a Aldeia Macuxí, em Annay, perto da montanha do mesmo nome, para adquirir beiju, tendo em vista que nosso estoque tinha sido perdido quando a corial adernou perigosamente. A febre, por sua vez, começou a alastrar-se pela nossa tripulação.

24 a 25 de outubro de 1837 – No meu retorno, começamos a subida do Roiwa na direção S.S.E., por 48 km, cujo curso segue à cavaleiro do Essequibo, a uma distância média de 24 km.

Sua largura é de 274 m, a profundidade de 3,6 m; a cor da água – amarela lamacenta e a correnteza de 7,2 km/h. As margens do Rio tem cerca de 6 m de altura: a vegetação era praticamente a mesma de antes, mas com raras orquídeas: uma bela begônia de flores lilás pendia em grandes pencas; e a bela Inga latifolia, com suas esplêndidas flores roxas contrastavam com a folhagem densa e escura da floresta.

Paramos à noite perto de um grupo de rochas de granito revestidas com o óxido negro do manganês. Nossa Latitude era de 03°44′ N. [...]

03 a 05 de novembro de 1837 – Chegamos em um pequeno povoado chamado Pukasanti, habitado por 20 nativos, Caribes e Atorais, onde paramos por alguns dias para conseguir um novo suprimento de beiju, e recompor nossas energias, já que praticamente todos nós estávamos sofrendo com a febre. Notei várias cestas grandes de Juva, ou "*Noz Brasileira*" ([84]), que, disseram-me, foram recolhidas nas proximidades. Como a árvore é de grande interesse para os botânicos e sua flor desconhecida, parti com um guia rumo Oeste.

Depois de 2 horas de marcha em um terreno ondulado, através de densa floresta e pântanos, chegamos à região da Bertholletia; e se alguma vez uma árvore mereceu o epíteto de excelsa é esta. O tronco sobe ereto até uma altura de 18 ou 25 m ([85]) antes de distribuir seus ramos; a casca áspera, as folhas verde-escuras e lisas; mas pobre botânico, não há uma flor sequer para ser encontrada.

---

[84] Noz Brasileira (Bertholletia excelsa): popularmente conhecida como castanha-do-brasil, castanha-da-amazônia ou ainda castanha-do-pará.

[85] A Castanheira atinge até 60 m de altura e o diâmetro de seu tronco 0,5 cm (1,60 m de circunferência). O ouriço, rijo e esférico, pesa entre 0,5 a 1,5 kg e um diâmetro de 10 a 38 cm com de 12 a 25 sementes.

Imagem 25 – Ataraipu (Charles Bentley)

O ouriço tem uns 45 cm de circunferência – da dimensão de um fruto do cacaueiro – e contém 16 a 20 nozes pequenas, de sabor doce: elas servem de repasto para o macaco, o caititu e outros animais. No caminho de volta, encontramos algumas sementes do Apeiba tibourbou ([86]), que são muito curiosas, e lembram o ovo-do-mar: o "*Apeiba áspera*" é ocasionalmente encontrado perto do litoral e este é o primeiro que eu encontrei no interior. Durante os três dias em que estávamos em Pukasanti o céu estava nublado, com um vento forte do N.N.E. A média do barômetro foi 75 cm, indicando uma altura de cerca de 113 m acima do mar. Termômetro 29,4°C; a Latitude, referenciando cinco estrelas, 3°04'N.

06 a 07 de novembro de 1837 – Seguimos rumo S.W., sob a orientação de um índio Atorai, passamos por numerosos blocos irregulares de gnaisse contorcidos, de curioso formato e com grandes fragmentos de quartzo embutidos neles.

---

[86] Apeiba Tiburbu: conhecida vulgarmente como pau-jangada, pente de macaco, cortiça, jangadeira, escova de macaco e embira-branca.

Paramos em um desses blocos, que era grande o suficiente para que centenas de homens acampassem nele. O curso do córrego é permeado por corredeiras. Acampamos, ao alcançar o chamado Carabiru, e, depois, então nos dirigimos para Oeste para o famoso Ataraipu, ou a Rocha do Diabo.

Depois de duas horas, passando por bosques tão densos que às vezes éramos obrigados a abrir caminho usando facões, subimos uma massa de granito de cerca de 122 m de altura, quando a magnífica pirâmide natural de Ataraipu surgiu de repente à nossa frente, erguendo a cabeça nua sobre um abismo de folhagem densa que se esparrama ao redor em todas as direções aos seus pés.

A base desta montanha é arborizada por cerca de 107 m de altura; daí ascende a massa de granito, desprovida de qualquer vegetação, de formato piramidal, por cerca de 168 m, totalizando uma altura de 275 m acima da savana, ou 397 m acima do mar. [...]

16 a 18 de novembro de 1837 – Depois de seis dias partimos a pé rumo S.W. através da floresta: atravessando vários córregos que fluíam para o Guidaru, e à tarde adentramos nas savanas; um terreno geralmente ondulado, atravessado, eventualmente, por uma baixa faixa de morros graníticos e alamedas naturais de buritis [Mauritia flexuosa].

Às vezes nos deparamos com grandes trechos ou faixas de 183 m de largura, na direção N.W., de peças de quartzo, dispostas regularmente como um calçamento; outras vezes cruzamos por trechos de pedras de granito que, à distância, lembravam fortificações. Perto de um dos mais singulares desses blocos irregulares, chamado Si-aï, o último cacique dos Caribes, o célebre Mahanarva, residiu.

Ao pôr-do-Sol de 17 chegamos à Aldeia de Watu Ticaba, constituída de 6 cabanas redondas e cerca de 60 pessoas, onde fomos gentilmente recebidos e objetos de grande curiosidade por parte dos Wapisianas, ou Wapishanas, a maioria dos quais viam um homem branco pela primeira vez. A Aldeia está cercada por pedras de granito, que como nos outros lugares, tem uma flora peculiar: vimos a bonita Epidendrum Caularthron bicornutum e um novo gênero de orquídea, no Corentyne ([87]), que o Dr. Lindley homenageou-me denominando-a de Schomburgkia. Identifiquei duas espécies, a marvinata e a crispa, além de alguns cactos ([88]).

Os Wapisianas são homens altos e bonitos, com feições regulares e narizes grandes, muito diferentes do nariz malaio do Warrau e Arrawak; as mulheres são muito fortes e usam o cabelo até os ombros. A poligamia é usual, mas as crianças são bem educadas e obedientes; nunca presenciei um pai Wapisiana punir seu filho.

04 a 07 de dezembro de 1837 – De manhã cedo, começamos nossa marcha para o S.E. em direção ao Cuyuni ([89]), no qual embarcaríamos e desceríamos a corrente até sua junção com o Essequibo. Nossa rota foi através de uma floresta, na qual notei a Anni, uma árvore alta e bonita, com uma noz espinhosa, da qual os índios fazem suas corials ([90]) [...]

---

[87] O Rio Corentyne que banha a Guiana e o Suriname, nasce na serra do Acaraí e corre para o Norte por aproximadamente 724 km entre Guiana e Suriname, desaguando no Oceano Atlântico.

[88] Schomburgkia é um gênero botânico pertencente à família das orquídeas. Foi proposto por John Lindley em Sertum Orchidaceum – Tomo 10, em 1838. A espécie tipo é a Schomburgkia crispa Lindley.

[89] O Rio Cuyuni fica entre a Guiana e a parte Oriental do Estado de Bolívar, Leste venezuelano, servindo, eventualmente, de fronteira entre os dois países.

[90] Corials: canoas.

Após 3 horas de marcha, ou cerca de 11 km, chegamos à margem esquerda do Cuyuni, aqui com 46 m de largura, 3,4 m de profundidade e fluindo para o N.E. e N., com uma corrente de apenas 8 km/h. As corials nas quais deveríamos embarcar para uma viagem de algumas semanas, foram, talvez, as mais miseráveis que eu já vi, a melhor delas não tinha mais do que 0,9 m de largura por 23 centímetros de altura, em que a única posição possível era agachar-se como um índio; as outras eram meras cascas de árvores, ou pakasses como são chamadas.

O Cuyuni deriva seu nome de Cuyu, o termo geral dos índios da Guiana para o Marudi de cabeça branca [Penelope Pipile [91]], que deve ter sido muito comum por aqui. Diz-se que continua pelas montanhas cerca de 40 milhas para o S.W. A torrente do Cuyuni é bastante represada por bancos de areia e corredeiras, e, considerando a planura de suas margens, muito monótono.

Pescamos muitos peixes, e particularmente o Luganani, ou peixe-Sol, que é de excelente sabor. Notamos poucos animais, exceto uma preguiça de três dedos, e isso em uma ocasião, muito contrária aos seus hábitos, nadando através do Rio – talvez tenha caído de um galho quebrado.

Os Waccawais e Caribes comem sua carne, que eles descrevem como gorda e muito perfumada, assemelhando-se à da preá. Os índios dizem que não há jacarés no Cuyuni, mas é abundante uma espécie pequena, chamada pelos caribes Kaikuti e pelos Wapisianas de Aturi; eles raramente tem mais de 0,9 a 1,2 metros de comprimento e são considerados uma iguaria.

---

[91] Penélope: gênero de aves da família Cracidae, da ordem dos Galliformes, no Brasil, conhecidos por jacu.

Também vimos uma grande cobra Comuti [boa], que, entorpecida deglutia sua presa em um pântano, que tinha um cheiro muito intenso. Feri-a com um tiro e ela se deslocou em nossa direção obrigando-nos a recuar.

Aparentava ter cerca de 7,3 m de comprimento – a maior que eu já tinha visto. [...]

Passamos por numerosos blocos irregulares de rochas verdes ([92]), e em dois deles vimos alguns petróglifos. Ao perguntar aos Tarumãs quem fizera aquilo, eles responderam "*que as mulheres tinham feito aquilo há muito tempo*".

O Rio, ao Norte, faz várias e extensas curvas, e, depois de atingir seu ponto mais Setentrional, volta-se por 24 km quase que totalmente para o S., mudando, então, seu curso para E. até sua junção Essequibo: em Latitude 2°16'N. [...]

09 a 10 de dezembro de 1837 – Continuando nossa ascensão pelo Essequibo na direção geral S.W., passamos o Ribeirão Quitiva, que vem de S.W., e ao entardecer paramos na primeira Aldeia Tarumã, no Essequibo, composto por 30 pessoas, na margem direita do Rio, em Latitude de 2°02'N. Na manhã seguinte, passamos por uma região com mais rochas com petróglifos, chamado Bubamana; acima deste o Rio se espalha para 201 m de largura, e logo avistamos, a S.E., um pico muito alto que estimei em 914 m acima da planície: é chamado pelos nativos Wanguwai ou Montanha do Sol; sua Latitude é

[92] Os cinturões de rochas verdes são responsáveis por grande parte de depósitos minerais ao redor do mundo, sendo os mais notáveis de ouro. Também são importantes os depósitos de prata, chumbo, cobre, níquel, cromo e zinco. Diversas empresas de mineração mantêm projetos de exploração mineral das mais diversas substâncias minerais nestas áreas.

1°49'N. Um pouco mais à W. há um morro chamado Amucu, arredondado e de menor elevação. [...]

16 a 21 de março de 1838 – Continuando lentamente nossa ascensão pelo Rio, avistamos três corials, despachadas do Pirara para escoltar o Reverendo Thomas Youd, o primeiro missionário protestante para os índios no interior da Guiana – Bartika Point à promissora cena de seu futuro trabalho.

Foi gratificante observar que os dois mais ansiosos para recebê-lo eram um Macuxí e um Caribe, que tinham sido membros da Missão em Bartika Point, no entroncamento dos rios Cuyuni e Essequibo. Devido às condições do Rio, encontramos muita dificuldade na subida, e não cheguei ao Pirara antes do dia 21.

Um grande número de nativos tinha vindo para a Aldeia, todos Macuxís, homens, mulheres e crianças, ocupados em concluir a construção da capela. A casa do missionário já estava pronta; e além disso contei 30 cabanas, algumas das quais eram fruto de uma rara habilidade na sua construção.

Decidimos ficar aqui até o retorno de uma corial, na qual despachara Peterson, meu timoneiro, com destino a Georgetown para comprar mercadorias para barganhar com os nativos, recompondo o estoque que havíamos perdido pelo infeliz naufrágio de duas das nossas corials durante a viajem pelo Essequibo.

O clima nas próximas seis semanas foi abafado. No dia 6 de abril, o termômetro atingiu 33,9°C à sombra: no mesmo período o barômetro marcou 29,316; enquanto que a média foi de 29,450, mostrando uma elevação de 183 m acima do nível do mar. O vento predominante era o Leste.

Os Macuxís são uma etnia hospitaleira, e parecem ser menos indolentes do que os índios em geral: as mulheres executam grande parte do trabalho pesado, mas são bem tratadas pelo seus maridos. Nunca testemunhei uma briga entre homem e mulher enquanto eu estava no interior.

No litoral, onde eles são segregados pelos europeus, absorvendo seus vícios e costumes, o índio torna-se apaixonado e tirânico em sua conduta para com as mulheres, mas não para com as de sua própria tribo. Vendo que coletávamos objetos para a História Natural, poucos dias se passaram até que os nativos começassem a nos trazer um pássaro, um inseto, uma planta, ou algumas frutas, como o pinhão, castanha de caju ou o fruto da palma de buriti.

Uma espécie de cigarra, que eu acredito ser a Cicada tibicen, é aqui muito comum: é maior que a chamada razor-grinder ([93]) pelos colonos, emitindo uma nota singular, musical e agradável que pode ser ouvida a uma grande distância. O som não é produzido pela probóscide ([94]), como se imaginava, mas por meio de um singular tímpano estriado, que ocupa quase metade do seu abdômen. O som é ouvido durante dia, mais frequentemente ao pôr-do-Sol. O razor-grinder é diferente da Fulgora lanternaria ([95]) que emite um som semelhante ao de lâminas de barbear. Durante a noite ouvimos uma infinidade de sons estranhos; o mugir de um touro selvagem, a milhas de distância; o coaxar das rãs que habitam o Lago; o gemido da coruja [...]

15 de maio de 1838 – Celebramos a chegada do Reverendo Sr. Thomas Youd que tinha ido fundar uma Missão; ele foi recebido de braços abertos na

---

[93] Razor-grinder: Henicopsaltria eydouxii.
[94] Probóscide: aparelho bucal dos insetos.
[95] Fulgora lanternaria: conhecida popularmente como Jequitiranaboia.

Aldeia, e todos se esforçaram para agradá-lo. Mas a alegria de sua chegada foi diminuída pela notícia trágica do falecimento de Sir J. Carmichael Smyth, Governador da Guiana Britânica. Nele eu perdi não só um caro amigo, mas um patrono determinado e poderoso para a Expedição.

Desde a minha primeira viajem a Colônia até a minha partida para esta jornada, fui contemplado com sua urbanidade, bondade, e empenho pessoal para agilizar o encaminhamento dos artefatos coletados pela Expedição. Por mais que eu quisesse, não seria capaz de enumerar aqui os diversos atos públicos para o desenvolvimento da Colônia, mas posso ressaltar que sob seu governo a Guiana Britânica prosperou de uma maneira inigualável, mais do que qualquer período anterior. [...]

03 a 04 de junho de 1838 – Aiyukante, meu guia Macuxí, machucou o pé e só pudemos dar início à jornada de retorno ao Pirara no dia 3 de junho, e chegamos à essa Aldeia, por uma rota mais direta, na tarde de 4 de junho.

06 de junho de 1838 – As corials que havíamos despachado para o litoral em busca de provisões e mercadorias e tinham nos deixado muito preocupados em consequência de seu longo atraso, chegaram finalmente no dia 6 de junho. Não perdi tempo em despachar um mensageiro para o Forte São Joaquim, informando ao Comandante que estávamos prontos para partir do Pirara para a Fortaleza, onde pretendíamos passar o resto da estação chuvosa.

Meu objetivo era ter, durante esse período, pelo menos a oportunidade de determinar astronomicamente as coordenadas daquele sítio, que era considerado o limite Oriental da Guiana brasileira.

O nosso mensageiro encontrou o Comandante que vinha para Pirara, sendo portador de cartas do chefe civil e militar de Alto Amazonas, capitão Ambrósio P. Ayres, em que lhe transmitia nos termos mais lisonjeiros a sua permissão para residirmos durante a estação das chuvas no Forte São Joaquim, ordenando ao Comandante da Fortaleza que nos prestasse todo o auxílio, e informando-o de que mandara seu irmão, o Sr. Pedro Ayres, representá-lo e receber a nossa Expedição na fronteira do Brasil.

27 a 30 de junho de 1838 – Acompanhados do Sr. Thomas Youd, saímos de Pirara sob a escolta do Comandante, Sr. Gato, e na tarde do dia 30 chegamos ao Forte São Joaquim. O senhor Pedro Ayres nos recebeu com toda a civilidade, oferecendo-nos seus serviços para a consecução de nossos intentos. Duas casas confortáveis, fora do Forte, foram-nos disponibilizadas como nossos aposentos pelo tempo que achássemos conveniente.

Esta recepção de um Governo que sabíamos estar naquele período totalmente empenhado em reprimir uma insurreição ([96]) que durava havia mais de cinco anos, e que, portanto, tinha poucas condições para dedicar atenção a objetivos científicos, ultrapassou minhas esperanças mais otimistas e me sinto verdadeiramente grato pela gentileza e civilidade que me dispensaram.

O Forte São Joaquim está situado na costa Oriental do Rio Tacutu, a pouca distância de sua confluência com o Rio Branco, Parima ou Urariquera. Um destacamento de espanhóis de Nova Guiana chegou no Rio Branco, em 1775, pelo Caroni e o Urariquera, e se fortificaram nas proximidades da confluência do Rio Yurumé.

[96] Cabanagem, de 06.01.1835 a 23.08.1840 (5 anos, 7 meses e 21 dias).

Eles foram dispersados pelos portugueses, que ergueram, contra as incursões dos espanhóis e holandeses, na fronteira, o Forte São Joaquim. É construído de arenito vermelho, encontrado nos arredores, tem oito canhões, em condições toleráveis. É guarnecido por um Comandante e dez membros da milícia provincial. Uma pequena capela e cinco casas constituem a Aldeia.

Um Padre visita a Fortaleza a cada dois ou três anos, para atender às necessidades espirituais dos seus habitantes. Em 1796, dois indivíduos, Antônio Amorini e Évora, começaram a criar, nas proximidades do Forte, cinquenta cabeças de gado, esses animais rapidamente reproduziram-se, mas, em consequência da má administração, os proprietários se endividaram com o governo, que tomou as fazendas e, desde então, detêm sua posse.

As fazendas São José, São Bento e São Marcos, nas proximidades da confluência dos Rios Tacutu e Branco, estão sob o comando de um administrador, que recebe um quarto de todo o gado que ele marca com o selo do governo. O número de bovinos foi-me dito consistir em 3.000 cabeças registradas, 5.000 cabeças selvagens e 500 cavalos. Acredito que estes, no entanto, sejam superestimados. Vinte e dois mantenedores de gado, que estão alistados entre os índios, e dizem ter salários e rações iguais a um soldado, cuidam do gado. [...]

O tempo sombrio do inverno tropical foi gasto em São Joaquim com a organização das notas de nossa antiga Expedição e com a confecção do mapa do Alto Essequibo. Toda oportunidade que o tempo oferecia para observações astronômicas era imediatamente aproveitada. No entanto, mesmo assim, durante uma estadia de quase três meses, estes momentos eram muito escassos.

Os resultados das minhas observações astronômicas me deram 3°01’46”N. de Latitude, e 60°03’O de Longitude para a localização do Forte São Joaquim. [...] Contos, um tanto vagos, dos índios sobre a Serra Grande ou Carumá, situado a cerca de 50 km abaixo do Forte de São Joaquim, há muito tinham despertado em mim o desejo de visitá-la, e combinei com o senhor Pedro Ayres uma excursão até lá. Os índios diziam existir naquela região um grande Lago de águas negras, no qual os botos eram tão comuns como no Rio Branco, e que seria necessário apenas alguns grandes navios navegando em sua superfície para transformá-lo em outro Lago Parime. [...]

21 de agosto de 1838 – [...] Imaginem meu pavor quando descobri que dos 40 escravos havia apenas nove homens, três dos quais com mais de 60 anos de idade, e que o resto consistia de treze mulheres, e dezoito crianças menores de 12 anos, seis delas lactentes. Apurei que os caçadores de escravos haviam cruzado Rupununi, e descobri, também, através do meu intérprete que eles eram Wapisianas e Atorais, das montanhas Ursato, do Leste ou margem direita do Tacutu. Eles permaneceram apenas um curto período na Nossa Senhora da Liberdade, mas, o suficiente para descobrimos que os caçadores de escravos mantinham estreitas relações com alguns de nossos anfitriões.

22 de agosto de 1838 – Andrés Miguel, não chegou hoje de manhã. Chegamos, depois de uma forte tempestade, ao Forte de São Joaquim, às 17h00, onde, havia chegado, uma hora antes, a Expedição escravocrata. Eles foram aquartelados no Forte, e todas as medidas tinham sido tomadas para nos fazer acreditar que os pobres índios abandonaram suas casas e campos voluntariamente. No entanto, encontramos a oportunidade de verificar o contrário, com alguns que foram autorizados a sair,

enquanto outros eram mantidos no Forte. Eles nos fizeram uma visita e verifiquei que nenhum membro de nossa equipe pertencia ao grupo que os tinham capturado.

Mostrei-lhes que conhecia algumas palavras de sua língua, proporcionando-lhes grande alegria. Eles me bombardearam com uma algaravia, mas, ai de mim, minha fluência no dialeto foi suficiente apenas para entender que eles tinham sido atacados de surpresa à noite, suas cabanas incendiadas, e os que não conseguiram fugir foram capturados e tiveram as suas mãos amarradas às costas.

A conduta dos celerados para com as mulheres e crianças foi o que mais revoltou os Wapisianas e Atorais. Eles trouxeram criancinhas de 5 e 6 anos, e mostraram as marcas das cordas nos pulsos das mesmas. Uma senhora idosa, mãe de um dos rapazes e avó de seis crianças, que tinha insultado os facínoras, tinha sido duramente maltratada. Os olhos de seu filho, um jovem e bonito índio, mostravam os sinais de revolta com o tratamento dispensado à sua mãe.

Eles disseram a Sororeng, nosso intérprete, que seis homens, várias mulheres e algumas crianças, tinham escapado na confusão tendo em vista que o ataque, feito por volta da meia-noite, por serem as cabanas muito dispersas e os bandidos não terem número suficiente de homens para cercá-los. Depois de imobilizarem as vítimas eles invadiram as cabanas e roubaram o que consideravam de valor – papagaios, algodão, cachorros, etc. Como o número de crianças era grande, a marcha até as corials foi lenta, faltaram mantimentos e os nativos foram conduzidos como gado, cercados por criminosos armados. No sexto dia chegaram às corials que se encontravam no Igarapé da Serra Grande.

Comuniquei esses fatos ao senhor Ayres, que disse que desde a chegada da Expedição, esta não lhe despertara qualquer interesse e que dificilmente daria crédito essas atrocidades.

Eu convoquei, no entanto, meu intérprete, a quem foram feitas várias perguntas, e as suas respostas revelaram a verdade. Afirmou que os oficiais subalternos usavam o pretexto de recrutar índios para a Marinha de Guerra como desculpa para vender jovens e velhos, que tinham sido dispensados, com o intuito de vendê-los para seus aliados. Ele prometeu relatar estes fatos para o seu irmão, o Comandante de Assuntos Civis e Militares da Comarca [Distrito], e me afiançou que apenas aqueles que realmente pudessem servir à Marinha seriam selecionados, enquanto os idosos, mulheres e crianças seriam liberados. Sem dúvida, o relatório impedirá que os seus subalternos os eliminem.

Para o viajante que passar da Aldeia do Pirara para o local de embarque, no Riacho Pirara, seus guias poderão mostrar-lhe que aquele sítio exibe vestígios de uma povoação. Vestígios de fogueiras, cajueiros, algodoeiros, é tudo o que resta desta Aldeia Macuxí. Os guias dirão que em uma noite escura um bando de sequestradores, vindos do Rio Branco, surpreendeu os pobres nativos e, depois de atear fogo às cabanas, levaram jovens e velhos para morrerem longe de sua terra natal em servidão e escravidão.

O mesmo destino também ameaçou a jovem Missão do Pirara – que o leitor julgue como a minha boa sorte evitou o desastre. Para o senhor Ayres embora o raio tenha caído noutro lugar, a jovem Missão inglesa foi salva e pode ensinar o índio que:

"Onde o poder da Grã-Bretanha é sentido,
A humanidade também sentirá suas bênçãos"

Que chegue a hora em que as fronteiras da rica e produtiva Colônia da Guiana Britânica sejam decididas por uma pesquisa do governo! só então a paz e a felicidade podem ser asseguradas àqueles que se estabelecem no lado britânico da fronteira.

Depois das corials serem reforçadas para torná-las mais espaçosas, os brasileiros deixaram o Forte com suas presas humanas no dia 25 de agosto. Como foi angustiante para mim, antes de partirem, muitos destes pobres seres vieram até mim e imploraram que eu impedisse de serem levados! Ai! Minhas mãos estavam atadas tanto quanto as delas quando levadas de suas cabanas em chamas! [...]

Os gemidos dos pais, os gritos das crianças inocentes e aqueles suspiros profundos do seio viril são registrados pelo "*anjo vingador*".

Viagem do Forte São Joaquim, no Rio Branco, até Roraima, e daí pelos Rios Parima e Merewari para Esmeralda, no Orenoco, em 1838-9.

De Robert Hermann Schomburgk.

O tempo desfavorável atrasou nossa partida de São Joaquim para o dia 20.09.1838. Com a ajuda do Sr. Pedro Ayres, contratamos 6 índios Macuxí de Malocca comandados por Cosmo, e um soldado também se juntou à Expedição. Sob a saudação de 7 armas, e com os cumprimentos de nosso amigo Ayres e o Comandante, deixamos o Forte às 12h00 daquele dia e começamos a subir o Rio Tacutu rumo N.E. enfrentando uma forte correnteza.

Acampamos pela noite em um banco de areia grande, aproximadamente a 6 milhas do Forte. Depois das 24h00, desabou uma daquelas fortes tempestades, tão frequentes quando se aproxima a estação das chuvas. A violência foi tamanha que derrubou nossas tendas, forçando-nos a buscar abrigo onde estava a nossa corial, localizada em uma posição mais segura. A fúria da tempestade, só arrefeceu com a luz do dia. [...]

25 de setembro de 1838 – [...] A noite já havia chegado, quando nos surpreendemos com o som dos remos e a chegada inesperada de dois índios, que havíamos deixado o Sr. Vieth em São Joaquim. Eles trouxeram a notícia de Manaus – que o Sr. Ambrósio Pedro Ayres, Comandante do Alto Amazonas, tinha sido morto pelos Cabanos ao tentar desalojá-los de uma ilha na Foz do Rio Madeira, onde se entrincheiraram para saquear os navios que subiam e desciam o Amazonas.

26 de setembro de 1838 – Ao chegar à Foz do Mau, despachei dois mensageiros por terra para o Pirara, um deles o soldado brasileiro que se juntara a nós de São Joaquim para informar aos índios de nossa chegada e desejar que se juntassem a nós no local de desembarque na Foz do Rio Pirara, para ajudar a transportar nossa bagagem até a Aldeia. Eu estava de pé esta manhã antes que qualquer outra pessoa se mexesse no acampamento, meditando sobre as notícias melancólicas recebidas na noite anterior, e subindo e descendo um caminho diante de nossa tenda que levava à Aldeia, quando percebi, um primeiro e depois quatro ou cinco índios espiando suspeitosamente dos raquíticos arbustos espalhados pelas savanas. Enquanto eu estava me perguntando quem eles poderiam ser, meu velho conhecido e guia para as Montanhas Canuku, Aiyukante, deu um passo à frente e me deu as boas-vindas, e foi seguido de 5 ou 6 outros. A visão de meu emissário brasileiro, ao que parece, despertara a desconfiança entre os índios, que suspeitavam que minha mensagem fosse apenas um estratagema dos brasileiros para aprisioná-los e levá-los como escravos. Isso explicava a cautela com a qual eles estavam observando nosso acampamento. Um grande número de índios havia se escondido em um bosque, onde pernoitaram.

O trajeto do nosso acampamento até a Aldeia foi de 24 km sobre savanas e terras pantanosas, intransitáveis durante a estação das chuvas quando os Rios começam a fluir. Metade do caminho é por uma linha de cumeada a partir da qual se tem uma bela vista da savana, limitada ao N. e ao S. pelas cadeias montanhosas de Pacaraima e Canuku, e limitada apenas pela linha do horizonte à W. No lado E. desta elevação corre o Pirara, que para o N. é acompanhado pelo Napi, cujas fontes estão na montanha Canuku.

Às 2 da tarde chegamos ao Pirara e encontramos nosso querido amigo, o missionário Sr. Thomas Youd, com boa saúde e feliz por nos ver. Ele tinha acabado de retornar de uma excursão pelo Rupununi, na Cuurua, proximidades de Curowatoka, onde planejava fundar uma nova Missão. A famigerada incursão dos brasileiros sobre a indefesa Aldeia nas montanhas Ursato, porém, criou, entre os nativos, uma sensação de insegurança bastante desfavorável a tais projetos.

Esses "*descimentos*" nada mais são do que incursões de milicianos brasileiros do Amazonas com o único intuito de escravizar os indígenas. Eu me encontrava no Fortaleza São Joaquim quando essa Expedição que havia surpreendido e incendiado alguns aldeãmentos Wapisiana no Takutu à noite, chegou ao Forte.

Podemos questionar se aqueles povos que estavam sendo escravizados não eram de fato súditos britânicos, se eles se encontravam em terras da Guiana Britânica ou não, já que esses limites ainda não foram definitivamente determinados. Estou feliz em poder dizer que muitos deles foram libertados depois de meu apelo feito a Don Pedro Ayres.

Alguns, porém, morreram no Rio Negro, e outros nunca foram mais foram encontrados. Um acidente que aconteceu com o meu timoneiro obrigou-me a fazer uma estadia mais longa no Pirara do que o pretendido, essa demora era muito cansativa, pois o clima não era favorável às observações astronômicas. [...] Com o auxílio do Sr. Thomas Youd, convoquei alguns nativos para me acompanharem a Roraima, liderados por Aiyukante e seu irmão Uyamoni, que mostraram ser muito úteis pois tinham uma notável ascendência sobre os Macuxís que compunham a nossa tripulação.

Quando nos preparávamos para partir, fui interpelado por um jovem Macuxí, aparentando uns 13 anos, que insistia em participar da Expedição. O jovem nativo tinha casado recentemente contra sua vontade e estava ansioso para juntar-se à nós com a finalidade de escapar da noiva.

08 de outubro de 1838 – [...] O Sr. Thomas Youd ia visitar os Tarumãs, depois de eu lhe ter encorajado a cristianizá-los. Toda a Aldeia, em razão de nossa partida, estava em festa desde cedo; e todos os que tinham armas e pólvora disparavam para o alto. Pouco antes das oito horas nossa coluna foi colocada em ordem de marcha, Peterson à frente, carregando a bandeira da união britânica, sob a benção da qual marchamos nos últimos três anos, através de partes até então desconhecidas da Guiana Britânica.

Agora íamos levá-la para além das fronteiras britânicas, regiões conhecidas apenas pelos nativos, mas estávamos animados com a esperança de alcançar, pela primeira vez, deste lado do continente, o ponto que, em 1800, o Barão Humboldt, depois de enfrentar muitos obstáculos – Esmeralda, no Orenoco. Nosso grupo consistia de trinta e seis pessoas; e os índios, ostentando seus cocares, alguns com mosquetes e outros com estandartes nos ombros, partiram alegremente.

Uma hora de marcha, em direção Oeste, nos levou ao braço principal do Pirara, até sua saída do Lago Amucu. Tivemos de percorrê-lo com a água até o pescoço e a bagagem em nossas cabeças. Depois de meia hora de travessia, começamos a percorrer uma região de savana, rumo Norte. [...] À tarde, chegamos ao Mau ou Ireng dos Macuxís, que subimos rumo Norte ao longo de sua margem esquerda.

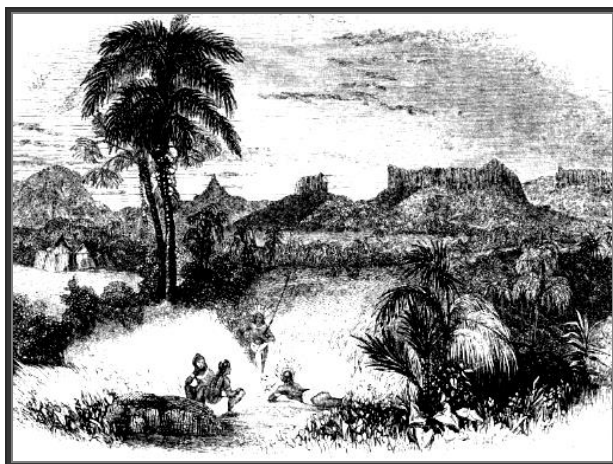



Imagem 26 – Cordilheira de Roraima (Charles Bentley)

À noite, ficamos alarmados ao nos vermos cercados por um oceano de chamas; os caçadores tinham incendiado as savanas; colunas negras de fumaça rolavam à frente, e o ruído das hastes ocas das grandes gramas, explodindo com o calor, era ensurdecedor. Lembrei-me do relato bonito e gráfico de Cooper sobre uma pradaria em chamas. [...]

27 de outubro de 1838 – Tremendo de frio, com o termômetro chegando a 14,7°C, acordei e encontrei os índios agachados em volta do fogo. Partimos, ao nascer do Sol, rumo N.N.W. e, às 11 horas, chegamos a uma Aldeia de Arécunas, chamada Arawayam Botte. Ao contrário das outras Aldeias indígenas que vimos, na nossa jornada, esta estava cercada. Consistia de três casas quadradas, com extremidades de frontão e um compartimento redondo. Os nativos me informaram que, mais adiante em direção a Roraima, não encontraríamos habitantes, pois seus vizinhos tinham viajado.

Permanecemos aqui por 8 dias, devido ao mau tempo, durante o qual eu só consegui realizar duas observações, que determinaram nossa Latitude 5°04’N.

O monte Roraima estava quase que totalmente encoberta por nuvens; e nenhum dia se passou sem trovões e relâmpagos. Medi sua linha de base, a fim de verificar a altura e distância, bem como das demais montanhas, e refiz as observações em todas as oportunidades a fim de obter um resultado médio. [...]

01 de janeiro de 1839 – [...] Este dia, o primeiro do ano, não poderia passar sem despertar muitas lembranças [...] Não passou sem que eu tivesse algo que me fizesse recordar, à noite fui assaltado por um forte ataque de febre biliar. Três dos índios também adoeceram; e, para piorar as coisas, estávamos com falta de provisões. [...]

21 de fevereiro de 1839 – Antes do amanhecer navegávamos em nossa corial, esperando em poucas horas chegar ao Orenoco. As águas do Rio Matakuni são brancas e tornam o Paramu muito mais claro que antes de sua Foz. Não houve diferença na temperatura dos dois Rios; as águas de ambos eram 27,8°C, enquanto a do ar era de 22,8°C. Ainda éramos seguidos pelos golfinhos, pelo menos imaginávamos que eles eram os mesmos que se juntaram a nós no dia anterior, e sob sua escolta às 9 da manhã entramos no Orenoco. [...]

Encontramos numerosos bancos de areia e, como haviam nos alertado, enfrentamos muitas dificuldades à medida que avançávamos; a profundidade variava de não mais de 30 a 38 cm de, e tivemos que cavar canais para permitir a passagem de nossa corial. Havia tão pouca corrente que em muitos lugares a água parecia estagnada e coberta de espuma e bolhas. Quando a corial arranhou o fundo, descobriu-se uma espécie de alga de água doce de cor verde e coberta com matéria mucosa. [...]

21 de fevereiro de 1839 – Começamos às 6 horas na expectativa de ver Esmeralda. Nuvens leves e fofas envolviam o Monte Duida, mas desapareceram tão logo o Sol surgiu acima do horizonte, e pela primeira vez tivemos uma visão completa dessas estupendas massas rochosas, parcialmente iluminadas pelos raios do Sol da manhã. Nossa progressão foi difícil; encalhamos várias vezes nos bancos de areia e tivemos de atravessar de margem a margem para evitar os baixios e seguir o curso sinuoso do talvegue do Rio. Finalmente chegamos à vista de uma bela savana que se estendia até o sopé das montanhas, que eu sabia, da descrição de Humboldt, a de Esmeralda, e algumas corials amarradas à margem do Rio nos mostravam o local de desembarque. [...]

Não consigo descrever a emoção que tomou conta de mim quando aportei; meu objetivo foi alcançado e minhas observações, iniciadas desde o litoral da Guiana, estavam agora conectadas com as de Humboldt em Esmeralda. [...] Trinta e nove anos tinham se passado desde que Alexander Von Humboldt visitou Esmeralda e encontrou na mais remota Aldeia cristã no Alto Orenoco uma população de oitenta pessoas. A cruz, antes da Aldeia, mostrava que seus habitantes eram cristãos, mas seu número havia diminuído para uma única família – um patriarca e seus netos. De seis casas que encontramos em pé, apenas três eram habitadas; suas paredes rebocadas e portas maciças e bem acabadas mostravam que não tinham sido construídas pelos índios. Em uma delas, que consideramos ter sido uma igreja ou convento, observamos um pequeno sino pendurado na galeria, com a inscrição "*São Francisco de Assis, 1769*".

A natureza, no entanto, permanece a mesma: Duida ainda eleva seu cume acima das nuvens, e savanas planas, intercaladas com tufos de árvores e um

majestoso trecho de palmeiras Mauritia desde as margens do Orenoco até o sopé das montanhas, dando à paisagem aquela aparência grandiosa e animada que tanto encantou Humboldt. Uma cordilheira de granito, chamada Caquire, com formas grotescas, e em alguns lugares parecendo grandes edifícios em ruínas, ocupa o primeiro plano e, a seu pé, Esmeralda está situada. Uma mão piedosa plantou uma cruz no maior desses blocos graníticos, cuja forma arejada se destaca no céu azul como pano de fundo, e acentua a aparência pitoresca do cenário circundante: também nos lembra que, embora a natureza e o homem pareçam conservar-se em estado selvagem, ainda há alguns, nestes ermos, que adoram a Deidade e reconhecem um Salvador crucificado. [...]

Humboldt observou que os habitantes de Esmeralda "*viviam em grande pobreza e suas misérias eram aumentadas por grandes enxames de mosquitos*", uma observação igualmente aplicável nos dias atuais. Os habitantes são miseravelmente pobres, e quanto ao número de flebotomíneos, desde o alvorecer até o anoitecer, eu nunca tinha visto algo assim, e "*assim é conosco o ano todo, mesmo durante a temporada de inverno, somos igualmente atormentados à noite por esses mosquitos*", disse o velho Antônio.

Nem mesmo com o passar dos anos, os nativos se tornam menos sensíveis às suas picadas, e eles pareciam ter tanta dor quanto nós procurando manter longe esses sugadores de sangue de suas mãos, rosto e pés. Em suas casas eles colocam uma espécie de porta de treliça antes da entrada, feita de finos pedaços de fibras de palmeira, apenas o suficiente para passar a luz, e manter os insetos afastados. Usei minha rede de mosquito, que correspondia melhor ao propósito.

O Mar

(Thales Bastos Chaves)

([97])

Beijando a branca praia o Mar bramia,
No canto das procelas, soberano;
Rangendo encapelado o vasto plano,
A branca espuma, forte, sacudia.

Na convulsão das ondas se estorcia,
Agitando, raivoso, o verde pano,
Como se alma tivesse este oceano,
E um coração pulsasse em agonia!

Murulham crespas ondas procelosas,
Há lamentos nas águas revoltosas
Murmúrios vagos vão nascendo agora...

Contigo, Mar, eu me pareço tanto!
Nos olhos tenho as ondas de meu pranto,
No coração um Mar que geme e chora.

---

[97] Barcos de Pesca no Mar: Vincent van Gogh (1888)

Imagem 27 – Ataraipu ou Devil's Rock (Charles Bentley)

Imagem 28 – Comuti ou Rocha Taquiara (Charles Bentley)

Imagem 29 – Cascata Natal (Charles Bentley)

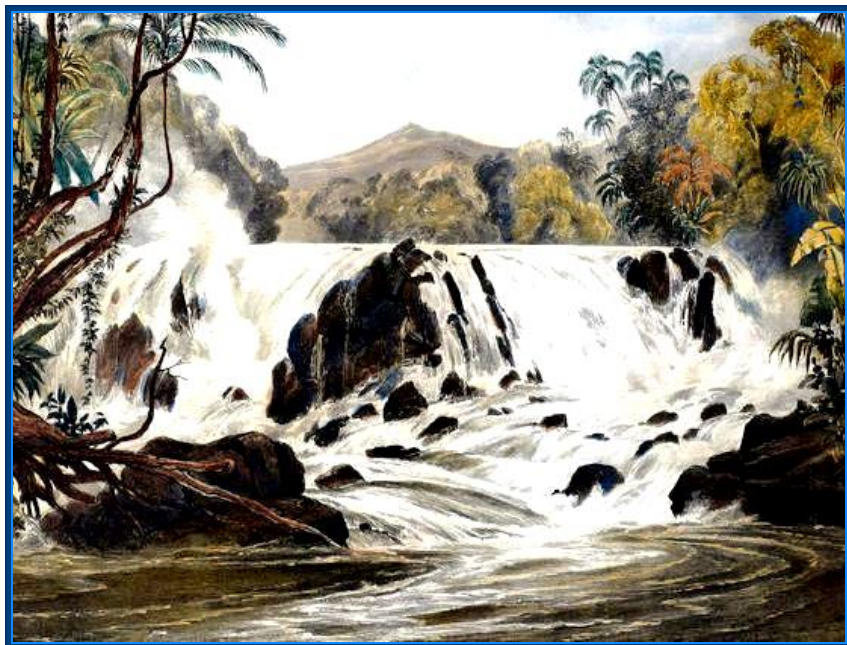



Imagem 30 – Cascata Purumama (Charles Bentley)

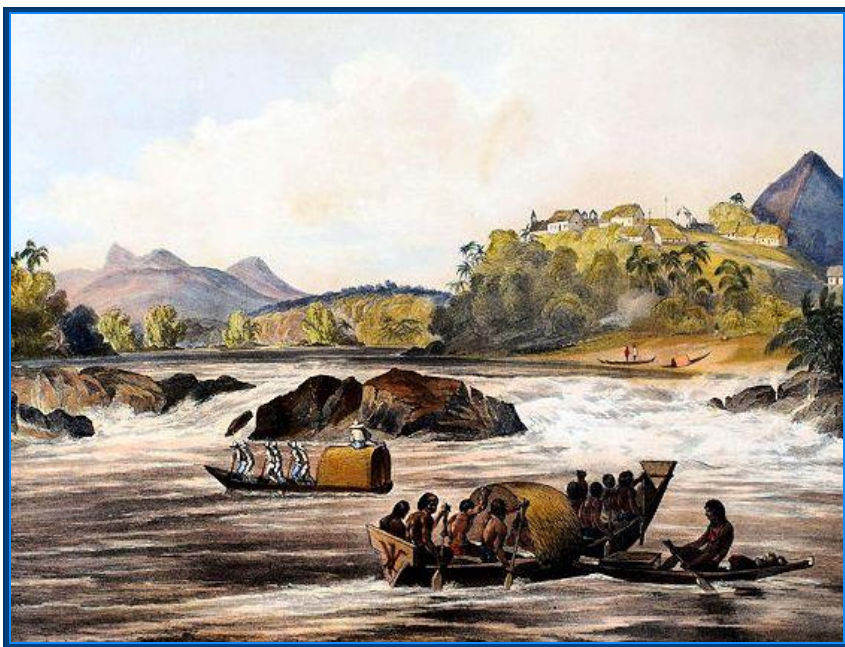



Imagem 31 – Forte São Gabriel (Charles Bentley)

Imagem 32 – Monte Roraima (Charles Bentley)

Imagem 33 – Rio Paramu (Charles Bentley)

Imagem 34 – Aldeia Esmeralda (Charles Bentley)

Imagem 35 – Aldeia Watuticaba (Charles Bentley)

Imagem 36 – Aldeia Annay (Charles Bentley)

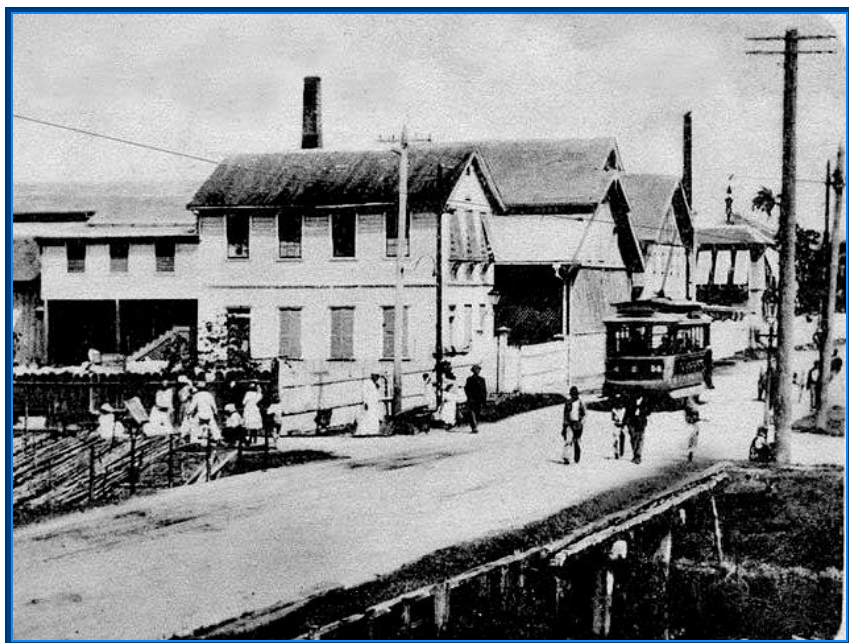



Imagem 37 – Georgetown, Demerara

Imagem 38 – Rápidos do Rio Essequibo (Armorel Clinton)

Jornada de Esmeralda, no Orenoco, para São Carlos e Moura no Rio Negro, e daí pelo Forte São Joaquim para Demerara, na primavera em 1839.
De Robert Hermann Schomburgk.

25 de fevereiro de 1839 – Após uma estada de 3 dias em Esmeralda, durante a qual carregamos nossa corial, e nos preparamos para nossa longa viagem, deixamos na tarde de 25 e continuamos a descida do Orenoco rumo W.N.W. por 21 km, durante os quais recebe os pequenos Riachos Mantari, Sodomoni e Tamatama do N., e o Cuca do S., chegamos à notável bifurcação deste Rio, tão bem e tão amplamente descrito pelo Barão Humboldt, que pouco nos resta acrescer.

A partir deste ponto, o ramo principal segue seu curso a N. 74° W., serpenteando em torno do sopé da Serra Parima e, eventualmente, após um curso semicircular de cerca de 1,287 km, desemboca no Oceano Atlântico. O menor ramo, chamado de Cassiquiare, ou Cassisiare, pelo Guianenses e Maiongkongs, faz um ângulo reto para o S. W., e mantém este curso por cerca de 193 km de distância diretamente para o Rio Negro, perto de São Carlos. Ligando, portanto, as duas grandes Bacias do Orenoco e do Amazonas. [...]

04 de março de 1839 – [...] Apesar de todas as minhas pesquisas, pude obter pouca informação além da que me foi repassada por Mr. Humboldt do curso superior da Guiana. [...] Esses índios se retiraram, diz-se, mais para o Leste, e ainda são hostis a qualquer estranho que entre no seu território. [...]

07 de março de 1839 – De manhã cedo passamos pela Pedra de Cucuí, subindo cerca de 259 m ([98]), a 1,6 km da margem do Rio. É nua e íngreme para o S., mas tem algumas árvores nos lados E. e W., e é de uma aparência notavelmente pitoresca. Outra colina de menor altura situa-se a cerca de 1,6 km a N.E. de Cucuí. Ali estava a morada, em meados do século passado, do cacique Manitivitano Cucuí ([99]), notório por sua crueldade e devassidão. Cucuí era inimigo implacável dos jesuítas e devastou suas missões. Mr. Humboldt, quando em São Carlos, em 1800, conheceu o filho de Cucuí. O Dr. Johann Natterer, de Viena, que subiu o Rio Negro até sua junção com o Cassiquiare, subiu até o cume da Pedra de Cucuí. De tarde observamos a cadeia de montanhas Pirabuku [...].

Como havia ameaça de tempestade, nos esforçamos para chegar logo em Marabitanas e lá aportamos às 14h00, a tempo de escapar da chuva. San José de Marabitanas, o Forte fronteiriço do Brasil, situa-se na margem Ocidental do Rio, e consiste de um aterro de barro de paliçada, montando oito canhões; dois dos quais eram ingleses. Visto do Rio, o pequeno Forte, a igreja e uma fileira de casas que se estendem ao longo das margens têm uma aspecto alegre.

Está sob a responsabilidade de um Sargento e seis homens, e toda a Aldeia contém cerca de 150 pessoas. [...] A situação um pouco elevada do Forte proporciona uma ampla visão. As montanhas

---

[98] A Pedra de Cucuí é uma elevação de 462 m, de altitude, e, do alto da pedra, é possível avistar o Pico da Neblina e a Serra do Imeri. Observando-se a Serra, do lado brasileiro, ela se assemelha a um rosto fitando o céu.

[99] Na face norte da serra do Cucuí, existem cavernas naturais e, em uma delas, teria morado, segundo a lenda, o cacique Cucuí. O cacique tinha várias esposas e, à medida que elas envelheciam, eram engordadas e sacrificadas para servirem de repasto ao cacique canibal. Cucuí a substituía, imediatamente, por uma das jovens mais belas da Aldeia.

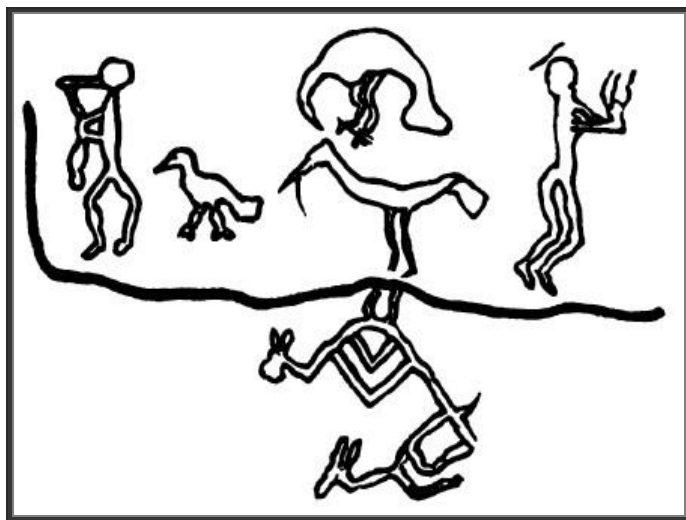



Imagem 39 – Petróglifos da Ilha de Pedra

Pirabuku [...] a uma distância de cerca de 48 km, elevando-se provavelmente, 457 m acima da planície [...] isoladas, como Cucuí, pareciam formar um elo de comunicação entre as montanhas de onde brotam as nascentes dos afluentes do Norte do Rio Negro e as montanhas da Serra Tunuhi, perto das nascentes do Xié e do Içana, até a margem esquerda do Rio Uaupés. [...]

11 a 12 de março de 1839 – [...] O Comandante estava com muito medo de um ataque dos índios, para vingar as barbaridades cometidas pela Expedição Escravista, já aludida, e tinha realizado preparativos para a defesa. São Gabriel, assim como todos os outros lugares da magnífica Província do Rio Negro, sofreu com a influência devastadora dos distúrbios políticos. Antigamente existiam Aldeias prósperas, onde agora só seu nome pode ser encontrado, numerosos barcos viabilizavam o comércio entre o Grão Pará e o Alto Rio Negro, uma navegação interior de mais de 2.250 km, praticamente sem empecilhos; agora dificilmente um navio pode ser visto.

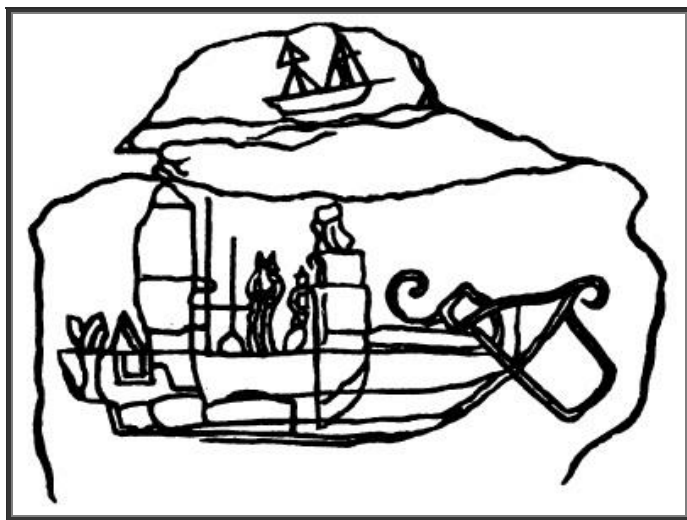



Imagem 40 – Petróglifos da Ilha de Pedra

A maior correnteza deste Rio ocorre logo abaixo do Forte; e nós aqui descarregamos nossa corial e transportamos a bagagem por 1,6 km sobre o Cerro Arruyabai até o Porto inferior [Embarcadero]. [...] Em nosso caminho, observei em uma borda de granito algumas gravações indígenas, de maior interesse, pois foi o primeiro que encontramos no Rio Negro.

As figuras estavam na forma de um labirinto, e foi notável pela profundidade em que foi cortada na rocha; e embora a trilha passe sobre essas pedras, e milhares possam ter andado sobre ela, a figura não está de todo erodida. Uma tentativa de imitar os petróglifos em um período posterior, e provavelmente com um martelo e cinzel, está quase apagada, mostrando veementemente a habilidade peculiar dos operários originais, quem quer que eles fossem. [...]

24 de março de 1839 – Chegamos a Barcelos, agora chamada Mariuá, bem cedo. [...] Algumas escunas e saveiros, que estavam ancorados antes da cidade, deram uma animação à paisagem que é muito carente nestes vastos Rios.

No início deste século, Barcelos tinha de 10.000 a 12.000 habitantes e era a capital da Capitania do Rio Negro, mas, desde que a sede do Governo foi removida para Manaus ou Barra, sua decadência foi rápida. Atualmente, pouco mais de 20 casas são habitadas; porque a maior parte dos proprietários vive em seus sítios ou propriedades dedicando-se à agricultura.

Após 6 meses, os senhores Vieth e Le Breton, que haviam se empenhado em coletar materiais e espécimes para a geologia e botânica, incorporaram-se, novamente, à Expedição.

As dificuldades e atrasos que experimentaram com a burocracia estatal eram uma prova de que se eu não tivesse trazido a tripulação do meu próprio barco, de Warraus e índios espanhóis das tribos Guinau e Maiongkong, poderíamos ter levado doze meses até chegarmos a Barcelos, em vez dos apenas 21 dias que levamos desde Esmeralda até aqui, percorrendo uma distância aproximada de 925 km [...]

Foi motivo de muita satisfação para mim visitar as principais famílias do lugar, e especialmente os Senhores Rodolfo, Pini e Couto, para agradecer-lhes pela gentileza e atenção que demonstraram durante nossa estada neste local. [...]

30 de março de 1839 – As gravuras indígenas que tornam essa pequena Ilha notável, estão no seu lado S. e esculpidas em blocos de granito duro, e embora o tempo as tenha erodido um pouco, elas ainda conservam linhas profundas.

Elas são numerosas e consistem em desenhos de homens, pássaros e animais. Em um grande pedregulho treze imagens, representando figuras humanas, estão dispostas em linha como se dançassem.

As gravações mais notáveis, no entanto, são as representações de dois barcos a vela; o menor é um navio de dois mastros e o maior semelhante a um galeão, como os representados na Imagem 38.

Permanece, portanto, pouca dúvida de que essas imagens foram feitas em um período posterior, e após a descoberta do Amazonas, quando os navios dos Conquistadores já navegavam na corrente mais poderosa do mundo. Não é improvável que o grupo de figuras se relacione a um evento de grande repercussão; talvez a primeira chegada dos europeus ao Amazonas. Os índios dos dias atuais nas proximidades de Pedreiro ([100]) admitem a antiguidade destas figuras, e dizem que foram gravadas mediante fricção constante com seixos de quartzo.

Até pode ter sido, mas nosso julgamento se mostrou infrutífero; como também nossas tentativas de produzir fogo a partir de dois bastões, embora isso seja feito com facilidade pelos índios. Com grande persistência eles podem realmente ter conseguido isso.

Essas gravações, deve-se notar, não são tão profundas como as do Corentyne, ou de Waraputa no Essequibo. Pedreiro, o antigo Moura, e Itarendaua, ou "*o lugar das rochas*" dos nativos, e pelo qual este último nome é agora chamado em todos os documentos oficiais, fica a cerca de 16 km da Ilha de Pedra, e no banco S. do Rio. Foi com enorme satisfação que prestei ao Capitão Bemfico e ao senhor Brandão meus agradecimentos pela gentil atenção que demonstraram ao Sr. Vieth e ao Sr. Le Breton. Fomos recebidos com muita hospitalidade e permanecemos 3 dias em Pedreiro, que, por ser período de Páscoa, estava bastante animada.

---

[100] Pedreiro: atualmente Moura.

Como uma nova igreja estava sendo construída, a missa foi realizada na casa ao lado de nossa residência, que serviu, logo depois, como um salão de baile. A maior curiosidade em Pedreiro é um albino, um índio Wainampu. Ele é um homem de cerca de 40 anos de idade, e me disseram que seus dois filhos são igualmente albinos.

Cerca de 10 anos atrás, Moura ou Pedreiro era um lugar florescente, com cerca de 100 casas e 1.000 habitantes; o número atual de habitantes não chega a mais de 200. Em nossa viagem de volta, o Rio tinha subido bastante, e tivemos que enfrentar uma corrente forte. Passamos, novamente, pela Ilha de Pedra, mas não alcançamos a entrada do Rio Branco até tarde da noite, nem nosso lugar de parada, até meia noite.

03 de abril de 1839 – [...] Encontramos alguns dos índios que haviam sido levados na caçada aos escravos, ou "*descimento*", como é chamado aqui. O governo ordenou que os homens, mulheres e crianças capturados naquela ocasião fossem soltos e enviados para suas casas.

Assim que os de Santa Maria souberam que eu estava por chegar, declararam que esperariam por mim. Eles consistiam de dois homens velhos, cinco mulheres e duas crianças, que foram deixados por si mesmos e quase morrendo de fome. Nossas corials estavam sobrecarregadas; no entanto, arranjei um espaço para três deles e comprei uma pequena embarcação para o restante em que seguiriam no dia seguinte. [...]

20 a 30 de abril de 1839 – O vento Norte soprava com rajadas tão pesadas que pouco progredimos; mas, na tarde do dia 22, novamente chegamos ao Forte São Joaquim.

Imagem 41 – Bacia Hidrográfica do Essequibo

Passaram-se sete meses e dois dias desde a nossa partida do Forte, período durante o qual percorremos cerca de 3.540 km, desde as nascentes dos afluentes do Norte do Tacutu, as águas do Mazaruni, as fontes do Rio Caroni, os afluentes do Norte do Rio Parima, as nascentes do Parawa, do Parima, do Merewari, do Orenoco, do Cassiquiare e dos afluentes do Norte do Rio Negro até a confluência do Rio Branco, Rio que subimos por 482 km, em vinte dias, e finalmente chegamos ao nosso ponto de partida no Forte São Joaquim.

Fomos recebidos pelo Comandante e nossos antigos aposentos foram-nos, novamente, disponibilizados, mas eu estava ansioso demais para seguir para o Pirara, e, na tarde do dia 27, parti em uma corial muito leve, e subindo o Tacutu com grande dificuldade, em decorrência da seca – o mesmo Rio, que no mês de julho anterior, havíamos encontrado 631 m de largura, e 3,3 m de profundidade, tinha diminuído em sua Foz para uma largura de 9 m e 28 cm de profundidade.

01 de maio de 1839 – Chegamos ao Pirara na noite de 1° de maio. Aqui encontramos o destacamento brasileiro, que afastou o zeloso missionário, o Reverendo Sr. Thomas Youd, e dispersou seu rebanho.

Se o Governo brasileiro tem direito de agir assim não me cabe aqui discutir; meu dever é apenas relatar o fato de que a antiga capela foi transformada em Quartel, e o prédio onde as primeiras sementes do cristianismo haviam sido lançadas entre os índios ignorantes foi transformado em um local onde impera a linguagem obscena e festas noturnas.

03 de maio de 1839 – No dia 3 de maio, depois de três meses, caiu a primeira chuva no Pirara e com isso começou a grande mudança climática, os Rios começaram a encher, e, em meados de maio, a savana estava alagada [...] No final de maio, as corials carregadas com nossas coleções, chegaram do Forte São Joaquim e foram lançadas no Quatata ([101]), que se comunica com o Rio Rupununi. Elas logo alcançaram o Rio Rupununi e, levadas rapidamente por uma forte corrente, chegamos à sua junção com o Essequibo em 1° de junho.

---

[101] O Quatata é um riacho localizado Alto-Takutu, região do Território Essequibo. A elevação estimada do terreno acima do nível do mar é de 85 metros. Também conhecido como Rio Kwatata, Kwatata e Kwatata.

13 de maio de 1839 – No dia 13 desembarcamos no Comuti, ou rochas Taquiara (Imagem 26), que novamente eu subi, e avaliei em 48 m a altura dessas massas de granito, confirmando assim a estimativa que havia feito na minha Expedição anterior. O Essequibo transbordava, as quedas tinham sumido, e, graças a isso, levamos apenas cinco dias para percorrer o mesmo trajeto que levamos vinte e três para subir.

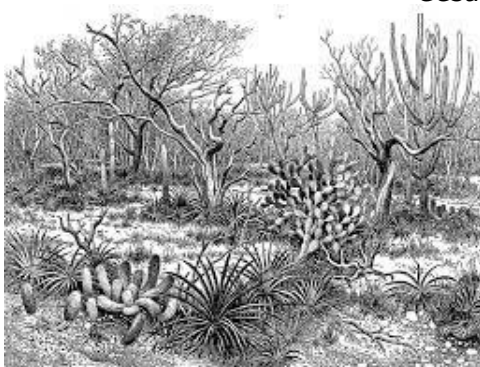
17 de maio de 1839 – Na manhã do dia 17 de junho, nos aproximamos da Missão protestante em Bartika Point, onde fomos festivamente recebidos com direito a içamento de bandeiras e tiros. Por uma estranha coincidência, fui recebido pelo Bispo de Barbados, a mesma autoridade que me recebera no retorno de minha primeira Expedição em 1836. O Bispo ia fazer uma visita de inspeção à Missão, e foi com lamentável pesar que tive de comunicar-lhe a triste notícia do fim da Missão do Pirara, cuja fundação este digno e muito respeitado prelado tinha envidado todos os esforços ao seu alcance.

20 de junho de 1839 – Tinham-se passado vinte e dois meses desde que passei por aqui, na minha subida pelo Rio Essequibo, e disse adeus à vida civilizada e aos seus confortos. Durante este período, eu reconheci o Essequibo até suas fontes, percorrendo mais de 4.828 km, principalmente por água, que detalhei nas páginas anteriores, e agora, pela bênção da providência, retornei em segurança para Georgetown, Demerara, a qual cheguei em 20 de junho de 1839. Essa foi uma navegação interna de uma das colônias mais luxuriantes dos domínios de Sua Majestade, e não posso concluir este relatório sem voltar a atenção para a facilidade de comunicação oferecida pelos Rios que cruzam este Distrito da América do Sul. [...] Se a Guiana Britânica não possuísse a fertilidade que é sua característica mais

especial, essa possibilidade de comunicação fluvial por si só a tornaria de grande importância, mas abençoada como é com abundante fecundidade, esta extensa navegação interior aumenta seu valor como colônia britânica e, se a emigração, suficiente para disponibilizar seus recursos, fosse adequadamente direcionada, o porto de Demerara, certamente, rivalizaria com qualquer outro no vasto continente da América do Sul. (SCHOMBURGK, 1841)

Seca I

(Thales Bastos Chaves)

Ao grande locutor-animador,
César de Alencar

Faltam nuvens no céu... Na imensa curva
Do horizonte, nem uma sombra existe,
Que pressagie a chuva benfazeja.

Nas cacimbas profundas já é tão turva
A água, que o poço fundo não resiste
A tortura do Sol. Seca e poreja.

O líquido, que a Natureza outrora,
Mãe piedosa e pródiga mandara,
Sob forma de chuva cristalina.

E chora o gado triste e triste chora
O bravo sertanejo. E a seca avara
Combure ([102]) a relva em flor, mata a bonina. [...]

[102] Combure: queima.

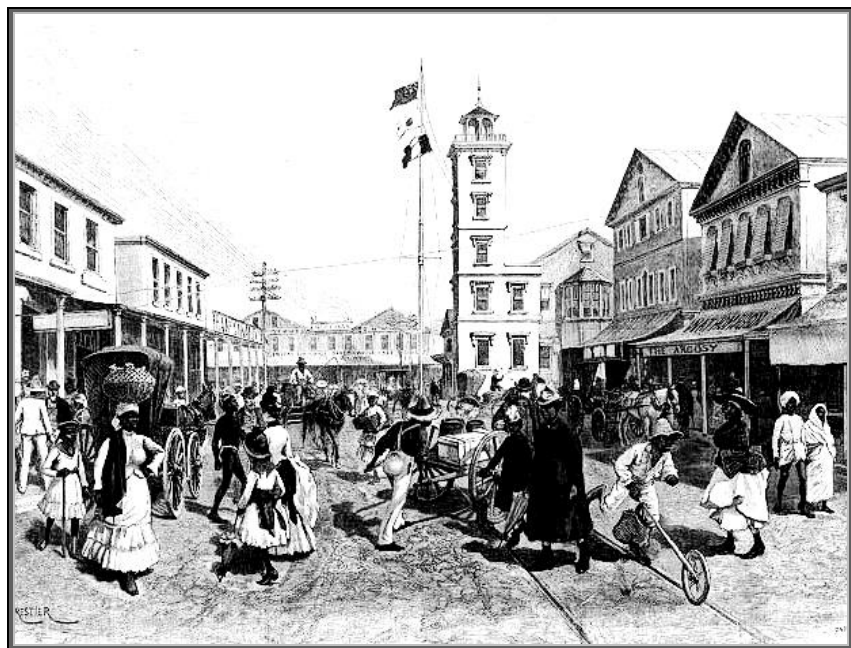



Imagem 42 – Georgetown, 1888

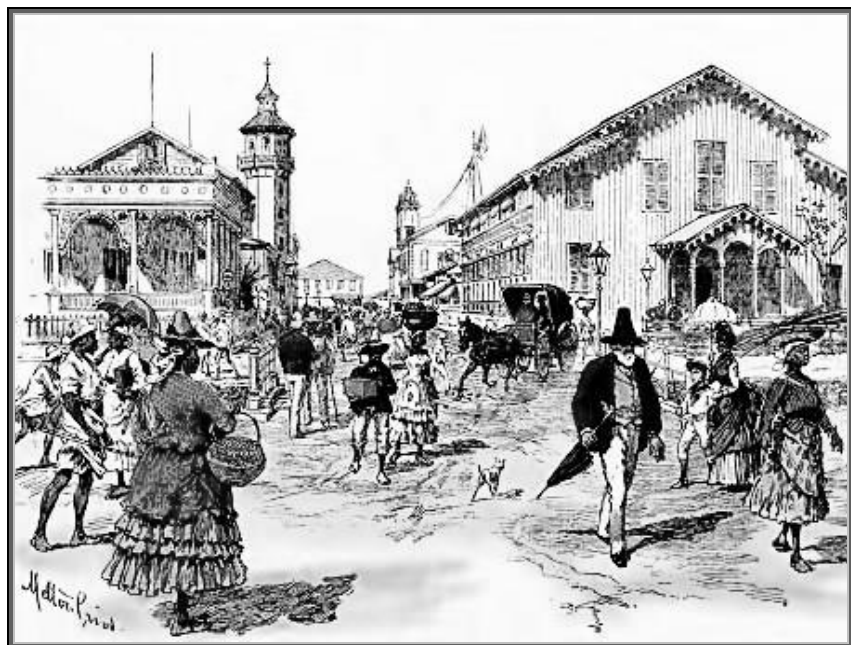



Imagem 43 – Georgetown, 1941 (Milton Prior)

Antônio L. Monteiro Baena (1840)

REVISTA TRIMENSAL
DE
HISTORIA E GEOGRAPHIA
OU
JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO BRASILEIRO.
FUNDADO NO RIO DE JANEIRO
SOB OS AUSPICIOS
DA
SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL.
DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇAÕ DE S. M. I.
O SENHOR D. PEDRO II.

TOMO TERCEIRO.

Hoc facit; ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

MEMORIA

Sobre o intento que tem os Inglezes de Demerari de usurpar as terras ao Oeste do rio Repunuri adjacentes á face austral da cordilheira do Rio Branco para amplificar a sua colonia:

ANTÔNIO LADISLAU MONTEIRO BAENA

Filho de João Sanches Baena e de Dona Maria do Resgate Monteiro Baena, nasceu, não no Pará como erradamente afirmam diversos que dele têm tratado, mas em Lisboa entre os anos de 1781 e 1782, e faleceu no Pará, a 29.03.1850, vítima da febre amarela epidêmica.

Chegando a esta Província em setembro de 1803, acompanhando o Capitão-general Conde dos Arcos, como seu Ajudante de Campo, no posto de Segundo Tenente de artilharia, dedicou-se ao Brasil como o faria o mais dedicado de seus filhos; achou-se à frente dos movimentos que se deram na Província do Pará, sempre pugnando por ela; abraçou com entusiasmo a independência e no serviço do império subiu até o posto de Tenente-coronel, em que foi reformado, e deu-se muito ao estudo da história da pátria adotiva, que ainda lhe é grata, como deu testemunho o Clube das Lanternas do Pará, assinalando com uma lápide a casa em que ele residiu e em que morreu.

Na lápide, a que me refiro, lê-se a inscrição: "*Gratidão dos Paraenses ao Distinto Cidadão Antônio Ladislau Monteiro Baena. O Clube das Lanternas, 1882*".

Monteiro Baena era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cavaleiro da ordem de S. Bento de Aviz, e escreveu:

- Compêndio das eras da Província do Pará. Pará, 1838 – A publicação deste livro, de mais de 650 páginas, deu-lhe entrada no Instituto Histórico, elogiando o mesmo Instituto a obra;

- Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará. Pará, 1839, 605 páginas. – Sobre este livro escreveu o Coronel José Joaquim Machado de Oliveira, em 1843, um juízo crítico, comparando-o com a Corografia Paraense

do Coronel Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva, elogiando-o em diversos pontos, mas censurando-o noutros, juízo de que fora incumbido pelo Instituto Histórico;

– Discurso dirigido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sobre o juízo crítico de José Joaquim Machado de Oliveira, acerca do Ensaio Corográfico do Pará. Maranhão, 1844;

– Memória sobre a intrusão dos franceses da Caiena nas terras do Cabo do Norte, em 1836, escrita para ser apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Maranhão, 1846, in-4°;

– Memória sobre o intento que têm os ingleses de Demerara de usurpar as terras a Oeste do Rio Rupununi, adjacentes à face central da cordilheira do Rio Branco para amplificar a sua Colônia. Maranhão, 1846 – Saiu antes na Revista do Instituto Histórico, volume 3°, páginas 184 a 197 e 322 a 332;

– Proposições resumidas dos princípios em que se estriba o direito das sociedades civis. Maranhão, 1847;

– Biografia de João Sanches Monteiro Baena, cônego diácono do cabido da Catedral do Pará, escrita por seu pai, etc. Pará, 1848, 206 páginas, in-4°;

– A Sorte de Francisco Caldeira Castello Branco na sua Fundação da Capital do Grão-Pará: drama. Pará, 1849;

– Carta Reserval ao ilustríssimo Senhor Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castello Branco sobre alguns lugares de um pequeno folheto, acompanhado de uma carta de Antônio Ladislau Monteiro Baena [pelo mesmo Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castello Branco]. Oeiras do Piauí, 1849, 26 páginas, in-4°;

– Sobre a comunicação mercantil entre a Província do Pará e a de Goiás: resposta ao ilustríssimo e excelentíssimo Sr. Herculano Ferreira Penna, Presidente da Província do Pará. Pará, 1848, 39 páginas, in-8°;

- Saiu também na Revista Trimensal do Instituto Histórico, Tomo 10°, 1848, páginas 80 a 107. A resposta teve por motivo o seguinte ofício do Presidente do Pará, datado de 29 de maio de 1847:

  "*Tendo-me sido dirigido pelo Sr. Presidente da Província de Goiás o ofício constante da cópia inclusa, em que me comunica a deliberação que tomou de mandar fazer um ensaio de navegação e comércio pelo Rio Araguaia, desejando eu animar tal empresa por todos os meios ao meu alcance, como declarei na resposta que V. S. achará junta, e conhecendo quanto V. S. se acha habilitado para indicar os obstáculos que ela possa encontrar, assim como as vantagens que promete a ambas Províncias, resolvi dirigir-me por este meio a V. S., para que tenha a bondade de informar com seu parecer sobre este assunto, no qual dará certamente novas provas do zelo com que se dedica ao serviço do Estado*";

- Memória sobre a questão do Oiapoque, acompanhada de 39 documentos – Foi oferecida ao Instituto em 1840, manuscrita;

- Representação endereçada ao Conselheiro Geral da Província do Pará a 06.12.1831 sobre a civilização dos índios – Idem;

- Biografia de D·. Romualdo de Seixas Coelho, Bispo do Pará – Saiu na Revista do Instituto, Tomo 3°, 1841, páginas 469 a 477;

- Observações ou notas instrutivas dos primeiros três capítulos da parte 2ª do "*Tesouro Descoberto no Rio Amazonas*", escritas, oferecidas ao Instituto Histórico e Geográfico – e publicadas na dita Revista, Tomo 5°, páginas 253 e seguintes. São 22 notas com uma preliminar servindo de prólogo e outra no fim;

- Memória sobre o trânsito do Igarapé-mirim e a necessidade de um canal a bem do comércio interno da Província do Pará. – publicada na dita Revista, Tomo 23°, 1860, páginas 479 e seguintes;

- Informação sobre a Vila de Santo Antônio de Gurupá, dada ao Ilm° e Exm° Sr. desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Presidente da Província do Grão-Pará pelo Tenente-coronel de artilharia Antônio Ladislau Monteiro Baena, mandado em Comissão à mesma Vila pelo dito Sr. Presidente – É datada de 16.08.1841, 10 folhas. Existe a cópia na Biblioteca Nacional;

- Breve descrição da Vila de Mazagão e parecer sobre o Aningal de sua entrada; dada ao Ilm° e Exm° Sr. Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Presidente da Província do Grão-Pará, pelo Tenente-coronel de artilharia Antonio Ladislau Monteiro Baena, mandado em Comissão etc. 7 folhas com um mapa da população da vila de Mazagão. Idem;

- Ideia do que é a Vila de S. José de Macapá, dada ao Ilm° e Exm° Sr. Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Presidente da Província do Grão-Pará, pelo Tenente-coronel de artilharia Antonio Ladislau Monteiro Baena, mandado em Comissão, etc. [1842, 15 de outubro] – 10 folhas. Idem;

- Informação sobre as valas da Vila de S. José de Macapá, etc. – 4 folhas com um mapa da população da Vila datado de 3 de setembro de 1842. Idem;

- Nota aditiva às minhas informações, já dadas, sobre as Vilas de Gurupá, Mazagão e Macapá – 3 folhas sem numeração, às quais precede um ofício do autor, datado do Pará a 01.10.1842 para o desembargador Rodrigo Pontes, remetendo-lhe a nota aditiva. Idem;

- Informações dadas em 8 de fevereiro de 1844 ao Presidente da Província do Pará sobre a conveniência da abertura de uma estrada da mesma Província para a de Mato Grosso e sobre as matas coutadas ([103]) que tem o Pará, e das quais se tirem madeiras para a construção naval, e onde se façam novas plantações de árvores para o futuro – São datadas de 08.02.1844, e saíram na Revista do Instituto Histórico, tomo 7°, 1845. Idem;

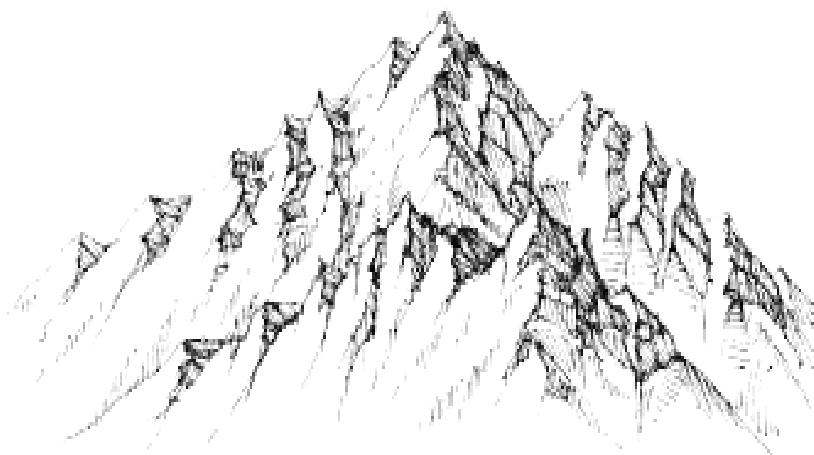
[103] Coutadas: de propriedade do Estado.

- Representação ao Conselho Geral da Província do Pará sobre a especial necessidade de um novo regulamento promotor da civilização dos índios da mesma Província. Pará, 6 de dezembro de 1831 – Original de 31 folhas, in-4°, pertencente ao Instituto Histórico;

- Esboço do Contorno do Brasil – É uma obra de muito merecimento que o Coronel Baena não chegou a concluir, e tinha nas mãos quando faleceu. Neste trabalho são determinados os principais pontos da linha marítima Setentrional. Dele vem um excerto no Diário do Grão-Pará de 13.08.1882, e o original existe em poder do filho do autor, Antonio Nicolau Monteiro Baena, de quem farei menção neste volume;

- A Conversão de Philemon: drama – Creio que foi publicado; nunca o vi, e sei de sua existência pela notícia honrosa do autor, publicada no mesmo Diário de 13 e 14 do dito ano, por ocasião da festa do Clube das Lanternas no Pará com a colocação de uma lápide na casa em que ele residiu e morreu, notícia escrita pelo Dr. A. Tocantins.

Consta-me que Baena escrevera, mais, além de outros escritos que se acham na Revista do Instituto Histórico:

- Nota da urgente necessidade de formular um cadastro geral do Brasil. (BLAKE)

MEMÓRIA [1840]

Sobre o intento dos ingleses de Demerara de usurpar as terras ao Oeste do Rio Rupununi adjacentes à face austral da cordilheira do Rio Branco para amplificar a sua colônia

ANTÔNIO LADISLAU MONTEIRO BAENA

Tenente-Coronel de Artilharia, e Membro Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Senhores. Já no ano precedente tive a honra de apresentar-vos um discurso ou memória sobre a intrusão dos Franceses de Caiena nas terras do Cabo do Norte em 1836, que formalizei de ordem vossa, participada, em 20.12.1839, pelo digno e respeitável Secretário Perpétuo o ilustre Senhor Cônego Januário da Cunha Barboza, que tanto tem concorrido para sustentar o nome e glória desta tão útil sociedade.

Agora espontaneamente torno a falar-vos não da mesma matéria, porque ela foi exposta tendo eu debaixo dos olhos trinta e nove documentos por mim coligidos na Secretaria do Governo da Província com a nímia ([104]) fadiga, que me infligiu a confusa colocação de papeis naquele arquivo, mas de um novo assunto, qual o recentíssimo procedimento do Governador de Demerara para assenhorear-se da parte Meridional da cordilheira do Rio Branco até às vizinhanças do Forte de S. Joaquim, com o risível pretexto de ser devoluto aquele espaço.

---

[104] Nímia: demasiada.

Isto é, de não pertencer ao Império do Brasil, nem a outra alguma Nação. Eu passo a relatar-vos o fato, e depois lhe darei a clareza suficiente para se ajuizar da justiça dele.

Robert Schomburgk, alemão que a Inglaterra tomara ao seu serviço, pouco satisfeito da sua viagem de Demerara ao Rio Branco, em 1836, operou segundo ingresso no mesmo Rio, em 1838, dirigindo-se ao Forte de S. Joaquim, do qual passou a remontar o Rio Urariquera, continuação do Rio Branco.

Aproximou-se ao Rio Orenoco pelas montanhas do Maduacá, fontes do caudaloso e longo Rio Padauiri nas quais sendo estorvado pelos silvícolas Orumanáos, ele os varejou com pequenas peças de artilharia ligeira, e desta arte facilitou o trânsito para a parte superior do Rio Negro, onde saiu pouco acima do Forte de São Agostinho dos hispano-americanos.

Desceu o Rio Negro, vendo os Fortes de São José de Marabitanas e de São Gabriel da Cachoeira, e outros lugares dos quais levantou debuxos, e tirou notas do que quis à sombra do "*não me importa*" das autoridades locais, em desprezo das vozes dos moradores, que altamente estranhavam não ser preso e remetido para a cidade do Pará um estrangeiro, que andava explorando o território sem se saber quem o autorizava para isso.

E subiu o Rio Branco até o Forte de São Joaquim, ponto da sua partida, no qual em um dos dias dados ao repouso de palpar ([105]) os Rios da sua especulação, hasteou a bandeira britânica e a bandeira brasileira, sotapondo ([106]) esta àquela.

---

[105] Palpar: observar.
[106] Sotapondo: pondo embaixo.

Deste Forte revirou a Demerara com a notícia da sua peregrinação e dali partiu para Londres, onde foi elevado à graduação de Coronel, e condecorado com a insígnia de uma das ordens honoríficas. Logo após da partida de Schomburgk para Inglaterra, saiu de Demerara um missionário inglês, o Padre Thomaz Yowd, mandado pela Sociedade dos Metodistas naquela terra para instruir no catecismo de Luthero os silvícolas do alto Rio Branco. Ele estabeleceu a sua Missão nos campos que decorrem do Rio Tacutu para as serras mais Orientais da cordilheira.

Em janeiro de 1839, este reverendo luterano largou a Missão com máxima repugnância em virtude da intimação, que de ordem do Governo da Província lhe fez o carmelita Frei Jozé dos Santos Innocentes, missionário do Rio Branco que se achava no Forte de S. Joaquim, e que depois da retirada do missionário inglês ficou residindo na mesma Missão.

A esta ocorrência sucedeu ali a aparição de um inglês na qualidade de comissário, expedido por Stenry Light, Governador de Demerara, depois da chegada de Londres do supradito Schomburgk, ou Xamborga, como lhe chamam os moradores do Rio Negro, e encarregado de cumprir as ordens de tomar posse para Inglaterra das terras ao Oeste do Rio Rupununi adjacentes à face Austral da cordilheira do Rio Branco.

O indicado comissário, pondo em efeito o mais essencial da comissão, exigiu do missionário brasileiro que convocasse o Comandante do Forte de S. Joaquim, para que um e outro fizessem conferência com ele sobre a divisão do terreno compreendido entre a cordilheira e o dito Forte.

Terreno que não era nem do Brasil nem da Inglaterra, mas que esta quer que entre em seu domínio, e que, portanto, o missionário se devia retirar dali.

Este lhe respondeu que não chamava o Comandante do Forte para a exigida "*entrefala*" ([107]) e que ele, sem ordem emanada do seu Governo do Pará, não se afastava da Missão, que do negócio de assinalar limites nada sabia, nem lhe cabia resolver coisa alguma e que só trataria de enviar a matéria ao conhecimento do Presidente da Província. A este dissentimento ([108]) anuiu o comissário britânico atempando ([109]) cinco meses para a resposta e assegurando que durante este período ele garantia a sua pacífica estada na Missão.

Recolheu-se o comissário a Demerara e o missionário brasileiro, tomando o acordo de ser ele quem pessoalmente desse ao Governo os papeis concernentes a este sucesso, partiu para a cidade do Pará, aonde chegou nos primeiros dias de junho do corrente ano. Censuraram este missionário e o Comandante do Forte de S. Joaquim de não terem feito protesto contra a pretensão dos ingleses de Demerara pela razão de que os protestos conservam a honra do protestador e demonstram que a força dominava. Censura esta desarrazoada ([110]) ainda quando realmente tivesse havido violência, porque nesses termos é reconhecida a inutilidade dos protestos.

Para mim nada é mais metafísico do que a ideia de conservar honra por protestos, nem nada mais pueril do que com eles provar a força, verificada pelos fatos e pelos escritos. No meu conceito <u>os protestos são o testemunho da fraqueza de quem os faz, e nada servem para a causa a que se encaminham, são uma quimérica formalidade de palavras, que de nada servem senão de concitar o ludibrio e escárnio do</u>

---

[107] Entrefala: entrevista.
[108] Dissentimento: desacordo.
[109] Atempando: marcando um prazo de.
[110] Desarrazoada: despropositada.

opressor, quando eles não se podem tornar efetivos são sempre palavras sem sentido, sempre inconsequentes.

O Presidente da Província, o Sr. Dr. Bernardo de Souza Franco, à cerca desta Missão inglesa estabelecida nas terras do Rio Branco, disse no seu discurso recitado na abertura da Assembleia Legislativa Provincial no dia 15.08.1839, que a Missão de Pirara estava colocada na margem do Rio Pirara, que deságua no Repuny [Rupununi] a 3°30' de Latitude, e a divisão entre o Brasil e a Guiana Inglesa é corrente ser a serra Pacaraima [Pacaraina], que corre entre 3°50' e 4° de Latitude a encontrar com o Rio Repuny [Rupununi], que, seguindo seu curso entre esta mesma Latitude, se vai lançar no Rio Essequibo a 3°58' de Latitude e 58° de Longitude.

Assim transpondo a natural linha divisória de uma serra e um Rio, veio o Padre colocar a sua Missão no terreno brasileiro, e cerca de 60 milhas do Forte de S. Joaquim do Rio Branco. Parágrafo do citado discurso a única certeza que se divisa é a de estar a Missão dentro do âmbito do torrão brasílico, mas as premissas para esta conclusão não se patenteiam alumiadas de igual luz de veracidade.

Eu vou dar-vos, Senhores, o conhecimento que neste assunto me tem ministrado há muito tempo as memórias e cartas topográficas levantadas pelos geógrafos da última demarcação de limites, que principiou em 1780. O metodista britânico não situou a sua Missão na margem do Rio Pirara: situou-a em uma ilha de grosso mato chamada Camaçari, e jacente nos campos que se estendem da ribeira direita do Rio Tacutu acima da Foz do Mau para as vertentes do Rio Pirara, as quais cheias de junco se acham quase contíguas à dita ilha.

Nem o Rio Pirara entorna as águas no Rio Rupununi, sim no Rio Mau, cuja embocadura está na margem direita do Rio Tacutu, acima da Foz do Rio Surumu. Desta Missão denominada do Pirara, por estar vizinha deste Rio, como fica descrito, avista-se em frente a serra Hiauáracahima [costela de cão] da cordilheira, e a ponta do Uanahi da mesma cordilheira, e para ir da dita Missão ao Rio Rupununi é preciso caminhar pelos campos com direção ao Igarapé Coátatá, o qual se intromete no Lago Sauáricuru, próximo à beira esquerda do Rio Rupununi.

Do Forte de S. Joaquim se pode ir a cavalo à mesma Missão pelos campos da borda esquerda do Rio Tacutu, vadeando este Rio defronte da Boca do Rio Mau, o que é possível na sua vazante, e continuando por terra em direitura à ilha Camaçari, onde jaz a Missão. Nesta jornada emprega-se dois e meio ou três dias artificiais ([111]).

Pela vizinhança do lugar em que está situada a Missão é que passa a comunicação do Rio Branco para o Rio Rupununi, achada em 1781 pelos Geógrafos das demarcações Ricardo Franco de Almeida Serra, e Antônio Pires da Silva Pontes, eles caminharam pelo Rio Mau, embocaram o Pirara, e das suas cabeceiras pelos campos acertaram com o Igarapé Coatatá, pelo qual entraram no Lago Sauaricuru, que lhes franqueou saída no Rio Rupununi.

E no ano de 1787 o Coronel Manoel da Gama Lobo de Almada descobriu outra comunicação mais curta para o mesmo Rio Rupununi, a qual é o Igarapé Sarauru, que desemboca na margem esquerda do Tacutu, e das cabeceiras deste Igarapé no breve

---

[111] Os dias artificiais são contados de Sol a Sol e os dias naturais contados do meio-dia a meio-dia.

computo de duas horas de caminho por terra se chega ao berço do Rio Rupununi, e daqui não há mais do que descê-lo até o Essequibo. Esta foi a estrada, que de ordem do General D. Francisco de Souza Coutinho seguiu em 1798 o Porta-bandeira Francisco Jozé Rodrigues Barata para ir ao Suriname entregar ofícios da Corte de Lisboa.

Também a divisão entre o Brasil e Guiana Inglesa não é a serra Pacaraima, que no discurso supra indicado se diz correr entre 3°50′ e 4° de Latitude a encontrar com o Rio Rupununi: a serra Pacaraina não está na referida Latitude, ela demora na Latitude Aquilonar ([112]) 4° e na Longitude 314°30′.

A divisão do Brasil com o território de Demerara é a cordilheira do Rio Branco, que na Latitude Setentrional de 4° se estende Leste-Oeste da Longitude de 318° à de 314°, sendo a serra Pacaraina a sua extremidade Ocidental, da qual se endereça a linha reta divisória para a serra Cucuí no Rio Negro, cuja posição geográfica é o Paralelo Boreal 2° cortado pelo Meridiano 309°43′, e sendo a ponta do Uanai a extremidade Oriental da mesma cordilheira, da qual decorre a divisão retilínea para o berço do Rio Oiapoque.

O Rio Rupununi, rompendo da sua fonte na Latitude Setentrional de 2°53′ e na Longitude de 318°6′, volve-se perto da serra Pelada, e quase paralelo ao Rio Tacutu, vai lavar a dita ponta do Uanai, e desta dirige a sua carreira para o Essequibo, e não encontra a serra Pacaraina, nem a pode encontrar, porque pelo arredado intervalo de setenta léguas fica despartida esta serra do Rupununi. O Rio Tacutu verte das serras mais Orientais da cordilheira para o Rio Branco, passando pelos campos do entremeio

---

[112] Aquilonar: Boreal, Setentrional.

dos Rios Mau e Pirara, e pelo lado Meridional da serra Cuanocuano, pouco desviada do Lago Sauáricuru, e abundosa em paus preciosos, e com especialidade em muirapinimas ([113]) e em galos da serra ([114]).

A linha de demarcação, que corre do alto da serra Pacaraina na extremidade Ocidental da cordilheira do Rio Branco para a serra Cucuí no Rio Negro, e desta para a catadupa do Uviá no Rio Cumiari ou dos Enganos, e daqui à Tabatinga no Amazonas, e desta pelo Rio Javari acima até ao paralelo médio do Rio Madeira, separa o Brasil por esta parte dos hispano-americanos, e a linha reta, que parte da ponta do Uanai, extremidade Oriental da dita cordilheira, para o berço do Rio Oiapoque, despartenos ([115]) por esta banda da Guiana Francesa, e da terra que decorre da mesma Guiana para o Essequibo. Esta ponta do Uanai é justamente aquela, da qual sendo visitada pelo Coronel Manoel da Gama na sua exploração em 1787, disse ao astrônomo Jozé Simões de Carvalho, que o acompanhava na comissão: "*nesta ponta não se precisa cravar marco algum, ela é um marco tão perdurável no Oriente desta cordilheira, como a Pacaraima no Ocidente dela*".

Ora estando a Missão do Pirarara aquém dos 4° de Latitude Setentrional da cordilheira, limite natural admitido na última definitiva regulação de limites; isto é, ao Sul desta corda de serranias e da referida linha reta entre a ponta do Uanai e o manancial do Rio Oiapoque, não pode o território da mesma Missão pertencer à Grã Bretanha, nem a outra qualquer Nação, porque em virtude da dita regulação de limites é brasílico todo o terreno contíguo ao Sul

[113] Muirapinima (Brosimum guianense): árvore da família das moráceas de madeira extremamente dura e resistente, vermelha com pintas pretas.
[114] Galo da serra: Rupicola rupicola.
[115] Desparte-nos: dividi-nos.

da mencionada linha, e portanto é perfeitamente usurpativo o projeto atual de assinalar uma nova divisão, sobre a qual os ingleses de Demerara, à vista do plano do seu já apontado Schomburgk, estão indecisos se ela deve passar pelas serras Pacaraima e Cuanocuano, ou se por esta segunda serra e o Rio Parime, um dos quatro que dão o seu cabedal ao Rio Urariquera, continuação do Rio Branco.

Este Rio Parime debruça-se da cordilheira ao Oriente do Rio Uraricapará, que é o mais Ocidental da mesma cordilheira, e que tem a sua Foz na margem Boreal do Rio Urariquera na Latitude aquilonar de 3°23′, e na Longitude de 315°24′. Seja qual for a destas duas divisões em que os ingleses ultimamente assentarem, nela sempre se compreende a Missão do Pirara, porque a proposta linha divisória vem passar pela serra Cuanocuano, para cuja propinquidade ([116]) rola o Rio Tacutu, e dela parte a ingerir-se ([117]) nas águas do Rio Branco. O local da Missão, por ser elevado, e por já ter em parte um fosso natural, foi designado por eles para admitir uma Fortaleza.

Bem tentaram os espanhóis do Orenoco aumentar a sua Guiana com a parte Ocidental desta cordilheira, chegando até o seu Governador D. Manoel Centurion Guerrero de Torres a erigir dois postos militares, um ilustrado com o nome de S. João Baptista na parte inferior do Rio Urariquera, e o outro com o de Santa Rosa na parte superior deste Rio, porém o General do Pará João Pereira Caldas, logo que leu a participação do Governador do Rio Negro Joaquim Tinoco Valente, expediu uma Força militar, a qual, no dia 14.11.1775, em porfiada refrega guerreira lhes deu desbarato, lançando-os fora, e tomando-lhes as

[116] Propinquidade: proximidade.
[117] Ingerir-se: penetrar-se.

munições de guerra e três pedreiros ([118]), que transportou para o Forte de S. Joaquim, onde foram acrescentados os números das bocas de fogo, de que estava armado o mesmo Forte.

Com as demarcações que depois se fizeram, segundo o Tratado concluído, no 01.10.1777, terminaram todas as pretensões do Governo do Orenoco. Tenho mostrado, Senhores, que tanto a localidade da Missão do Pirara, como a divisão entre o Brasil e a Colônia de Demerara, não são como o supramencionado Presidente expressou no seu discurso.Se a Secretaria do Governo da Província, por culpa de quem devia zelar a guarda deste arquivo, não estivesse desfalcada das cartas topográficas gerais da Província, adicionadas com cartas particulares especificadas, e com memórias conexas, que nela existiram desde 1754 até 1823, e que eram o produto da diligência das demarcações, da primeira das quais foi plenipotenciário e principal comissário o General Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Da segunda o General João Pereira Caldas, aquele Presidente não dirigiria, como dirigiu, o seu juízo na formação do seu discurso nesta parte, consultando uma carta inglesa puramente geográfica da América Meridional, e assim mesmo assaz imperfeita, e por conseguinte não cometeria erro notável em matéria de tanta importância num escrito oficial. Quero dizer, não proferiria em prova de que o missionário inglês havia assentado a sua Missão nas terras da Província, que o Padre transpusera a natural linha divisória da serra Pacaraima e do Rio Rupununi, sendo ele próprio quem com estas expressões, sem a "*Lira de Amphion*" ([119]), trasladou a dita serra do Ocidente da

[118] Pedreiros: antiga espécie de morteiro que lançava grandes projéteis de pedra.

[119] Lira de Amphion: segundo a lenda grega, o som desta lira teria erguido as muralhas de Tebas.

cordilheira para o Oriente dela, fazendo-a avançar no rumo de Oeste-Leste setenta léguas.

Nem mencionaria Latitudes inexatas, sem declarar de que banda do arco do equinócio elas eram contadas, nem diria que a Latitude em que o Rupununi topa com o Essequibo é a de 3°58′, e na Longitude de 58° seja ela deduzida de que primeiro Meridiano for, que ele não expressou, nem, finalmente, que a distância da Missão ao Forte de S. Joaquim, que está edificado na Latitude Boreal de 3°01′, e na Longitude de 317°, era obra de 60 milhas, quando ela, caminhando-se por terra, é de 99 milhas marítimas, ou 33 léguas de 20 em grau.

A ponta do Uanai, pela qual passa o Rupununi antes da sua difusão no Essequibo, jazendo na mesma Latitude de 4° ao Norte do Equador, que é a da cordilheira, e, na Longitude de 318° numerados do Meridiano da ilha do Ferro, como podia o Rupununi descarregar as suas correntes no Essequibo, seguindo a carreira referida no discurso que tenho citado?

Papeis que encerram semelhantes inexatidões danam o interesse nacional, e ocasionam meios de chicana ([120]) a estrangeiros ávidos, que de ordinário sabem tirar partido das mínimas circunstâncias acidentais, e a quem tudo serve para entenebrecer ([121]) a matéria, erguendo debates arriscados, em que se perde tempo sem proveito, e que põem o negócio na borda do precipício. Os ingleses não desconhecem ser o território cobiçado possessão do Império Americano Meridional, pois muito bem sabem quais são os limites do Brasil por aquela parte assinalados pela derradeira demarcação.

---

[120] Chicanas: sutilezas e formalidades da justiça.
[121] Entenebrecer: turvar.

Eles nenhumamente ignoram que as terras que pelo Sul beijam a linha reta começada na ponta do Uanai, e terminada no berço do Rio Oiapoque, são todas extra domínio seu. Esta gente bem atinada em seus interesses possui cartas e memórias tipográficas, e sabe tratar todos os meneios de agenciar a sua posse para ter conhecimento das partes do globo que lhe merecem contemplação.

Quando os portugueses estão divisando com vergonhosa indiferença mapas desencaminhados pendentes das paredes do arsenal da marinha em Lisboa, os ingleses os compram e os fazem imprimir.

Portanto, o pretexto de não terem possessor ([122]) as terras que medeiam entre o alto da cordilheira do Rio Branco e o Forte de S. Joaquim, é uma fraca máscara do projeto de amplificar a sua breve Colônia, excogitada pela ambição que os aguilhoa à vista da apurada notícia que tem de que elas indicam gênio de serem produtivas em todo o gênero de plantações e culturas e de que há nelas muitos gêneros nativos, ótimos campos para armentios ([123]) e cavalos, ilhas e serras, e montes acobertados de árvores profícuas, que abrem grandes vales, onde a terra brota plantas valiosas para os usos da vida, serras de cristais e de outras produções minerais, grandes Rios e Lagos, numerosos animais e aves para exercício dos caçadores, e grã ([124]) cópia de cabildas ([125]) silvícolas para empregar na força produtiva.

Tudo isto são úteis ([126]) que enchem os olhos a eles, e não menos o ouro, que em algumas serras parece estar regurgitando das betas ([127]).

---

[122] Possessor: dono.
[123] Armentios: gado.
[124] Grã: grande.
[125] Cabildas: tribos.
[126] Úteis: benfeitoras.
[127] Das betas: dos veios, dos filões.

Talvez sobre a exuberância deste belo metal ainda não se tenha esvanecido a prístina ([128]) opinião da existência do Lago Dourado na cordilheira do Rio Branco, que tantas lidas fez empreender aos espanhóis, aos holandeses, e aos mesmos ingleses, como se viu no seu desfortunoso ([129]) Raleigh no tempo de Jacob I.

Não só compadece esta advertida vontade de usurpar as ditas terras com a civilização de que se jactam os filhos da magna Albion, e com a sua filosofia da humanidade, que os tem conduzido a empenharem-se de todos os modos no acabamento da escravidão africana.

Essa vontade é mais própria dos que viviam nos tempos passados, em que um Marquês d'Argenson, Ministro de Luiz XV, nos seus discursos sobre os verdadeiros princípios de governo ou política natural, dizia que a primeira via que uma Nação tem para se enriquecer é a das conquistas. E será possível que em nossos dias este meio se renove? Oh! Bom Deus!!!

A preciosidade das últimas terras Setentrionais do Brasil tem feito que em diferentes tempos os estrangeiros arraianos ([130]) inclinem o seu desejo a requestá-las. São admiráveis sem dúvida a fisionomia e as riquezas de que a natureza as prendou, e é também sem dúvida que destas riquezas pouco ou nada tem usado a indústria humana. Outras gerações virão, que judiciosamente cravem todo o seu intento em colher o proveito, que até aqui não se há colhido, passem elas para as suas mãos na atual integridade, é este o patriótico desiderato de todo o Brasileiro bom cidadão.

---

[128] Prístina: antiga.
[129] Desfortunoso: desafortunado.
[130] Arraianos: fronteiriços.

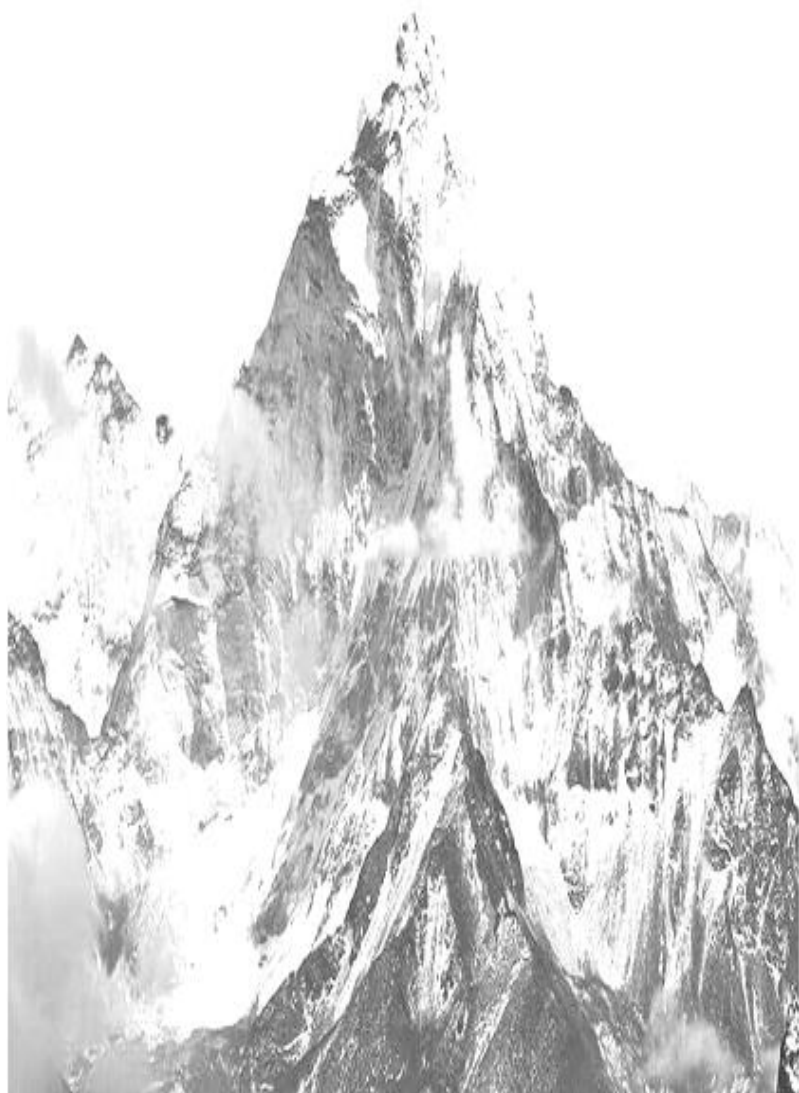
Se já houve quem opinasse que seria interessante ao Brasil ceder a maior parte do torrão fendido pelos Rios Japurá, Negro, Amazonas e Branco, para adquirir em compensação as terras Meridionais até à margem Oriental do Paraná e Província de Entre Rios, haja igualmente quem demonstre não ser justo adelgaçar a cabeça do continente brasílico para lhe engrossar a cauda.

Valha-nos a divisão dos povos contérminos ([131]) do Brasil em tantos estados, pois que ela apresenta muitos obstáculos à prática daquela opinião, e que por isso dispensa não só os seus sectários de insistirem em a pôr por obra, como também os seus antagonistas de patentearem a sem razão dela.

Foi o zelo e eficácia com que sirvo à Pátria, e o interesse que tomo pela glória do Instituto, quem me determinou a expor a este corpo egregiamente benemérito quanto entendi necessário para o claro conhecimento do objeto da presente memória, a qual, depois de ser aprovada pelo vosso iluminado exame, pode servir a futuros historiadores que tratarem deste fato digno de conservar-se em recomendação perpétua.

É arredado de dúvida tudo o que tenho relatado à Sociedade, contudo verificai-o Senhores, com as cartas desta parte do Império do Brasil, e mormente com a carta do Rio Branco ilustrada com a memória tipográfica do Coronel Manoel da Gama, que explorou e discorreu sisuda e prolixamente todo aquele Rio, as quais todas foram mandadas, em 1809, para o arquivo central de ordem do Ministério pelo General Jozé Narciso de Magalhães de Menezes, ilustrada com a memória tipográfica do Coronel Manoel da Gama, que explorou e discorreu sisuda e

[131] Contérminos: confinantes, vizinhos, limítrofes.

prolixamente todo aquele Rio, as quais todas foram mandadas, em 1809, para o arquivo central de ordem do Ministério pelo General Jozé Narciso de Magalhães de Menezes, e pelo brigadeiro Comandante das tropas Jerônimo José Nogueira de Andrade, e delas é provável que hajam cópias fieis entre as propriedades literárias de que sois depositários e administradores. (BAENA)

Seca II

(Thales Bastos Chaves)

Não chove mais... A corte sedentária
Da miséria invade os lares, e, pouca
Causa lhe faz o assassinato em massa.

É negra e tenebrosa a indumentária
Que ela veste. Que lhe importa a voz rouca
Do sertanejo tonto de desgraça!

Nada... nada. E ela então segue sorrindo
Satisfeita, porque consome e oprime,
Gargalhando da dor dos desolados.

E num sadismo atroz vai comburindo
Tudo o que vê, gozando o próprio crime
Praticado nos frágeis desgraçados.

E o sertanejo clama agonizante
E agonizante fica. E quem responde
O seu clamor? Ninguém! Perversidade!

Senhores, pensai bem, ouvi-me um instante:
Se tendes coração, dizei-me, aonde?
Como é malvada a gente da cidade!

E o sertanejo tomba, e a dor funérea
Murcha-lhe o corpo exangue e lhe consome...
E aqui, sepulta um bravo, um nobre, um forte,
Tombado ao peso crebro ([132]) da MISÉRIA,
Levado ao sopro esquálida da FOME,
Finado ao braço gélido da morte.

---

[132] Crebro: constante.

João R. da Silva Júnior (1875)

MELHORAMENTOS

DO

AMASONAS

Esboço das principaes Questões que interessão ao futuro da Provincia,

POR

João Ribeiro da Silva Junior.

BACHAREL EM MATHEMATICAS, CAPITÃO DE ARTILHERIA DO EXERCITO E ENGENHEIRO AUXILIAR DA INSPECÇÃO E DIRECÇÃO DAS OBRAS MILITARES DAS FRONTEIRAS DA REFERIDA PROVINCIA.

MANAOS

IMP. NA TYP. —DO COMMERCIO DO AMASONAS—

1875

Manaus, 17 de Novembro de 1872.

Ilm° Sr. Capitão João Ribeiro da Silva Júnior

As lisonjeiras expressões contidas na carta, em que V. S.ª dedicando-me o seu bem elaborado trabalho convida-me ao mesmo tempo "*a dizer qualquer coisa que desperte a atenção*", que a obra realmente merece; a benevolência, que em todas as linhas, V. S.ª me dispensa, e a esperança que nutre, de que um nome absolutamente desconhecido no mundo das letras, seja capaz de dar mais realce ao seu trabalho; são delicadezas que eu acolho, mais como uma prova inequívoca, da sincera afeição que me consagra, do que como um apelo garantidor dos contratempos com que tem de entrar em luta, desde as exigências da opinião até a barra do tribunal que vai condenar ou laurear os seus esforços.

Não haja, porém, o menor receio: diz-me a convicção que vai ser laureado, porque o seu trabalho é daqueles que se recomendam pela magnitude do assunto que lhe serviu de constante objetivo e mais ainda pela maneira franca e decisiva porque V. S.ª apontou as operações e os processos à seguir na resolução do urgente problema – Melhoramentos do Amazonas. Com a publicação deles, inscreveu-se V. S.ª com os nossos distintos compatriotas, Eduardo de Moraes e Couto de Magalhães, no brilhante concurso da prosperidade material de nosso País, e já não é pequena vantagem: vá por diante e não se deixe assoberbar nem vencer por esse espírito de indiferença que ameaça resfriar as mais ardentes aspirações; resista com a possível tenacidade, às seduções dessa filosofia perigosa e frívola que vai conseguindo instalar, no seio de nossa juventude, uma grande seita de incrédulos; e verá que o verdadeiro merecimento, ainda é aquilatado.

Espere confiadamente da justiça do Imperador e do patriotismo daqueles, por cujas mãos correm, interesses, da ordem dos que V. S.ª analisou com rara habilidade, em seu livro; e não se fará esperar muito, uma recompensa aos sacrifícios e privações de todo o gênero, porque passou, na aquisição dos elementos com que arquitetou, tão bem, a sua obra.

Faço ardentes votos, primeiro, para que não desanime, se houver de lutar com a ingratidão dos homens; segundo, para que seja lido por todos os que amam de coração a nossa Pátria, e principalmente por aqueles, à quem até hoje, não tem escapado a mais insignificante indicação, o mais ligeiro estudo, feito no intuito de ver realizado um melhoramento, quer ele pertença à ordem moral, quer à ordem material.

Agradeço, ainda uma vez, a grande honra que me reservou V. S.ª, e confessando-me admirador de seus talentos e habilitações profissionais, tenho o prazer de subscrever-me.

De V. S.ª amigo e colega,

Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza [133]

[133] Assentou Praça a 26.06.1851, no Ceará, cursou a Escola Militar no Rio de Janeiro e atuou com heroísmo na campanha do Paraguai.

V

Afluentes Importantes. Demiti, Xié, Içana, Uaupés, Cauaburi, Padauiri, Uaracá, Rio Branco e as Fazendas Nacionais.

R**io Branco** – É o confluente mais importante, e o que maior volume de águas envia ao Rio Negro.

Deságua pela margem esquerda, 54 léguas acima da sua Foz, em direção sensível NS, que é a geral de seu leito.

É formado pela confluência do Urariquera e Tacutu, o primeiro tendo origem na serra do Parima, nosso limite com Venezuela, o segundo tendo suas vertentes entre outros lugares na serra Pacaraima, nos terrenos que nos são fronteiros com a Guiana Inglesa. Na distância de 65 léguas da sua Foz, é o Rio Branco navegável por vapores que demandem 6 a 7 palmos d'água, durante os meses de janeiro à agosto.

Depois daquela distância, há uma seção de 15 milhas em que a navegação a vapor é impossível sem trabalhos que melhorem as condições do pego do Rio ([134]), obstruído por corredeiras e cachoeiras.

Passado, porém, este embaraço, há de novo uma região de 110 léguas, que o vapor pode sulcar na estação que já referimos, desde que seja guiado por um prático que evite as pedras semeadas pelo leito.

---

[134] Pego do Rio: leito, talvegue.

Esta navegação pode estender-se até a confluência do Urariquera – e Tacutu, onde assenta o nosso Forte de S. Joaquim.

Nos 4 meses que decorrem de setembro a dezembro, a navegação das duas seções extremas do Rio Branco, e com mais forte razão a das cachoeiras, só se pode fazer em pequenas corials, pela pouca profundidade do seu pego e grande extensão de praias e coroas que ficam descobertas.

Dos apontamentos sobre o Rio Branco, publicados pelo Sr. José Paulino von Hoonholtz, extraímos as seguintes informações sobre a região encachoeirada deste confluente. A primeira cachoeira que se encontra no álveo do Rio é a de S. Felipe que se divide em três seções distintas:

> A primeira, conhecida pelo nome de Rabo da Cachoeira, é uma imensa Bacia, chamada vulgarmente Perau ([135]), formada pela queda e rápido movimento de águas que transportam grande quantidade de areias, as quais, acumulando-se, formam um banco perigosíssimo.
>
> A segunda seção, chamada Pancada Grande, e produzida par um arrecife que corta transversalmente o leito do Rio, com interrupções em diversos lugares, onde existem canais mais ou menos profundos.
>
> Na ocasião da cheia, é difícil vencer-se a impetuosidade das correntes que aí se geram; e só com o decrescimento das águas e que se consegue varar a cachoeira, e ainda assim com riscos iminentes.
>
> A última seção, conhecida por Pancada Pequena é obstáculo de pequeno peso.

[135] Perau: depressão, cova ou buraco que surge subitamente no leito de um Rio, Lago ou na praia.

Entre a Pancada Grande e a Pequena, deriva-se pela margem esquerda um canal sinuoso, por onde parte das águas do Rio Branco vão lançar-se abaixo do Rabo da Cachoeira.

É o furo denominado Cujubim, por onde se pratica a navegação em batelões e pequenas embarcações no tempo da enchente.

As águas por aí se despejam com grande velocidade, e formam uma forte corredeira que atualmente se vence à força da espia ([136]); porém mesmo assim, o canal só se presta a navegação em muito pequena parte do ano, por falta de água e pela grande quantidade de pedras que o obstruem.

Depois da cachoeira de S. Felipe, só na vazante extrema há sérios riscos para a navegação; o que chamam cachoeirinha é um baixio de pedra que os práticos sabem evitar'

Passaremos agora a ocupar-nos da questão de navegação deste confluente.

A ciência não admite que se diga que é impossível estabelecer navegação a vapor no Rio Branco em todas as estações; o seu maior embaraço é a Pancada Grande que na época da maior vazante apresenta uma queda de 5 palmos, e ela poderia vencer-se ou por meio de comportas, ou melhorando o furo Cujubim de forma a transformá-lo em um canal de declive.

---

[136] Espia ou sirga: Essa forma de navegação processava-se da seguinte maneira: uma montaria era mandada à frente, com dois ou mais homens, os quais iam puxando um cabo de cerca de vinte ou trinta braças; uma das extremidades do cabo ficava amarrada no mastro do veleiro e a outra era passada à volta de um galho ou do tronco de uma árvore. Os homens puxavam então o veleiro até o ponto onde se achava a árvore, depois embarcavam de novo na canoa e levavam o cabo mais adiante, repetindo a operação. (BATES).

Se hoje esse furo em parte do ano permite a subida de batelões, com o emprego da espia, é evidente que também será transposto pelos vapores de corrente mergulhada ou a sirga, de que nos ocupamos na navegação do Rio Negro.

Mas a navegabilidade do furo está praticamente provada na crescente das águas. O Inspetor da Tesouraria de Fazenda, o Sr. Aristides José Correia, por ele foi em uma lancha da flotilha até a confluência do Tacutu e Urariquera, igual viagem realizou o Sr. General Miranda Reis, quando Presidente da Província, acompanhado do Capitão Érico Rodrigues da Costa, que como engenheiro das fortificações foi em comissão às nossas posições limítrofes com os ingleses.

A natureza parece pois que encarregou-se de mostrar ao homem o trilho por onde devam ligar-se os vales do Alto e Baixo Rio Branco.

O fato da subida das lanchas a vapor pelo furo Cujubim é muito significativo e indica que os declives da seção encachoeirada podem ser vencidos pelo sistema ordinário da navegação a vapor.

Não obstante, as obras necessárias para tornar o furo navegável em todas as estações, fazendo com que ele seja muito profundo na enchente, e exigindo pelo lado econômico que não se dê muita largura ao canal, levam a crer na probabilidade de correntezas que exijam o emprego da sirga ou cadeia mergulhada. Em todo o caso o problema não oferece impossibilidade.

Outra dificuldade além das cachoeiras apresenta o Rio Branco a ser navegado em todas as estações. É a diminuta profundidade do seu pego, que em algumas seções, e nas rigorosas secas, impossibilita o trânsito até de pequenas embarcações.

Ela provém de que nos meses que decorrem de setembro a dezembro, as águas baixam excessivamente, e correm por diferentes canais entre os quais ficam a descoberto grandes extensões do seu leito, formando coroas e ilhas, vulgarmente conhecidas por praias.

Basta considerar o volume de águas que em todas as estações o Rio, pelas suas três Bocas, despeja no Negro, para conhecer que elas são suficientes para alimentar um canal próprio a navegação à vapor nas secas rigorosas.

A questão porém é saber se hoje há vantagens que correspondam às despesas necessárias para modificar o regime do Rio, de forma a todas as suas águas na vazante se escoarem por um só canal; e sob este ponto de vista entendemos que a resolução do problema pode ser espaçada. O espaçamento porém não deve ser indefinido, e o governo pode e deve pouco a pouco ir resolvendo a questão, começando por melhorar o furo Cujubim.

Já em 1864, o Capitão Bento Ferreira Marques Brasil propôs desobstruí-lo, apenas exigindo que o governo lhe fornecesse pólvora, ferramentas e uma pessoa entendida. O Presidente de então requisitou um auxílio do Governo Geral para realização da ideia, e o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas concedeu a quantia de 2:000$000 réis por aviso de 16 de maio do referido ano.

Certamente a verba era diminuta para a obra a empreender, mas mesmo assim não foi aproveitada, nem para abertura de uma picada que transponha a seção das cachoeiras.

A Assembleia Legislativa da Província também não tem-se descuidado dos melhoramentos de tão impor-

tante via de comunicação, e pela Lei n° 185 de 19.05.1869, autorizou as despesas com a desobstrução do furo, a fim de franquear a navegação a embarcações de grande calado.

A autorização porém caducou, e nada se fez para a remoção do obstáculo. Compreendemos o receio que os administradores tem em usar de autorizações para despesas com obras que, realizadas são de utilidade incontestável, mas que não sendo levadas a cabo, só importam gravame ([137]) ao Tesouro.

Mas a prevalecer sempre esse escrúpulo, nenhuma tentativa se fará em favor dos melhoramentos da Província. [...]

A região banhada pelo Rio Branco é uma das da Província que mais cuidados merecem do Governo, e promete recompensar com prodigalidade qualquer sacrifício que se faça em seu benefício.

O Rio Branco corre na maior parte em vastas campinas que se estendem pelos vales do Tacutu, Mau, Surumu, e Urariquera, prolongam-se por ambas as margens do Rio até a serra do Caraumá, e vão na direção de S. até as cabeceiras do Anauau.

Há fundadas presunções de que aqueles campos continuem até alguns confluentes do Amazonas prolongando-se por parte dos vales dos Rios Urubu e Uatumã, e em uma viagem que fizemos a serra do Parintins, entre informações que colhemos sobre os campos de Faro na Província do Pará.

Tivemos notícia de que eles não são mais do que o prolongamento daquelas vastas campinas que com maiores ou menores intervalos se sucedem até Macapá, na Boca do Amazonas.

---

[137] Gravame: ônus aos interesses econômicos públicos.

Não deixa de ter fundamento ou pelo menos probabilidade aquela notícia; e para justificá-la aí estão as tentativas que se tem feito para procurar pelo Urubu e Uatumã abrir comunicações com os campos do Rio Branco, e as asserções de alguns exploradores de que nas vertentes daqueles confluentes acham-se extensas campinas próprias à criação.

Sendo assim pode-se estimar sem exageração que desde as regiões do Rio Branco até as vertentes do Nhamundá, limite da Província com o Pará há cerca de duas mil léguas quadradas de terrenos que se prestam a essa indústria.

Na última vez em que se computou com exatidão o gado existente no Rio Branco, foi o vacum avaliado em treze mil cabeças, e o cavalar em mil e duzentas.

A indústria da criação aí não tem progredido, e duas fazendas que o Estado possui só tem servido para ainda uma vez mostrar, que o Governo deve abster-se de entrar em concorrência com os particulares na direção de certas empresas, tanto mais quando não pode contar com a ação de funcionários mal retribuídos, cujo zelo não tem o menor incentivo, nem é estimulado pela perspectiva de qualquer recompensa.

As duas fazendas de propriedade do Estado se denominam de S. Bento e S. Marcos. A primeira ocupa toda a região superior da margem direita do Rio Branco e Urariquera, a segunda é fronteira a outra e abrange a superfície compreendida pelo Urariquera-Tacutu-Surumu e cordilheira Pacaraima. A superfície da primeira aproveitada pelo gado é proximamente de 44 léguas quadradas; a da segunda de 96 léguas. Do relatório que, em 1870, apresentou a assembleia provincial, o Sr. Wilkens de Mattos, se colhem os seguintes dados sobre o estado dessas fazendas.

A contagem feita, em 1869, na de S. Bento deu apenas 2.058 cabeças de gado vacum e 300 de cavalar; na de S. Marcos contou-se 4.800 da primeira espécie e 262 da última. A receita de ambas foi no mesmo ano de 4:281$880, e as despesas com o pessoal e material de 3:529$047. Tão triste e deplorável resultado é o que se deve realmente esperar da direção de um administrador que tem de ordenado 16$000 mensais, e do serviço de um capataz que ganha 15$000 e de vaqueiros que percebem 12$000!

E para darmos melhor ideia da maneira porque são administradas tais propriedades da Nação, transcreveremos aqui o que observou o Sr. Hoonholtz na sua viagem a cujas impressões já nos referimos:

> Os currais e as palhoças [pois não há uma só casa] estão em completa ruína. Os vaqueiros pouco ou nada entendem do ofício, montam mal a cavalo, e não usam de arreios. As selas são pequenas cangalhas enervadas de couro cru, substância de que também são feitas as cilhas ([138]), loros ([139]), cabeçadas ([140]) e rédeas.
>
> Não são conhecidos os estribos de metal; grosseiros ganchos de madeira substituem aquela parte importante dos arreios, e tudo o mais que tem relação com os pertences de montar, regula com o que vem de ser descrito; de sorte que o ofício de campeiro, sobre trazer dificuldades no exercício, é um verdadeiro martírio.
>
> Uma ou duas vezes por mês, somente, é que saem ao campo, para tratar do gado, esses maus campeadores pouco conseguindo fazer, porquanto, além de não ser aquela a sua especialidade, eles tratam de despachar um serviço que lhes traz grandes incômodos.

[138] Cilha: cincha com que se apertam os arreios.
[139] Loro: correia dupla, por meio da qual se suspende o estribo do selim.
[140] Cabeçada: aparelho que cinge a cabeça e o focinho das cavalgaduras.

O gado é dizimado pela "*bicheira*", por não haver quem o cure de um tal mal, e mais ainda pelas onças, que levam o arrojo ao ponto de penetrarem os casebres dos vaqueiros, onde devoram os cães novos.

Junte-se a tudo isto, a falta de conhecimentos peculiares ao ofício de fazendeiro, conhecimentos de que, em geral, carecem as pessoas encarregadas da administração das fazendas, e conclua-se daí, o estado em que estão, e a que ficarão elas reduzidas daqui a pouco tempo. É tal a incúria, que se não encontra uma vaca para ordenhar.

A pesca e a caça são ocupações que não demandam grande sacrifício de cômodos, e daí, o desleixo e o abandono a que o pessoal das fazendas entrega-se a si, e os interesses nacionais.

Nas terras do Estado não há o menor trabalho de cultura, de modo que, a própria farinha que é base da alimentação, é obtida pelas malocas dos selvagens, muitas vezes situadas em pontos afastados, sendo por consequência, necessário fazer longas e incômodas viagens.

O gado, ultimamente, tem sido destruído por tal forma, o seu algarismo tem diminuído tanto, que nas duas fazendas, há apenas 5.000 cabeças de cria, sem um só boi, além dos que ali ainda estão, mas que pertencem a particulares que os arremataram na tesouraria de fazenda.

Enunciando com fraqueza nosso juízo sobre as Fazendas Nacionais do Rio Branco, diremos que o seu mau estado é devido às seguintes circunstâncias:

Falta de um administrador zeloso que proponha ao Governo o que é preciso para fazer desenvolver as suas propriedades, e que não se constitua em único e verdadeiro possuidor delas, locupletando-se a custa do Estado.

> Falta de pessoal para rodear e tratar o gado espalhado por zona tão vasta. Destruição do gado pelas onças que infestam essas paragens, pelas enfermidades de que não são tratados, e pelos índios que deles se apossam.

Ajuntemos ainda a grande quantidade que necessariamente terá passado do domínio do Estado ao particular, sem a menor indenização para os cofres públicos, e nenhuma dúvida restará do destino que devem ter as Fazendas Nacionais. Não há uma só razão que justifique o receio que há de vender-se tais fazendas, e aconselhamos que o Governo com a brevidade possível o faça, pois é o primeiro passo para o desenvolvimento da indústria criadora.

Pelo lado econômico, o fato do Governo constituir-se empresário desta indústria, nem tem concorrido para abastecer de carne verde o mercado da capital, quanto mais o de toda a Província, que clama por esse principal gênero de alimentação, por outro lado, o Estado não tem tirado a menor vantagem da indústria, não lhe tem dado ao menos desenvolvimento, e tem obstado a que os particulares o façam, certamente com mais proveito.

Com efeito, para dar-se toda a expansão possível às Fazendas Nacionais, proibiu-se que a criação dos particulares se estendesse pela margem direita do Rio Branco além do Cauamé, e pela esquerda até o Igarapé do Surrão, de forma que a indústria particular só dispõe de 6 léguas de campo em cada margem do Rio, e o seu desenvolvimento encontra as barreiras que o Estado levantou.

Pelo lado econômico, pois, há vantagens de conceder os territórios das Fazendas Nacionais aos credores que já existem nas suas circunvizinhanças, facilitando-lhes por essa forma a aquisição do terreno tão necessário a sua indústria.

Opinamos que não se vendam as duas fazendas juntamente, por que seria estabelecer o monopólio da criação, lançar essas cento e tantas léguas quadradas na mão de um só indivíduo, e porque estamos convencidos que o Rio Branco precisa de pequenos criadores que vão aproveitando o gado existente, fazendo ele produzir quanto seja possível, e que não se embaracem dos pequenos lucros do presente, mas tenham em mira dar todo o desenvolvimento que a indústria criadora promete no futuro.

Demais, para dar-se a conveniente direção à administração das Fazendas Nacionais, a primeira providência a tomar-se é restringir os campos de criação, reduzindo-os a extensão precisa para o gado existente, portanto, ainda quando o Governo resolva-se a vender a um só criador todo o gado, deve limitar o terreno ao necessário para a criação, e reservar o restante para as concessões posteriores.

Entendemos que na venda das fazendas do Rio Branco, deve o gado vacum ser vendido aos lotes de 500 cabeças, só permitindo que um mesmo arrematante compre mais de um lote, quando não haja competidor. A concessão dos campos opinamos que seja feita a partir do curso inferior do Rio Branco, nos limites das Fazendas Nacionais, depois pelos 2 confluentes que o formam – o Tacutu e Urariquera, e daí pelos seus afluentes, seguindo elas sempre do curso inferior dos Rios para o superior, e jamais avançando por cada tributário mais do que tenham-se adiantado no Rio principal, além da Foz do mesmo tributário.

As concessões devem ser feitas de uma légua quadrada, porém convém que nas demarcações se fixe que cada uma tenha segundo a margem do Rio proximamente metade do que na perpendicular a ela, como por exemplo 2.000 braças sobre 4.500.

Isto observado e do mesmo modo determinado curtos prazos para os concessionários demarcarem convenientemente suas concessões muito terá lucrado aquela parte do Rio Negro, evitando-se assim as complicações que tem havido no vale do Madeira, ocasionadas pela facilidade com que foram ali feitas as concessões de terra e dado o longo prazo de dez anos para, dentro do qual, serem feitas as demarcações.

O resultado dessas concessões foi que cada concessionário das terras do vale do Madeira fez-se senhor não da porção que lhe competia, a vista do termo de obrigação que tinha assinado perante o Governo da Província, mas do quádruplo dela de conformidade com os limites descritos no referido termo, devido isto a completa falta de conhecimento que desses lugares tinha o Governo.

E assim, até 25.03.1870, o número das concessões de terras feitas naquele vale subia a 63 e todas elas nas mesmas condições acima descritas e até hoje sem que tenha sido uma só demarcada apesar de existir ali uma Comissão de Engenheiros para esse fim. Se pelo lado econômico há sobejas razões que aconselhem a venda das Fazendas Nacionais, nenhum peso merecem as razões de conveniência política que alguns alegam para que elas continuem no domínio do Estado.

O domínio nosso até aqueles extremos não é prejudicado, nem mais dificilmente mantido, por ser aquela zona posse de particulares, e pelo contrário a prosperidade que a iniciativa particular pode imprimir àqueles estabelecimentos, hoje em decadência, os benefícios que os fazendeiros poderão trazer a tais propriedades, a ocupação permanente delas, são títulos irrecusáveis do nosso direito àqueles territórios.

Mas em todo o caso, aceita a nossa proposta da venda só começar dos terrenos da parte inferior do Rio Branco e seus confluentes, para as suas vertentes, o Governo pode reservar para o seu domínio a zona conveniente e próxima as fronteiras. Quanto à polícia e segurança dos nossos limites, é evidente que não são prejudicados pela propriedade particular, nem a ocupação permanente pelo Governo da zona superior a confluência do Tacutu e Urariquera, resolve a questão de fiscalização das nossas relações por aqueles extremos.

Todas as providencias, todos os pontos que o Governo entender necessários para esse fim, podem ser estabelecidos independente da posse dos particulares. Só uma questão atualmente implicaria com tais concessões, é a determinação definitiva dos nossos limites com as possessões inglesas, mas enquanto o Governo não consegue fixar essa linha, não pode fazer concessões além dos territórios declarados neutros, conforme o capítulo seguinte deste trabalho.

O Rio Branco não é só importante pelo caminho que abre para as possessões inglesas que nos são limítrofes, e pelo papel que está destinado a representar na indústria criadora da Província e na dos produtos que dela se tira, as suas terras são também muito apropriadas à cultura da cana, algodão, milho e outras espécies, e em algumas das suas serras a plantação do café encontra vantajosas condições para oferecer muito bons frutos.

Entretanto, com dificuldade ali se obtém cereais, e a guarnição do Forte de S. Joaquim anda de palhoça em palhoça, dos índios a procura de um punhado de farinha que lhes mate a fome! Não é que o solo seja ingrato ao trabalho humano, porém é que o homem é rebelde à lei do trabalho.

Não criminemos, porém, o pobre Soldado que atirado no Forte de S. Joaquim, só almeja o dia em que voltará ao seio da família, ele não tem interesse em cultivar este solo que amanhã abandonará por ordem superior, e contenta-se com a libra de carne que o Estado lhe fornece. Não criminemos o índio bruto e indolente que não conhece as necessidades da vida, que se satisfaz com estreito horizonte em que viu a luz do dia.

A, administração pública é que deve-se pedir contas do fim que tiveram as povoações de Poiares, São João do Mabé, Nossa Senhora do Loreto, S. Miguel do Iparana, Senhora de Nazaré do Cariana, Lamalonga, Santa Isabel, Santa Bárbara, Nossa Senhora do Carmo e outras, fundadas pelos portugueses e nas mãos destes florescentes e hoje riscadas das cartas da Província.

Que medidas tem o Governo adotado para promover a imigração para aquela região, para chamar a civilização os índios que a habitam, qual a Colônia que o Estado aí fundou para povoar aquelas campinas, aquelas serras de clima benigno, que fizeram os antigos aí sonhar a "*Laguna Dorada*", e "*El Dorado*", em cuja procura tanto se esforçaram os espanhóis?

Tem-se contentado em degradar no Forte seis ou oito praças, entregar o seu comando a oficiais que vivem à custa dos pobres Soldados, constituiu-se monopolista da indústria da criação, e quando se aponta o mal que resulta de continuar a ser criador e marchante, vacila ante receios e considerações de nenhum valor. Diga-se a verdade, francamente, feia e descarnada como ela é, isso é o que aproveita aos governos e aos estados, porque faz conhecer as chagas que vão se alastrando pelo País, e da ocasião a que se lhes vá aplicando o conveniente remédio.

Quem percorre estas regiões do Amazonas, por toda a parte cortadas de vias que em oito ou quinze dias, no máximo, podem transportar ao Oceano os produtos do solo que fica a 500 léguas do litoral, quem vê a força da produção da pequena cultura que se desenvolve em alguns lugares, não pode deixar de lastimar o abandono em que estão as forças produtoras da Província, e de pedir aos poderes do estado que ponham uma pequena parte das rendas públicas a juros nestas regiões.

Das centenas de contos que o orçamento do Império fixa para colonização, distribua-se ao Amazonas uma quantia suficiente e correspondente aos recursos que a Província encerra.

A povoação das zonas limítrofes do Império deve atrair a atenção do Governo; será a primeira medida para fixar o nosso domínio, será a principal condição para nossa segurança. [...] (JÚNIOR)

Michael Mac Turck (1898)

Nos idos de 1898, é denunciado mais um conflito fronteiriço na região. Desta feita provocado por Michael Mac Turck, um súdito inglês, que se arvorava de representante oficial do Governo de Sua Majestade Britânica. Turck penetra na região do Contestado com toda a pompa e circunstância com a missão de submeter os locais à autoridade inglesa.

Desde maio de 1896, Turck perambulava pela área, mesma época em que os ingleses foram informados, por Montagu Flint, súdito inglês, de que os brasileiros estavam se estabelecendo a Leste do Rio Tacutu. O Governador da Guiana enviou Turck, em julho de 1897, como comissário especial da Colônia, com o objetivo de realizar um estudo pormenorizado da região e apresentar um relatório.

No dia 29.11.1897, Turck partiu do Rio Massaruni, e aportou no Contestado, na região de Quimata, no dia 16.12.1897, onde convocou uma assembleia com os indígenas que, segundo ele, se declararam, na sua totalidade, súditos ingleses. O comissário na oportunidade, nomeou um dos chefes indígenas Capitão dos Macuxis, e comandante de um posto de vigilância chamado Post-Holder.

Turk partiu, então para o Rio Tacutu, aonde aportou aos 25.12.1897, e visitou todos os estabelecimentos ao Norte e a Leste do Tacutu. Na ocasião teria recebido uma petição de fazendeiros ingleses, e segundo ele, de vários brasileiros que se declaravam solidários e solicitavam a concessão formal das terras por eles habitadas.

Aos 07.01.1898, Turck reuniu em Dadad índios e fazendeiros locais, "*dos quais todos, com a exceção de apenas três, se declararam brasileiros*". O comissário declarou, então, que todos os que habitavam a Leste do Tacutu deveriam se sujeitar às leis inglesas e ao Governador inglês de Georgetown, e não às autoridades brasileiras situadas no Forte São Joaquim.

Naquela ocasião nomeou como Capitão e Oficial de Paz de Tawar-wow um tal de Ambrósio. Fundou outro posto em Dadad, na margem Oriental do Tacutu e designou Melville, como seu encarregado.

Turk recebeu total aprovação do Governador inglês que, em despacho, de 15.02.1898, assim de expressou:

> Esse oficial, ativo e zeloso, cumpriu a tarefa difícil e trabalhosa que lhe foi confiada com a desenvoltura que lhe é habitual. Conseguiu granjear a confiança dos locais, sejam eles nativos ou não.
>
> Conseguiu dos fazendeiros, na sua maioria brasileiros, o reconhecimento fático da dominação inglesa na margem direita do Rio Tacutu, que entrassem com um pedido de permissão de ocupação das terras onde se encontram, e a promessa de pagar impostos justos e razoáveis pelas terras que habitam. Parece-me desnecessário ressaltar a importância desse reconhecimento da soberania inglesa por parte dos colonos e do seu desejo de virem a ser reconhecidos como proprietários da terra sob o regime da lei britânica.

As estripulias de Turck no Contestado chegou ao conhecimento do Governador do Estado do Amazonas que, imediatamente, transmitiu o fato ao Rio de Janeiro, que determinou ao Ministro João Arthur Sousa

Corrêa, seu representante em Londres, cobrar do governo inglês a nulidade de todos os títulos conferidos por Turck e a desativação dos postos por contrariarem o acordo de neutralidade da área. O protesto foi apresentado oralmente aos 09.02.1898 e ratificado, por escrito, aos 24.02.1898.

O ardiloso Governo inglês tentava diminuir a importância dos fatos afirmando serem provisórios os postos fundados e não definitivos os títulos concedidos. O representante brasileiro continuava exigindo a imediata e integral desmobilização dos fortes e a nulidade dos títulos, finalmente o governo inglês cedeu.

O Marquês de Salisbury, em 31.07.1900, afirmou que o Governo inglês: "*aderiu à resolução de não estabelecer postos no território contestado*".

O Brasil, em 11.06.1900, voltou a apresentar nota de protesto contra outra visita do Comissário Turck à região contestada. A nota brasileira, alegava que o comissário, mais uma vez se apresentara em missão oficial militar e policial, ostentando uniforme completo, numerosa escolta de índios e negros e, como na viagem anterior, afirmando estar encarregado levantar dados de uma suposta infração da neutralidade da área por parte do Brasil como se o território neutro pertencesse de fato à Guiana britânica, ou como se tivesse ele por missão reduzi-la à sua obediência.

A resposta do Lorde Salisbury foi de que o governo brasileiro estava mal informado, que Turck não havia agido de forma a infringir os possíveis direitos do Brasil na região; que o governo inglês julgava indispensável uma vigilância contínua da área por parte das autoridades coloniais.

E.-U. DO BRAZIL

BELEM, 23 DE FEVEREIRO DE 1898

PROPRIEDADE DE

UMA ASSOCIAÇÃO

O PARÁ

ESTADO DO PARÁ

ANNO I — NUMERO 71

REDACÇÃO, OFFICINAS E ADMINISTRAÇÃO

23, Travessa Campos Salles, 23

INGLEZES NO Rio Branco

Audaciosa invasão

O espirito publico no Amazonas estava muitissimo impressionado com o facto de haver um commissario inglez apparecido nas margens do Tucutú, affluente do Rio Branco e ali plantado a bandeira civil colonial da Inglaterra, intimando os moradores que de 1o de janeiro em deante teriam de obedecer á lei britannica!

Si não é parva ignorancia do tal commissario, com certeza é uma das muitas audaciosas tentativas do Leopardo saxonio, ainda não farto de presas feitas em todos os recantos do mundo.

Que se levantem n'uma solidariedade patriotica, os povos da Amazonia, para repellir os invasores de territorio nacional, si ante a lei e o direito não recuarem elles de suas temerosas pretenções!

Lavrando, por nossa vez, o protesto que nos dita o patriotismo e nos assegura o nosso direito, vamos dar aos nossos leitores conhecimento do facto, tal qual narra o nosso estimavel collega *O Rio Negro*, de Manáus, de 10 do corrente:

« Pór um grande esforço da nossa activa reportagem, podemos conseguir hoje para os leitores d'*O Rio Negro* importantissimas noticias sobre o Rio Branco.

Imagem 44 – O Pará, n° 71, 23.02.1898

O Pará, n° 71
Belém, PA – Quarta-feira, 23.02.1898

Ingleses no Rio Branco
Audaciosa Invasão

O espírito público no Amazonas estava muitíssimo impressionado com o fato de haver um comissário inglês aparecido nas margens do Tacutu, afluente do Rio Branco e ali plantado a bandeira civil colonial da Inglaterra, intimando os moradores que de 1° de janeiro em diante teriam de obedecer à lei britânica!

Se não é parva ignorância do tal comissário, com certeza é uma das muitas audaciosas tentativas do Leopardo saxônio, ainda não farto de presas feitas em todos os recantos do mundo.

Que se levantem numa solidariedade patriótica, os povos da Amazônia para repelir os invasores de território nacional, se ante a lei e o direito não recuarem eles de suas temerosas pretensões!

Lavrando, por nossa vez, o protesto que nos dita o patriotismo e nos assegura o nosso direito, vamos dar aos nossos leitores conhecimento do fato, tal qual narra o nosso estimável colega "*O Rio Negro*", de Manaus, de 10 do corrente.

Por um grande esforço da nossa ativa reportagem, pudemos conseguir hoje para os leitores do "*O Rio Negro*" importantíssimas notícias sobre o Rio Branco.

Acha-se nesta capital o Sr. Henry Melville, de nacionalidade inglesa, homem de 33 anos de idade, fazendeiro. É inteligente e cortes, tendo vindo do Rio Branco. Trata, em Manaus, de negócios comerciais, – o que deu motivo a essa sua viagem.

O Sr. Henry Melville compareceu à chefatura de segurança, e perante o Sr. Dr. chefe declarou ser fazendeiro há 5 anos no Rio Branco, no lugar denominado "*Arara*", na margem do Tacutu. Como se sabe, <u>este</u> <u>território</u> <u>é</u> <u>considerado</u> <u>neutro</u>. Disse que sempre pagou os seus impostos em Boa Vista, Vila brasileira. Declarou Melville que o mesmo tem feito todos os fazendeiros da margem do Tacutu.

Uma das declarações mais importantes de Henry, é a seguinte:

Que a 1° de janeiro um comissionado inglês, de nome Michael Mac Turck foi à margem do Tacutu, nas fazendas, e declarou aos habitantes dali que daquele dia em diante tinham que obedecer à lei britânica. Hasteou, também, no referido lugar o pavilhão da bandeira civil Colonial, da Inglaterra.

Disse ainda que no dia 1° de janeiro de 1898, ele Melville, recebeu-o do governo inglês de Post-Holder, sendo-lhe entregue pelo comissário inglês. Melville afirmou que o comissário na Inglaterra prometeu conceder direitos sobre as terras, e mandar demarcá-las.

Continuando, acrescentou que ele declarante, como todos os outros fazendeiros dali, têm até hoje pago os impostos às autoridades brasileiras.

Fez a declaração que é fazendeiro no lugar há 5 anos e que a 1° de janeiro de 1898 via flutuar o pavilhão inglês. A bandeira da Inglaterra acha-se num grande mastro mandado fincar ali por Michael Mac Turck.

Como se vê, essas notícias são importantíssimas, e vem confirmar todos os nossos direitos, que saberemos defender e sustentar.

O Sr. cônsul inglês teve hoje, no Palácio do Governo uma conferência com o Sr. Dr. Governador. Versou sobre o Rio Branco.

Ao Sr. Dr. Governador tem se oferecido algumas pessoas, para seguirem até o Rio Branco. O governo absolutamente não cogita em enviar soldados para bater-se com os ingleses, mesmo porque no Rio Branco não há soldados dessa Nação. Os ingleses mandaram desfraldar lá a sua bandeira, por um comissário.

Quanto à expedição de Cândido Mariano, é para proteger a estrada do Rio Branco. Isso mesmo ainda não está definitivamente assentado, e nem nós estamos ainda autorizados a confirmá-la. Os Srs. Marques Braga & Ciª; ofereceram a lancha Eva e reboque denominado Adão para, seguirem com a expedição militar, mediante módico aluguel. Sabemos que sobre o Rio Branco têm sido trocados daqui para o Rio diversos telegramas de importância, reservados. (O PARÁ, N° 71)

Diário de Pernambuco, n° 46

Recife, PE – Terça-feira, 01.03.1898

Norte

Amazonas

Datas até 17 do corrente:

Recebeu o Governador do Estado notícia de ter sido o território amazonense no Rio Branco, invadido por ingleses que ali hastearam a bandeira de sua nação. A notícia declina que um comissário do governo britânico hasteou em pleno território brasileiro, como fica dito, o pavilhão inglês e intimou os fazendeiros estabelecidos nas margens do Tacutu a render obediência e submeterem-se às leis da velha Albion, ocupando toda a margem do Tacutu até à embocadura do Rio Tarumã.

Logo que teve notícia da invasão do território brasileiro, mencionado, o Exm° Sr. Dr. Governador do Estado telegrafou ao Governo Federal declarando estar pronto à secundar os seus esforços, aparelhando para esse fim uma expedição que confiava à direção do brioso e valente soldado, Coronel Cândido José Mariano, que além de valente é engenheiro muito distinto. S. Ex.ª está pronto a mandar seguir esta expedição, mas aguarda ainda resposta do governo. Até a hora em que traçamos estas linhas, diz a "*Federação*", não recebeu ainda o Sr. Dr. Governador resposta que o autorize agir no sentido de fazer respeitar os nossos direitos, mas estão a ser preparados, desde já, todos os elementos necessários à expedição.

O território em que a comissão inglesa hasteou o pavilhão de sua nacionalidade é único e exclusivamente nosso e do modo algum devemos consentir que outros se apoderem dele sob pretexto algum.

Confiamos, entretanto, no governo e aguardamos a sua decisão, mas conservemo-nos a atalaia para impedir o esbulho.

A mesma folha posteriormente acrescentou:

> Sabemos que o Exm° Sr. Dr. Governador do Estado recebeu telegrama do Sr. Ministro do Exterior, comunicando-lhe haver já levado ao conhecimento do Governo britânico o fato da invasão do nosso território, no Rio Branco. S. Ex.ª aguarda resposta do Sr. Ministro para agir como ao caso requer. [...] (DDP, N° 46)

Diário de Notícias, n° 59

Belém, PA – Domingo, 20.03.1898

Invasão Estrangeira no Rio Branco

Nos pedem a publicação do seguinte:

"Apesar das verdades contidas na importante notícia sobre '*a ocupação do Tacutu e Surumu pelos ingleses*', e cuja publicação encetou o Diário, em sua edição de 10 do corrente, parece que, da parte de um dos seus colegas aqui, há propósito em desvirtuá-las.

Pelas '*Notas'* o com que o estimável cidadão Bento Aranha, reforçou a descrição que faz da sua '*Viagem*

ao alto Rio Branco’, e as quais passa a publicar, desejaria ver se ainda persistirá o ilustre cavalheiro no apoio que parece querer prestar à violência do emissário do governo britânico Michael Mac Turck, praticado a 6 de janeiro deste ano contra os sagrados direitos de nossa Pátria.

À vista das referidas ‘*Notas*’ o País ficará inteirado que por intermédio do Exm° General Comandante do 1° Distrito Militar, o Supremo Governo da República Brasileira, estará hoje de posse do mais importante documento sobre a invasão inglesa do Rio Branco, documento este que é a ratificação do protesto de 2 fevereiro dos moradores do Tacutu, fornecido pelo capitão comandante do Forte de S. Joaquim, perante quem foi lavrado e assignado o referido protesto.

A publicação desta peça oficial é sem dúvida uma necessidade hoje para que todos os brasileiros se preparem para defender a Pátria contra a violência da Inglaterra, mandando invadir e ocupar o nosso território”. (DDN, N° 59)

Relatório Apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores Gen-Bda Dionísio E. de Castro Cerqueira

Rio de Janeiro, RJ – Terça-feira, 12.07.1898

Imprensa nacional, Rio de Janeiro, 1898

Território à Margem Direita do Tacutu. O Governador da Guiana Britânica diz que Nele Pasta Gado Brasileiro. Reclamação

O Governador da Guiana não tem razão. Dá como assentado que Território de que se trata é inglês, quando é apenas litigioso.

Essa reclamação foi iniciada por Lord Salisbury em 14.07.1897 passado e pouco depois tivemos de reclamar contra fato grave ocorrido no mesmo território, como consta do que exponho em outra parte deste Relatório e dos respectivos documentos. Digo – fato grave – porque neste caso há exercício de autoridade por parte de um agente do dito Governador. Provavelmente esse agente foi o autor das informações em que o Governo Britânico fundou a sua reclamação.

Território à Margem do Tacutu. Atos aí Praticados por um Comissário do Governo da Guiana Britânica.

Já expus em poucas palavras uma reclamação apresentada pelo Governo Britânico e fundada em informações recebidas pelo Governador da sua Guiana, segundo as quais os Brasileiros tinham invadido o território à margem atreita do Tacutu e neste faziam pastar o seu gado. Agora referirei um caso ocorrido no mesmo território e contra o qual reclamamos.

Segundo um telegrama do Governador do Estado do Amazonas, que confirmava notícias anteriormente recebidas, no 1° de janeiro ocuparam os ingleses oficialmente toda a margem direita do Rio Tacutu até a bifurcação Surumu. Telegrafei logo para Londres e o nosso Ministro respondeu-me que nada constava nos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e das Colônias e que se ia pedir informação ao Governador da Guiana.

Isso não bastava: era necessário que o Governo ordenasse a desocupação do território, e assim o disse pelo telégrafo ao Sr. Souza Corrêa, que aliás já me tinha prevenido, como depois me referiu.

Segundo novas informações do Governador do Estado do Amazonas, Michael Mac Turck apresentou-se no território à margem direita do Tacutu, hasteou a bandeira civil da Colônia, declarou aos fazendeiros que deviam obedecer à lei Inglesa e prometeu demarcar-lhes as terras.

Lord Salisbury, segundo me referiu o Sr. Souza Corrêa em telegrama de 5 de março, disse-lhe que o Sr. Turck, oficial da Colônia, foi encarregado de visitar os distritos da fronteira para informar sobre reclamações de súbditos britânicos, que não hasteou bandeira, nem proclamou a soberania inglesa; e finalmente que o Governo tinha ordenado a evacuação de um único posto que fora ocupado.

O Governo inglês não estava bem informado. As notícias que recebi são confirmadas pelo súbdito inglês Henry Melville, fazendeiro residente no lugar chamado "*Arara*" à margem direita do Tacutu, o qual disse ainda que foi intimado para pagar impostos e no princípio do ano recebeu a nomeação de Post-Holder.

Lord Salisbury, quando fez a sua reclamação, lembrou a conveniência de se não alterar o "*status quo*" durante a negociação para um acordo sobre os limites em que estão empenhados os dois Governos. De certo S. Exª ignorava então o procedimento do agente Turck.

Estou, portanto, persuadido de que o Governo Britânico procederá de conformidade com o seu próprio desejo. Todavia não me descuido do que me cumpre fazer para que a República não seja prejudicada em seus direitos.

Território à Margem do Tacutu. Atos aí Praticados por um Comissário do Governo da Guiana Britânica

N. 62

Nota da Legação Brasileira em Londres ao Governo Britânico

Legação dos Estados Unidos do Brasil
Londres 21 de fevereiro de 1898

Senhor Marquês – Em 9 do corrente mês tive a honra de informar verbalmente ao "*Foreign Office*" que conforme telegrama que o Governo Federal recebera do Governador do Estado do Amazonas, a margem direita do Tacutu até à sua confluência no Cotingo, acabava de ser ocupada por súditos britânicos, que se diziam oficialmente autorizados a procederem desse modo.

Recebi então a segurança de que o Governo de Sua Majestade Britânica, ignorando o fato, não o julgava verdadeiro e que por intermédio do Ministério das Colônias se pediu informação ao seu delegado em Georgetown.

A 20, entreguei ainda particularmente cópia de uma comunicação ulterior do Ministro das Relações Exteriores remetendo-me um telegrama de 16 do corrente, pelo qual o Governador do Estado do Amazonas confirmava a primeira notícia, acrescentando que a ocupação fora efetuada sob a direção de Mr. Mac Turck, que se dizia comissário britânico, o qual arvorara a bandeira da Colônia, exigindo dos habitantes da localidade que prestariam obediência às leis britânicas.

Esta infração do acordo de 23 de agosto e de 04.09.1842 certamente não poderia ser autorizada pelo Governo de Sua Majestade Britânica, o qual até ao presente parece não ter conhecimento dos fatos em questão, como me foi assegurado; mas por isso mesmo tenho o dever de renovar, por meio da presente nota, o pedido que ontem tive a honra de fazer verbalmente a Vossa Senhoria para que o Governo de Sua Majestade Britânica tome, pelo telé-grafo, as medidas que julgar necessárias com o fim de desaprovar a invasão praticada por autoridades subalternas da Colônia, ordenando a sua retirada imediata do Território em litígio.

Não hesito em acreditar, Senhor Marquês, que Vossa Senhoria terá a bondade, com a sua resposta, de habilitar-me a tranquilizar desde já o meu Governo e o do Estado do Amazonas.

Tenho a honra de ser, com a mais alta consideração, Senhor Marquês,

Vosso mui humilde e mui obediente servo.

A. de Souza Corrêa.

Ao muito Honrado

Marquês de Salisbury, K. G.

N. 63

Documento fornecido pelo Governo do Estado do Amazonas

Auto de perguntas feitas a Henry Melville.

Aos nove dias do mês de fevereiro do ano de mil oitocentos e noventa e oito, nesta cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, na chefatura de Segurança Pública, presente o Desembargador Chefe de Segurança Pública do mesmo Estado, Doutor Guido Gomes de Souza, compareceu o cidadão Henry Melville, súdito inglês, de trinta e três anos de idade, fazendeiro na margem do Rio Tacutu e ali residente.

– Interrogado, disse que, há cinco anos é fazendeiro no Rio Branco, no lugar Arara, margem do Tacutu, considerado terreno neutro e que pagou sempre impostos em Boa Vista e bem assim tem feito todos os moradores da margem do Tacutu; que no dia primeiro do corrente ano um comissionado inglês de nome Michael Mac Turck foi até à margem do Tacutu nas casas dos fazendeiros aí estabelecidos e declarou que daquele dia em diante tinham de obedecer à lei britânica e hasteou no lugar o pavilhão de bandeira civil colonial; que o referido comissionado da Inglaterra prometeu mandar demarcar e dar direitos sobre as terras que ele declarante ocupa, bem como os outros fazendeiros do lugar, e declarou mais, que assim procedia o Governo afim de dar proteção aos referidos moradores; que ele declarante, que tem pago até hoje impostos às autoridades Brasileiras, vê-se agora obrigado a pagar ao Governo Inglês, em vista da intimação feita pelo seu comissionado.

Que no dia primeiro deste ano recebeu ele declarante a nomeação do Governo Inglês de *Post-Holder*, que lhe foi entregue pelo comissionado inglês; que o vice-cônsul do Brasil, Ernesto Mattoso, pode melhor dar esclarecimentos sobre o assunto; que ele declarante é fazendeiro no lugar há cinco anos e só no dia primeiro do corrente ano foi que viu flutuar no lugar a bandeira inglesa, a qual se acha colocada em um grande mastro mandado ali fincar pelo comissionado Michael Mac Turck.

Nada mais disse e nem lhe foi perguntado, pelo que deu-se por findo este depoimento, que assigna com a autoridade e as testemunhas. Eu Gentil Augusto Bittencourt, Secretario, o escrevi. Guido Gomes de Souza. – H. Melville. – Manoel J. Alves, como testemunha que assistiu às declarações. – M. R. de Almeida Braga. (IMPRENSA NACIONAL, 12.07.1898)

Subprefeitura de Segurança Pública de Tacutu

Amazonas – Terça-Feira, 12.12.1899

Do Subprefeito do Tacutu ao Comandante da Fronteira, 12 de dezembro de 1899

Subprefeitura de Segurança Pública, 12 de dezembro de 1899.

Eu lhe informo que o nosso território acabou de ser invadido por sujeitos ingleses encabeçados por Michael Mac Turck, o qual, numa embarcação com bandeira inglesa hasteada, penetrou até o rio Surumu, dizendo que este terreno pertencia à sua nação.

Manoel Vieira Accioly Cavalcante.

Ao cidadão Subtenente Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha,

Comandante da fronteira do Rio Branco

Depoimento do Tenente Honorário do Exército, José Amâncio de Lima.

Aos vinte e cinco dias do mês de dezembro do ano de Mil e Oitocentos e Noventa e Nove, no Forte S. Joaquim do Rio Branco, na presença do cidadão Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha, Sub – Tenente Comandante do Forte, compareceu José Amâncio de Lima, Brasileiro, com cinquenta e três anos de idade, fazendeiro na embocadura do rio Mau e na margem direita do Tacutu, onde ele reside.

Interrogado, ele falou que, dia doze do mês corrente, ele se encontrava na sua fazenda de Conceição do Mau, localizada nas margens dos rios Mau e Tacutu, quando seus empregados Antônio de Almeida e o Índio Justino, ou seja Menandro, lhe disseram que um inglês e três soldados da mesma nacionalidade tinham descido pelo Rio Tacutu numa pequena canoa portando hasteada na sua proa a bandeira de Demerara, que pouco depois apareceu um índio, remador da canoa, que lhe pediu, em nome do inglês Michael Mac Turck, para lhe vender um pouco de leite; que ele deu o leite sem exigir o pagamento.

Que aos quatorze dias do mesmo mês, os mesmos Ingleses, já de volta, passaram a noite num dos terrenos de sua fazenda, perto de sua casa de habitação, e que, de novo, os Ingleses mandaram o mesmo índio, que diz se chamar Herculano, e ofereceu uma moeda de quatro pences que ele, depoente, se recusou a receber dizendo: "*eu não vendo leite*", que o dito índio, tendo voltado de novo, lhe disse ainda que o Sr. Michael Mac Turck mandava dizer que sendo funcionário da aduana por conta do Governo de Demerara nas Repúblicas limítrofes de Venezuela e do Brasil, ele não podia aceitar nenhum favor dos Brasileiros; que a isto, ele, depoente, respondeu:

“*Diga ao inglês que se o leite não lhe convém grátis, que ele o jogue no Rio*” ele falou ainda que o mesmo inglês tinha mandado dizer que se encontrava em missão especial por seu Governo para verificar se o vilarejo agrícola de Manoa era localizado ou não em território brasileiro e que então ele, depoente, teve que receber o pagamento do leite; ao que, ele, depoente, respondeu: “*Não aceito absolutamente nenhum pagamento e Turck é, assim como já falei, livre de jogar o leite no rio*”, que ele sabe ainda que este mesmo Turck já foi preso na Venezuela por ter invadido da mesma maneira as fronteiras daquele país; e que este senhor, tendo se encontrado com o Índio Justino Furtado, o ameaçou de morte, se ele Justino, empregado dele, depoente, retornasse ao Manari onde era administrador de uma pequena fazenda localizada na margem direita do rio Tacutu onde o Manari se joga, todas estas bandas estando em território brasileiro, jamais contestado antes; que ainda sabe, que neste mesmo dia, 11, assim que ele teve conhecimento da invasão militar pelos sujeitos ingleses, ele mandou um mensageiro a cavalo avisar expressamente o Senhor Subtenente, Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha, Comandante da Fronteira do Rio Branco, lhe expondo tudo que tinha se passado, isto tudo verbalmente, por falta de papel.

Ele ainda sabe que a mesma comissão tinha chegado até o rio Surumu, onde ela procedeu a verificações e que na fazenda de Marcos Vieira onde ela passou a noite, ela instalou diversos instrumentos e fez observações ou estudos. Ele ainda sabe que a mesma missão ameaçou o Tuchaua Magalhães, dizendo-lhe que o mataria se ele obedecesse aos Brasileiros; e que uma bandeira brasileira estando hasteada na casa do mesmo Tuchaua a comissão a levou. Ele não falou mais nada, e nada mais tendo sido perguntado a ele, o que pôs fim ao seu depoimento que foi lido e achado conforme foi assinado por ele e pelo

Comandante da Fronteira e do Forte S. Joaquim do Rio Branco. Eu, Manoel Pedro Virgolino Freire, na função de escrivão, o escrevi.

Paulo Cordeiro da Cruz Saldanha

José Amâncio de Lima

As notícias que se seguem, repercutidas no Jornal do Commércio do Rio de Janeiro, foram, anteriormente, publicadas pela Tipografia Leuzinger, em 1898, sob o título "*Limites da República com a Guiana Inglesa – Memória Justificativa do Direitos do Brasil*", de autoria de Ernesto Mattoso (pseudônimo Silvio Senior), sob o patrocínio do Governo do Estado do Amazonas, diretamente interessado e impactado pelos acontecimentos. A cruel trama inglesa, extremamente ardilosa parece uma obra ficção de Sir Arthur Conan Doyle. Os brasileiros de ontem como os de hoje não sabiam com quem estavam lidando. Vamos repercutir, parcialmente, as notícias para que o leitor consiga ter uma visão mais ampla do contexto da intrincada Questão do Pirara e a compare com os acontecimentos hodiernos como o aliciamento dos nativos por ONGs estrangeiras e demarcações sem qualquer embasamento antropológico ou científico.

Prefácio

Em 1897, conclui, sob o pseudônimo de *Sílvio Senior*, uma "*Memória justificativa dos direitos do Brasil*" em seus limites com a Guiana Inglesa e o ofereci aos dois futurosos Estados do Pará e Amazonas, com uma dedicatória nos seguintes termos:

> O que vai desdobrar-se ante os olhos dos leitores não é o produto de um patriotismo exagerado, nem de argumentos imaginários, deduções sem base ou alegações não provadas.
>
> Estas páginas compõem-se de fatos, de razões e de documentos do mais alto valor histórico, com os quais provamos à evidência os direitos do Brasil ao vasto Território que lhe é disputado por uma poderosa nação, aliás amiga.
>
> Dando publicidade ao nosso modesto trabalho só temos em vista, na esfera de nossos apoucados recursos, prestar um serviço à nossa grande Pátria, que para a conquista definitiva do lugar distinto que lhe compete entre as primeiras nações, pela sua civilização e riquezas, só carece de governos patrióticos que no interior solidifiquem as instituições, respeitando as leis e as liberdades públicas, e que nas relações com o estrangeiro sejam hábeis, defendendo com energia criteriosa e amor pátrio, à luz da justiça, os direitos sagrados da nossa integridade.
>
> Se com estas páginas, pois, conseguirmos o aplauso espontâneo de nossos concidadãos, ao esforço que fazemos para ser-lhes úteis e dignos do nome brasileiro, estará o nosso trabalho largamente recompensado.
>
> Aceitem os operosos Estados do Pará e Amazonas, que constituem esse colosso de progresso e riquezas chamado – Amazônia – a pequenina oferta do dedicado patrício – Sílvio Senior.

S. Exª o Sr. Dr. José Paes de Carvalho, ilustrado Governador do Estado do Pará, com o patriotismo que o caracteriza, imediatamente fez imprimir, à expensas do Estado, o meu folheto, dado à publicidade em maio desse mesmo ano.

Depois disto, voltei à Capital da Guiana Inglesa [Georgetown], onde durante os 11 meses de minha

última permanência, como Vice Cônsul do Brasil, adquiri novos conhecimentos em prol de nossos direitos ao Território que nos querem usurpar.

Chamado, em meu regresso, pelo Exm° Sr. Dr. Fileto Pires Ferreira, patriótico governador do Amazonas, fui a Manaus, onde recebi de S. Exª honrosa incumbência de, pelas colunas elo "*Jornal do Commércio*", velho e conceituado órgão da imprensa da Capital Federal, tornar conhecidos os direitos do nosso adorado Brasil ao Território situado no Estado do Amazonas, invadido pelos ingleses da Guiana.

Publiquei, assim, uma série de artigos que reuni neste modesto livro, ao qual acompanham em anexo 2 mapas; um que eu mesmo organizei e onde se veem não só todas as linhas pretendidas e a que é a verdadeira, como a prova latente da invasão dos ingleses; outro, uma cópia do precioso mapa da comissão do Coronel Carneiro de Campos, que bem esclarece os nossos legítimos direitos.

O livro que publiquei no ano passado, traduzi-o já para o idioma francês, por ordem também do ilustre governador do Estado, e será publicado na Europa.

Desempenhei-me, portanto, da distinta comissão com que fui honrado pelo digno Governador do Estado.

Faço votos para que S. Exª e os demais altos poderes do operoso Estado do Amazonas e os meus concidadãos, principalmente os filhos da opulenta "*Amazônia*", reconheçam os esforços que fiz para bem desempenhá-la.

Capital Federal, 1898.

Ernesto Mattoso

Jornal do Commércio, n° 82 a 87
Rio de Janeiro, RJ – Quarta a Segunda-feira, 23 a 28.03.1898

Estado do Amazonas
Limites com a Guiana Inglesa – Parte I

[Sílvio Senior – Ernesto Mattoso]

Não há quem ignore que a diplomacia brasileira está em negociações com a inglesa para o ajuste final da linha que dividirá as duas nações: o Brasil pelo Estado do Amazonas e a Grã Bretanha pela sua Guiana.

É propício, portanto, o momento para mostrarmos à nação inteira, desde o honrado Presidente da República até ao mais modesto cidadão, os nossos claros direitos ao território que devemos reclamar hoje, como já o fizemos em passados tempos.

A integridade da Pátria é assunto da mais alta transcendência; nenhum outro deve merecer mais estudo, mais sabedoria e mais patriotismo por parte daqueles a quem estão confiados os seus sagrados direitos. Antes, porém, do histórico e dos documentos justificativos da nossa legítima propriedade territorial, analisemos a recente invasão dos ingleses no Contestado.

Em dias de fevereiro último o Jornal do Commércio publicou, por transcrição, a notícia de que um enviado britânico havia plantado o pavilhão inglês em nosso território, e entregou títulos de nomeação a diversos súbditos de Sua Majestade para o exercício de público ofício em zona do Brasil.

ANNO 78 – RIO DE JANEIRO – N. 82
ASSIGNATURAS PARA TODO O BRAZIL
RIO DE JANEIRO

JORNAL DO COMMERCIO

Propriedade de Rodrigues & Comp.
QUARTA-FEIRA 23 DE MARÇO DE 1898
ASSIGNATURAS PARA TODO O BRAZIL
RIO DE JANEIRO

ESTADO DO AMAZONAS

Limites com a Guyana ingleza

Não ha quem ignore que a diplomacia brazileira está em negociações com a ingleza para o ajuste final da linha que dividirá as duas nações: o Brazil pelo Estado do Amazonas e a Gran-Bretanha pela sua Guyana.

E' propicio, por tanto, o momento para mostrarmos á nação inteira, desde o honrado Presidente da Republica até ao mais modesto cidadão, os nossos claros direitos ao territorio que devemos reclamar hoje, como já o fizemos em passados tempos.

A integridade da Patria é assumpto da mais alta transcendencia; nenhum outro deve merecer mais estudo, mais sabedoria e mais patriotismo por parte daquelles a quem estão confiados os seus sagrados direitos.

Antes, porém, do historico e dos documentos justificativos da nossa legitima propriedade territorial, analysemos a recente invasão dos inglezes no contestado.

Em dias de Fevereiro ultimo o *Jornal do Commercio* publicou, por transcripção, a noticia de que um enviado britanico havia plantado o pavilhão inglez em nosso territorio, e entregou titulos de nomeação a diversos subditos de Sua Magestade para o exercicio de publico officio em zona do Brazil.

A *Noticia* desta Capital contestou, autorisada pelo governo, declarando que lord Salisbury, presidente do conselho de ministros da Inglaterra, já havia ordenado a retirada desse funccionario, que fôra ao contestado brazileiro sem ordens ou instrucção do governo para arvorar bandeira, etc.

Isso diz o Sr. Marquez de Salisbury, vejamos, porém, o que se passou:

O *The Argosy*, jornal que se publica na capital da Guyana ingleza, em seu numero de sabbado, 13 de Novembro do anno passado, publicou o seguinte:

Imagem 45 – Jornal do Commercio, n° 82, 23.03.1898

A "*Notícia*", folha da tarde desta capital, contestou, autorizada pelo governo, declarando que Lord Salisbury, presidente do conselho de ministros da Inglaterra, já havia ordenado a retirada desse funcionário, que fora ao Contestado brasileiro sem ordens ou instruções do governo para arvorar bandeira, etc.

Isso diz o Sr. Marquês de Salisbury, vejamos, porém, o que se passou:

O "*The Argosy*", jornal que se publica na capital da Guiana Inglesa, em seu número de sábado, 13.11.1897, noticiou o seguinte:

> Na próxima semana o Sr. Mac Turck, o infatigável, sairá de Kalacoon em uma viagem de inspeção até o extremo Sul dos limites da Colônia, onde está a nossa fronteira com a do Brasil. Sua viagem será feita pelo Essequibo acima até o Rupununi, e daí até onde a canoa possa navegar.
>
> Depois disto, o resto da viagem terá que ser feita a pé e por alguns dias, através das imensas savanas; as comidas durante esse tempo só poderão ser obtidas em negócio com os índios, salvo se a espingarda produzir caça suficiente. <u>A viagem de ida e volta levará cerca de dois meses para fazê-la</u>.

Não é comum que o nosso território naquela direção seja favorecido com visitas de <u>agentes de nosso governo</u>, mas é necessário que elas se façam de quando em quando, para que não se deixem crescer as malversações sobre os verdadeiros possuidores. O Sr. Mac Turck vai só, isto quer dizer que não vai nenhum oficial acompanhá-lo e levará os seus remadores habituais. Grifamos, em primeiro lugar, o *tempo da viagem de ida e volta*, para que fique bem claro que, quando Lord Salisbury diz haver mandado retirar o Sr. Mac Turck já ele lá não estava, mesmo porque ele não foi para ficar.

Mais adiante grifamos as palavras *agentes do governo*, para que não escape a circunstância de que esse súdito inglês foi ao Contestado em caráter oficial. Continuemos:

O "*The Daily Chronicle*" que se publica também em Georgetown, em seu número de domingo, 14.11.1897, assim se exprime:

> O Sr. Mac Turck vai, como comissário do Distrito dos Rios Essequibo e Pameron, partir em visita oficial de inspeção até ao extremo Sul do seu Distrito nos limites com o Brasil. É provável que o Sr. Mac Turck deva, durante a sua visita, averiguar o que há de verdade relativamente a certas alegações contra intrusos ou comerciantes que intitulando-se como emissários diretos do Governador tiram disso proveito, enganando os índios Macuxí e Uapixanas.
>
> É também de esperar que o Sr. Mac Turck, que vai viajar pelos Rios Essequibo e Rupununi e depois por terra, vá também estudar um projeto de estrada que una mais facilmente as Savanas com Georgetown.

Está, portanto, provado que esse funcionário britânico foi em visita oficial ordenada por quem podia dar-lhe ordens e recursos e com a incumbência até de estudar uma estrada por território que não lhes pertence. Esse mesmo jornal, "*The Daily Chronicle*", em 04.12.1897, assim noticia a partida de Mac Turck:

Visita de Mac Turck à Fronteira
[Do nosso correspondente]

> O Sr. Mac Turck, C. M. G., saiu de Kalacoon na segunda-feira de manhã para a fronteira do Brasil. A <u>expedição</u> compõe-se de dois botes, que passaram por Bartica às 7 horas da manhã, sendo rebocados pela lancha Ismay. Os botes <u>arvoravam</u> <u>as</u> <u>bandeiras</u> <u>do</u> <u>governo</u>.

> O Sr. H. C. Swan, empregado do foro [magistrado auxiliar] foi nomeado para acompanhar Mac Turck. Na sua ausência o Sr. A. de Cameron, oficial do ouro, desempenhará os deveres do Sr. Swan.

Nenhuma dúvida pode, pois, existir sobre o caráter oficial desta expedição, ordenada pelo governo colonial de Demerara e não sabemos se com a devida permissão do governo central de S. M. Britânica.

É preciso também saber-se que esse senhor Mac Turck é o primeiro magistrado de Bartica e tem sido a alma de todas as usurpações inglesas no território venezuelano.

Esse infatigável, como lhe chamam na Guiana, é useiro e vezeiro em invasões, mas sempre autorizado pelos governadores da Colônia.

Em uma de suas expedições ao território alheio, as autoridades de Venezuela o prenderam, fazendo escoltar até La Guayra, de onde o embarcaram para Georgetown, afim de ensinar-lhe o caminho legal por onde se vai de um País a outro, pelos portos abertos e nunca pelos fundos.

Mac Turck, porém, é incorrigível e jamais arrefece a sua constância em sugestionar aos governadores da Guiana a sua preocupação ardente: a conquista do território dos vizinhos.

Lord Salisbury, o chefe do gabinete inglês, em sua resposta telegráfica de tantos de fevereiro, assegura que ia ordenar a retirada de Mac Turck, quando, entretanto, esse terrível invasor desde 31 de Janeiro já se achava de volta em Georgetown, como se vê do "*The Daily Chronicle*", de 02.02.1898 daquela cidade, que até publica extenso "*interview*" ali realizado com Mac Turck.

Esse indivíduo não foi ao contestado estabelecer-se: foi distribuir livros ingleses, nomear capitães entre as tribos indígenas, nomear autoridades entre os ingleses que lá moram, como o declara no aludido "*interview*".

Aconselhar a obediência às leis inglesas, implantar o pavilhão inglês em terra brasileira, estudar um projeto de estrada e trazer índios brasileiros Uapixanas e Macuxis para a missão de Waraputa, abaixo da Foz do Rupununi, no intento de aprenderem a língua inglesa e a religião protestante e, quando bem instruídos, fá-los-á voltar ao território brasileiro. [Continua] (JDC, N° 82)

O que Mac Turck foi fazer no Contestado, violando sem nenhum rebuço o tratado de neutralidade assinado pelo Brasil e a Grã-Bretanha em 1842, está bem claro no depoimento do inglês Henri Melville que abaixo transcrevemos de "*O Rio Negro*", diário de Manaus, em seu número de 17 de Fevereiro último:

Já repercutidas anteriormente no jornal "*O Pará*", n° 71, de 23.02.1898.

À vista, pois, do que acabamos de ler, haverá diplomata, por mais hábil que seja, capaz de provar que os poderes públicos da Colônia inglesa não violaram o "*status quo*", de 1842, com o mais condenável desprezo da boa-fé dos contratos? Haverá maior ofensa à nossa soberania?

Entretanto, em 1887, quando o Sr. Pimenta Bueno, Presidente da ex-Província do Amazonas, foi ao Contestado em caráter particular por 48 horas apenas, o governo de S. M. Britânica protestou energicamente, exigindo do Brasil o exato cumprimento do Tratado de 1842, conforme teremos adiante ocasião de referir.

No folheto que publicamos em maio do ano passado, sob o título de "*Memória justificativa dos direitos do Brasil*", e que na íntegra transcreveremos nestas colunas, dissemos que mal andou a diplomacia funesta do antigo regímen, quando aceitou, em 1842, o Tratado com a Inglaterra, considerando de "*nullius jurisdictionis*" o território do Pirara, no Estado do Amazonas.

Consideramos absurdo esse "*status quo*" provamos a evidência o nosso direito sempre reconhecido sobre esse território, e agora, aos inúmeros documentos citados naquele pequeno livro, temos a acrescentar outros do mais alto valor histórico, em confirmação das conclusões que tiramos. Esses documentos são todos antigos; deviam ser conhecidos pelos estadistas de então, e assim pensando não se compreende como consentiu o Brasil em neutralizar uma zona enorme de território provadamente nacional.

Incúria, ignorância e fraqueza foram as causas de tão impatriótico arranjo.

Incúria, porque se houvessem mantido sempre a ocupação constante que os portugueses nunca esqueceram, os ingleses jamais teriam pretensões.

Ignorância, porque se estudassem como cumpria os nossos direitos, não se submeteriam a exigências estrangeiras sobre território cuja propriedade indiscutível era nossa.

Fraqueza, porque foram assinando um Tratado de "*nullius jurisdictionis*", sem que os nossos vizinhos houvessem mostrado sequer um único documento que legitimasse a insólita pretensão. Se a funesta diplomacia daqueles tempos não fosse descuidada, imprevidente e fraca, quantos benefícios não aproveitariam hoje ao Brasil?

Se ao invés de aceitar esse "*status quo*" de 1842, houvesse o Brasil entrado logo em ajuste de limites definitivos, se houvesse naquela época demarcado logo a linha divisória entre o Império e a Guiana Inglesa, de certo não poderia existir no Tratado com a França, ultimamente firmado para a arbitragem do Amapá, a célebre linha pelo Araguary.

Essa ao menos estaria reconhecida como fora de dúvida; a própria Inglaterra a defenderia como indiscutivelmente nossa.

Uma vez, porém; efetuado o erro, deveriam as duas nações, Brasil e Grã-Bretanha, conservar o Contestado na mais severa neutralidade. De nossa parte temos cumprido o Tratado com a mais ampla seriedade; os nossos vizinhos entretanto dele se esquecem a todo momento.

Vejamos:

Em 19.04.1888, o Sr. Hugh Gough, encarregado de negócios da Inglaterra, por uma nota dirigida ao nosso governo, protestou contra a presença, no território neutralizado pelo Tratado de 1842, do Sr. Pimenta Bueno, Presidente da ex-Província do Amazonas.

O governo Brasileiro apressou-se em responder e em nota datada de 21.05.1888, depois das satisfações dadas, assim se exprime:

> Aquele senhor conhece o mencionado ajuste, ainda há pouco lembrado ao seu sucessor imediato; vou entretanto oficiar-lhe recomendando-lhe que não volte ao Território do Pirara, se lá foi.
>
> Como, porém, pode haver equívoco a respeito dos limites da neutralização, rogo ao Sr. Gough que se sirva dizer-me quais são eles, no entender do seu governo.

Neste pequeno trecho aí temos os três grandes pecados diplomáticos da chancelaria do Sr. D. Pedro.

Fraqueza, porque deu satisfações humildes sobre a ida de Pimenta Bueno, que lá foi como particular, demorando-se apenas menos de 48 horas;

Ignorância, porque admite equívocos nos limites da neutralização, quando eles estão especificados claramente no Tratado, que se refere ao Território do Pirara, isto é, Território onde existem missões brasileiras, onde houve forças brasileiras e inglesas;

Incúria, finalmente e incúria criminosa, porque, na dúvida, pede ao contendor que lhe indique qual pensa ser esse limite!!! [Continua] (JDC, N° 83)

Em nota de 23 de Maio, como que para emendar a mão, disse o governo do Sr. D. Pedro:

> Já respondi à nota que o honrado Sr. Hugh Gough, encarregado de negócios da Grã-Bretanha, me dirigiu em 19 do mês próximo passado, relativamente à presença do Presidente da Província do Amazonas no Território em litígio entre o Brasil e a Guiana Inglesa.
>
> Pouco depois pedi pelo telégrafo àquele delegado do Governo Imperial informações sobre o fato denunciado pelo Governo de S. M. Britânica.
>
> Recebi-as também pelo telégrafo, e por isto não são circunstanciadas; mas brevemente as terei por escrito e completas, e então acrescentarei o que for necessário. Agora direi o que já é possível.
>
> O Sr. Pimenta Bueno esteve com efeito no território neutralizado, não como Presidente, como particular, sem nenhum aparato ou distintivo oficial, somente por 48 horas, e não praticou nem pretendeu praticar ato de jurisdição.

Apesar destas circunstancias que, no seu entender, tiram ao seu procedimento todo caráter censurável, confirmo o que declarei ao Sr. Gough: o Presidente da Província do Amazonas, ou, para melhor dizer, a pessoa que exercer esse cargo não irá, salvo acordo em contrário, ao território litigioso.

Feita esta declaração, que espero satisfará ao Governo Britânico, peço licença para entrar em algumas considerações sugeridas pelos termos de ajuste de 1842, e pelos fatos subsequentes.

....

Segundo a cláusula final deste ajuste, devia ele ser desenvolvido em negociação regular por meio de plenipotenciários. Esta negociação nunca foi tentada, e a de um Tratado de Limites, promovida, em 1843, pelo Governo Imperial, foi interrompida por ato do Governo Britânico.

Subsistem, pois, há mais de 40 anos as condições esboçadas em 1842 sem a necessária clareza.

O Governo Imperial, longe de ampliá-las por meio de interpretação liberal, tem-lhes dado exato cumprimento. Assim, porém, parece não ter procedido o Governo de Demerara. Depois do ajuste estabeleceu-se na margem esquerda do Rupunuri o súbdito inglês William de Roy com casas de comércio, fábrica de redes de algodão e depósitos de madeiras extraídas da Serra de Cuano-Cuano.

A um brasileiro, que o visitou não há muito tempo, disse ele que se estabelecera naquele lugar por lhe dizer o Governador da Colônia que era território britânico. Desta maneira entre Demerara e o Território neutralizado formaram-se relações comerciais, que exigem constante movimento de pessoas.

Ainda há um fato mais importante. Na sua visita ao Pirara verificou o Sr. Pimenta Bueno que o Governo da Colônia tem ali dois agentes.

Não me disse que funções exercem, mas eu não necessito saber de que natureza são para me persuadir de que contrariam o ajuste de 1842; e a ação daquele Governo parece ir mais longe, porque um professor inglês, que se evadiu ao ser descoberto, tinha estabelecido escola, em que ensinava a sua língua aos índios brasileiros, não no Território neutralizado, o que já não seria regular, mas em terreno da fazenda de São Marcos, pertencente ao Governo Imperial e fora de todo litígio.

Se o Governador da Colônia Britânica tem podido praticar esses atos sem violar o ajuste, não seria justo estranhar que o Presidente da Província do Amazonas visitasse o Território de Pirara como particular e apenas por 48 horas.

A reclamação feita pelo Sr. Gough, de ordem do seu Governo, origina uma questão de alguma importância, que não foi prevista.

O ajuste de 1842 pode ser violado sem autorização nem ciência das partes contratantes, e esta possibilidade faz precisa alguma vigilância. Neste momento há de ambos os lados denuncia de atos irregulares.

Cada um dos dois governos, pois, deve ter a faculdade de empregar algum meio de certificar-se de que os delegados do outro cumprem o que se convencionou. O Governador de Demerara, prescindindo dos seus dois agentes, conta com informações oportunas dos seus compatriotas estabelecidos no Pirara e dos índios que eles tem disciplinado. Mas como procederá o Governo Imperial, que ali não tem brasileiros nem índios em iguais condições? A desigualdade é notável.

Peço ao Sr. Gough que se sirva recomendar estas considerações à atenção do seu Governo. Estou certo de que ele as há de apreciar com seu conhecido espírito de justiça. Tenho a honra de reiterar, etc.

A esta importante nota, altiva e justa como deviam ser todas as que se referissem a abusos de qualquer nação poderosa ou fraca, que desrespeitasse a fé dos contratos, o Governo Inglês respondeu mais ou menos com o chavão de que usa:

> O Governo de Sua Majestade Britânica tomará em consideração o que lhe foi observado, com espírito de justiça e boa amizade que sempre soube dispensar ao governo tal, etc., etc.

Por esse jeitoso modo conseguiu acalmar a justa indignação do Brasil, que foi acreditando nos "*cantos da sereia*", e eles, certos de que ninguém mais os espreitava, foram povoando o Contestado, estabeleceram núcleos onde ensinaram o protestantismo e a língua inglesa; e agora levam a audácia ao ponto de nomear autoridades [Post-holders] em vários pontos do território em litígio e não em litígio, isto é, em zona nunca disputada, mas que a julgar pelo que fizeram à Venezuela sê-lo-á amanhã.

É contra isso que clamam todos os brasileiros que conhecem os seus direitos e em tempo ainda de tomar-se as precauções precisas. É contra isso que protesta o Estado do Amazonas e o Brasil inteiro, vendo a Pátria ameaçada em sua integridade, que deve ser a patriótica preocupação dos nossos governos e a qual nós todos brasileiros saberemos defender; custe o que custar.

Desgraçadamente, porém, o nosso território já está invadido, e quer no Contestado, quer em zona positivamente nossa, residem e continuam a estabelecer-se muitos e muitos súditos britânicos, tais como os Srs. De Roy, Montagas Flint, Henrique Melville, Bently, Mackley, Carlos Meeban, H. Buckey, John Packer, Ricardo Ritchy e outros, sem contar um tal

Pedro Level, vulgo Pedro Espanhol, D. Francisco e talvez outros venezuelanos, não mencionando as inúmeras expedições inglesas feitas oficialmente por conta e ordem do Governo de Demerara, tais como as de B. Brown, Mc. Connell, J. J. Quetch, Mac Turck e quejandos ([141]), todos no intuito de distribuir gramáticas da língua inglesa, seduzir os índios, ensinar-lhes obediência às leis inglesas, incutindo-lhes no espírito a ideia de que se preferirem viver como brasileiros o pagamento que estes lhes darão será o de fazê-los cativos, forçá-los-ão a trabalhos os mais penosos, surrando-os a todo o momento, etc.

São desses artifícios condenáveis que os nossos invasores lançam mão para afastar de nós os nossos índios Macuxis e Uapixanas, que a despeito de tudo preferem e trabalham com os brasileiros, apesar de que os ingleses os tem em larga escala nas suas ilegítimas vivendas pelo território brasileiro em litígio e não em litígio, com o aplauso dos poderes públicos britânicos que zombam dos Tratados que assinam como se eles não existissem.

Não avançamos a nenhuma proposição sem provas.

Faremos, portanto, uma rápida exposição da boa-fé com que tem sido cumpridos os ajustes firmados pela poderosa nação. [Continua] (JDC, N° 84)

Registremos as usurpações; a macieza com que são premeditadas e a arrogância com que são executadas.

Por um tratado assignado em Batávia, 1802, a Inglaterra entregou a parte que ocupava nas Guianas aos seus legítimos donos – os holandeses –, e no ano seguinte, 1803, sem nenhum respeito pelo que

---

[141] Quejandos: da mesma natureza.

firmara, de novo apoderou-se da Colônia, que hoje figura como Guiana Inglesa.

Em 1811 a 1838, começaram as tentativas de invasão oficial e por particulares de Demerara, quer em Território do Brasil, quer no da vizinha República de Venezuela.

Em 1847, elas tanto se multiplicaram para os lados do Norte, que provocaram mais tarde as heroicas represálias dos moradores da Ciudad Bolivar.

Em 1850, à vista da nobre atitude do povo e do Governo de Venezuela, na legítima defesa da integridade da nação, o Encarregado de negócios da Inglaterra, em Caracas, ajustou com aquela República um "*status quo*" sobre larga zona de Território por ambos reclamada.

Por essa ocasião, esse mesmo Sr. Robert H. Wilson, representante inglês, por uma nota datada de 18.11.1850, assim se exprime:

> [...] não podia o Governo Venezuelano, sem cometer uma injustiça para com a Grã-Bretanha, desconfiar nem por um momento da sinceridade da declaração formal que então fazia em nome e de ordem expressa de Sua Majestade, de que a Grã-Bretanha não tinha intenção de ocupar nem usurpar o Território disputado... etc.

A Venezuela acreditou na sinceridade dessa formal declaração e o resultado o mundo todo o sabe e a justiça o deplora!

Em 1867, o Governo Colonial de Demerara, reconhecendo também os direitos estabelecidos pelo dito Tratado de 1850, fez publicar o seguinte edital na "*The Official Gazette of British Guiana*", em data de 30.01.1867:

> S. Ex. o Tenente-Governador ordena a publicação do seguinte para conhecimento do público:
>
> Porquanto no ano de 1850 um mútuo arranjo foi feito entre o Governo da Grã-Bretanha e o de Venezuela no sentido de que nenhum dos governos ocuparia ou se apropriaria de certas partes do território em litígio compreendido entre os limites da Guiana inglesa, segundo reclamações da Grã-Bretanha, e os limites da Guiana Venezuelana, segundo reclamações da Venezuela, e porquanto uma companhia se formou ultimamente sob o nome de "*Britsh Guiana Gold Company*", com o fim de buscar ouro e trabalhar qualquer depósito do mesmo que se ache dentro do referido território, e se crê que súditos britânicos estão empregados pela mencionada companhia dentro do território aludido: pelo presente se informa a esses súditos britânicos e a todos os interessados e previne-se que tomem nota que o governo de Sua Majestade não pode aventurar-se dar proteção aos súditos britânicos empregados nesses aludidos terrenos e que esses mesmos súditos somente podem ser reconhecidos como uma comunidade de aventureiros britânicas, sob a sua própria responsabilidade e sob seu próprio perigo e custo.
>
> Assignado, por ordem, Augustus Fred. Gore, Secretário do Governo, interino.

Esse edital, publicado apenas para constar, jamais foi observado e que o digam os venezuelanos, cujo território está hoje usurpado até uma zona muito e muito além da que foi especificada no arranjo de 1850.

De 1883 a 1884, os ingleses tiraram desse Contestado 250 onças de ouro, das minas ribeirinhas do Essequibo e do Cuyuni; em 1886 descobriram ricos veios juntos aos Rios Puruni e Mazzaruni, e, a tendo aparecido nesse mesmo ano o regulamento sobre minas de ouro e prata, grande impulso tiveram as explorações.

Em 1886, começou abertamente a invasão, tendo produzido as minas exploradas nesse mesmo ano 6.517 onças de ouro.

As explorações continuaram e do território da Venezuela, sujeito ao tal "*status quo*", vieram para Georgetown, de março de 1894 a março de 1895, nada menos de 137.629 onças do precioso metal.

De 1886, pois, começou o Governo Colonial a esquecer os deveres do Tratado de 1850, as promessas feitas solenemente em nome de S. M. a Rainha, a neutralidade apregoada no edital de 1867, e foi fazendo concessões por toda a zona em litígio e, finalmente, tomou posse e ocupou o território contestado e mesmo muito além dele.

Em 1842, um Tratado entre o Brasil e a Grã-Bretanha também considerou de "*nullius jurisdictionis*" o território do Pirara [que assim se deve chamar a zona compreendida entre a margem esquerda do rio Rupununi e o Lago Amacu], apesar de haver sido ocupada sempre pelo Brasil, desde época muito anterior à primeira expedição inglesa a cargo do Dr. Hancock, em 1810, que só a pode visitar após licença da força militar brasileira aí existente. Este primeiro enviado do Governo de Demerara é o próprio que confirma que o território, onde esteve, era português. Diz ele:

> Em 1810, por nomeação do Governo Colonial, eu acompanhei uma expedição por entre as tribos do interior e ao território português. Nós partimos em novembro e voltámos em julho seguinte.
>
> Em nossa volta apresentei ao Governo uma carta do Rio e do País que atravessámos e uma breve descrição do mesmo, da qual eu vi reproduzida por alguns escritores posteriormente sem nenhuma referência ao autor.

O mapa a que se refere esse Dr. Hancock e que foi entregue ao seu governo desapareceu para jamais ser visto; naturalmente dava todo o Pirara como nosso.

O próprio Sr. James Rodway, que tanto tem escrito a favor dos seus patrícios em matéria de usurpações ao Brasil e a Venezuela, declara que nunca pode encontrá-lo nos arquivos de Georgetown.

Continuemos, porém, o histórico das invasões:

Mais tarde, isto é, em 1838, outra expedição foi enviada ao Pirara, e o avultado número de índios Macuxis, que povoam o território brasileiro, tem sido uma das causas frequentes dessas contínuas viagens para trazê-los à Colônia e ensinar-lhes o idioma inglês, como provamos com este trecho de uma carta de Charles Edmonstone, "*Protector of Indians*" [colega do famigerado Michael Mac Turck], escrita ao Sr. Murray, Governador de Demerara, em data de 23.07.1816, na qual diz:

> que os Macuxís vindos das Savanas nas fronteiras do Brasil, são as mais numerosas tribos e nunca deixaram de mandar uma parte deles com cada uma das expedições feitas sob a minha direção.

Em 1888, protestou o Governo inglês contra a presença de um brasileiro no Contestado e, em 1897, envia o célebre Mac Turck exercer jurisdição em zona além da litigiosa.

Assim começaram as usurpações em Venezuela e assim vão eles a pouco e pouco estabelecendo-se no território brasileiro, de onde com dificuldade se poderá desalojá-los, como aconteceu com a vizinha República. [Continua] (JDC, N° 85)

Urge, pois, que o Governo da nação não se descuide um só instante de vigiar as nossas fronteiras e, lembrando à Grã-Bretanha a fiel observância dos Tratados firmados, não esmoreça no afã de protestar energicamente sempre que, como agora, pelo órgão do famigerado Mac Turck, buscar ela invadir o nosso Território. O exemplo já o tivemos com a ilha da Trindade, e quando esse não baste, o que se passou com a fraca Venezuela deve estar em nossa memória. Ela descuidou-se, eles foram avançando, e quando pressentidos já muito dentro do País, era tarde para fazê-los sair.

Consumiram-se 10 longos anos em protestos e justas reclamações por parte da vizinha república, que contentava-se já com a arbitragem. Por 10 anos a negaram, por 10 anos obstinadamente a recusaram, até que a intervenção de outra poderosa nação, a América do Norte, feita em auxílio da nossa coirmã fraca e impotente, forçou a Inglaterra a aceitar a arbitragem, que sempre recusara.

Foi um triunfo para o honrado Presidente Cleveland e seu ilustrado ministro o Sr. Olney. A justiça triunfou da força bruta e o continente americano regozijou-se.

Não durma, portanto, o Governo e não permita a usurpação de um só palmo de terra nossa, porque, uma vez ocupada pelos ingleses, muito e muito difícil será fazê-los recuar. Faltar-nos-á para isso a força material, e para eles, esse é o direito que rege as suas contendas.

No Distrito do Noroeste da Guiana Inglesa já está escasseando o ouro, pelo que todas as vistas ambiciosas estão voltadas para o Sudoeste e para Sul, isto é, para os lados do Brasil. O rio Potaro, perto das nossas fronteiras, é hoje o Eldorado.

Uma estrada de ferro já em tráfego entre Wismar, a 60 milhas acima de Georgetown pelo Rio Demerari, e Rockstone, no Rio Essequibo, leva cargas e passageiros, que desse último ponto vão em lanchas a vapor até Tumatumary, no Rio Potaro, cerca de 8 milhas de sua embocadura no Essequibo, e daí em botes e canoas até o ponto denominado Potaro Landing, 10 milhas mais acima, onde o Governo da Colônia estabeleceu uma agência de correio, um hospital e um posto policial.

A estrada de rodagem construída daí para o interior, seguindo rumo Sul, por conta dos cofres públicos da Colônia, com cerca já de 20 milhas de extensão, está agora próxima às cabeceiras do Rio Canawaruk e em breve estará às fraldas da Serra de Pacaraima, por cujas grotas passará facilmente à vasta e rica região do Pirara, quase toda coberta de precioso quartzo.

Como vê-se, eles avançam e é preciso detê-los.

No território do Pirara existem inúmeras aldeias de índios brasileiros, Macuxis e Uapixanas, que são constantemente visitadas por agentes do governo de Demerara.

Em muitas delas já é comum o conhecimento da língua inglesa e não poucas estão batizadas com pomposos nomes britânicos.

Entre as mais importantes citaremos as seguintes:

Kanvraia-mong Village, Teroota ou Tewono Village, Hwaimatta Village, Kosanota Village e a de Kukenaan, mais perto já da Serra da Roraima.

Por todos esses pontos do Território brasileiro ensina-se a religião protestante, a língua inglesa e a obediência às leis e ordens de S. M. Britânica!

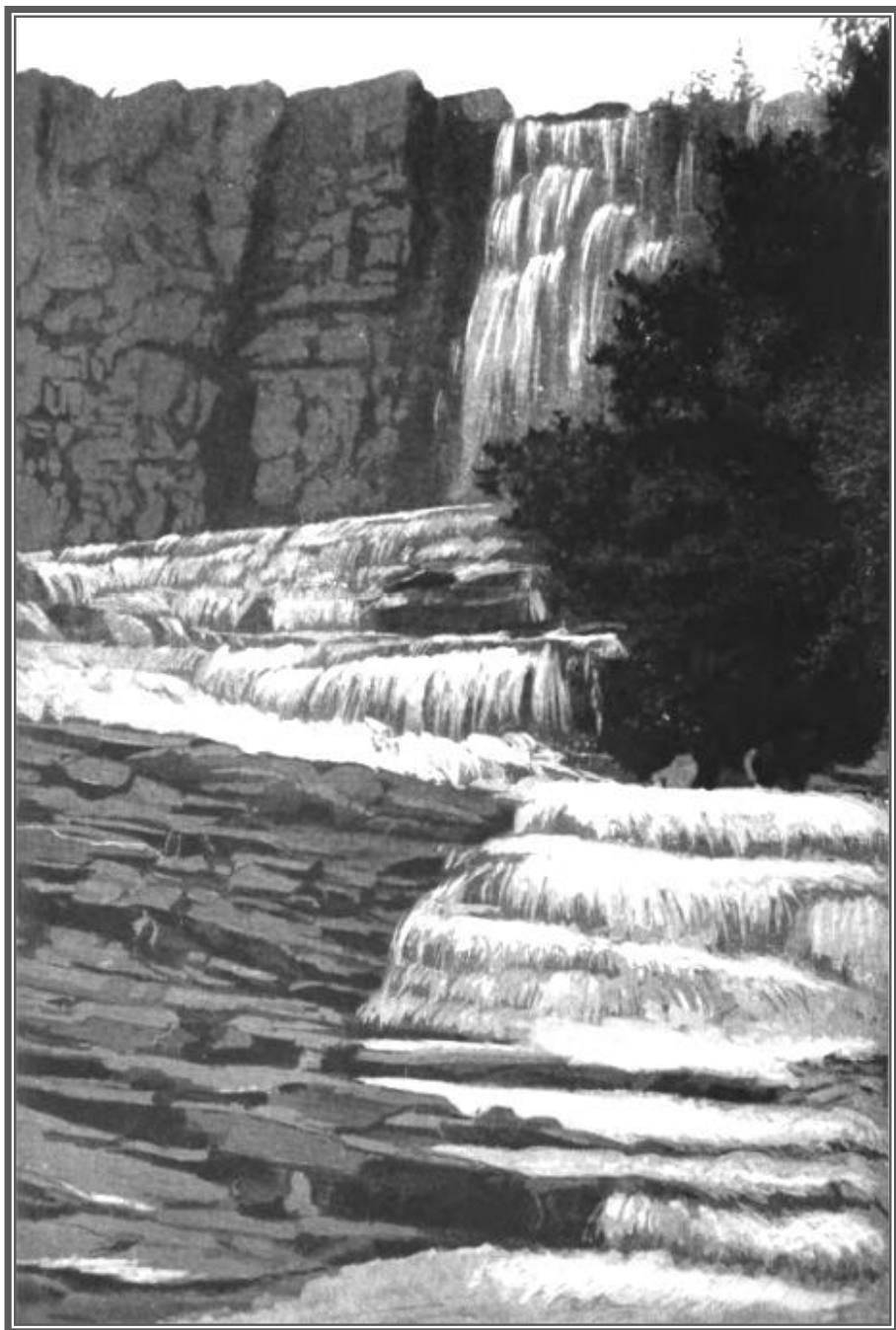



Imagem 46 – Cachoeira de Masaruni, STARK, 1900

Imagem 47 – Cultivo da cana de Açúcar, STARK, 1900

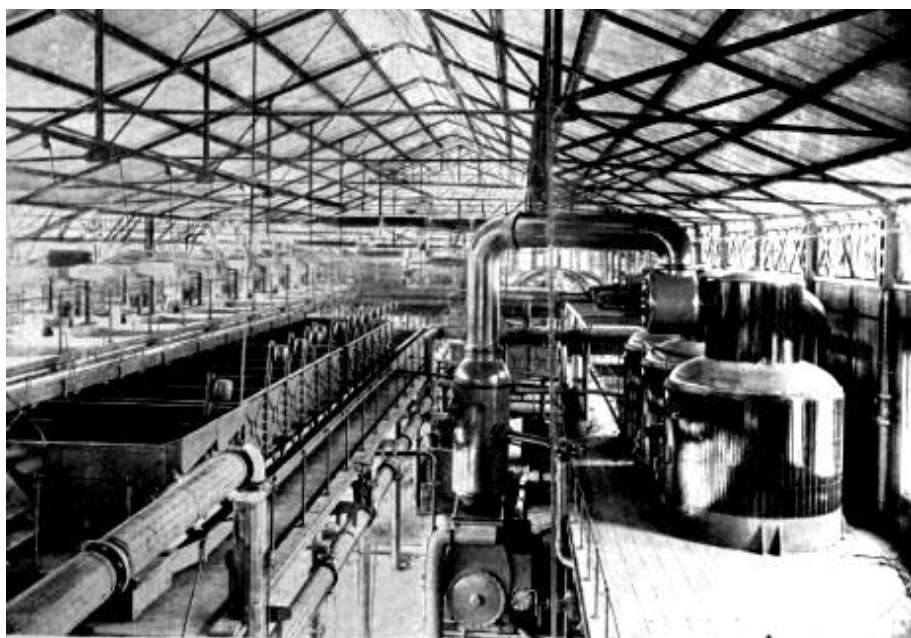



Imagem 48 – Fábrica de Açúcar, STARK, 1900

Imagem 49 – Corte da Cana de Açúcar, STARK, 1900

Imagem 50 – Garimpo de Ouro, STARK, 1900

Imagem 51 – Acampamento de Garimpeiros, STARK, 1900

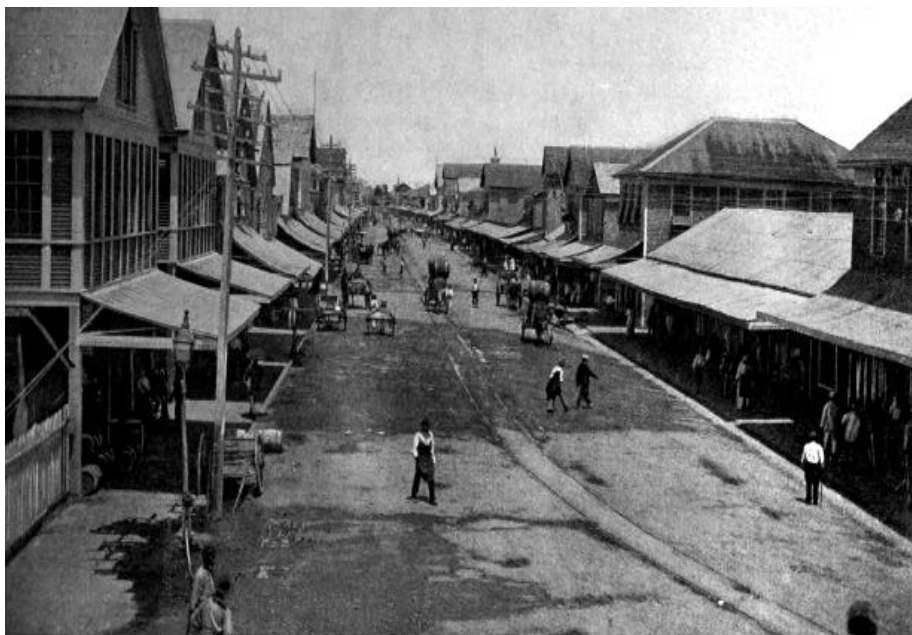



Imagem 52 – Georgetown, STARK, 1900

Imagem 53 – Georgetown, STARK, 1900

Esses nossos índios são fortes, robustos e dispostos ao trabalho, pois em outros tempos cruzaram com os valentes Caribes, que habitavam a Guiana, ao Norte, e todo o extremo Norte e Nordeste da América do Sul. O Sr. James Rodway em seu livro "*The Boundary Question*"; página 22, confirma-o no seguinte trecho:

> Os Caribes, que antigamente habitavam a Costa desde o Essequibo até o Oriente, parece que se internaram no princípio do último século, e os achamos na grande savana do Pirara entre os Macuxis ... etc. [Continua] (JDC, N° 86)

Voltando, porém, aos abusos que se tem dado no Território neutralizado, por parte dos nossos vizinhos da Guiana Inglesa e para que não se diga que exageramos os atentados praticados contra a nossa soberania, damos a palavra ao ilustre Sr. Pimenta Bueno, Presidente da ex-Província do Amazonas, referindo-se à sua viagem às regiões do Pirara.

Em seu ofício n° 5, de 21.05.1888, dirigido ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, assim se exprime o digno brasileiro:

> Tenho a honra de informar a V. Exª sobre a minha viagem ao Rio Branco, até o Forte de S. Joaquim, e daí às nossas fronteiras no Pirara, como também lhe chamam, nas proximidades do Rio Rupunuri, na parte compreendida entre o Monte Anay e a Serra do Cuano-Cuano.
>
> Desde que fui nomeado Presidente do Amazonas pensei em reconhecer o vale do Rio Branco, não só por ser talvez a região presentemente mais interessante desta Província pelo lado da civilização dos índios e da indústria pastoril, como também por motivos internacionais que são direitos do Brasil menos atendidos pelo governo britânico, e que a imprensa e

a voz pública denunciavam contra a invasão do nosso Território.

No dia 1° de abril chegamos às malocas dos índios Macuxis, que estão em contato com os ingleses; poucas horas depois que aí chegamos, apareceu-nos um índio que fala inglês, vestido de calças e em mangas de camisa, acompanhado por outros índios e índias, mas apenas de tangas. Feitos os cumprimentos, informei-me das malocas que aí tinham e do papel que este aí fazia, e se era empregado do Governo de Demerara, e onde aprendera o inglês, respondeu-me que tinha sido levado em pequeno para Demerara, onde educou-se, de onde voltara para morar na sua maloca, e que não era empregado do Governo de Demerara.

Perguntei-lhe pelos ingleses que habitavam as imediações da Serra de Cuano-Cuano e monte Anay, como se chamavam e o que faziam aí, disse-me que o primeiro chamava-se William de Loyd ou de Rooy e o segundo Chamberly [valha a pronuncia do índio que fala o inglês e que disse não saber escrever] e que tinham vindo morar aí por gostarem da vida do campo.

Perguntei-lhe se eles eram delegados do Governo de Demerara, respondeu-me que não. Perguntei ao índio, com quem falava, por seu nome, disse-me chamar-se Hony Bone. Pediu-me medicamento para um seu cunhado índio, que se achava muito doente, em sua maloca, que distava da em que nos achávamos cerca de uma légua, dei-lhe o que pedia e, agradecendo-me, pouco depois retirou-se com a sua comitiva.

No dia seguinte, 2 de abril, eu e o Sr. Comendador Bastos montamos a cavalo e fomos visitar a maloca desse índio, onde vimos o doente. Esta maloca dista da margem do Rupunuri cerca de meia ou três quartos de légua. De tudo que vi e ouvi, compreendi o papel que representam aí os dois ingleses, bem colocados na margem do Rupunuri, um próximo ao mon-

te Anay e o outro da serra Cuano-Cuano e o do índio situado a meia légua de distância desses dois ingleses.

Esse índio que fala inglês e macuxí, é sem dúvida um intérprete e vigia ou delegado do Governo de Demerara e auxiliar dos dois ingleses referidos que procuram atrair a si os índios Macuxís e Uapixanas, que estão situados e vivem no interior do Brasil a muitas léguas afastadas do território em litígio. Essas duas malocas, a 1ª com dois ranchos de palha bem construídos e com galpão e a 2ª com três ranchos, conterão 200 almas, todas macuxís.

Consta-me que para o lado do Anay e Cuano-Cuano existem outras malocas com índios Uapixana que os ingleses têm procurado seduzir, empregando todos os esforços para leva-los do nosso território, como adiante veremos. Muito propositalmente, quando parti do Forte S. Joaquim, nem minhas ordenanças levei, os companheiros que tive para esta excursão, feita em caráter particular, porque nem fardados fomos, foram os Srs. Comendador Antônio José Gomes Pereira Bastos, José Ferreira Fleury, 1° Tenente da Armada José de Almeida Bessa e Agrippino José da Costa e um índio que serviu de guia e três camaradas para cuidarem dos animais. Tomei muito propositalmente essa disposição em fazer a viagem, como simples particular, para evitar que se pretendesse reclamar contra a minha presença como autoridade, pois os índios do Pirara nem sabiam com quem tratavam.

Informado como estava do procedimento desses ingleses que estão situados na margem do Rupunuri, e que tinham estabelecido uma ·escola em um afluente· do Rio Parimé, que desagua na margem esquerda do Urariquera, no extremo Ocidental da Fazenda de S. Marcos, dentro do Território brasileiro, com o fim de seduzirem os índios Uapixanas, convencendo-os de que eles pertencem ao Governo de Demerara, e que devem ir para as margens do Rupunuri, resolvi mandar o 2° Tenente de artilharia, comandante do Forte de S. Joaquim, em diligência a

essa escola, dando-lhe as instruções juntas; esse oficial cumpriu bem a sua comissão, como V. Exª também verá do seu ofício dando parte da diligência. Deus guarde a V. Exª etc.

Não exageramos, portanto, os atentados contra a nossa legítima propriedade e contra a execução ·dos tratados, que somos os únicos a cumprir com a máxima severidade.

Contra esses abusos protestou o ilustre Presidente da ex-Província do Amazonas; contra eles protestou sempre o ilustrado Dr. Fileto Pires Ferreira, patriótico Governador do opulento Estado, protestaram e protestam hoje a imprensa, os amazonenses e todos os brasileiros, a quem dói o menosprezo da sua soberania por parte de uma nação que se diz amiga. [Continua] (JDC, N° 87)

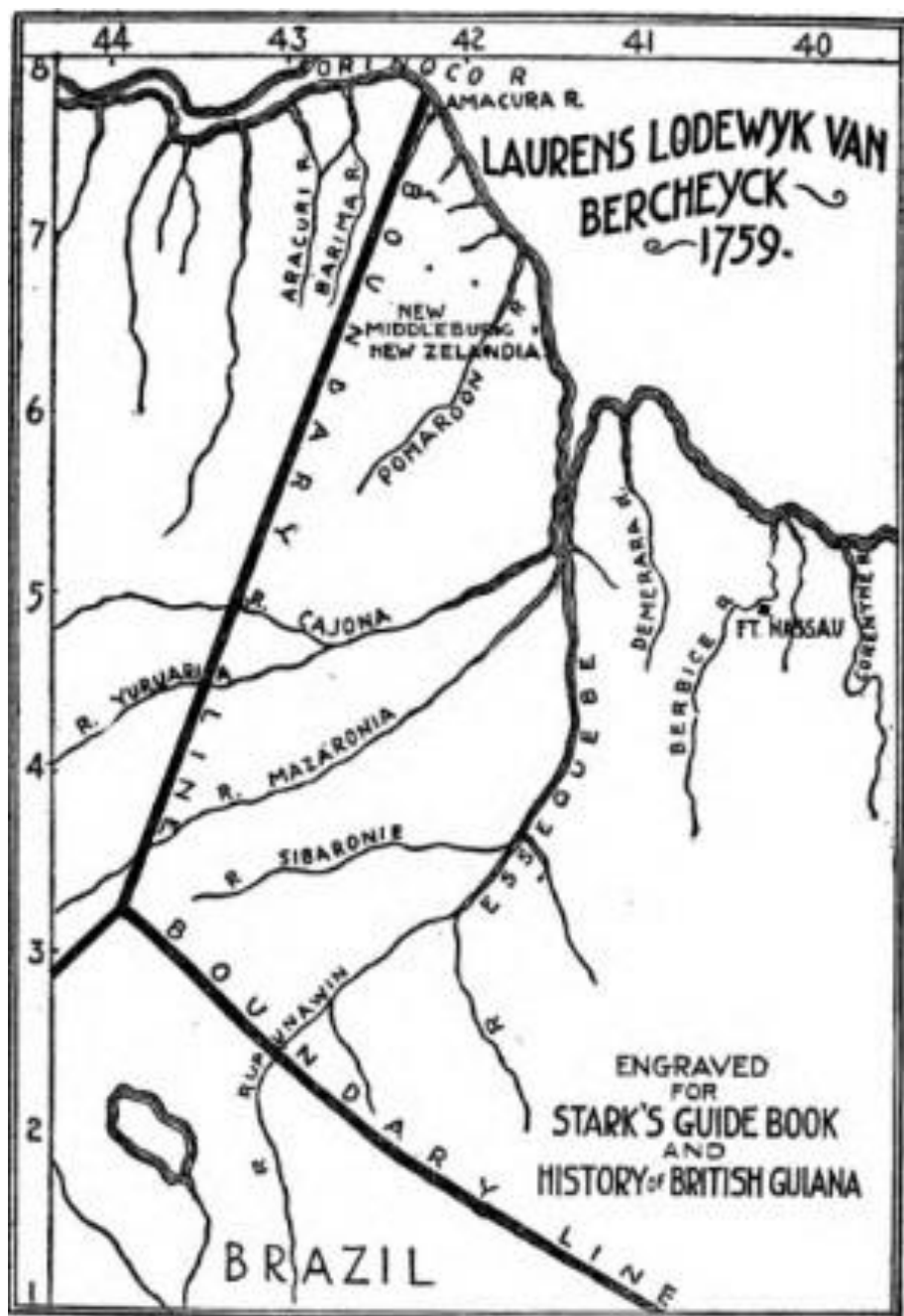



Imagem 54 – Van Bercheyck, 1759

Bibliografia

ADRIÃO, Paulo Cezar de Aguiar. ***Almirante Braz Dias de Aguiar – Gigante da Nacionalidade!*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Marítima Brasileira, Volume 130, n° 07/09 – jul./set. 2010.*

AGL, 1843. ***Relatório Apresentado à Assembleia Geral Legislativa na Primeira sessão Ordinária da Quinta Legislatura, em 1843*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Nacional, 1843*

A BATALHA, N° 4.334. ***A Fronteira Brasileira com a Venezuela - Prosseguem Ativamente os Trabalhos da Comissão Demarcadora*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.334, 25.09.1940.*

A BATALHA, N° 4.346. ***O Presidente Vargas na Amazônia - Em Contato com os Membros da Comissão de Limites*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.346, 09.10.1940.*

A BATALHA, N° 4.425. ***Atacados e Cercados Pelos Índios os Membros da Comissão de Limites – Surpreendidos e Cercados Quando Dormiam Foram Todos Feridos por Flechas Envenenadas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Batalha, N° 4.425, 14.01.1941.*

A NOITE, N° 11.599. ***Encerrando uma Divergência Secular - O Acordo Final de Limites Entre o Peru e o Equador*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite, N° 11.599, 29.05.1944.*

A NOITE, N° 11.876. ***A Questão de Limites Entre o Peru e o Equador*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite, N° 11.876, 07.03.1945.*

ALMADA, Manoel da Gama Lobo de. ***Descrição Relativa ao Rio Branco e seu Território*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico – Volume 24 – Kraus Reprint, 1861.*

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. ***Memória*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico – Volume 03 – Tipografia de J. E. S. Cabral, 1841.*

BARATA, Francisco José Rodrigues. ***Da Viagem que fez à Colônia Holandesa de Suriname o Porta Bandeira da Sétima Companhia do Regimento da Cidade do Pará, pelos Sertões e Rios Deste Estado, em Diligência do Real Serviço*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral de História e Geografia – Volume 08 – Tipografia de João Inácio da Silva, 1846.*

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. ***Dicionário Bibliográfico Brasileiro – Terceiro Volume*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa, 1895.*

CHAVES, Thales Bastos. ***Noturno*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Organizações Simões, 1954.*

CORREIO DA MANHÃ, n° 19.640. ***Bate Papo – Paulo Magalhães*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Vol XV – n° 19.640, página 32, 05.04.1957.*

CORTESÃO, Jaime. ***Introdução à História das Bandeiras – Morre um Bandeirante*** *– Brasil – Rio Branco, AC – O Acre, 18.01.1948.*

COSTA PEREIRA, José Veríssimo da. ***Tipos e Aspectos do Brasil*** *– Campos do Rio Branco – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Brasileira de Geografia – Volume 04 – número 3, julho/setembro, 1942.*

COSTA PEREIRA, José Veríssimo da. ***Tipos e Aspectos do Brasil – Vaqueiro do Rio Branco*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Brasileira de Geografia – Vol 4 – número 3, julho/setembro, 1942.*

DANIEL, Padre João. ***Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*** *– Brasil – Rio de Janeiro – Contraponto Editora Ltda, 2004.*

DDN, N° 59. ***Invasão Estrangeira no Rio Branco*** *– Brasil – Belém, PA – Diário de Notícias, n° 59, 20.03.1898.*

DDP, N° 46. ***Norte – Amazonas*** *– Brasil – Recife, PE – Diário de Pernambuco, n° 46, 01.03.1898.*

DIÁRIO DA NOITE, N° 262. ***Às Zonas mais Desconhecidas da América do Sul*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário da Noite, N° 262, 11.08.1930.*

DUCKE, Adolpho. ***Aguiara*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Annaes da Academia Brasileira de Ciências, Edição 1, 1938.*

FON FON, N° 09. ***Fon Fon! Na Fronteira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Espusiante, Edição 09, 1914.*

GOYCOCHÉA, Luíz Felipe de Castilhos. ***Fronteiras e Fronteiros*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1943.*

IMPRENSA NACIONAL, 12.07.1898. ***Relatório Apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1898.*

JB, N° 63. ***Os Nossos Limites com a Venezuela - O "Jornal do Brasil" ouve o Comandante Braz de Aguiar, Chefe da Missão Brasileira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, N° 63, 14.03.1930.*

JDC, N° 105. ***Demarcação Final da Fronteir****a – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Commercio, n° 105, 03.02.1960.*

JÚNIOR, João Ribeiro da Silva. ***Melhoramentos do Amazonas*** *– Brasil – Manaus, AM – Tipografia do Comércio do Amazonas, 1875.*

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. ***Do Roraima ao Orenoco*** *– Brasil – São Paulo, SP – UNESP, 2006.*

LANGGAARD, Theodoro J. H. ***Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Eduardo & Henrique Laemmert, 1865.*

LIMA FIGUEIREDO, Tenente-Coronel José de. ***Fronteiras Amazônicas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Brasileira de Geografia – Volume 04 – número 3, julho/setembro, 1942.*

NABUCO DE ARAÚJO, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco. ***Memórias do Brasil e da Guiana Inglesa – O Direito Do Brasil – Primeira Memória, Apresentada em Roma a 27.02.1903*** *– França – Paris – A. Lahure, Editor, 1903.*

O CRUZEIRO, N° 10. ***Brasil Cresce na Fronteira*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Cruzeiro, n° 10, 16.12.1961.*

OMI, N° 181. ***Em Plena Mata, Longe do Mundo, são as Fronteiras*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Mundo Ilustrado, n° 181, 10.06.1961.*

O PARÁ, N° 71. ***Ingleses No Rio Branco – Audaciosa Invasão*** *– Brasil – Belém, PA – O Pará, n° 71, 23.02.1898.*

QUARTIN, Adriano de Souza. ***Sessão Solene a 08.10.1948, no Salão de Conferências do Palácio Itamaraty*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Naval – Revista Marítima Brasileira Edição 153, N° 7, 8 e 9 – jan, fev, mar, 1949.*

RAMOS, Bernardo de Azevedo da Silva. ***Inscrições e Tradições da América Pré-histórica, Vol 1*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Nacional, 1939.*

REVISTA DE FOMENTO, n° 21 a 25. 224. ***Tronco Vaciado*** *– Venezuela – Caracas – Ministério de Fomento, 1940.*

RIVIÈRE, Peter. ***The Guiana Travels Of Robert Schomburgk, 1835-1844 – Volume I: Explorations on Behalf of the Royal Geographical Society, 1835-1839*** *– Inglaterra – Londres – The Hakluyt Society London, 2006.*

RTHG, 1845. ***Biografia – Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal de História e Geografia, Tomo VII, 1845.*

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. ***Diário da Viagem que em Visita, e Correição das Povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente Geral da Mesma no ano de 1774 e 1775*** *– Portugal – Lisboa – Tipografia da Academia, 1825.*

SCHOMBURGK, Robert Hermann. ***Relatório de uma Expedição ao Interior da Guiana Britânica, em 1835-6*** *– Inglaterra – Londres – The Journal of the Royal Geographical Society of London, Volume The Sixth, páginas 224 a 284, 1836.*

SCHOMBURGK, Robert Hermann. ***Diário de uma Subida pelo Rio Corentyne, na Guiana Britânica, em 1836 / Diário de uma Ascensão do Rio Berbice, na Guiana Britânica, em 1836-7*** *– Inglaterra – Londres – The Journal of the Royal Geographical Society of London, Volume The Seventh, páginas 285 a 301 & 302 a 350, 1837.*

SCHOMBURGK, Robert Hermann. ***A Description Of British Guiana, Geographical and Statistical: Exhibiting its Resources and Capabilities, Together With the Present and Future Condition and Prospects of the Colony*** *– Inglaterra – Londres – Simpkin, Marshall, and Co., 1840.*

SCHOMBURGK, Robert Hermann. ***Relato da Terceira Expedição ao interior da Guiana*** *– Inglaterra – Londres – The Journal of the Royal Geographical Society of London, Volume The Tenth, 1841.*

SERRA, Ricardo Franco de Almeida. ***Documento Oficial*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral de História e Geografia – Volume 06 – Kraus Reprint, 1844.*

STARK – Rodway, J., and J. H. Stark. ***Stark's Guide-book and History of British Guiana*** *– USA – Boston – Stark, 1900.*

TDI, N° 3057. ***Fronteira Entre Brasil e Guiana se Resolve Hoje*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tribuna da Imprensa, n° 3057, 03.02.1960.*

VOLTAIRE - François-Marie Arouet. ***Candide, ou l'Optimisme*** *- França - Paris - Editora Cramer, Marc-Michel Rey, Jean Nourse, Lambert, and others, 1759.*

Canção da 1ª Bda Inf Sl
(1º Sgt Mus Severino Ernesto da Silva)

Brigada Lobo D'Almada
De infantaria de selva
Da sua origem e criação
Destemida e altaneira exaltando o Brasil
Estamos aqui atentos
Com pelotões em alerta
Em nossa linha de fronteira
Marcharemos sem temor
Em defesa nacional

Soldados brasileiros na fronteira
Alerta estamos defendendo a Nação

A trabalhar, desenvolver e combater
É a Missão a manter
É tudo pela grandeza
Do imaculado Brasil
Com muita estima e louvor
Nossa pátria, nosso solo
Manteremos com fervor
Os nossos heróis passados
Homens fiéis e valorosos
Com vibração e galhardia
Conquistaram com ardor
As fronteiras do Brasil.

Soldados brasileiros na fronteira
Alerta estamos defendendo a Nação

A trabalhar, desenvolver e combater
É a Missão a manter
Selva!

Coqueiro
(Thales Bastos Chaves)

À Rachel de Queiroz

Estendes teu perfil grande e robusto
No deserto sem fim, ilimitado...
Procuras alcançar a todo custo,
Um pedaço do Céu, de Sol doirado.

Ergues teus braços rijos como um justo,
Oh pobre ser esbelto escravizado!
Arraigado no chão ermo e vetusto,
Como um filho de Deus, desventurado.

E a brisa passa pelas noites calmas,
Beijando o longo das pendentes palmas,
Cantando os salmos da desolação.

Somos irmãos na dor, neste penar:
Tu, preso à terra, sem poder andar,
Eu livre, e acorrentado o coração!